This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

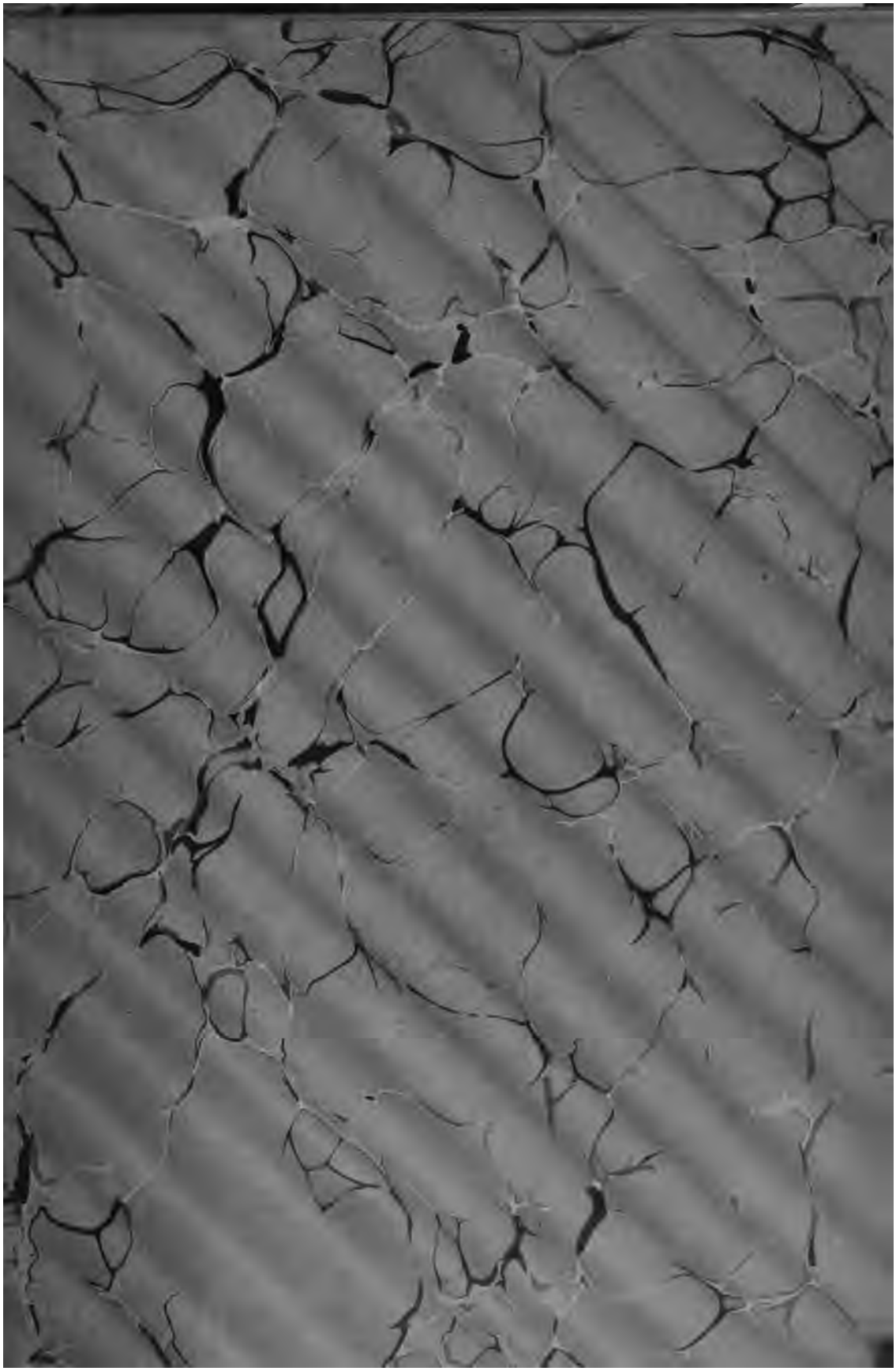
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

B 858,709

LORRAINE
EDWARD WALGER
πάντα ῥεῖ



05
C.1
18

OS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES.

OS LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES.

UNTER VERGLEICHUNG DER BESTEN TEXTE, MIT ANGABE DER BEDEUTENDSTEN VARIANTEN UND EINER KRITISCHEN EINLEITUNG HERAUSGEGEBEN

VON

DR. CARL VON REINHARDSTOETTNER,
PRIVATDOCENTEN DER ROMANISCHEN SPRACHEN UND LITTERATUREN AN DER K. POL. HOCHSCHULE ZU MÜNCHEN.

STRASSBURG.
KARL J. TRÜBNER

LONDON.
TRÜBNER & COMP.
1874.

Buchdruckerei von G. Otto in Darmstadt

Vorwort.

Das Epos des Camões zählt trotz zahlreicher Ausgaben noch immer zu jenen Büchern, die man sich selten im Augenblicke verschaffen kann. Die besten Ausgaben sind nur in wenigen Exemplaren verbreitet, darum schwer zu haben; andere haben den Urtext in schrecklicher Weise entstellt. Ein Werk wie die Lusiaden verdient aber jene Pietät, mit der es in neuester Zeit in Portugal wieder behandelt wurde; ein Dichter wie Camões kann von der Nachwelt verlangen, dass sie sein Werk vor Fälschung schütze und seinen Text rette. Die hohe Bedeutung der philologischen Textkritik hat niemand schöner dargestellt als Frd. Ad. Trendelenburg, wenn er sagt[1]: „In der Kritik drängen sich „gleichsam alle philologischen Vermögen wie in einem schöpfe„rischen Punkte zusammen. Wer eine einzige Stelle glücklich „verbessern will, muss nicht bloss Sprache und Grammatik im „Allgemeinen verstehen und nicht bloss mit Sache und Manier im „Allgemeinen bekannt sein, er muss seinen Schriftsteller in dessen „ganzer Individualität beherrschen, sowohl die Weise seiner An„schauung und Darstellung, als auch die Form seiner eigenthüm„lichen Sprache und eigenthümlichen Grammatik; und diese treue „Auffassung des ganzen Schriftstellers bleibt kein ruhendes Wissen; „sie wird durch die vorliegenden Bedingungen einer Stelle ange„regt dem Geiste des Schriftstellers nachzuschaffen. In diesem „Antheile an dem Leben des Schriftstellers und in diesem hervor„bringenden Momente liegt der Reiz, den die Kritik für den aus„übt, der sich mit ihr beschäftigt und die Kritik wird auf diese „Weise zu einem Kennzeichen, wie genau und innig der Schrift„steller verstanden ist. Wer die Kritik wie eine Silben„stecherei verachtet, bedenkt nicht, dass sich da, wo „die Kritik einer Stelle wahrhaft helfen soll, in einem „kleinen Punkte eine grosse Kraft sammeln müsse."

Diese hohe Bedeutung der Textkritik mag, wie sie die Beschäftigung mit ihr als eines der schwierigsten wissenschaftlichen Felder zeigt, auch für manche Stelle entschuldigen, wo ihr hohes Ziel nicht erreicht wurde.

[1]) Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik 1831. pag. 439 sqq.

Die Varianten der besten Ausgaben, so wie die unterdrückten Stanzen aus Faria's Manuskripten haben unter dem Texte Platz gefunden.

An die Spitze habe ich als Einleitung meine 1872 für die k. Julius-Maximilians-Universität Würzburg als Habilitationsschrift bearbeiteten ‚Beiträge zur Textkritik der Lusiadas des Camões' allerdings in gänzlicher Umarbeitung gesetzt. Die wohlwollende, eingehende Kritik, welche einer der bedeutendsten Gelehrten und Camöeserklärer Portugals, der Litterarhistoriker Dr. Theophilo Braga, diesem Werkchen widmete (Bibliog. Critica, Porto 1873. fasc. IX, pag. 257—268) hat mich zu dieser Neubearbeitung veranlasst.

Wenn die beabsichtigte Correktheit des Textes in dieser Ausgabe einigermaassen erreicht wurde, so ist sie das Hauptverdienst des Herrn Prof. Dr. Ed. Boehmer in Strassburg, der durch zahlreiche Mittheilungen sich den besten Dank um das Buch erworben hat. Derselbe las die Lusiaden schon im vergangenen Semester nach meiner Ausgabe, von welcher die erforderliche Anzahl der einzelnen Bogen schon vor der Publikation an die Zuhörer nach und nach vertheilt werden konnten.

München, April 1874.

Dr. Carl von Reinhardstoettner.

Bezeichnung der bedeutendsten verglichenen und citierten Ausgaben.

A
AA } Die beiden *ersten* Ausgaben von 1572, siehe S. III.

B. Os Lusiadas de *Luys de Camões*. Cõ todas as licẽças necessarias. Em Lisboa. Por *Pedro Crasbeeck*, Impressor del Rey. An. 1631.

C. Obras de *Camões*, ultim. impress. por *Manoel de Faria Severim*. tom. I. e II. Lisb. 1720.

D. Lusiada. Poema epico de *Camões;* illustrada com varias e breves notas por *Ignacio Garcez Ferreira*. 2 tom. Napoles 1731; Roma 1732.

E. Os Lusiadas. Edição por *Thomas José de Aquino*. Lisb. 1779. 1780.

F. *Camões* Luis de, Obras. Segunda edição. 3 voll. Lisb. 1782—83.

G. Lusiada de *Luis de Camões;* accrescentavam-se as estancias depresadas por o poeta, as lições varias e breves notas para a illustração do poema. Edição de *J. E. Hitzig*. — Mit Vorrede von *C. d. Winterfeld*, der *Vida* des Dichters und dem *Argumento historico* des *Ignacio Garcez Ferreira*. — Diese ohne Jahreszahl und Verlagsort erschienene *Wilh. von Humboldt* gewidmete Ausgabe ist nach buchhändlerischen Anzeigen i. J. 1810 bei *Dümmler* in *Berlin* herausgekommen.

H. *Camões*, obras. 5 voll. Paris 1815.

J. Os Lusiadas. Poema do Grande *Luis de Camões*, segundo o legitimo texto. — Avinhão, na officina de *Francisco Sequin*. 1818.

K. Os Lusiadas, ed. *José Maria de Souza*. Paris 1819. (*Firmin Didot.*)

L. Obras completas de *Luis de Camões*, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de *J. V. Barreto Feio* e *J. G. Monteiro*. Tom. I—III. *Hamburgo*. Na officina typographica de Langhoff 1834.

M. Os Lusiadas, poema epico de *Luis de Camões*, restituido á sua primitiva linguagem, auctorisada com exemplos extrahidos dos escriptores contemporaneos a Camões; augmentado com a vida d'este poeta, uma noticia acerca de Vasco da Gama, as estancias e lições achadas por Manuel de Faria e Souza, as variantes colhidas nas melhores edições e muitas notas philologicas, historicas, geographicas e mythologicas por *José da Fonseca*. — Paris, na livraria Europea de Baudry 1846.

N. Os Lusiadas de *Luis de Camões*, nova edição segundo a do *Morgado Matteus* com as notas e vida pelo mesmo, corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa e enriquezida de novas notas e d'uma prefação pelo *Dr. Caetano Lopes de Moura*. Pariz, Firmin Didot. 1847.

II

O. Os Lusiadas de *Luis de Camões.* Edição *Rollandiana.* Paris 1848.

P. Os Lusiadas, poema epico conforme 1817 por *José Maria de Souza Botelho;* corr. por *Paul de Souza.* Paris 1865.

Q. Obras de *Luiz de Camões* corr. pelo *Visconde de Juromenha.* vol. VI. Lisboa 1869.

R. Os Lusiadas, epopea de *Luiz de Camões.* Edição popular, conforme a 2a de 1572 com um prospecto chronologico da vida do poeta e um retrato. — *Porto.* Imprensa Portugueza 1869.

S. Os Lusiadas de *Luiz de Camões.* Nova edição segundo a do Visconde de Juromenha conforme á segunda publicada em vida do poeta com as estancias desprezadas e omittidas na primeira impressão do poema e com lições varias e notas. — *Leipzig* (*F. A. Brockhaus*) 1873. (Tomo quinto da collecção de autores Portuguezes.)

Zur Textkritik der Lusiaden.

Kaum sind bedeutende Werke irgend eines Schriftstellers, der nach Erfindung der Buchdruckerkunst lebte und die Correktur seiner Arbeit entweder selbst besorgte oder doch vor seinen Augen geschehen sah, (conf. L. prolog. IX.) mit so vielen Varianten und offenbaren Unrichtigkeiten auf uns gekommen, als die des Camões.[1]) Bekanntlich erschienen die ‚*Lusiaden*' zum ersten Male in *Lissabon* 1572 bei *Antonio Gonçaluez* (A). Sie sind ein Werk langjährigen dichterischen Strebens und kamen gefeilt und überarbeitet zur Veröffentlichung, so dass sich die Kritik darauf, dass diese oder jene Stelle schon unvollständig aus des Dichters Hand hervorging, wie dies z. B. bei Virgils Epos der Fall ist, wohl kaum berufen kann.[2])

Noch im selben Jahre[3]) erschien die *zweite* Ausgabe (AA), welche einzelne typographische Irrthümer von A tilgte, leichte Veränderungen einiger Worte brachte, aber auch neue Druckfehler[4]) enthielt. Diese beiden Originalausgaben sind äusserst selten geworden[5]), jedoch enthält jede bessere der neuesten Ausgaben die Varianten von A und AA übersichtlich geordnet.[6])

---

[1]) *Bibliographica critica de Historia e Litteratura,* publicada por *F. Ad. Coelho.* Porto 1873. pag. 257. ‚(O texto) teve diversas variantes manuscriptas pelo menos a duas elaborações e finalmente teve a impericia dos impressores do seculo XVI. e até certo ponto a irreverencia do Santo Officio, que corromperam o texto do poema.'

[2]) Dass dies natürlich von der typographischen Ausstattung nicht gilt, siehe L. prol. pag. IX.

[3]) Die erste Notiz über diese neue Ausgabe entnehmen wir aus der Einleitung des *Manoel de Faria y Sousa* zu seinen ‚Lusiadas de Luis de Camoens' (quatro tomos folio, año 1639 en Madrid por Juan Sanchez), wo es § XXII heisst: ‚El gasto desta impresion fué de manera *que el mismo año se hizo otra*'.

[4]) Faria sagt l. c.: ‚Yo asseguro que lo he examinado bien en las mismas dos ediciones que yo tengo por diferencia de caracteres, de ortografia, de erratas que hay en la primera y se ven emendadas en la segunda, y de algunas palabras con que mejoró lo dicho'.

[5]) Morgado Matteus sagt, dass in ganz Portugal nicht mehr als fünf Exemplare existieren. (cf. N. pag. 366 sq.)

[6]) So z. B. N. p. 367—373. — M. (400—406) und G. (p. 406—441) enthalten überdies eine sehr reichhaltige Angabe aller wichtigen Varianten.

Indessen berichtet *Morgado Matteus*, dass er ein weiteres Exemplar von 1572 verglichen habe, in dem *einzelne Seiten* von A und AA abweichen.[1])

Diese ersten Originalausgaben sind zwar von sehr hohem Werthe; dennoch können sie an kritischen Stellen, *wo es sich etwa nur um ein paar Buchstaben handelt,* kaum entscheidend sein. Sie leiden, wie alle folgenden, hauptsächlich an der Inconsequenz der Orthographie, und schon die Uebersicht der Abweichungen beider unter sich und ihrer *handgreiflichen* Fehler können diesen Ausgaben in allen Fragen eine *unbedingte Autorität nicht* beilegen lassen.

Nach diesen folgten nun zahlreiche, oft sehr *unverlässige* und fehlerhafte Ausgaben (cf. G. pag. 421), die wir theils nur durch die Biographen[2]) des Camões kennen, theils selbst noch besitzen. So jene des *Manuel de Lyra* (Lisboa 1591. ‚agora de novo[3]) impresso.') Nach diesen kommen die Ausgaben der *Craasbeeck* in Lissabon 1607 (nach Diogo Borbosa), 1609 (nach Thomás de Aquino), 1613 (mit dem Commentare des Manoel Correia), 1631 (corrigiert von João Franco Barreto), 1651 (nach O ‚de todas *a menos incorrecta*', auch nach S, prolog. V. ‚parece mais correcta'), 1669, 1670, 1720. — Die Ausgaben des Hauses Craasbeck schliessen sich aufs engste an die Originale von 1572 an; der Druck jedoch ist nicht selten undeutlich und fehlerhaft, vor allem mangelt auch hier jede Consequenz, was Accente, Elisionen u. dgl. betrifft.

1639 erschien die oben angeführte Ausgabe des *Manoel de Faria y Sousa* in Madrid, die mit vielem Fleisse besorgt ist. Nichtsdestoweniger beschwert sich Matteus bitter über ihn und nennt ihn ‚*o famoso* Manoel', während er anderen (L. pr. IX) mit Recht als ‚*escriptor de toda a fé e diligente investigador das cousas do poeta*' gilt.[4])

---

[1]) Er sagt: ‚Confrontando estes dous exemplares achámos . . . que eram *da mesma edição* com a unica differença que . . as folhas 41 e 42, 47 e 48 tinham sido impressas com um caracter *mais novo* e nellas se viam *emendados erros typographicos* que existem no outro de forma que nos foi evidente terem sido estas folhas substituidas por correcção.'

[2]) Manuel de Lyra, Manoel Correa, João Franco Barreto, Pedro de Mariz, Manuel Severim de Faria, Faria e Souza, Ferreira, Adamson sind die bedeutendsten.

[3]) Die erste Ausgabe soll nach der Angabe des P. Thomás de Aquino 1584 erschienen sein; die dritte 1597. — Ueber die weiteren ersten Ausgaben siehe *Sebastião Francisco Mendo Trigoso* ‚Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas' im 8. Bande der ‚Historia e memorias da Academia real das Sciencias de Lisboa', und ‚Lettre à l'académie royale des sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades.' (März 1826.)

[4]) *Faria y Souza* hat sich im Gegentheil den Dank der Portugiesen verdient; denn als die Jesuiten ihn bestechen wollten, er solle *Camões* nach Kräften herabsetzen und er sich dessen weigerte, entging er nur durch eine 1640 erlassene Vertheidigungsschrift der Inquisiton. (*Costa e Silva,* Ensaio biograph. critico. 10 voll. Lisb. 1850—56. III. 132.) Die Jesuiten legten übrigens selbst Hand an die Lusiaden und veranstalteten *zwei* Ausgaben derselben, wo sie vieles änderten (z. B. I, 23, 3. Os outros *idolos*; I, 34, 3 a *nunca fea,* Onde a gente *maritima;* IV. 40, 7. tambem *sam rebellados, finalmente sam aqui desbaratados;* VI. 13. 2. Que tiveram *os de cima* u. s. w.) und z. B. alle Stanzen im II. Gesange, welche die Reise der Venus schildern, unterdrückten und theilweise durch neue ersetzten. — (Costa a. a. O. III, 128.)

Faria hatte in Madrid zwei[1]) verschiedene Manuskripte der Lusiaden aufgefunden. Das erstere umfasste die 6 ersten Gesänge und war eine Copie nach den Schriften des Dichters selbst, das zweite war vollständig und von Manoel Correia Monte Negro gefertigt. Diese beiden Manuskripte bieten im Ganzen 68 neue Strophen mehr, sieben (überall gedruckte) in theilweise oder gänzlich veränderter Gestalt.[2]) Zu diesen kommt noch die Abschrift des *ersten* Gesanges (III. Msc.) des *Luis Franco Correia* von 1557 in der Bibliothek von Lissabon, die mit der Bemerkung ‚Não continuo porque saiu á luz' abbricht.

Morgado Matteus weist nun nicht ohne Grund nach, dass aus vielerlei Rücksichten diesen Manuskripten nicht jene Autorität beizumessen ist, die Faria ihnen vindiciert, doch kann alles dies nicht hinreichen, die Arbeit Faria's und seiner Nachfolger in dem Grade herabzusetzen, wie dies von ihm geschieht.

Die wichtigste Ausgabe nach der des Manoel de Faria y Sousa ist jene des *Padre Thomás de Aquino* (Obras de Luis de Camões. 2 edição da que na officina Luisiana se fez em Lisboa nos annos de 1779 e 1780. 5 voll. 12⁰ Lisboa 1782.)[3])

Diese schliesst sich an Manoel de Faria an, ebenso die 1800 von der Universität Coimbra besorgte Ausgabe.[4]) In diesem Jahrhunderte ist eine reichere Anzahl von Ausgaben der Lusiaden erschienen. Morgado Matteus in seiner mehrfach erwähnten Pariser Ausgabe (1816) hat sich in äusserst conservativer Weise[5]) gegen die Textkritiker des Camões erhoben; indem er allzu einseitig allen Werth auf die Ausgaben von 1572 verlegt, polemisiert er in massloser Weise[6]) gegen jeden Versuch der Kritik. Seine Lusiaden sind 1847 wieder in Paris von Dr. *Caetano Lopes de Moura* mit neuen Anmerkungen versehen, aber sehr fehlerhaft gedruckt, herausgegeben worden.

Von den späteren Ausgaben verdienen weitaus die grösste Beachtung die 1834 in Hamburg von *J. V. Barreto Feio* und *J. G. Monteiro* besorgte (I. Bd. die Lusiaden) wegen ihrer kritischen Sichtung, die *Rollandianas*, jene von *Freire de Carvalho* (1843) und die Lusiaden von *José da Fonseca* (Paris 1846), letztere besonders darum, weil Fonseca ganz richtig darauf hinweist, dass eine Kritik

---

[1]) Pag. 37 sq. der Vida sagt er: ‚El primero y de mas estima apareció entre unos libros viejos de un librero de Madrid.'

[2]) Dass diese 68 Strophen schon von Camões ausgelassen wurden, geht daraus hervor, dass sie weder in den beiden Ausgaben von 1572, noch in späteren alten sich finden, obwohl einzelne derselben (z. B. die im VI. Gesange auf Stz. 7 folgende) Faria's Bewunderung erregten. Andere mögen wohl aus ökonomischen Gründen ausgeblieben sein, wie die 22 Strophen des X. Gesanges, der ohnehin schon 156 zählt, andere endlich (z. B. VI nach 94) sind poetisch weniger werth.

[3]) Nach zwei Jahren erschien eine anonyme Vertheidigungsschrift dieser Ausgaben: ‚Discurso critico em que se defende a ediçao de 1779.' Lisboa 1784.

[4]) Ueber weitere Ausgaben siehe N. p. 366, 367.

[5]) Er befürchtet, wie er in seiner ‚*advertencia*' sagt, ‚que em pouco tempo teriamos uma edição, qual projectava dar-nos Monte Negro, *em que pouco ou nada se acharia do nosso poeta.*' Desshalb lässt er auch geradezu unhaltbare Stellen wie (z. B. I, 20, 47, 83; IV, 1, 32 u. s. f.) stehen.

[6]) Vgl. z. B. seine ‚*advertencia*' in N. pag. 14, 15 u. a. m. O.

des Textes des Camões *einzig und allein unter Beachtung des Sprachgebrauchs der Quinhentisten* — der Schriftsteller aus Camões Zeit — von wissenschaftlichem Werthe sein kann.

Allerdings hat er hierin das richtige Maass nicht gefunden, indem er durch eine Art von Reconstruktion alle Archaismen, die sich irgendwo *aber eben in der ersten Ausgabe nicht* finden, ohne Bedenken in die seinige einzwängte und so den sprachlichen Fortschritt des Dichters seinen Vorgängern gegenüber und die Unterschiede von seinen Zeitgenossen fast verwischte. Wir müssen eben nicht blos auf die Vorgänger und Zeitgenossen des Dichters blicken, *sondern seine andern Werke* (die Sonette, Rimas, Elegias, Eclogas) ins Auge fassen und mit dem Epos in sprachlicher Beziehung vergleichen.[1]) In neuester Zeit (1869) hat endlich *Juromenha* die Camõesfragen fast zu ihrem Abschlusse gebracht durch das reiche Material, über das er verfügen konnte, und die wissenschaftliche Kritik, mit der er es zu verwerthen verstund. —

So weit nun auch die Texte auseinandergehen, so lässt sich *doch die Mehrzahl der Abweichungen* beseitigen, wenn man *Consequenz* zur Basis der Kritik macht und die ersten Gründe sucht, welche die Schuld daran tragen, dass die Schriften des Camões (und so vieler port. Classiker) in einem Zustande auf uns gekommen sind, welcher ihre Lektüre bedeutend erschwert.

Diese aber liegen vorzugsweise:

a) *im gänzlichen Mangel jeder gleichartigen, historisch-richtigen Orthographie;* ist ja doch selbst oft die *Aussprache* nicht völlig fixiert;

b) *im ängstlichen Beibehalten offenbarer typographischer Irrthümer;*

c) *im Missverstehen einzelner von Camões absichtlich gewählter Latinismen und Archaismen;*

d) *in der Verstümmlung des Druckes durch Ausfall oder Verstellung einzelner Buchstaben und kleiner Wörter*, was aber nie zur radikalen Aenderung ganzer Verse berechtigen kann, da hierdurch eben nur wieder Varianten entstehen.

Nach diesen vier Gesichtspunkten hin soll nun eine Erklärung der zweifelhaften Stellen des Epos versucht werden.[2])

Die port. Orthographie ist, obwohl sie sich auf das ‚*Vocabulario portuguez e latino pelo padre D. Raphael Bluteau*' (Lisboa na officina de Pascoal de Silva 1712—21) auf das nach diesem gearbeitete Wörterbuch des Brasilianers *Moraes Silva* (Lisb. 1789. 4. Afl. 2. Bd. 1831), auf das des *José Joaquim de Costa* und (für den Buchstaben A) auf das Diccionario da lingua Portugueza *der*

---

[1]) Die übrigen Dichtungen des Camões sind hier durchgängig citiert nach der Ausgabe von Lourenço Craesbeck (sonst Crassbeeck, Craasbeck ec.) ‚*Rimas de Luis de Camões.* Agora nouamente emendadas nessa ultima impressão. 1623. Zwei Theile.

[2]) Braga (Bibl. Crit. 257) gibt treffend die Art und Weise an, wie die Textkritik des Camões nach dem gegenwärtigen Stande der Forschung zu verfahren hat. — Ueber Juromenhas Gang s. S. prol.

Akademie (Lisb. 1793) berufen kann,[1]) eigentlich regellos. Sie war dies nicht blos zur Zeit der Quinhentisten, sie ist es noch heute.[2])

Vor Allem haben wir die *Accente* ins Auge zu fassen. Der *Til* findet sich bald geschrieben, bald tritt das nasale m dafür ein. Nach *Moraes* ist er ein ‚*signal orthographico que equival ao m*, põe-se sobre as vogaes nasaes, porque escrevendo-se um *m* depois d'ellas ficaria em duvida, se este feriria a vogal seguinte; talvez tem o som de n v. g. sãto'.[3])

Am richtigsten definiert Fr. Diez (Gramm d. rom. Sprachen. 3. Bd. 3. Afl. Bonn 1870) I, 382 den Til *als den Ersatz eines nasalen m oder n* (das vor auslautendem s den Dienst des m versieht), und bemerkt, dass die port. Nasalvocale keine eigentlichen Vocale sind, sondern consonantisches Element vertreten, was daraus hervorgeht, dass sie sich nicht mit dem Vocalanlaute eines folgenden Wortes metrisch zu einer Silbe verbinden.[4])

Es findet sich z. B. gram, gran, grã geschrieben, ebenso bei Doppelvocalen der Til auf dem ersten oder zweiten (z. B. bei *Francisco Sá de Menezes* ‚Malaca conquistada' Lisboa na officina de José de Aquino Bulhões 1779, oder *Pedro de Andrade Caminha* ‚Poesias' Lisboa public. de ordem da academia 1791) oder auf beiden Vocalen (z. B. Sousa Botelho, Lusiadas, Paris 1819.)

Morgado Matteus nimmt aber mit Recht an, dass der Til in sehr vielen Fällen *kein nasales m vertrete*, sondern blos ein *ortho-*

---

[1]) Diesem Diccionario wurde beigegeben: ‚Catalogo dos livros que se hão de ler para a continuação do Diccionario da lingua Portugueza.' 1799.

[2]) *Morgado Matteus* sagt: ‚He notorio entre nos que *em nenhum tempo houve nem ha de presente* um systema de orthographia fixo e geralmente adoptado tendo chegado a confusão *ao maior auge* nos nossos dias.' — Noch ärger klagt der Herausgeber des ‚*Hyssope*' des Antonio Diniz da Cruz e Silva (Paris 1817 A. Bobée) pag. 15: ‚Lastimemo-nos da infeliz sorte da nossa lingua *que mal falada, mal escrita e mal pronunciada* „anda envasada em mil termos e phrases gallicanas" (Hyss. V. 134) [Vgl. über denselben Gegenstand M. pag 401.] — Hier beklagt er sich auch über die ‚*indolencia*' der Akademie (XV) die *Costa e Silva* (l. c. III, 9.) ‚assidua e zelosa promovedora dos progressos e adiantamentos da nossa litteratura' nennt. — Er war allerdings selbst ‚socio correspondente'. — Vgl. hierüber *Joaquim de Vasconcellos*' äusserst interessante Schriften ‚*o Faust de Goethe*' Porto 1872 und ‚*o consummado germanista*' (Porto 1873), ferner *F. A. Coelho's* Worte (Bibl. Crit. pag. 129).

[3]) Diese höchst einseitige Definition widerlegt sich (vgl. N. pag. 22) durch sich selbst, durch die Schreibweise von põe, welches Wort nach Moraes ‚pome' höchstens ‚pone', aber nie ‚poem' gesprochen werden kann.

[4]) Dennoch Hyss. VIII. 333. ‚Acção bem digna só d'um home indigno', wozu der Herausgeber des ‚Parnaso lusitano' (Paris 1826 5 voll.) bemerkt; ‚Os nossos bons poetas, quando lhes convinha, faziam synalepha das desinencias em *m* com a vogal por que começava a palavra seguinte e Diniz assim o fez neste verso, bem como João Franco Barreto vertendo os do VII. livro da Eneada (vers. 704):

aëriam sed gurgite ab alto
Urgueri volucrum raucarum ad litora nubem.

Na estr. 164 disse:

‚Mais, mais ser nuve' aos ares levantada
De raucas aves certo crer podia.'

graph. Zeichen sei, das ein ausgelassenes *nicht* nasales m bedeute. Auf diese Weise wird es bisweilen möglich, eine Silbe zu gewinnen, indem z. B. hũa statt huma *einsilbig*, algũa, nenhũa *zweisilbig* wird.

Vergleichen wir IX, 48 die Reime lũa, nenhũa, algũa[1]) (N. alguma) so müssen wir annehmen, dass hier das Zeichen des Til ein *nicht* nasales m vertrete, (cf. Diez Gr. d. r. Sp. I, 218) von dem Fonseca (aus Sá de Miranda ‚Obras' Lisboa na typog. Rolland. 1784. II, 6) nachweisen will, dass es auch ua gesprochen wurde.[2])

Es ist also der Til in dieser Funktion nicht ein Zeichen der Nasalität, sondern eine beliebig gewählte nur in der Form gleiche Andeutung einer Abbreviatur, so in B z. B. II, 65 mãda; bãda; assẽto, vẽto; II, 71 õde, bõdade; II, 86 mũdo; VIII, 7 triũfãdo.

Hier ist aber eine andere Eigenthümlichkeit zu bemerken, die der Herausgeber des Hyssope anführt und auf die sich Fonseca beruft, wenn er die Stelle V, 97

‚Porque quem não sabe a arte *não na* estima'

zwar: ‚*não a* estima' schreibt, aber (pag. 502) *nan-a* vorschlägt.

Es heisst nämlich an dem genannten Orte:

‚Para evitar os hiatos costumaram em algumas desinencias conservar o som e a força do *n* para ferir com elle a vogal que désse principio á palavra seguinte *mormente sendo artigos* (wie an obiger Stelle.) . . . Em alguns manuscriptos dos XVI e XVII seculos temos encontrado palavras acabadas em *n* em vez de *m*, la onde a voz seguinte principia por vogal e todos nossos poetas e prosadores dam-nos repetidas e sobejas provas d'este uso que a favor da euphonia reclama o emprego do *n*.' Und so führt er in weitern Belegstellen an aus *Fernan' Alvares do Oriente* (Lusitania transformada, Lisboa na reg. typog. 1781) pag. 45: ‚E os pastores *ataca-no*' (= *atacam-o*) und aus *Francisco de Sá de Miranda*

---

[1]) Derselbe Reim ũa, lũa, algũa findet sich in Andrade Caminha pag. 40 (Epist. VI); hier überhaupt durchgängig Lũa (z. B. p. l. 167, 350, 394), cada ũa (p. 16) ff. (Vgl. Diez, Ueber die erste port. Kunst- und Hofpoesie. Bonn 1863, S. 110.)

[2]) Es kommen bei den Quinhentisten sehr gewöhnlich Fälle vor, dass nicht nur das nasale *n*, sondern auch der Til, der über *i* nur äusserst selten steht, ausfällt und so das Wort selbst in der Aussprache die Nasalität verliert. So weist Fonseca aus Antonio Ferreira (Poemas lusitanos. Lisb. na regia off. typ. 1771) Son. 51. ‚*messageiros* d'amor', aus Diogo Bernardes (O Lima, Lisb. 1761. flores de Lima 1770. Rhymas ao bom Jesus Lisb. 1771 na offic. de Antonio Vincente da Silva.) Eclog. I ‚*messageiros* da vontade' die Schreibart ‚*messageiro*' nach und setzt sie auch in den Text. Auch im Parn. lusit. V, 323 findet sich zu *messageiro* in Ferreira's ‚Castro' die Notiz: ‚Esta palavra se acha assim impressa em todas as boas edições classicas: ‚Despachou um *messageiro*' (Fr. Luis de Souza, vida do arcebispo.) Aehnlich X, 126 *selvages* statt *selvagens*, was er durch Jeronimo Corte Real (Naufragio de Sepulveda) Lisb. typog. Rolland. 1783 Cant. II) ‚os *selvages* trogloditas' belegt. Ebenso VI. 23 *ifante* statt infante nach Antonio Ferreira (Castro III.) Auch im Provenzalischen findet sich z. B. enfans, effas neben enfans (Bartsch, Chrestomathie provençale. 2. édit. 1868, pag. 26, 2; 96, 30; 288, 18). — Ebenso Diniz im Idyllio Tresea ‚No horizonte altas nuves involvendo', wozu Parn. lus. II, 431 bemerkt: ‚Antonio Ribeiro dos Santos na sua versão das odes de Horacio usou tambem de nuve sem *m*',

(cart. 2 quintilh. 36) O muito *nan-o* trocas . . aos porcos *nan-as* lanceis.'[1])

Dieser Fall tritt in den Lusiaden sehr häufig ein.

Bisweilen aber wird bei gleichlautenden Vocalen der Til (und nicht m oder n) gesetzt, um gegen die Regel eine Synalephe zu bewirken (cf. M. p. 419). So I, 34 debatẽ e; I, 60 toma*rã a*, (M); III, 29 *nã ha* certeza (M).

VI, 73 liest A. und AA. *se* aproveitar; aber schon in der Ausgabe des *Vincente Alvares* (Lisb. 1612) und in B heisst es ‚*sẽ* aproveitar', was nun (MNQS) gegen (GLR) haben, die *sem* lesen (cf. die Note von P).

Wo der Til in alten Manuskripten nicht Zeichen der Nasalität ist, hat er an mehreren Stellen Zweifel zwischen *que* und *quem* (q̃, quẽ) hervorgerufen. Manoel Correa hat öfter abweichend *que*, wo andre *quem* lesen, z. B. I, 71 de *quem* foste; III, 16 com *quem* tu (wo B unleserlich *què* hat.) Auch im Worte selbst fanden Verwechslungen eines Particip Perf. mit dem Gerund statt, z. B. III, 52 A: tornãdo statt tornado (AA); VIII, 90: Lhe andar armado (AP) statt des richtigen: Lhe andar armãdo (armando.)

Es sollte indessen auch in der Setzung des Til als Zeichen der Nasalität Einheit herrschen; aber diese findet sich nicht einmal im Reime.[2]) AA gibt sehr häufig die Endungen mit dem Til (z. B. X, 38), wo A die Endungen mit m schreibt.[3]) — R macht bei

---

[1]) Zu einer ähnlichen Stelle des Bern. Ribeiro: ‚A terá quen a assi tem' bemerkt Parn. lus. II, 255: Assim escreviam nossos classicos, quando queriam evitar o hiato *em a* ou *em o* etc. Os editores ou impressores desses classicos julgando que a lingua portugueza não admittia desinencias em *n* e desejando comtudo conservar esta união euphonica imprimiram em na, em no etc. Tão palpavel absurdo torna difficil e até amphibologica a leitura de nossos bons autores; como bem o mostra este exemplo de Camões Lus. X, 38, 5:

‚Occultos os juizos de Deos são:
As gentes vãs que não nos entenderam.'

So lesen B und viele andere statt des richtigen não os (GLMNOQRS) — cf. Diez, Rom. Gram. II, 96.

[2]) Indessen beachtet nicht einmal die Akademie einen Unterschied. So steht in der Ausgabe des Andrade Caminha:

pag. 28. Mil vezes ouvirás que *não* é tanto
Gram nome como *grão* merecimento.
pag. 29. *Nom* Julios, *nom* Augustos, *nom* Trajanos.

Andere dringen wieder streng auf einen Unterschied und so fordert Duarte Nunes de Lião in der ‚dedicatoria' zu seiner Origem da lingua Portugueza' nur *tam*, indem er von tão sagt: ‚de alto logar e nobre creação uma palavra rustica e mal comporta, como de uma bainha de ouro ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta'. Die Akademie hat auch hier keine Norm, so Andrade Caminha p. 62 tam, p. 374, 393 tão u. s. f. — M hat stets, B oft tam.

[3]) Es haben sich später nach dieser Hinsicht Vorschläge hören lassen, um wenigstens gleichtönende Wörter zu unterscheiden. So soll z. B. *dões* (alt statt des jetzt gewöhnlichen dons) der Plural von dom (= donum) sein (V. 95), während dõos als der Plural von dom (= dominus) gelten soll. So auch Parn. lus. II, 312. ‚Os antigos disseram ‚dões' por ‚dadivas' e ‚dons' prenome de senhores, que teem dom. Hoje dizem geralmente dons em ambos os sentidos.' Zu einer einheitlichen Durchführung kam es nie (vgl. Fonseca, Rudimentos da grammatica Portugueza not. III pag. 17 und Alvaro Ferreira ‚Da vera orthographia' fol. 26).

Verbis grammatischen Unterschied; pag. VI. ‚escrevemos sempre *sublimaram* por *sublimarão* para differençar os preteritos dos futuros'.

Wo der Til nicht steht, findet sich vereinzelt statt des nasalen *en* die Silbe *an* geschrieben, z. B. AA II. 76 *antam*, III, 9 *antão* (statt *então*). — II, 2 hat Manoel Correa: d'*antre* elles, wie es sich auch im Provenzalischen neben *entre* findet. (Bartsch 6, 11; 290, 18.)

Da der Til (oder das nasale m) der Portugiesen allzeit einem spanischen m entspricht, so ist er in einzelnen Wörtern wohl unrichtig. Ohne von dem vereinzelnt stehenden *mãi* [1]) (*mui* und *muito*) zu sprechen, soll hier nur von *mim* und *assim* die Rede sein.

F. Diez (Gr. d. r. Sp.) sagt: (I, 383) *„Dem Pronomen mim steht kein spanisches min zur Seite"* und die ältesten Ausgaben pt. Schriftsteller beweisen auch, dass diese Aussprache, welche *Fonseca* (Not. ás. Lusiad. pag. 426) einen ‚*vicio nasal*' nennt, meist nur dann eintritt, wenn es der Reim nöthig macht. So z. B. Camões (Redondilhas pãg. 126.)

E quereis ver a que *fim*
Em *mi* tanto bem se pòs;
Porque quiz amor *assim*
Que por vos verdes a vòs,
Tambem me visseis a *mim* . . . .

Ebenso ibid. p. 153.

Assi que sò para *mim*
Dais e mo negais a *mi*.

(mit mereci gereimt.) Aehnliches findet sich bei allen gleichzeitigen Classikern (z. B. Caminha p. 42 *assi* p. 167 *assim*), ohne dass jedoch auch hier Consequenz herrschend wäre.[2]) In den Lusiaden ist die *m* Form V, 35. *mim* als Reim zu *vim;* VII, 82, 3 liest S *assim*. — Es wird indessen das Beste sein, das nasale *m* überall abzuwerfen, wo nicht Reim oder Metrum diese sprachlich unbegründete Nasalität erfordern. (vgl. Diez, Gr. II, 95.)[3])

Mit den übrigen Accenten steht es in den ältesten Ausgaben noch bei weitem ungeordneter. Indessen ist hierüber wohl selten zu streiten, da die Unrichtigkeit derselben meist evident ist. Einige Beispiele können zeigen, dass hier absolute Willkür herrschte. So findet sich z. B. in den Camõesausgaben von *Craasbeeck:* só, sò, sô (allein) z. B.: Eu *só* com meus vasallos. Lus. IV, 19.

Sò vôs, ô dô salgado. Ode III (pars I pag. 48)

Que *sô* para dizella. Ode III (pars I pag. 47)

---

[1]) Von der Akademie ohne Til geschrieben wie z. B. Caminha pag. 216, 241, 392 etc.

[2]) Z. B. Canç. IV. Ledo e contente para *mim* vivia.
Canç. VIII. por *mim* e a *mim*,
ebenso in Caminha (Ode XIV) p. 221 nebeneinander:
A *mim* por *ti* desamo.
(Vgl. Diez, Altport. Kunst- und Hofpoesie S. 111.)

[3]) Zu *si* in Ferreira's ‚Castro' (V.) bemerkt Parn. lus. V, 384. ‚No tempo, em que Ferreira escrevia, dizia-se *si* e não *sim* como hoje, und zu einer andern Stelle (ibid. V, 384) ist La Harpe's Urtheil citiert: ‚Les bons grammairiens, les bons critiques ont toujours desiré, qu'on rimât à la fois pour l'oeil et pour l'oreille.'

ebenso: ja, jà, jâ (schon) z. B.:

Jà não fareis docemente (Cam. Redond. I. p. 119.)
O que vos ella fez *ja*. (Camões Rim. I, 139)
Jâ sente por pouquidade (ibid. I, 119)

ähnlich o, ó, ò, ô als Aufruf; porẽ (Son. 3) porêm (B Lus. VIII, 35) porèm, porem; está, estâ (B Lus. IV, 87); vè (IV, 35) vê (IV, 32); ledo, lèdo (Redond. I, 120) u. a. m.

Auch hierin muss Einheit geschaffen werden und zwar am besten, indem man der Regel des *Duarte Nunes de Lião* folgt, der in seiner ‚*Orthographia*' (pag. 314) sagt: „Sómente devemos accentuar as dicções *em que pode haver differença de significação;* quando teem differente accento como ‚*côr*' por ‚*color*' que escrevemos com accento circumflexo e *cór* por vontade com agudo. E *pôde* quando é preterito e *póde* do presente com agudo e assi outros desta qualidade . . . Onde o accento faz *mudança de significação* o notaremos sempre como *nas terceiras pessoas* do preterito do modo demonstrativo de todas as conjugações' oder wie *Madureira* (Orthog. pag. 19) es ausdrückt: ‚Quanto ao uso d'estes accentos na nossa lingua só é frequente e precisamente necessario n' aquellas palavras *que se equivocam* com outras. (cf. Diez G. d. r. Sp. I, 513.)

Wir setzen also den Accent nur bei Wörtern, die ohne diesen mit andern gleichlauten, z. B. fóra und fôra, da und dá, oder VII, 82 pôrem wegen porem); den Circumflex etwa noch bei jenen, die einen oder mehrere Buchstaben verloren haben, so also z. B. VII, 83 mit Man. Correa und M. ‚*sô pena*', B *so*, GLNQRS *sob*).

Die Accentuirung des Artikels *a* belebt eine ziemlich lahme Stelle. Alle Ausgaben lesen I, 2

Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio;

und übersetzen „die auszubreiten strebten *so* Reich *als* Glauben." (*Eitner* Hildbgh. 1869.)

Camões exponiert in den ersten Strophen die Aufgabe seiner Dichtung und das Verdienst seiner Helden und preist den Muth, mit welchem sie

a) ihren Weg ‚*por mares nunca d'antes navegados*' fanden und ihre *Kriegstüchtigkeit* (I, 1. 1—6),
b) die *politischen Folgen* ihrer Fahrt durch *Gründung* eines *neuen Königreiches* (novo reino) in der Ferne (I, 7. 8.),
c) die *Verdienste um den christlichen Glauben* (a fé), indem sie *heidnische Länder* verwüsteten (viciosas terras II, 1–4; o vicioso Mafoma VII, 17), durch welche Thaten alle sie unsterblich wurden. (II, 4, 6.)

Warum sollte er nun, wenn er von *c* spricht und ihre Verdienste um die *Religion* hervorhebt, nochmal auf *b* zurückgreifen (o imperio), nachdem er *im ganzen Epos gerade die religiöse Seite* besonders hervorkehrt? [1])

[1]) Dieser Seite der Fahrt des Vasco da Gama widmet er im VII. Gesange viele Strophen, wo er dann das ganze Verdienst in den beiden Versen zusammenfasst (XV, 7).

Onde vem semear de Christo a lei
E dar nove costume e novo rei.

ebenso VII. 25, 8. —

Ich möchte darum lesen:

,. . que foram dilatando
A' fé o imperio.'

„die *dem* Glauben die Herrschaft auszubreiten gingen."

Das Komma nach *fé* fällt aus, *a* erhält den Accent und wird so *dativus* (commodi); der *Accent* oder ein *zweites a* — denn die alten Ausgaben schreiben den Dativ des Femininums abwechselnd *aa* oder *á* (B IV, 48)[1]) — konnte leicht abgefallen sein.

Das Wort ‚*imperio*' aber weist, wo es nicht direkt als ‚*Kaiserreich*' zu fassen ist, wie z. B. VII, 22 von Calicut, dessen Herrscher ‚*imperador*' (VII, 57) heisst, auf den übertragenen Begriff ‚*Herrschaft, Macht,* (cf. I, 38, 60, 65; III, 11; VII, 36 hin.[2]) Grammatisch ist in dieser Construktion gar kein Zwang (cf. *Diez*, G. d. r. Sp. III, 131. 5), auch finden sich ähnliche Stellen bei Camões oft z. B. Lus. II, 23.

. . . *andavam* as nymphas *estorvando*
A' gente Portugueza o fim nefando

ebenso Lus. II, 45. ‚Novos mundos *ao mundo irão monstrando*'. oder Cam. Son. 100:

. . *Corri* terras e mares apartados
Buscando á vida algum remedioou cura.[3])

Ein ähnlicher Fall ist IV, 67. — *P. Thomás* hat ‚*á luz clara*' statt ‚*a luz clara*', was die wenigsten (G.) nachgeahmt haben. Obwohl es einerseits grammatisch ganz richtig ist, dass *fugir* mit dem Dative verbunden wird (cf. Diez G. d. r. Sp. III, 101), andrerseits die Gründe des *Franco Barreto* sehr triftig für *á* sprechen, haben doch die besten Ausgaben *a* beibehalten. (cf. L. pag. 384 ff.)

Gehen wir auf einzelne Varianten *bezüglich der Orthographie* über, so finden wir bei gewissen Buchstaben verschiedene Schreibungen.

B wechselt öfter mit v (cf. Diez G. d. r. Sp. I, 387) z. B. I, 73 avorrecido B M. — aborrecido[4]) (G L N Q R S) X, 108 varão (L M.) — barão (N)[5]); ähnlich schreibt *M. Correa* (IX, 48) *aljaba* u. dgl., was M (pag. 541) belegt.

[1]) Es finden sich auch Varianten zwischen *a* und *á*, z. B. I. 84, 85 a terra (NQS) wo BGLMR *á* lesen; IV, 93 a mãe (Franco Barreto).

[2]) Vgl. auch I, 14 , nos reinos lá da Aurora', wo M. Correa ohne Grund ‚no reino' will. — Sehr ähnliche Stellen sind in Sá de Menezes, ‚Malaca conquistada' I, 2:

,. . . ganhou por força e arte
O aureo reino e trocou com pio exemplo
A profana mesquita em sacro templo.'

und I, 21·

‚Darás fim e principo venturoso
A santo imperio e Christãa piedade
Nesse extremo do mundo tão famoso.'

[3]) Herr Th. Braga hat pag. 259 der Bibl. critic. dieser meiner Conjektur, die er für ‚engenhosa mas não verdadeira' erklärt eine eingehendere Besprechung gewidmet, in welcher er fé und imperio vereint als jene monarchia universal, nach der man damals strebte, hinstellt. Leider habe ich seine so schätzbaren Mittheilungen für die ersten drei Gesänge nicht mehr benützen können.

[4]) So auch die Akademie ‚avorrecido'. Vgl. Caminha pag. 4.

[5]) Ebenso findet sich varão sehr häufig, z. B. bei Caminha, Sá de Menezes Mal. conq. II, 28, 31), im Hyssope VII. 163 und an andern Stellen.

Nicht minder häufig wechselt die *Media b mit ihrer Tenuis* und umgekehrt. Vor allem erfährt das Adjektiv *soberbo* die meisten Schreibungen. Im *Positiv* findet es sich fast übereinstimmend mit *b*. — M schreibt stets *suberbo;* der *Superlativ* aber lehnt sich wieder an die *lat. Urform* an und lautet (B G L N Q R S) fast überall *superbissimo;* nur M schreibt auch hier ein *b* mit Berufung auf X, 64, wo fast alle Ausgaben ‚*soberbissimo*' lesen.

Hierin dürfte wohl M nicht nachzuahmen, vielmehr stets *superbissimo* zu lassen sein; denn X, 64 ist die *rein pt. Form*, während hier die *lat.* angewendet ist, ein Sprachgebrauch, der ja im *Superlativ* [1]) der Adjektive — um nur an jene auf *vel* zu erinnern, die stets ihren Superlativ von der Form auf *bilis* bilden — sehr gewöhnlich ist.

Ueber die Schreibung der Combination *ct* gehen die meisten Ausgaben unter sich und dann in sich auseinander. Sie wechselt im Portg. insoferne als *ct* entweder als *ct*[2]) stehen bleibt, oder aber gewöhnlich (wie auch im Provenz.) *c* sich zu *i* erweicht, (oft auch *u* cf. *Diez,* Gr. I, 259).

In Folge davon hat M im Gegensatze zu fast allen andern I, 21 *junctos* statt *juntos* und beweist dies aus *André de Resende* ‚*Historia de Evora*' pag. 37 und III, 74 *Sancturem* statt *Santarem* u. dgl. m. Dagegen liest M (mit B N) VI, 99 ‚*affeitos*', wo andre (G L), *affectos*' haben.

Es ist darum auch die Stelle III, 120, wo einige Ausgaben (G) *fruto — muto — enxuto*, andre *fructo — muito — enxuto* haben, am richtigsten *fruito — mûito — enxuito* zu lesen, wie sich auch bei *Caminha* pag. 372 der Reim *fruito — muito* findet.[3])

In *fruito* ist *i* statt *c* eingetreten (vgl. das provenzalische *duit* aus *ductus*); *muito* (und mui) *klang auch rein ohne Nasalität*, denn die Handschrift des *Dom Diniz* hat neben *mũy* häufig auch *muy*. Die Form *enxuito* (statt enxuto) nimmt *Matteus* als ein dem Reime gebrachtes Opfer, indem er auf *mediterrano* (statt *mediterraneo* III, 6, 18), *lisonge* IV, 101 (statt *lisongeie*) sich beruft. Aehnlich reimt *Camões* allerdings (Rim. pars I, p. 120) auf *Babylonia* auch *idonia;* indess ist all dies leichter, als die Dehnung in *ui,* welcher Diphthong nur

---

[1]) Indess findet sich auch z. B. III, 116 asperissimo, wobei aber die Lesart des M. Correa ‚asperrissimo' entschieden nur ein Druckfehler ist.

[2]) Ueber *ct* siehe F. Adolpho Coelho, A lingua Portugueza, Coimbra 1868 pag. 66, und Parn. lus. III, 405. Ueberhaupt F. A. Coelho, Questões da lingua Portugueza, Porto 1874.

[3]) Ebenso II, 76. vgl. Diogo Bernardes ‚o Lima' Eclog. IV ‚doces fruitas', ähnlich Sá de Menezes, Malaca conq. III, 75. fruito, astuto tributo, dagegen Lus. X, 133. fruto, tributo, enxuto. — Pelos doces amores doce fruito. (Ferreira.) O fruito do vicio (Barros). — Den Beleg für enxuito bringt Parn. lus. III, 269 aus D. Catherina (Perf. da vid. mon.) Os filhos de Israel fez passar por elle a pé enxuito. — Ebenso fruitas, muitas, escuitas bei Diog. Bernardes. — Parn. lus. II, 302 sagt: ‚fruitas etc. é como se dizia no tempo em que Camões, Bernardes, Ferreira etc. escreveram. — Dagegen findet sich der Reim muto (= muito) fruto in Fernão d' Alvares do Oriente, Lusitan. transformada (Lisb. 1781.) — cf. Parn. lus. II, 392.

von einer Attraktion oder aus der Verbindung *uc, ul* stammen kann.[1]) — Ueber *aspcito* u. dgl. siehe *Parn. lus.* II. 376.

Interessant ist die Verbindung *gn.* — Hier ist entweder das g verloren gegangen, oder sie lautet wie das it. *gn* also gleich *nh.* (cf. Diez G. I, 272.) — In jedem der beiden Fälle hat die Beibehaltung des *g* keinen Sinn, da es gegen die Regeln der portg. Aussprache ist.

So bieten III, 120 und 123 die meisten Ausgaben ‚linda *Ignez*', während M. ganz richtig ‚*Inez*' schreibt, was schon B hat. M bemerkt zu ‚*Ignez*': ‚o qual vocabulo assim estampado admitte a pronuncia *Iguenez* ou talvez *Inhez*' und weist die Schreibart ‚*Inez*' aus ‚*Antonio Ferreira*' *Castro* trag. I ‚o donna *Ines*' nach. Sie findet sich ebenso bei *A. Caminha* p. 216 ‚D. *Ines* de Noronha' p. 254 ‚a clara *Ines*'.

Die meisten Ausgaben haben hierin die grösste Inconsequenz und reimen z. B. *Camões* (da creaçam II, 60.)

Por ti quero viver, o Pam *divino*
Por ti cõ tua graça eu fraco e *indigno.*

Son. 20. benigno — menino — digno; Son. 33 benigno — — menino — desatino; (dagegen Lus. X, 43. dina — Catharina.)

Moraes bemerkt ausdrücklich: ‚Os nossos poetas classicos e ainda os modernos usam de ‚*indino*' e outros vocabulos que alias se escrevem com *igno*, que os editores tem o cuidado de imprimir sem attenção á rhyma consoante em *ino* accrescentando-lhe o *g* antes o *n.*'

Es ist darum dieses *nicht* gesprochene *g* an all den Stellen, *wo es der Reim erfordert,* (z. B. I, 22. X, 43) zu streichen.

Wenn M z. B. auch I, 106 *indine*, III, 40 *indinado* u. dgl. schreibt, *wo dies durch den Reim nicht bedingt ist*, so kann dies als *unnöthig* vermieden werden.[2])

Anders ist es an jenen Stellen, wo *gn* entschieden den Laut von *nh* hat (cf. *Diez* G. I, 386). Wenn der Reim unwiderlegbar darauf hinweist, so ist es wohl geboten (mit M) statt *gn* auch *nh* zu schreiben.

Hierüber sagt *Francisco Dias Gomes* in seiner Analyse (pag. 128, 129) ‚O *gn* nas vozes derivadas do Latim vale *nh,* o qual uso

---

[1]) Ein *c* im Reime beachten andere Schriftsteller oft nicht. So findet sich in Menezes (Mal. conq.), dessen Reime allerdings mit denen des Camões keinen Vergleich dulden, VI, 76 invicto — infinito — conflicto; X, 86 invicto — infinito — grito, und in den Lusiaden V, 82 bruto — astuto — instructo.

[2]) Diese Schreibart ist nirgend, auch im Reim nicht durchgeführt. So hat Caminha (p. 179) den Reim indino — desatino, doch auch im Texte (p. 62) dino de memoria (p. 384) indino a tanto, sonst aber wieder gn. So Sá de Menezes (Mal. conq.) I, 29 den Reim dina, im Texte aber gn. Z. B. I, 22 ‚digna empreza' dennoch VII, 39 indinado; dagegen IX, 73 wieder den Reim ruinas — dignas, ebenso X, 79 digno — divino — destino. — Lautete dies *g* in dieser Verbindung überhaupt schwächer, oder hatten die port. Dichter eine derartige Licenz, wie sie z. B. gerade im Englischen sehr weit geht? (Vgl. auch signal, B IV, 28 sinal, ebenso Hyssope III, 130. — Diez Gr. I, 370**) über das spanische *gn.*)

passou dos Provençaes para os Italianos, onde inda permanece; nós tambem o adoptâmos e o fomos emendando exprimindo-nos conforme aos Latinos. Esta dissonancia — se é — inda conservâmos em ‚*tamanho*‘ e ‚*anho*‘, que significa ‚*cordeiro*‘ usado este nas provincias, as quaes vozes são as latinas ‚*tam magnus*‘ e ‚*agnus*‘.

Es ist daher nach dem Vorgange von M IV, 32 und IX, 92 ‚manho‘ (statt magno) zu schreiben, wie dies auch bei Aeltern (z. B. *Luis Pereira*, Elegiada, Lisb. na offic. da José da Silva Nazareth 1785 ‚Eleg. 2, ‚o *manho* imperio‘) sich findet. [1])

Eine weniger wichtige Frage ist die Setzung eines anlautenden *h*.

Moraes sagt in seinem *Diccionario* ‚Commummente escrevem ‚*um, uma*‘, com *h* sem que o peça a etymologia, pois se deriva do Latim ‚*unus*‘ e menos a pronuncia, porque sendo o *h* signal de aspiração nós não aspiramos nenhuma vogal senão é ‚*ah*‘! interjeição, que devera escrever-se ‚ha!‘, porque a aspiração precede á vogal. De ‚*um*‘ se derivão ‚*unidade, unanimo, unico, unissimo, união, uniforme*‘ e muitos outros que se escrevem *sem h* e mostrando a origem de um dão mais facil ideia do seu sentido.‘

Erst neuere beginnen die Regel des *Moraes* zu befolgen und setzen das anlautende *h*, das nach *Diez* (I, 386) nur steht, um den Wörtern ‚*für das Auge etwas mehr Umfang zu geben*‘, nicht mehr; so schreibt auch M durchgehends *é, ir, um,* was um so berechtigter ist, als selbst in jenen Worten, die mit kurzem, (meist prothetischem) *e* beginnen (z. B. *estar, esteril*) kein h steht, obwohl der Portugiese hier fast aspiriert, so dass man ein *h* ziemlich deutlich zu hören glaubt. Die Beibehaltung ist nur da zu empfehlen, *wo es aus etymologischen Gründen geschieht.* (Vgl. Hyssop. prol. p. X.)

Die *Liquidae l* und *r* finden sich bisweilen verwechselt. So liest B II, 38 und Man. Correa *sembrante* statt *semblante.* — Aehnlich wechseln *q* und *c.* M bemerkt zu I, 33 (mit Beziehung auf *Luis Perreira Eleg.* II, 85), dass die richtige Schreibart *calidades* nicht *qualidades* [2]) sei und behält dies gutturale *c* bei. Allerdings ist u völlig stumm; aber doch schreibt er I, 8 *liquor* [3]) (mit Berufung auf *Jeronimo Corte Real,* Naufragio de Sepulveda. Lisb. typ. Rolland. 1783 Cant. 2), obwohl fast alle und die besten Ausgaben ‚*licor*‘ haben und auch hier das *u* ganz unhörbar ist (vgl. Diez I, 365).

Auch hinsichtlich der Anwendung des ç, ȩ und z muss eine Regel befolgt werden, um so mehr als die Scheidung, wie *Diez* (Gr. I, 385) bemerkt, schon in der alten Sprache begründet, und auch die Aussprache verschieden ist. Davon sagt der Herausgeber des *Hyssope* (p. 14): ‚A letra Z terminando qualquer palavra tem a propriedade de fazer longa sem precisão de accento, a vogal que a precede; p. e. ‚*Marquez*‘ titulo de nobreza tem pronuncia e significação bem diversas de ‚*Marques*‘ appellido de homem e nome patronymico que quer dizer ‚*filho de Marcos*‘.

---

[1]) Zu dieser Stelle sagt Costa e Silva (III, 274): ‚Manho — assi se pronunciava antigamente a palavra ‚magno‘ soando o *g* antes de *n* como hoje soa *nh*, pronuncia que os Italianos inda conservam.‘

[2]) Sá de Menezes II, 114 ‚qualidade‘.

[3]) Sá de Menezes II, 90 ‚liquor‘.

In der Schreibung der Verbindung *sc* weichen die Ausgaben vielfach von einander ab. So schreiben einige (B) II, 43; IV, 89, *accrecenta*, *accrecentavam*, während die andern *richtig accrescenta, accrescentavam* haben; ebenso M. Correa (B) VI, 32 *deci*, wo wir *desci* lesen u. dgl. mehr. (cf. Diez E. W. II, 124.)

Indessen wird man sich wohl *für die etymologisch richtige Schreibart mit sc* entscheiden.

Andre Dinge betreffen die *Elision* und *Assimilation* in der Zusammensetzung und die Beibehaltung von gewissen in andern romanischen Sprachen verschiedenen *Consonanten-Gruppen*.

So lesen die Ausgaben verschieden bei Zusammensetzungen mit der Präposition *sub*, indem die einen das *b* vor Consonanten elidieren, andere *in unconsequentester Weise* es bald setzen, bald elidieren. So hat M überall das *b* ausgelassen, vor ihm mit weniger Consequenz B. *Fonseca* beweist aus classischen Stellen,[1]) dass die Quinhentisten elidierten und schreibt darum I, 32. III, 27 sujugado sojugado (B. G.) sobjugado (L N R); I, 75 sumettesse (M.) somettesse (B G L), sobmettesse (N R) I, 92 sutis (M.) sotis (B.) III, 12; III, 37 sumettido (M.) sobmettido (G L N R); VII, 8 sumersa (B M), submersa (Q S), welchen Vers auch *Moraes ‚submersa'* citiert u. s. f. Ebenso schreibt M I, 85 *aversario*, VII, 46; VIII, 62 *suntuoso*, VIII, 16, 81, *corruto*. Dass VIII, 83 aus Reimrücksichten so gelesen wird, beweist, dass die Möglichkeit dieser Schreibart nicht ausgeschlossen ist.

Diese Schreibungen finden sich auch im Provenzalischen, wo neben *subtil* (Bartsch 112, 1) und *sobtil* (5, 36) sehr häufig *sotil* (177, 20; 278, 10; 300, 20; 327, 20) steht. Indessen verträgt die pt. Sprache diese Combinationen sehr wohl, so dass weder ein Grund zur Elision noch zur Assimilation (wie M z. B. VII, 80 acquirida statt adquirida, VIII, 52 acquirindo, B adquerindo schreibt) gegeben ist.

Auch *hinsichtlich der Vocale* fehlt es nicht an Varianten. So haben wenige Ausgaben das *ê* (oder blosses e) zu *ei* gedehnt. L N Q R S lesen III, 2 *receio* und dehnen des Reimes halber *Orpheio*, während z. B. G *recêo* — *Orpheio*, B, M *receo* — *Orpheo* lesen. Ebenso findet man (L N Q R S) VII, 85 *Proteio*[2]) wegen *feio*. Dass man zu Camões Zeit diese Endungen *eo* schrieb, zeigt sich in den ältesten und späteren Schriften. So Camões Redond. I pag, 123

,filha de Babel tam *fea*,
toda de miseria *chea*

und *ibid.* I, 120. Doce canto em terra *alhea*.

---

[1]) Er citiert Menezes (Mal. conq.) VIII, 7: ‚Dos continos disvelos aggravados'; besser hätte er auf VI, 81 ‚Os reis da India sujugados' hingewiesen. Was übrigens die mehrfache Consonanz betrifft, so ist Menezes durchaus nicht entscheidend; denn da findet sich (ähnlich wie bei *gn*) z. B. X, 50 invicto, luctador, circunstantes, vitoria nebeneinander; dagegen X, 125 invito — conflito als Reim, obwohl der Reim, wie z. B. XII, 65 conflicto - espirito — invicto (ebenso X, 107) beweist, diese Schreibung nicht unbedingt zur Folge hatte.

[2]) B liest Protheo (wie A. Caminha p. 11, 13), aber offenbar falsch *fero* als Reim zu Protheo — desejo. (Aquino: fêo — Protêo.) cf. III, 32 Medea, alhea, feá, III, 49 u. s. w.

bei *Caminha* fast durchgängig (p. 393); *Jeronimo Corte Real*, Cerco de Diu, Lisb. na off. de Simão Thaddeo Ferreira 1781 ‚*feos* casos.' — *Orpheo* aber findet sich bei *Diogo Bernardes* (O Lima ct. XXVI ‚chorariam *Orpheo* e a consorte, ebenso Cam. Lus. III, 1.)

Es ist daher am besten, diese aus langem *e* euphonisch (vgl. Diez, Gr. I, 379) gedehnte Silbe *ei* einfach *e* zu schreiben, um so eher da, wo es der Reim (wie III, 2, VII, 35, X, 66) verlangt.

Ou und *au* wechseln in verschiedenen Ausgaben. Wenige Worte ausgenommen, ist *ou* (oi) die richtige Schreibweise (vgl. Diez G. I, 171, 379). Ueber das Subst. *Mouro* handelt O ausführlich, man schreibt nun allgemein *Mouro* als *Substantiv*, dagegen *Mauro* als *Adjektiv*.

Bei den auf o auslautenden Wörtern lassen einige Herausgeber (M R) in *u* enden, was die ältere auch mit der dumpfen Aussprache übereinstimmende Art ist. In der Vorrede zum *Hyssope* (pag. 13) steht über die Verbalendung auf *io*: ‚Os nossos maiores quasi sempre a (3 pess. sing.) terminárão em *u* e nunca em *o*. Hoje algumas pessoas escrevem *lêo*, *ouvío*, *ferío* etc. e carrégão a penultima com accentos ora agudos, ora circonflexos. Os antigos sempre escréverão: *leu*, *ouviu*, *feriu* etc. sem accento algum; pois não o precisão estas palavras, cujas desinencias compostas de duas vogaes formão duas syllabas'. (cf. Parn. lus. II, 346.)

Sind diese Ausgänge auch (nach Diez G. I, 387) die minder eleganten Schreibungen, so sind sie gerade in neuester Zeit wieder sehr in Aufschwung gekommen.

Weniger eingreifend sind andre *orthogr. Unebenheiten, deren Falschheit einleuchtend ist.* Wenn sich in B Lus. I, 4 *Hypocrene* (st. *Hippocrene*), I, 59 *Hiperionio* (st. *Hyperionio*), V, 5 in einigen Ausgaben *Chypre* (st. *Cypro*)[1], IX, 60 in B *Cyphisia* (st. *Cephisia*) X, 2, 6, 22 *Ninfa*[2]) (Eclog. VIII *Nynfa*, ibid. v. 7 *Nympha*, Son. IV. *Nimpha* — in Ausgaben *von derselben Hand*) findet, so haben hier selbstverständlich alle besseren Ausgaben die offenbar richtige Schreibart angenommen. — Auch III, 39 haben wir, Sinis' (*Σίνις*) statt des allgemeinen Scinis aufgenommen. — A und AA bieten aber noch andere tiefer eingreifende Dinge, (wie V, 82 *sururgiam* statt cirurgião u. s. w.), Druckfehler, wie sie alle guten Herausgeber aufzählen.[3])

Auch in der *Setzung grosser Buchstaben* muss Uebereinstimmung herrschen, und sind alle Wörter, die gewissermaassen zu einem *nomen proprium* geworden sind, wie *Eternidade* (I, 71, II, 104). *Justiça* (II, 79), *Profundo* (IV, 41, 102) *gross* zu schreiben. Dagegen soll alles andre, was in einzelnen Ausgaben meist *sehr inconsequent gross* geschrieben wird (z. B. Gente, Reino, Imperio, Ilha, Frota, Mundo, Cidade, Fé, Peito, Nympha, Deoses, Deosa, Cruz, Gentio u. dgl.) *besonders Titel* (Imperador, Rei, Capitão,

---

[1]) Mal. conq. II, 101 Chipre.

[2]) So immer in *A. Caminha* ‚Ninfa'.

[3]) Hier findet sich auch sehr häufig ‚*Occeano*' (cf. Son. 53), welche Schreibart G durchweg, B bisweilen (z. B. III, 18 *Oceano*, III, 20 *Occeano*) hat.

Piloto), *wofern sie nicht in der Anrede stehen, klein* geschrieben werden. (vgl. Bibl. Crit. 261.)

Die *Interpunktion* der ältesten Ausgabe ist äusserst mangelhaft[1]), doch ist sie jetzt überall so ziemlich übereinstimmend, so dass sie selten weiter auseinandergeht. So haben wenige (M) I, 82 nach *acabou* kein *Komma*, sondern die meisten setzen es, oder einen *Doppelpunkt* (N).

IV, 74 haben nun die besseren Ausgaben (L M N Q R S)

,Est' outro é o Indo, Rei, que nesta serra'

(gegen B G), wodurch *Rei* als *Vocativ* unabhängig von *Indo* bezeichnet wird. — V, 88 haben durch Auslassung des Kommas nach *magas* einige Herausgeber (L R) das *Substantiv magas* als *Adjektiv* zu Circes gezogen. — VI, 14 hat L nach *,o rei do vinho'* einen *Doppelpunkt.*

VII, 77 ist wohl die *einfachste Interpunktion:*

Alça-se em pé, com elle o Gama[2]) junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano:
Os olhos . . . .

G und M haben nach *Mauritano* keine Interpunktion.

Aus der Besprechung dieser orthogr. Punkte ergibt sich, dass die erste Hauptursache der zahlreichen Varianten in der zerfahrenen Schreibweise zu suchen ist, und die bedeutende Anzahl der hier angeführten Stellen sich durch Festhalten an einer präcisen Regel durchaus gleichartig ändern lässt.

Wir haben als zweiten Grund der Verderbtheit des Textes den bezeichnet, *dass gewisse offenbare typische Irrthümer von den Herausgebern ängstlich beibehalten wurden.* Man darf hier nur an den Streit über den zweifellosen Druckfehler *,d'outro Scylla'* (in VI, 82 trotz VI, 24) oder VI, 16 *,d'outro banda'* (A) erinnern.

Die nicht unbedingte Glaubwürdigkeit der alten Editionen zeigt sich ganz besonders an den Eigennamen. Ohne von den zahlreichen Verwechslungen von *Thetis* und *Tethys*, *Massilia* und *Massylia* zu sprechen, findet sich in A II, 56 *Maria* statt *Maia*, in AA IV, 20 *Camisia* st. *Canusio*, in A und AA V, 5 *Guido* st. *Gnido*, in A VI, 60 *Brato* st. *Bactro*, A und AA IX, 23 *Achises* st. *Anchises*, A und AA X, 14 *Ripur* st. *Bipur*,[3]) so auch die bekannte Stelle VIII, 32, wo A *,Portuguez Capitam'*, AA *,Portuguez Cipião'*, die neueren richtig *,Scipião'* haben.

---

[1]) L (prol. p. IX) sagt von A und AA: ,N'uma e n'outra os pontos e virgulas se achão semeados ao acaso, de sorte que mais servem de embaraço que de esclarecimento ao sentido. — Wie behutsam trotzdem mit Interpunktionsänderung vorzugehen ist, zeigt *Braga* (Bibl. crit. p. 259) an *Francisco Evaristo Leoni's* Conjektur zu I, 50, 7. — Dagegen will Braga (cf. seine Begründung (Bibl. crit. 261) I, 8, 5 ,Vós (que esperamos) jugo e vituperio'. — L setzt II, 76 nach domesticas ein Komma.

[2]) *G* liest ,os Gamas'.

[3]) G schreibt stets Ceuta, nur aus Reimrücksichten z. B. IV, 52 wie die übrigen Ausgaben Ceita.

Wenn nun zahlreiche Beweise fehlerhafter[1]) und abweichender[2]) Schreibung der Eigennamen vorliegen und die Mehrzahl derselben sich in den verschiedenen Ausgaben corrigiert findet, *so ist es eigenthümlich, andere ebenso evidente Irrthümer beibehalten zu sehen.*

So bietet A und AA II, 20

‚*Cloto* co' o peito corta'

Schon *J. Man. de Sousa* schrieb ‚*Doto*' und mit Beziehung auf *Vergils Aeneis* IX, 102

‚qualis Nereia *Doto*
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.'

haben die meisten Asg. (L M N Q R S) ‚*Doto*', während wenige (B F G) ‚*Cloto*' beibehalten haben, was kein Name einer Nereide ist.[3])

III, 55 findet sich der alte Name ‚*Scalabicastro*' (L M N Q R S) für *Sanctarem*. Dies ist die einzig richtige Schreibart (cf. cant. III. not. XI der *Ed. Roll.* 1843) nicht *Cabelicastro* oder *Scabelicastro* (B G), was nach *Bluteau* ein durch *maurische* Einflüsse verderbtes Wort ist. (cf. *Parn. lus.* IV, 20 *Scálabys.*)

So ist III. 105 *Mulucha* nicht *Múluca* (B L) oder *Moluca* (G) der Name des Flusses (in Fez).

Aehnlich variiert (III, 139) *Lianor* (B M) mit der allgemeinen Lesart *Leonor*.

Eine willkürliche *Veränderung der Eigennamen* findet sich höchstens, wo es der Reim erfordert; so I, 11 *Rugeiro* (G L R *Rogeiro*) statt *Rogerio*.

V, 50 will M „*nach Art der Quinhentisten*" *Tolomeu* st. *Ptolomeo*; indessen widerspricht der Anlaut *pt* dem Ptg. *durchaus nicht.*

Der Name *Alexander* findet sich bei *Camões* gewöhnlich ‚*Alexandre*' geschrieben. So steht er VIII, 12; X, 48 und bei Zeitgenossen des Dichters.[4])

Dennoch lesen die meisten Ausg. I, 3; V, 93, 95 und an andern Stellen ‚*Alexandro*', was sich gleichfalls bei Quinhentisten findet. Da nicht herzustellen ist, wie *Camões* schrieb, so sind wohl die überlieferten Schreibarten beizubehalten, umsomehr als sich derselbe Wechsel auch bei *Phebo* findet, z. B. VI, 18 *Phebo*[5]) (A B N) *Phebe* (G L Q R S).

---

[1]) Vgl. z. B. *Camões* (da creaçam II, 2) ‚Arthimisia fez ao seu marido Mausalo' und die oben (p. 21) gegebenen Beispiele.

[2]) Vgl. VIII, 81 B pela maometana gente; *Man. Correa:* ‚ma'ometana; L maumetana; *Aquino:* (GN) ‚mahometana'.

[3]) *João Franco Barreto* hat auch Cloto, erklärt diesen Namen aber in seinem Diccionario camoniano als den einer Parze.

[4]) Vgl. *Luis Perreira* (Eleg. cant. 15), *Menezes* ‚Malac. conquist'. I und IX, 9 ‚Digno de que Alexandre te invejara' ebenso *A. Caminha* p. 57, p. 227 clarissimo Alexandre, p. 233, Alexandre ditoso u. d. m.

[5]) Der Wechsel des vocal. Ausiautes *o* mit *e* ist indess nichts Seltenes. So III, 63 de longe (GLM) de longo (N); V, 62 bailos (GN) bailos (B M); VI, 39 a miude (GLN) a miudo (B Man. Corr.). So auch neben appetito (VI, 96 aus Reimrücksichten appetite; trajo (VII, 23) und traje (cf. M p. 514). Aehnlich besteht neben rudo das Adj. rude (wie Franco Barreto auch II, 65 will), vgl. II. 110, wo B ‚Africa rude' liest. — Auch im Inlaut wechseln oft (kurze) Vocale wie *e* und *i*, z. B. pelouro (L) — pilouro. VI, 98. X, 31 (*Menezes* VII, 35 pelouros).

Die Verwechslung der Buchstaben *e* und *o*, die im Drucke so leicht geschehen konnte, hat mehrere Stellen streitig gemacht. Die Mehrzahl derselben kann jedoch schon *durch die Grammatik* entschieden werden.

So lesen I, 20 einzelne Ausgaben (Sousa, Aquino F, L)

‚Convocados da parte *de* Tonante'

während schon die ältesten richtig ‚*do* Tonante' haben.

Francisco Freire de Carvalho (Lus. Lisb. 1843) weist ganz richtig auf IV, 78

‚*o* grão Tonante'

hin [1]), wo der Artikel, der ja hier grammatisch durch die Umschreibung für ‚*Jupiter*' gefordert ist, gleichfalls steht.

Der Artikel hat hier so sicher zu stehen wie I, 62; II, 103; III, 51 *de* Luso richtig ist (A *do Luso* AA *de Luso*), da *Luso* hier als nomen proprium,[2]) nicht wie z. B. X, 44 als Bestimmung des ganzen Landes und Volkes gebraucht ist.

Auch I, 75 ist vom gramm. Standpunkte aus die Lesung (AA B L M Q S) *debaixo do seu jugo* der (von A G N R) ‚*debaixo de seu jugo*' vorzuziehen. — II, 34 ist *de* fogo gegen *do* fogo von (B G L N) zu halten.

III, 52 haben A F G M P ‚rios *de* sangue', AA B L N Q R S ‚*do* sangue.' Vom gramm. Standpunkte aus lässt sich beides vertheidigen, indem *de* ‚*Blut im Allgemeinen*', *do* ‚*das in diesem Kampfe geflossene Blut*' bezeichnet. Aber natürlicher erscheint hier *do*, was für eine Verbesserung von A durch AA zu halten ist, und zwar nicht nur aus diesem Grunde, sondern darum, weil ein Relativsatz *(com que)* folgt, der sich offenbar eher auf ‚*sangue desparzido*' als auf ‚*rios*' bezieht.

III, 77 ist *de Tinge* (G M) gegen *do Tinge* zu verwerfen; IV, 101 hat B L und *Man. Correa* ‚*de Ethiopia*' st. ‚*da* Ethiopia', welch letzteres vorzuziehen ist. — Vereinzelt steht die unhaltbare Lesart des *Aquino* und *Sousa:* I, 32 ‚*de* Parnaso' st. ‚*do* Parnaso' (cf. Diez Gr. III, 26); Lus. III, 2 do Pindo) — VII, 20 hat A *do* Bengala, AA *de* Bengala und so fast alle Ausgaben. Der Grammatik zufolge (vgl. Diez III, 26) kann man diese Frage nicht entscheiden, so möge die Autorität aller Herausgeber und jene von AA, die ja doch eine Verbesserung von A ist, für *de Bengala* sprechen.

X, 146 lesen die meisten Ausgaben ‚*influxo de destino*', L M aber ‚*do* destino'; hier ist ‚influxo *de* destino' als *Ein* Begriff zu fassen und darum die gewöhnliche Lesart *de* vorzuziehen.

An einzelnen Stellen ist auch zwischen *de* und dem Artikel des Femininums *da* eine Variante.

II, 74 lesen A F G ‚*de* gente', AA und die übrigen:

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada.

Hier ist der Artikel einerseits wegen des darauffolgenden Re-

---

[1]) So auch *Menezes* (Mal. conq.) IX, 93. XI, 96.
[2]) Vgl. ebenso *Camões*. Eleg. V. Oitav. 16.

lativsatzes (cf. oben zu III, 52) zu empfehlen; andrerseits findet sich fast dieselbe Stelle II, 93:

,Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda'

wo alle Ausgaben *da* haben.

Ebenso dürfte der Artikel *da* unentbehrlich sein X, 1:

,O claro amador *da* Larissea'

wo wenige Ausgaben *de* haben (A M). *Camões* bezeichnet hier die Nymphe *Coronis* als aus der Stadt *Larissa* stammend; und in solchen Fällen braucht er *übereinstimmend mit der Grammatik* stets den *Artikel;* so I, 3 *do* Troiano (Aeneas); II, 57 *o* Cylleneo (Merkur); II, 53 *da* Egypcia (Cleopatra); III, 18; VI, 25 do Thebano; VI, 2 *a* Lagaia (Cleopatra); ähnlich V, 5 a ilha *da* Madeira, weil hier ,das Holz' bezeichnet werden soll (und VII, 35 da Pimenta).

IX, 71 lesen einige (nach Aquino): *de* uma — *d'*outra; andere (nach Sousa) *da* uma. Der Analogie gemäss ist der bestimmte Artikel nicht nöthig. — Ein offenbarer Fehler, den nur noch einige Ausgaben (B F) A folgend haben, ist II, 13:

,*Na* moça de Titão',

wofür entschieden (nach *Franco Barreto's Msk.*) ,*da* moça' stehen muss. — Dem *Sinne* nach wäre auch I, 89 die Lesart

,O fogo *da* artilheria' [1])

statt ,*na* artilheria' zulässig (cf. M 429) doch unbegründet.

Eine andre nicht mehr herzustellende Sache ist die Elision einzelner Vokale, hauptsächlich des *e*. An zahllosen Stellen gehen schon die ältesten Herausgeber, was den Ausfall des *e* betrifft, auseinander. So heisst es I, 1 nunca *d'*antes; I, 2 *de* Africa e *de* Asia (d'Africa e d'Asia, B) I, 3 *d'*Alexandro (B *de*; A); I, 5 *de* agreste; (Man. Corr. *d'*agreste); I, 23 *de* ouro (*d'*ouro, B) und dergleichen zahllose Beispiele.

Bei Einführung dieser Schreibweise berufen sich die Herausgeber — *meist Portugiesen* — nicht etwa auf die ältesten Handschriften, sondern auf *ihre* Ansichten über Wohllaut. M folgt in vielen Fällen der Lesart des *M. Correa;* aber dennoch schreibt er I, 2 ,*de* Africa e *de* Asia' und findet diese Ausdrucksweise mehr ,*onomatopica*' (pag. 407), dagegen elidiert er I, 3 ,*d'*Alexandro' — „para evitar *a pronuncia desagradavel de de.*" [2])

I, 77 hat *M. Correa, P. Aquino*, E G L M R ,de hum Mouro', andre ,*d'*hum Mouro'. M setzt mit den erstern *de* und findet so den Vers ,mais *cheio* e per conseguinte mais *harmonico*'.

Diese Abweichungen ziehen sich durch das ganze Epos hindurch, ohne dass ein Fremder über die Ansichten der Eingebornen *hinsichtlich des Wohlklanges* streiten könnte. Denn wenn Fonseca III, 77 ,promontorio *de* Ampelusa' (wie B G K M haben) ,*algum tanto escabroso*' findet, und (mit M. Correa) elidiert, dagegen III, 75 ,Sancho *de* esforço e *d'*animo' als allein ,*sonoro*' erklärt, so kann

---

[1]) So citiert auch Costa e Silva (III, 244) diesen Vers.

[2]) Aus demselben Grunde *M. Correa* I, 80 ,deves *d'*ir (st. deves *de* ir) und I, 86 ,*D'*escudo embraçado e *d'*azagaia.

ein Fremder in diesem Streite der Eingebornen nur der besten Autorität folgen, *nicht aber selbst entscheiden.*

Derselbe Streit — lediglich um den Wohllaut — setzt sich fort mit der Conjunktion *e*, dem Artikel *a* und *o* und der Präposition *a*.

I, 1 lesen zahlreiche Ausgaben (AA B N Q S)

,*E* entre gente remota edificárão',

während andre (A F G L R) *e* auslassen. Im Allgemeinen hat AA den Vorzug vor A zu beanspruchen, so dass wir die Lesart ,*E* entre' aufnehmen werden. — In derselben Strophe vermuthet L und M auch ,*E em perigos*' (R), wo *Faria* und seine Nachfolger (G) *wohl ohne Grund* ,*Que* em perigos' lesen. (Bibl. Crit. p. 260.)

I, 88 schreiben die meisten Ausgaben ,fere *e* mata *e* poem por terra' bei andern (B G L M R) fehlt *e* vor *mata*.

II, 58 findet M die Lesart ,*o* gesto *e* o modo' „mais cheia e correcta"; die Lesart des M. Correa ,a ferro e fogo' steht der gewöhnlichen ,a ferro *e* a fogo' gegenüber. — Aehnlich B *o gesto e modo* (II, 101) statt des allgemeinen *e o modo*.

Von den meisten Herausgebern ist IV, 32 das *unentbehrliche e* eingesetzt worden, so dass es jetzt heisst:

,Nas guerras civis de Julio *e* Manho'.

Abgesehen davon, dass diese Conjektur an sich einleuchtend ist, mag noch bemerkt werden, dass *Camões* auch an andern Stellen (IV, 62 ,*Que co' a morte de*[1]) *Magno são famosas*') den *Pompejus* so nennt, während *Caesar* dies Cognomen *nirgend* führt.

VI, 14 (mit L) ,*E ás portas*' zu lesen, ist unnöthig, ebenso VII, 10 ,*E* entre vos' (L) und VII, 59 ,*do* rei, *do povo todo*' (E J M O: *e* do povo); und X, 51 ,*pela cortiça calida e cheirosa*', was M volltönender findet als das gewöhnliche Asyndeton. Ebenso lesen wir mit AA B L M Q S (gegen A G N R) X, 88:

A Lebre *e* os Cães, a Nao *e* a doce Lyra

da hiedurch *je zwei Glieder* verbunden werden.

Auch II, 34 haben die besten Ausgaben das *Polysyndeton:* ,Que as estrellas, *e* o céo *e* o ar visinho' (cf. N p. 380). — *Hinsichtlich des Artikels finden sich am häufigsten nach todo Varianten.* Indessen kann hier der Artikel *zur weitern Verallgemeinerung* fehlen und so bleibt er z. B. am besten aus I, 2 ,por toda parte' (R a). V, 89 liest G ,*toda a* grandiloqua escriptura'. Auch VIII, 66 ,*em todo o feito*' hat *M. Correa* den Artikel gestrichen.

Dagegen erscheint er unerlässlich II, 3 ,com toda *a* armada, *mit der gesammten Armee*', wo er in vielen Ausgaben (N Q S) fehlt.

I, 64 hat ein offenbarer Druckfehler von A zu Varianten geführt. A liest ,*respondeo o valeroso Capitão*'. Aber schon AA hat richtig wieder *das erzählende Praesens* ,responde *o*', welche Lesart jetzt die allgemeine ist.[2])

---

[1]) Darum auch *de Magno* (als nom. prop.), nicht, wie einige lesen, ,*do Magno*'.

[2]) Analog dem glaubte *M. Correa* IV, 65 aus ,produz*e* *e* cria' in ,produz *e* cria' ändern zu sollen. Indessen ist die Form produze mit *Joanne* (IV, 2, 12, 23, 36, 45, 58; (VIII, 37) atroce (I, 88), felice (VIII, 16.

Aehnlich dem will L III, 110 eine Zusammenziehung von ‚*está o famoso*‘ zu ‚*estão o famoso*‘, was nicht geboten ist.

I, 84 lesen A und AA B G L ‚Quando Gama‘, wofür jetzt die meisten Ausgaben ‚*o* Gama‘ haben, da vor diesem Eigennamen der Artikel *nie* fehlt. (*Diez* III, 23).

III, 31 haben G M ‚*era o maior*‘, was sich sonst nicht findet und unnöthig ist.

X, 98 ist mit AA ‚*que a parte Africa*‘ zu lesen.

Einige Varianten sind anzuführen *bei Substantiven mit verschiedenem Genus.* So liest L IV, 80 unnöthig

‚o espiritu e *a* carne‘

während *M. Correa* und *G* IV, 102 den *allgemein überlieferten* Artikel *a* auslassen ‚*o nome e gloria*‘ u. dgl. m.

Auch die Präposition a (vor lebenden Objekten) ist bisweilen abgefallen. So fehlt sie in B VIII, 47, wo es doch heissen muss ‚*que a um devoto*‘; in X, 48 ‚viu Alexandre Apelles‘ lesen des Doppelsinnes halber G L M R ‚*a Apelles*‘.

Weitere Varianten finden sich zwischen *e*, *o* und *ou*.[1]) So frägt M, ob statt ‚*E que*‘ III, 85 nicht besser

‚*O* que em sua vida já se exprimentara‘

zu lesen wäre, wodurch das folgende doppelsinnig auf *pai* bezogen würde.

II, 83 hat M. Correa (nach ihm M) *ohne Grund*

‚a ver-te *e* a servir-te‘

statt ‚*ou* a servir-te‘.

VIII, 3 ist mit den besten Ausgaben

‚foi filho *ou* companheiro do Thebano‘

zu lesen, da ‚*e* companheiro‘ gegen III, 21 und VIII, 3 und 4

‚filhos foram *ou* companheiros‘

verstossen würde. (A AA B L lesen VIII, 3 ‚*e* companheiros‘).

Sehr selten findet sich *der bestimmte Artikel mit dem unbestimmten* als Variante wie III, 141

‚despois que *hũa* moça‘ (G L N Q S)

dagegen B M ‚despois *que a* moça; uma (R).

Noch sei hier der fast überall verschiedenen Schreibung der Präposition *com* erwähnt. Was vom metrischen Standpunkte zu sagen ist, ist dasselbe, was oben von dem *nasalen m* angeführt wurde. Auch hier ist bald der *Til*, bald *m*, bald *Elision* (mit und ohne *Viracento*) oder *Contraction* zu finden. Von den tausend Stellen sei z. B. nur III, 80 bemerkt, wo M. Correa (G) ‚*com* a idade‘, L N: ‚*co*' a idade‘ (was nach M nicht ‚*numeroso*‘ ist), B: ‚*cõ* a idade‘ liest.

X, 71), fugace (IX, 63), pertinace (V, 44), rapace (VII, 86), face (II, 42; VI, 10), produze (II, 4), reluze (II, 95), requere (VIII, 82) (u. Beispielen aus anderen Dichtern z. B. Mal. conq V, 30 felice) verglichen nicht zu beanstanden. — Entschieden richtig aber ist die hier gelegentlich zu erwähnende Lesart (von L) VIII, 15 (6 und 7) *a si* (st. assi), wie sich dieselbe wirklich bis auf *Sousa* in einigen ältern Ausgaben fand (vgl. die Note von L p. 390).

[1]) V, 63 variiert *ou* und *em*. — B M lesen

Cantigas pastoris *em* prosa *ou* rima,

statt des gewöhnlichen: ‚*ou* prosa, *ou* rima‘.

IV, 62 ist die richtige Lesart, *co' a* morte' (mit A AA B N Q S) gegen ‚*com* morte' (G L M R).

Als *dritten* Grund der Textverstümmelung haben wir das *Missverstehen* [1]) *einzelner Latinismen und Archaismen* bezeichnet. Denselben führt auch der Herausgeber des *Hyssope* an, wenn er mit Beziehung auf dieses Epos sagt (p. 16): ‚*Da ignorancia da lingua nascem outros ainda maiores (males), quaes os sentidos falsos que se dão a muitas palavras.*' — Mit Vorliebe sucht *Camões* poetische Worte aus der lateinischen Sprache in seine Muttersprache zu ziehen, von der er nicht ohne Stolz (I, 33) sagt:

‚E na lingua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção, crê que é a *latina*'.

Hinsichtlich dieser Sprachbereicherung bemerkt *Francisco José Freire* im ‚*discurso preliminar*' zu seinem ‚*Diccionario poetico*': ‚Começou (Camões) a enriquecer a sua epopea de infinitas vozes novas estranhas tiradas da linguagem que inventáram os poetas *Latinos.*' [2])

So nahm er neue lateinische *Substantiva* wie *exicio* (I, 16), *incola* (III, 21), *divicias* (VII, 8), *inimicicias* (VII, 8), *nequicia* (VIII, 65), *insula* (IX, 21), *mora* (IX, 73), *cerviz* (X, 10), dann *Verba* wie *doe* (I, 31; IV, 39) *soe* (III, 1), besonders im *Particip Praesens: adjacente* (III, 26), *ardente* (II, 91; III, 6), *jacente* (V, 22), *luzente* (I, 24; III, 6; V, 10), *prestante* (II, 78), *rompente* (III, 48), *fulgente* (III, 107), *estridente* (IV, 31) *und Perfekt Passiv, profligado* (X, 20), vor allem aber *Adjektive [peregrino* (I, 58), *bellacissimo* (II, 46), *canoro* (II, 106), *provido* (II, 23), *famelico* (X, 43), *inclyto* (IV, 47), *rotundo* (X, 7)], *der Farbe und des Stoffes*, wie: *argenteo* (II, 20), *igneo* (VII, 67), *fulvo* (X, 3), *plumbeo* (I, 89), dann *zusammengesetzte* wie *grandiloquo* (I, 4; V, 89), *horrisono* [3]) (II, 100), *altisono* (II, 90; V, 87), *fatidico* (IV, 83; VIII, 8), *undivago* (VIII, 67), *insbesondere aber Composita von fero und gero*, wie: *estellifero* (I, 24), *sagittifero* (I, 67), *mortifero* (II, 2, 48), *aurifero* (II, 4; VII, 11), *salutifero* (II, 4; X, 134), *odorifero*

---

[1]) Vgl. hierüber auch *José da Fonseca* ‚Tratado da versificação portugueza' pag. 74 sqq. und *Francisco Dias Gomez* ‚Obras poeticas' pag. 298 sqq.

[2]) Parn. lus. III, 269 heisst es richtig: ‚Porém como os editores, que nesta epocha imprimem os Lusiadas de Camões querem absolutamente que elle falle a lingua moderna e não a que fallaram os seus coetaneos; por isso as obras deste abalizado genio e as de outros poetas quinhentistas andam tão contaminadas de erros e anomalias'.

[3]) Bei diesem Worte ist auf die beachtenswerthe Lesart von G L M R hinzuweisen, welche II, 96 ‚horrisono ao ouvido' haben, statt des gewöhnlichen horrissimo. Diese Lesart ist darum der Beachtung werth, weil horri*sono* von einem ‚*som* aspero' gesagt werden kann und auch etymol. richtiger ist. Der Superl. ‚horrissimo' lässt sich mit miserrimo (V, 48), asperrimo (III, 34) kaum vergleichen, wenn auch ähnliche Beispiele von Abwerfung der Silben in der Mitte (z. B. imigo — was *Gendron* (1759) auch VII, 8 liest — cuidosos (III, 132) *is* = ides (IV, 91), lisonge = lisongeie (IV, 106) u. dgl. den Ausfall der Silbe *di* hier zulässig machen. — Das Hauptbedenken ist gegen die Zusammenstellung eines Substantives und Adjektives vom gleichen Stamm (sonus) ‚horri*sono* *som*' zu äussern.

(II, 12; IV, 63; VII, 50), *ensifero* (VI, 85), *belligero* (I, 34, 82; III, 50, 75; VII, 71), *lanigero* (II, 76), *armigero* (IV, 23), *cornigero* (I, 88). Auch bei den *Adjektiven auf vel* tritt *sehr häufig schon im Positive* die *lateinische* Endung auf *bilis* ein, so z. B. V, 53 *impossibil*, wo AA und B ‚*impossiuel*' lesen, VI, 88 *impossibil*, V, 48 *implacabil*, VI, 11 *invisibil*, und sehr häufig im *Reime* (I, 65). (cf. Parn. lus. II, 340; M pag. 570—73; und 413). Indessen sucht *Camões* meist nur jene lateinischen Worte, die im Ptg. *sei es in dieser Form oder in dieser Bedeutung nicht vorhanden sind.* Darum kann II, 54 die Lesart:

‚Levando o *Idololatra* e o Mouro preso'

die M. Matteus so sehr als „*Latinismus*" vertheidigt, die aber ausser A AA N nur noch *sehr wenige* Asg. haben, nicht richtig sein und wir lesen in Uebereinstimmung mit den besten Herausgebern ‚*Idolátra*', wie auch VIII, 85; X, 147, wo *Idolátra* neben *Mouro* wieder steht.

Eine Anzahl Wörter nahm Camões aus anderen romanischen Sprachen, *zumal dem Spanischen und Provenzalischen*, denen das Ptg. überhaupt zu jener Zeit näher lag. Lange Zeit schwankt z. B. *formoso*, *formosura* (span. *hermoso*, altsp. *fermoso*) und *formoso*, *formosura* bei den Quinhentisten.[1]) *Fermoso* findet sich durchgängig in *A. Caminha*, bei *Ant. Ferreira* (z. B. Ecl. I), *Camões* (Canc. VI. Eleg. VIII), abwechselnd in B und R und *João Franco Barreto* bemerkt (Prolog. da Eneid. de Virgil.), ausdrücklich: ‚*formoso e formosura* não é orthographia minha, mas *fermoso*'. M hat *consequent* die Form in *e*, die anderen besten Ausgaben jene mit o.

An einzelnen Stellen macht das *Metrum*[2]) nöthig, das Pron. *sua* einsilbig zu lesen, z. B. I, 33; III, 89; V, 100; VIII, 8. *Francisco Dias Gomez* (Obras poet. pag. 298) schreibt hierüber: ‚Adoptáram as mesmas regras de *economia metrica* que os Provençaes lhes communicaram e com ellas as mesmas liberdades . . . por exemplo em ‚*sua*', parte feminina do possessivo *seu*, raramente deixavam de contrahir todos os melhores poetas que escreveram nos sobreditos idiomas modernos[3]) fazendo de sua ‚*sa*' á maneira dos Provençaes . . . . como se pode ver nos dous sonetos do dito rei *Dom Diniz*,[4]) os quaes andam nas obras de *Antonio Ferreira*', und tom. IV, pag. 352 (in den Memorias de litt. Portug.) sagt er: ‚Pronunciava-se então ‚*sa*' á maneira dos Provençaes com mais o menos modificação do som, como o comprova este exemplo:

---

[1]) Parn. lus. II, 2: Os antigos escreviam indistinctamente ‚fermoso' ou ‚formoso'.

[2]) Allerdings finden sich bisweilen metrische Anomalien durch Diärese und dgl., so VI, 10 chaos einsilbig, VIII, 46 destruição viersilbig, VIII, 52 traições dreisilbig, VIII, 97 Threicio dreisilbig, (IX, 21 nach einigen primeïra und IV, 12 Hebreio.

[3]) Der Spanier hat das einsilb. *su* und auch im Ital. findet sich *so* und *sa* (st. suo, sua). So *Francesco Baldovini* (Lamento di Cecco da Varlungo): ‚E cerca di trar l'acqua al *so* mulino. — Dà del *so* vino — Fatto il *so* giro.'

[4]) Im *Cancioneiro d'El-Rei Dom Diniz* (ed. *Dr. Caetano Lopez de Moura*, Paris 1847), und Canti antichi Portoghesi (tratti dal Cod. Vat. 4803 da *Ernesto Monaci*. (Imola 1873.) findet sich *sa* einigemale (p. 27). cf. *Diez*, Aelteste pt. Kunstpoesie S. 114.

,Com *sa* fermosa madre e *sas* donzellas'
(Ferreira poem. II. Son. 35.)

M schreibt in diesen Fällen *stets sa* in den Text, was indessen *ganz unnöthig* ist (cf. Diez, Gr. II, 97.)

Einige Wörter lauteten zu Camões Zeiten etwas anders, weshalb sie von spätern Herausgebern theils entstellt, theils falsch erklärt wurden. — So hat B und M I, 27 die alte dem lat. *perfidia* nähere Schreibweise *perfia* (vgl. Diez, Etym. Wörterb. d. r. Sp., 3. Aufl. 1870, II, 166) st. *porfia* (unter Bezugnahme auf *Diogo Bernardes* ,O Lima' Ecl. 7) eingesetzt[1]) u. a. a. St. — ähnlich I, 39; II, 85; III, 48 est*a*mago[2]) wie auch B hat, was von den meisten in *estomago* umgesetzt wurde, obwohl die *Quinhentisten* (*Ferreira* livr. II. cart. 12; *Fernan' d'Alvares do Oriente*, Lusitan. transform. Liv. II) so geschrieben haben.

II, 6 und an andern Stellen lesen M R *phantesia* (B *fantasia*) mit Beziehung auf *Antonio Ferreira Poem. Lusit.* 6 ,*ou m'engana a phantesia*'. Ebenso bei *A. Caminha* p. 52, 58 ,*fantesia*'.

II, 43 hat M (mit B) ,*saluços e lagrimas*', wo die übrigen *soluços* haben; die Schreibung *saluço*, wie auch B liest, begründet M mit *Luis Pereira*, Eclog. cant. VI ,*por saluços a estarem interompendo*' — III, 3 lesen die meisten Asg. (schon des Reimes halber) *escuitando* (statt *escutando*), wie sich dies Wort auch bei *Diogo Bernardes* (,o Lima' cart. VII) geschrieben findet.

III, 43 haben B M *bautizado* statt *baptizado* (Ueber die Erweichung von b und p, und die Auflösung beider in u, s. Diez, G. d. r. Sp., I, 378 etc.) *Bautizado* findet sich auch sonst oft; (so *Menezes* Mal. conq. V, 25; VI, 60 etc. — Pavia, Sermões I. fol. 87.)

III, 67 und X, 145 bieten die meisten Asg. mit wenig Ausnahmen (F G L) ,*No* mais.'

Die Verbindung ,*no mais*' (st. *não mais*) weist *Fonseca* als *stereotyp* nach aus *Luis Pereira*, Eleg. cant. XI ,*no* mais, *no* mais agora, afflicta Musa' und *Jeronimo Corte Real* (Cerco de Diu ct. XIX.), ,*vinte leguas no mais dalli.*[3]) — V, 15 liest M *ussas* st. *ursas* (sp. orsas) mit Hinweis auf *Diogo Bernardes* (o Lima, cart. 2 ,vão como parto *d'ussa*'[4]) (cf. Diez W. I, 225). — Keine ältere Asg. hat so, wesshalb es in den Text *nicht* aufzunehmen ist. — IX, 14 hat

---

[1]) Dagegen *A. Caminha* p. 52 porfia, p. 393 porfioso.

[2]) cf. *F. Pinheiro de Souza* (Gramm. d. port. Sprache, Lpz. 1851 pag. 31) ,Estamago und nicht estomago sagten die Classiker, aber man zieht es vor, estomago zu sagen, welches schon Brito in seiner Monarch. Lusit. tom I, pag. 189 gebrauchte.' — *Braga* (Bibl. Crit. 261) sagt: Conservamos ,estamago' usado por *Franco Barreto*, que significa ,indole, inclinação' em vez de ,estomago' que tem uma significação muito precisa na forma moderna e quasi toda anatomica. É preciso não alterar a côr poetica da lingua e não a modernisar nestes monumentos'.

[3]) Warum L III, 67 ,não mais' und X, 145 ,nó mais, Musa, nó mais' — noch dazu mit Akut schreibt, ist bei der Uebereinstimmung aller alten Ausgaben nicht einzusehen. — Auch Parn. lus. II, 19 führt Beispiele für no mais an und bemerkt dabei: Eis como ficam logo colhidos ás mãos os que sem ler os classicos se mettem a fallar de linguagem antiga.'

[4]) *Fernão Lopes*, Chr. de D. Fern. Cap. 99: ,nem porco nem husso.'

M Correa ‚a secca *frol* statt *flor*, ebenso IX, 60 ‚a *frol* Cephisia', was M für ursprünglich hält.[1]) p. 543.) *Neves* in seinem Werke ‚*Causas da decadencia da lingua Portugueza*' sagt (pag. 384): ‚*frol* disseram os nossos antepassados formando o vocabulo de origem *latina*, mas com dissimilhança para que se conhecesse portuguez. Este se mudou depois em *flor*. E porque? Seria para o approximar á origem latina? Não havia n'isso interesse? Polo gosto do ouvido? Isso sim'.

Wohl ist ‚*frol*' im *Cancioneiro d'El-Rei Dom Diniz* häufig (p. 70, 144, 145 etc.), doch hat sich gerade in *flor* (vgl. Diez G. 213, 3) die Liquida überall erhalten; keine ältere Ausgabe des Camões liest so; darum hat selbst M die Lesart nicht in den Text aufgenommen.

Ebenso verhält es sich mit X, 110, wo M ‚*aliphantes*' statt ‚*elephantes*' liest. Diese offenbare Verstümmlung (so in *Jeron. Corte Real*, Cerco de Diu ct. 21 ‚*armados alifantes*') hat keine der ältesten Ausgaben und, wenn sie auch im Gebrauche war, so stund sie wohl im Originale des Camões nicht.

II, 5 und an andern Stellen liest M ‚*stá obrigado*', wodurch der Vers allerdings harmonischer wird. — *Duarte Nunes de Lião* ‚*Orthogr. da ling. port.* regr. VI', erklärt das e vor *s impurum* als ‚*grande error e má maneira de screver*'.[2])

Aber dieses prothetische e wird immer, *ja sogar etwas aspiriert gesprochen*. — *Diez* (Gr. I, 241) bemerkt vielmehr, dass es im Altkatalanischen bisweilen nicht geschrieben, *trotzdem aber gesprochen wird*, ja selbst eine Silbe im Verse ausmache. (*Milá* Jahrb. V, 176 vgl. auch *Diez* I, 381.) — Es ist darum *überall* ohne Bedenken die allgemeine Lesart *está* beizubehalten.

Despois hat als ältere Form bei *Camões* den Vorzug vor *depois*, wie *Manoel Correa* schreibt. Auch ist die Schreibart *resposta* gegen die von B u. a.[3]) gebrachte *reposta* als *etymologisch richtiger* aufrecht zu erhalten. Auf die Akademie kann man sich hier ebenso wenig wie bei andern Gelegenheiten berufen, denn sie schreibt z. B. *Caminha* pag. 127 ‚*reposta*', dagegen pag. 372 ‚*resposta*'.

Eine Anzahl Wörter hat *verschiedene Deutung* erfahren.

II, 36 lesen wir:

‚da *alva petrina* flammas lhe sahiam.'

gegen *Faria*, *P. Thomás*, *F G*, welche ‚*pretina*' haben.

Morais erklärt ‚*petrina*' — ‚o logar, onde se ella aperta; isto é a *cintura*', *Faria* als ‚*cinto*' und *Bluteau* schreibt ‚*petrina* — palavra castelhana val o mesmo que *cinto* e chama-se *petrìna* por ventura, porque cinge o *peito* Ainda hoje se chama *jubão de petrina* certo jubão *dos Saloios do Porto*. Costumava Sylla chamar a Cesar *feixe mal atado* por ser costumado de Cesar andar com a petrina muito

---

[1]) cf. M p. 537: com effeito f r o l em vez de f l o r era pronuncia mui usual nos quinhentistas, was er mit *Barros*, *Jeronimo Corte Real* und *Fernão Mendes Pinto* belegt.

[2]) cf. Parn. lus. III, 266.

[3]) B ist ohne Consequenz; z. B. V, 33; VII, 63, 65: IX, 16 r e p o s t a, dagegen V, 54 r e s p o s t a

larga. (Mon. Lus. tom. I. fol. 310 col. II.) Na oitava 36 do Canto II, em que descreve *Camões* as vestiduras de *Venus* diz este poeta: ‚*Da alva petrina* etc.' No texto e no commento está ‚*pretina*'; deve ser error da impressão.'

Diez, (Etym. Wörterb. II, 402) sagt: ‚*Poitrine* fr. pr. *peitrina* Brust; gleichsam *pectorina*, noch dauph. *peiturina*; ursprünglich wohl Bruststück oder Brustriemen = sp. *petrina*, *pretina* Gürtel,[1]) altsp. *petrina*, aber auch für *pecho* (Mar. Egipc.). Altfranz. hatte man noch *pis* (pr. peitz Euter) altf. Brust'. — Ebenso erklärt es *Duarte Nunes de Lião*. (vgl. *Diez* Altrom. Glossare S. 21 unter femur.).

P im Commentare hält *petrina* fest und erklärt es zwar als ‚Gürtel', aber leitet es nicht von *pectus*, sondern von einem aus *petra* gebildeten Adj. ‚*petrinus, a um*' ab mit der *gewaltsam herbeigezogenen Erklärung:* ‚Nós nos inclinamos antes a creer que venha do Latim ‚*petrinus, a, um*', cousa que tem *pedras* e se désse esse nome ao cinto depois que o luxo introduzio o costume de se ornarem com *pedras* preciosas.'

Andre endlich *(J. M. de Souza)* und ganz besonders *Morgado Matteus*, der immer glaubt unfehlbar das richtige gefunden zu haben, nimmt das lat. *pectus (Roquefort*, gloss. de la langue Rom.) und das davon gebildete provenzalische ‚*peictrina*' *(peitrina)* und erklärt es einfach als ‚*Brust*'.

Dabei beruft er sich auf *Arnaut de Maroill* (cf. Bartsch, Chrest. prov. pag. 91, 40) wo es (in dem Gedichte ‚domna, genser que no sai dir') heisst:

‚Menton e gola e *peitrina*
blanca com neus ni flors d'espina'

und will beweisen, dass *Torquato Tasso* diese Stelle übersetzt habe:

Mostra il bel *petto* le sue nevi ignude,
Onde il fuoco d'amor si nutre e desta.

Dass dies offenbar keine Uebersetzung ist, erhellt auf den ersten Blick. Betrachten wir indessen die Stelle selbst, so finden wir, dass es nur ‚*Gürtel*' heissen kann, wie es *Eitner* richtig übersetzt:

‚Vom lichten *Gürtel* strömen Flammen aus'.

Der Dichter beginnt mit dem *Haupthaare* der Göttin die Schilderung (Z. 1), steigt zum schneeweissen *Halse* (Z. 2) herab, schildert (Z. 3) die erregten *Brüste* — as lacteas tetas —, dann offenbar (Z. 4) den *Gürtel (petrina)* und von hier aus die dünne Hülle des *Unterleibes* (XXXVII, 1). Warum sollte er der Brüste *zweimal* Erwähnung thun, wenn er die Göttin *von Glied zu Glied herabsteigend* schildert? So sind es neben den etym. Gründen *hauptsächlich sachliche*, die für die Uebersetzung ‚*Gürtel*' sprechen.

IV, 49. As *pandas* azas. — Pandas hat vielfache Erklärungen erlitten. *Ignacio Garcez Ferreira* schreibt: ‚abrindo as *pandas* azas é um pleonasmo, pois *pandas* quer dizer ‚*estendidas*'. Gegen diese

---

[1]) In diesem Sinne steht es schon bei *Garcia de Resende* (cf. L p. 379). — Es ist eben, ob es petrina oder pretina heisst, denn die Metathese der Liquida *r* ist nichts seltenes, das, was die Brust umgiebt, wie auch im Nhd. ähnlich ‚das Leibchen'.

Auffassung eifert *M. Matteus* und *Fonseca* erklärt übereinstimmend mit *Faria e Souza* (p. 480) ‚*pandas*' durch ‚*curvas, concavas, tiesas*'. Diese Erklärung ist weder poetisch noch etymologisch entsprechend.

Pando (vom lat. *pandere*) kann doch nur ‚*ausgebreitet*' und dann etwa ‚*was sich ausbreiten lässt*' heissen. Somit dürfte die geeignetste Uebersetzung ‚*schwellend*' sein, wie dies schon jedes Wörterbuch zu *pando* bemerkt.

VI, 18 lesen die meisten (F G P N)

‚ostras e *breguigões*'

(A AA *camarões*, B *birbigoẽs*, *Franco Barreto* ‚*berbigões*', L *misilhões*, R *mexilhões*). Nach den Gründen, die L (pag. 388) gibt, ist *misilhões* (vgl. 17) die beste und sachlich am meisten entsprechende Lesart. — Eine Eigenthümlichkeit von M ist der strenge Unterschied zwischen *per* und *por*,[1]) indem er (pag. 406) festhält: ‚*per* indica *o agente, o meio; por* denota *o objecto, o motivo* (= frz. *par* und *pour*). Die Durchführung ist ziemlich schwierig (cf. Diez G. III, 235; Etym. Wtb. I, 329). M schreibt also I, 1 *per* mares; I, 12 pois *polos* doze u. s. w. ähnlich I, 6 *pera* do mundo (= *para* catal. Präp.) IV, 71 *pera* elle (so zuerst *Gendron*) u. s. f. Die ältesten Ausgaben führen keinen Unterschied durch, so dass wir ihren Text belassen werden.[2])

Die *Conjugation des Verbums* ist, was *Umlaut* betrifft, bei *Camões* öfter nach *span.* Art. (cf. *Pedr. José da Fonseca* ‚*rudiment. da ling. port.* p. 347). Es findet sich dieser Umlaut öfter auch in der *zweiten* und *dritten Person Indik. Praes.* beibehalten und also nicht blos *sigo* (IX, 77) und (im Conjunktive) *impidas* (VIII, 75), sondern auch *sigues, sigue*. Indessen scheint dies sehr willkürlich gewählt zu sein, denn wie IX, 27 ‚*consente*', so findet sich II, 61 dreimal gegen die Grammatik der Imperativ *fuge* (statt *foge*). — M hat überall (z. B. III, 30, 68 *sigue*) den Umlaut, wo ihn die andern nicht haben. — I, 90 hat R *estróe* statt *estrue*, was (nach Bibl. Crit. 262) correcter ist.

III, 129 lesen die meisten Ausgaben den *Ind. Praes. mouro* statt *morro*, II, 41 den Conjunktiv *moura* statt *morra*.

Bei einer grossen Anzahl mit *a* anlautender Wörter haben mehrere Herausgeber aus metrischen Gründen das *a* abgeworfen. So z. B. III, 38 *a alevantar* (B L N Q R S), *a levantar* (G M); III, 130 *alli appregoam* (B N Q S) — *alli pregoão* (G L M R), IV, 87 *está assentado* (B G L N Q) — *sentado* (M); VIII, 49 *adormeces* (B G L N Q R S) — *dormeces* (M); X, 45 *mas alembrou-lhe* (B L N Q R S) *lembrou-lhe* (G M) u. s. f.

Die ältesten Ausgaben haben fast alle das anlautende *a*[3]) und

---

[1]) So z B. *El-Rei Diniz* 15; *Sá de Miranda* 34; *Bernardim Ribeiro* Eclog. V; *Andr. Caminha* 102 u. a. m. — cf. regra X, in *Duarte Nunes de Lião* (Orthogr. da ling. port.). Auch Parn. lus III, 268 fordert (Lus. I, 1 per mares und den Vers (VIII, 19) ‚per quem' und führt II, 215 *Fonseca's* Bemerkungen an.

[2]) Zu *Ber. Ribeiro* ‚Levada pera outra terra' schreibt Parn. lus. II, 246: ‚Pera em vez de para era como escreviam os classicos.'

[3]) Die Akademie in der Ausgabe des *A. Caminha* zieht die Lesart levantar, lembrar etc. vor.

vor einem Vokale, besonders vor *a* ist es recht wohl zu belassen (z. B. III, 38; IV, 87). — Doch haben VII, 62 alle Herausgeber *lianças* statt *allianças*.

Dieselbe Variante wiederholt sich bei *inda* und *ainda*.

Bei einer Masse von Stellen haben Rücksichten auf die *Grammatik* und den *Sinn* Anstoss erregt. Hier mag wohl am besten darnach geändert werden, was bei der Unzulänglichkeit der alten Drucke kaum ein allzu grosses Wagniss ist.

So lassen sich *mit Rücksicht auf die Grammatik* folgende Stellen verbessern oder erklären:

III, 61 heisst der überkommene Text:

, ... por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando *lava* . . . .'

Das Subjekt hiezu scheint logisch ‚*frescas aguas*' zu sein; deshalb haben einige Ausgaben (M N Q S) ganz geschickt *lavã* geschrieben; aber die Mehrzahl (B F G L P R) behielt das überlieferte *lava*, denn ‚lavã, e Torres-Vedras' ist metrisch etwas störend. Es ist hier eben ‚o tom' das *gramm.* Subjekt, wobei sich der Dichter allerdings eine eigenthümliche Ausdrucksweise erlaubte, indem er hier die Verba gewissermaassen verstellt, so dass dies ‚*murmurando lava*' eher zu fassen ist ‚as *lavando murmura*' (= der sie bespülend dahin murmelt) wie VI, 92 murmurando soa. So ist eine wenn auch hübsche Conjektur erspart.

Aehnlich ist die Stelle IV, 30:

‚Uns *leva* á defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la'.

Auch hier haben einige (F) nach dem Vorgange des *P. Thomás* die Lesart *levã* vorgeschlagen, wozu sie zwei Gründe verleitet haben mochten. Einmal konnten sie *uns* als *Nominativ* fassen, oder aber *levam* wegen des folgenden pluralen ‚*as esperanças*' verlangen. Den Acc. *uns* als Nominativ zu erklären, verbietet jedoch sowohl die überlieferte Form *leva* als noch mehr die Bedeutung des Verbums *levar*, das eben hier ‚*erheben*, *beseelen*' heisst.

VII, 70 lesen zahlreiche Ausgaben (L N O Q R S) nach *Aquino* ‚*fresca Goadiana*'. Aber Camões behandelt alle Flüsse als Maskulina, ja oft selbst solche, die ausdrücklich im Lat. als *Feminina*[1]) gelten, z. B. Son. 73 *do* Lethe, weshalb *fresco* sich wohl empfiehlt (G M).

VIII, 62 haben fast alle Ausgaben:

Que signal, nem penhor não *é* bastante
As palavras d'um vago navegante.

und IX, 89

Outra cousa não *é* que as deleitosas
Honras . . . .'

[1]) Allerdings IV, 80 ‚a Estyge'.

In beiden Fällen haben sich einzelne Herausgeber, wie sie motivierten, *„aus gramm. Rücksichten“* für ‚não *são*‘ entschieden. Ohne jeden Grund! Im Gegentheile wäre IX, 89 dann erst falsch. Sollte IX, 89 *é* anstössig sein, so möchte ich etwa (st. *não he*) *não ha* (= es gibt nichts anders als . . . .) empfehlen; aber VIII, 62 ist *é* recht wohl beizubehalten. Abgesehen davon, dass *não são* Kakophonie ist[1]), sind solche Fälle, wo die Copula mit dem *Prädikate* statt mit dem *Subjekte* congruiert, oft nachzuweisen (cf. Diez Gr. III, 289).

X, 2 haben Aeltere (B)

‚Mesas d'altos manjares excellentes
Lhes tinha apparelhad*os*.‘

was mit Beziehung auf *mesas* nur ein *Druckfehler* statt apparelhad*as* sein kann.

Eher zu vertheidigen ist VII, 33 ‚de sabi*os*‘ (B G L R), obwohl natürlicher sabi*as* (M N Q S) mit Rücksicht auf gentes ist.

X, 128 ist nur dadurch zu verbessern, dass im Widerspruche mit A und AA *molhado* und *escapado* und voran dann statt *os cantos* der Singular *o canto,* auf den sich gramm. *vem* ebenso wohl beziehen kann, geschrieben wird. Es empfiehlt sich diese Aenderung jedenfalls besser, als wenn (mit G L) das Original *auf Kosten des Reimes* erhalten wird.

Der Sinn zahlreicher Stellen wird oft durch kleine Aenderungen wiedergefunden.

I, 5 lesen (nach *M. Correa*) die meisten Ausgaben (A AA B G N)

‚Gente vossa que *a* Marte tanto ajuda,‘

L (cf. p. 377) vertheidigt ‚*que* Marte‘, (M Q R S) hat ‚*a* que Marte‘. Beide Lesarten sind besser als das Original; denn einerseits zeigt L ganz richtig, dass der Gott nicht der menschlichen Hülfe bedarf, andrerseits wäre es gewaltsam, wenn man diese Erklärung umgehen wollte, dem Verb *ajudar* die erst nachzuweisende Bedeutung ‚*erhöhen, dienen*‘ (= lat. *augere*) „das zum Ruhme des Mars *beiträgt*“ beizulegen. Darum ist a vor que zu stellen „Euer Volk, dem Mars *(o patrio Marte,* IV, 15) so sehr beisteht“ (porque a gente forte o merecia I, 36[2]).

II, 17 lesen mehrere (B G L M R) ‚E com esta traição‘ statt des gewöhnlichen ‚E *n*esta traição‘. — *Com* ist jedenfalls dem Sinne entsprechender, *doch nicht überliefert.*

III, 71 haben alle Ausgaben ‚de ti victoria *dina*‘, nur L und R lesen ‚*indina*‘, was trotz der Anmerkung (L p. 380) *unnöthig* ist.

IV, 11 liest L ‚os soberbos *moradores*‘ (statt *matadores*). Weder ältere Varianten, noch der Sinn der Stelle zwingen dazu, diese Correktur Faria's anzunehmen.

IV, 16 lesen L N O R:

Venceram esta gente tão guerreira?

alle andern das handschriftliche ‚*vencestes*‘.

---

[1]) Ein Grund, der allerdings durch andre Beispiele, z. B. I, 93 prazer fazer, entkräftet würde.

[2]) *Bibl. Crit.* 261: ‚uma simples mudança da preposição em pronome torna o sentido verdadeiro.‘

M. Matteus bemerkt: ‚Assim (*venceram*) se deve ler este verso e não ‚*vencestes*', como se vê em todas as edições' und L (p. 381) sagt: (Vencestes) é um *erro de grammatica*[1]), em que não cahiria um principiante da escola, quanto mais um mestre da lingoa, como Camões.'

Die Lesart ‚*vencestes*', die unbeanstandet durch *alle* alten Ausgaben (auch die von *João Franco Barreto*) ging, ist trotzdem nicht nur *richtig und poetisch,* sondern an dieser Stelle sogar zweckentsprechend und wird durch das folgende *puzeram* nicht in Zweifel gestellt.

„Seid *ihr* nicht die Nachkommen jener — (*also Ptg.*) die *ihr* einst dies Volk besiegtet, als *jene* („aquelles = eure Ahnen) so viele Truppen in die Flucht jagten." [2])

Die *That (puzeram* em fugida — *trouxeram* presos — *tiveram)* wird *den Kriegern des Infanten* zugeschrieben, der Sieg von *Valderez* jedoch in seinen Folgen, der Thatenruhm ist *der ganzen Nation und vornehmlich den hier angeredeten Soldaten* gemeinsam.

IV, 29 liest L

‚o temor é *menor* muitas vezes'

alle andern *maior.* — *Menor* ist allerdings zu erwarten[3]), nicht nur was den Ausdruck an sich betrifft ‚*Nos perigos grandes o temor é menor muitas vezes que o perigo*', sondern auch wegen der weiteren Ausführung, wo der Dichter an seinen Satz anknüpfend sagt, dass der Kämpfer den Verlust eines Gliedes — ja des Lebens nicht mehr beachtet; (vgl. die lange Begründung in L p. 381—384) *allein es steht nicht im überlieferten Texte.*

V, 16 setzt L *eu* ein:

‚Ainda que *eu* tivesse a voz de ferro'.

V, 86 lesen G L M R (mit Faria):

‚Agora *julga,* o Rei, *se* houve no mundo
Gentes . .

A AA N haben:

Julgas agora, Rei, *se* houve . .

ältere (B und 1651) und Franco Barreto:

Julga tu agora, Rey, *se* ouuve.

Francisco Freire de Carvalho, Q und S:

Julgas agora, Rei, *que* houve . .

Wenn wir uns auch *einzelne Buchstaben und Silben* an älteren Ausgaben zu ändern erlauben dürfen, so müssen wir doch *in der Umstellung mehrsilbiger Wörter* behutsam sein. Es wäre also die Wortfolge von A und AA beizubehalten: *Julga agora* etc. So zu schreiben ist gegen den Vers, obschon sich bei *Camões* Fälle finden, wo die *Synalephe* (selbst bei kurzem e) *nicht* beachtet ist (z. B. IX, 90 Sobre *as* azas).[4])

---

[1]) Vgl. VII, 1 , Ora sus, gente forte, que q u e r e i s'.

[2]) Auch *Braga* (Bibl. critic. 265) findet v e n c e r a m ‚mais correcto e puro logica e grammaticamente'.

[3]) Auch *Braga* (Bibl. crit. 265) sagt: ‚É justa a observação; n ã o s e a l t e r e o t e x t o, mas fique a variante proposta para o leitor erudito.'

[4]) *Pedro José da Fonseca* (Tratado da versif. port.) weist nach, dass dies bei älteren Dichtern öfter vorkomme, und *Leonel da Costa* sagt in einer vor

Wollten wir also hier unserm Dichter eine Unregelmässigkeit zur Last legen, so hiesse der Vers (mit Streichung des *s*) nach A und AA:

Julga agora, Rei, *se* houve no mundo[1]).

(Das *tu* von B ist nur aus metrischen Gründen eingeschaltet.)

Sollte aber weder dem Dichter ein Unrecht geschehen, noch das *s* von julgar fallen, so entspräche *dem Sinne und der Grammatik* der *Conjunktiv statt des Imperatives:*

Julgues agora, Rei, *se* houve no mundo,

wodurch *die älteste Wortfolge und Schreibart am getreuesten erhalten bliebe.*[2]) Die Variante des Carvalho ‚*que* houve' ist kaum zu rechtfertigen.

IX, 46 ist wohl kein Grund, das überlieferte ‚*no* coração dos deoses' mit L (cf. p. 392) in ‚*o* coração' zu ändern; ebenso unnöthig ist X, 84 die Aenderung von *L* und *M* ‚nem *nego*' statt ‚*nega.*'

Eine grosse Anzahl von Varianten beruht auf Zweifeln über *einen einzigen Buchstaben.* (z. B. II, 29 tendo statt des richtigen ‚vendo.')

I, 29 haben jetzt alle Ausgaben ‚to*rn*arão' statt des von *Francisco Manoel* gebrachten ‚to*m*arão'.

I, 36 liest *Franco Barreto* ‚*todas as partes*' statt *todos.*

I, 47 lesen einige (F M P) ‚tem ad*a*gas'[3]) (Dolch) statt ‚ad*ar*gas' (kleiner Schild I, 87; VII, 39). *Adaga* und *terçado* wären zwei Angriffswaffen (cf. *Diez* Etym. Wtb. I, 410 targa.)

I, 83 haben einige (A AA F G P)

‚Va cahir, *onde* nunca se levante'

was schon *M. Correa* als ‚*erro manifesto*' bezeichnet statt des richtigen *donde* oder *d'onde* (M).

I, 89, 6 lesen B G (und *Franco Barreto* I, 94 u. a.) ‚*lhes*' statt ‚*lhe*' — eine oft wiederkehrende Variante.

III, 3 hat A: ‚não me mandas *c*antar' statt *c*ontar[4]), was schon AA liest. — Wegen der Lesart (IV, 57) Ca*l*iz statt Ca*d*iz siehe *Bopp* vgl. Gr. 2. Aufl. I, 29; Diez Gr. d. r. Sp. I, 235.

V, 33 lesen mehrere Ausgaben *tecida* (A[5]) B N) statt *crescida*, was schon *Manoel de Lyra* (1584) hatte, wie es auch *Faria* aufnahm.

V, 85 ist die alte Lesart ‚*dará saude*' gegen die Variante (M pag. 500) *dera* festzuhalten.

VI, 39 lesen die ältesten Ausgaben ‚*mas*[6]) estregando.' So auch

---

seiner Uebersetzung der *Georgika* und *Eklogen* des *Vergil* stehenden ‚epistola ao leitor von *Camões:* ‚Muitos dos seus versos não estavam constantes mas faltos e imperfeitos por deixar algumas vezes de fazer a synalepha que se ha de fazer na ultima vogal precedente e na primeira da seguinte.'

[1]) Ebenso V, 69 Ora vê, Rei'; V, 70 ‚Ora imagina agora.' — Die Frageform V, 71, 72 ‚Crês tu'.

[2]) Ebenso VIII, 26 ‚Mas não passes os tres'.

[3]) So citiert auch Costa (III, 264) den Vers.

[4]) I, 91 vermuthet *Braga* (B. C. 262) das Subst. conto statt des mit páo synonymen canto.

[5]) cf. G pag. 420; L pag. 388. Nach L ist in AA nur cida leserlich. —

[6]) Die Lesart mal statt mas (B), wo mal soviel wie ‚apenas, a custa, zu bedeuten hätte, ist unhaltbar.

M. Matteus, der es vom lat. *extergere* ableiten will und mit ihm F L S. — Die meisten und besten Ausgaben verbessern jedoch diesen offenbaren Druckfehler in ‚*esfregando*'. Dann ist ein Komma *nach* esfregando zu stellen: „die gegen ihren Willen offenen Augen *reibend*". Die Phrase ‚es*fr*egar os olhos' ist unbestritten und findet sich z. B. im Hyssope II, 190. ‚Aqui os turvos *olhos esfregando*'; ebenso V, 15; 440.

VI, 56 haben alle bessern Ausgaben nun *Emporio* st. *Imperio* (B) aufgenommen.

VI, 75 lesen einige ‚leva o mas*tr*o', andere (B) ‚o masto', was am Sinne nichts ändert.

VII, 70 liest A: ‚Do *rio* Tejo e fresca Goadiana'.

Dies *rio* nimmt sich lahm aus und findet sich auch *selten* zu einem Flussnamen gesetzt, in den Lusiaden *ohne Epitheton* z. B. III, 11 Albis *rio* (VII, 11) (mit Epitheton Camões, da creaçam II, 35: ‚Neste divino e sacro *rio* Jordão'). —

Schon AA hat *rico* st. rio und diese Lesart ist nun in alle Ausgaben übergegangen. — *Rico* sagt *Camões* gewöhnlich von *Ländern* (III, 72; V, 73; VII, 12), *Städten* (VII, 22), *selten von Flüssen*. Zwar könnte man auf den schon im Alterthum bekannten Goldreichthum des *Tajo* (Ovid. Met. II, 251)[1]) hinweisen, von dem *Camões* (Eleg. 2) o *dourado* Tejo, (Eclog. 8) ‚Area d'ouro que o *rico* Tejo espraya' spricht; aber an und für sich, wo der Sinn nicht darauf führt (wie Ecl. 8) gebraucht Camões *rico nie* als Epitheton dieses Flusses; denn Eleg. III

vejo o puro soave e *rico* Tejo

lautet in den alten Ausgaben (St. 63) ‚suaue e *brando* Tejo', eine Bezeichnung, wie sie auch Canc. 4, Ecl. 2, ähnlich manso (Ecl. 3), doce (Lus. IV, 84), ameno (Lus. III, 58), dann auch claro (Lus. III, 42, 55 Od. VI) charo (Lus. V, 3) suave e ledo (IV, 10) u. a. sich findet.

Dagegen ist zu bemerken, dass *Camões* in einer Art von Parallelismus die Adj. *fresco* und *frio* ganz gewöhnlich nebeneinander (VI, 23; VII, 43) oder nicht ferne von einander (IX, 51, 52) stellt.[2])

Frio ist gewissermaassen gleichbedeutend mit ameno (Ecl. I, valle ameno e *frio*) und wird zu *Quellen* (V, 21, 69; VI, 16) und verschiedenen *Flüssen*: *Meotis* (III, 7), *Rheno* (III, 11), *Axio* (III, 13), *Garumna* (III, 16), *Phasis* (III, 71), *Sanagá* (V, 7), auch zu südlichen wie (X, 127) ‚Nilo *frio*' gesetzt.[3]) IV, 23 gebraucht Camões in demselben Parallelismus die beiden Adj. *und zwar von den Gewässern des Tajo:*

Joanne forte sahe da *fresca* Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte *fria*
Do Tejo logra as aguas abundantes.

[1]) Quodque suo Tagus amne vehit, fluit ignibus, aurum'.

[2]) So auch anderweitig in den romanischen Sprachen, z. B. *Peire Guillem* (Nouvelle allégorique Bartsch, Chrest. 266, 5): ‚On cor fontaina sul gravier, *fresca, freja*, clara e genta.'

[3]) So auch V, 73 ‚Noto manso e *frio*'.

Da nun A und AA auseinandergehen, würde vielleicht VII, 70

,Do *frio* Tejo e fresco Goadiana'

zu lesen sein, um so mehr als schon III, 71 dieselbe Variante mit *rio* (B) und *frio* Phasis sich findet und Ecl. II der Tejo ,*frio e* doce' heisst.

VIII, 34 lesen jetzt fast alle Ausgaben:

,Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano'.

Die Stelle dürfte wohl nicht verlieren, wenn statt des ersten o die Conjunktion e [1]) eintreten und die Lesart *perjuro* (von A) statt der (von AA) *perjurio* beibehalten würde, so dass es hiesse: ,Schau den Verräther *und* wie er büsst den *treulosen* und schnöden Betrug, den er verübte'. Denn wenn wir *perjurio* als Substantiv fassen, so erwarten wir den Artikel *o* vor engano.

IX, 16 ist die Lesart *Faria's* ,*ti*midos e ledos' (statt *te*midos)[2]) nun allgemein angenommen.

Ein der Stelle VIII, 34 ähnlicher Fall ist X, 75, wo jetzt mehrere Ausgaben statt des Sbst. *harmonia* das Adj. *harmonica* setzen.

IX, 30 will M *to*ada ohne Grund statt des handschriftlichen *so*ada.

IX, 50 findet sich schon in AA das richtige *as* guiava (st. *os*), wie Souza (mit A) liest.

X, 102 lesen die meisten ,de Arabia e *persias* terras abundantes', wo *Faria* wohl unrichtig das Subst. *Persia* (im Sgl.) und *terras abundantes* als Apposition zu *Arabia* und *Persia* nahm.

X, 156 liest A M R ,os *mouros* de Marrocos', AA B L N Q S ,os *muros* de Marrocos'. Andre (G) schreiben ,Os *Mouros*'. Es liesse sich zwar der Ausdruck ,*romper os Mouros*' (die Mauren vernichten, ihre Macht brechen) poetisch denken (cf. VIII, 20), doch ist entschieden ,os *muros*' vorzuziehen, wie auch in einer unterdrückten (zum VIII. Gesange nach der 32. Strophe gehörigen) Strophe in dem von Faria aufgefundenen Manuskripte steht:

Nos *muros* de Marrocos e Trudante,

wo auch G *muros* liest.

Wie einzelne Buchstaben, so sind auch *kleine Wörtchen* theils *verstümmelt,* theils *ausgestossen,* theils *verstellt* worden.

I, 46 hat E ,O *Padre* o sabe' statt ,O Pado'.

I, 54, 4 hat E L überall *de* wiederholt. — I, 106, 7 streicht *Franco Barreto* das *se* vor *indigne,* ebenso II, 75 *o* vor *merece.*

II, 55 macht L aus ,*que mostrou*' ,*mostrará*'. Die Gründe (L p. 379) sind zwar richtig, doch findet sich nirgend ein Anhaltspunkt dafür, wohl aber *metrische* Gründe *dagegen.*

---

[1]) Dieses e hätte die Funktion wie oft das lat. et, (Englmann § 368, 3) eine Construktion, die in den Grammatiken der romanischen Sprachen viel zu wenig betont wird. Es knüpft nämlich einen Satz (meist Relativsatz) an ein (attributives Adjektiv an, z. B. *A. Herculano,* o monge de Cistér (Lisb. 1848) I. pag. 75. ,Granada, mãe de valentes soldados *e* donde podia partir o raio'.

[2]) L (p. 390) nennt temidos ,erro solemne de ambas as edições originaes'.

IV, 5 liest M *ganz unbegründet*: *dão respeito* statt *nem respeito*.

Wenn Fonseca I, 14 eine Umstellung will und ‚*fizeram so* (statt *se*) *per armas*' statt: *se* fizeram por armas' schreibt, so ändert er die ganze Stelle. Der Dichter meint: ‚Meine Verse sollen nicht vergessen jene, die *sich* (se) erhaben (subidos), *euer* Banner siegreich machten.'

II, 41 haben nun fast alle Ausgaben das fehlende *se* in ‚*Se lhe impedira*' (cf. IX, 81) eingesetzt.

Aehnlich V, 41, wo bei einigen (A G) *já* fehlt. Indessen ist *tanto tempo ha já* bei Camões fast *stereotyper*[1]) *Ausdruck* geworden, (Son. 46) und wenn *já* VI, 5 unbeanstandet gelesen wird, warum sollte es hier fehlen?

V, 66, 3 liest B ‚O largo mar', statt ‚No largo', und setzt nach mar ein Komma, wodurch dies Akkusativ zu cortando würde.

V, 83 schlägt M als correkter vor zu lesen:

‚assi mesmo *como nossos*.'

statt des allgemeinen ‚*aos nossos*'. — Beachtenswerth ist VI, 6 die Lesart (B M) ‚*Mas o mao Thyoneo*' statt ‚*de Thyoneo*'. — Der Ausfall von q wäre VI, 30, 5 möglich:

Vedes *que* o vosso mar (M)

statt *vedes o vosso mar*, aber *wegen der gleichartig fortgesetzten Construktion* (7) *unwahrscheinlich*.

VIII, 61 streicht *M. Correa* das *dritte que*.

VI, 34 ändert *Faria* (und G) ‚se *por dita*' in ‚*por ventura*' und setzt das *se* eine Zeile höher ‚*por ver se o preço*'. Dadurch wird zwar die Construktion klarer, doch fehlen in den ältesten Ausgaben hiezu *alle* Anhaltspunkte, so dass sie nicht anzunehmen ist.

VIII, 9 ist ‚*despois de ter co'os Mouros* superado' überliefert. *João Franco* und *Man. de Faria* änderten zuerst in

‚despois de ter *os* Mouros superado'

(B G L M). — Die Gründe, die *M. Matteus für die Beibehaltung des com* anführt, sind angethan für die alte Lesart zu stimmen (vgl. IV, 8) und zu übersetzen: „Nachdem er *bei* den Mauren (N sagt = ‚nas guerras co'os Mouros') die Galleger und Leoneser *(an Tapferkeit)* übertroffen hatte." Denn seine Kämpfe mit den Letztern fallen ja nach dem Kreuzzuge.

VIII, 93 lesen L R ‚*em* que venha' st. ‚*com* que venha' ebenso X, 42 L M: ‚*Em* que a torne' statt ‚*com* que'.

VIII, 98 setzen L M R nicht unpassend den bestimmten Artikel ein:

‚este *aos* mais nobres'

wo die gewöhnliche Lesart ‚a mais nobres' ist.

IX, 21 ist eine vielfach emendierte Stelle. A und AA schreiben:

‚*Da primeïra co terreno seio*'

so auch (nur co in co'o aufgelöst) D N Q S. — B hat: ‚*cõ a* primeira do terreno seyo'.

Die älteste Lesart vertheidigt *M. Correa* mit der Versicherung, *dass er sie so aus des Dichters Munde gehört habe* (cf. p. 243 der

---

[1]) Nur VII, 79 ‚ha tanto tempo'.

Asg. v. 1633) gegen die schon damals existierende (von *Man. de Lyra*, *Faria*, *P. Thomás* aufgenommene) Lesart (G L M R)

,*da mãy* primeira *co'o* terreno seio'

Andre endlich *(João Franco Barreto)* lesen:

,*Com a* primeira do terreno seio'.

Die Gründe, die L (p. 390) für die Einsetzung von *mãy* anführt, sind wohl beachtenswerth, doch zu einer so einschneidenden Aenderung nicht berechtigend.

IX, 81 setzt L ,Se lhe mudar*á*', wo wir ,Lhe mudar*ás*' haben.

IX, 83 streicht M das zweite na in ,na manhãa e *na* sesta' ohne Grund.

Kann *bei kleinen Wörtern* eine Aenderung angenommen werden, so ist sie *bei mehrsilbigen* zu vermeiden, wo man am besten an den ersten Ausgaben festhält.[1])

So z. B. II, 67 por acêrto, *nicht* mit *Frc. Barreto ,em salvo'*; III, 42 em força *e gente* nicht mit (M. Correa), ,em força *grande'*; III, 65 viu-o o *senhor* d'ella st. (mit Faria und B) a *serra* d'ella (cf. L p. 379; N p. 382); III, 130 *feros* vos amostrais statt (mit F G) *ferozes*; IV, 20 *forças Africanas* statt (mit M) *gentes* Africanas; IV, 24 *o fero* Hunno statt (mit A G) *o forte* Hunno; X, 105: Da *natura e dos* dões, nicht ,*da natureza e dons;* X, 124 *Alguns* que fosse Ophír statt (mit G) *Outros* que fosse u. dgl. m.

IX, 9 lesen die ältern Ausgaben: ,faz *represalia* n' huns' (B represaria nũs). — *Man. de Faria* schrieb unbegründeter Weise ,faz *logo presa* em *huns'*, was einige (G) befolgten. *M. Matteus* bezeichnet diese Lesart mit Recht als ,*baixa, rasteira e trivial'*.

III, 34 hat schon AA den offenbaren Fehler *trabalho* (statt *batalha*) corrigiert.

Die Lesart III, 34, ,*em gente Lusitano'* ist entsprechender als *ingente Lusitano (Man. Correa*, M).

Einzelne Conjekturen hat *der Reim* hervorgerufen. Camões reimt im Allgemeinen richtig; nur selten finden sich bei ihm Reime *mit gleichen Worten*[2]) öfter mit *gleichen Stämmen*[3]) oder *ähnlich*

---

[1]) Die Lesart von L und R IV, 39 ,tinge o ferro o sangue ardente, fände, zudem dass sie an sich besser ist als ,o fogo ardente', im zweiten Manuskripte des Faria einen Anhaltspunkt; *Braga* (Bibl. Crit. 265) bezeichnet die Correktur als ,mais logica e racional'.

[2]) So geito (I, 81), viram (II, 68), longe (IV, 101), val (VIII, 94), tereis (X, 140). Den Reim IV, 102 ,profundo' vermeiden LR, indem hier (Z. 5) nach dem I. Msk. des Faria ,facundo' steht (Bibl. Crit. 266). — III, 84, 3 ist alargaraõ (in B) Druckfehler.

[3]) So z. B. informe — reforme (I, 40); veja — proveja (I, 55): conduzidos — produzidos (II, 12); posto — pressuposto (III, 105); corres — soccorres (III, 105); approvam — provam (IV, 22); pouca — apouca (IV, 31); longo — a longo (V, 13); pressa — de pressa (V, 32); postos — sotopostos (V, 58); tinha — detinha (VI, 3; VIII, 1); aprendam — reprendam (VI, 42); terra — Inglaterra (VI, 42, 54, 67); approva — prova (VI, 42); corre — discorre (VII, 18); debate — combate (VII, 22); pretende — estende (VII, 31; VIII, 89; IX, 13); talho — atalho (VII, 65); renova — nova (VII, 67); feitos — perfeitos (VIII, 2); defendem — offendem (VIII, 35); venham — convenham (VIII, 41); excede — procede (VIII, 47); vinha — convinha (VIII, 64, 95); refere — differe (VIII, 82); sciencias — consciencias (VIII, 98); releve — leve (IX, 29);

lautenden[1]) Formen.

II, 100 haben A und AA bram*ando* statt bram*avam*, welch letzteres nun alle aufgenommen haben.

VII, 77 lesen die alten Ausgaben (und N): ‚aspeito *venerando*' als Reim zu *Mauritano* und *humano*. Deshalb haben andere *soberano*, was dem Reime entsprechender ist. Es lautet zwar in einigen südlichen Dialekten in der Verbindung *nd* das d *nicht*, doch ist im Ptg. nicht daran zu denken, so dass *soberano* vorzuziehen ist.

X, 88 ist der Reim *fazendo* — *horrendo* — *turbulendo* überliefert, was einige (B F G P Q S) beibehalten haben. Dass *Camões* von der Licenz, die ihm *Faria* zugesteht,[2]) Gebrauch gemacht habe, ist kaum zu glauben; darum haben mehrere Ausgaben (M N) *metuendo* (mit *Franc. Freire de Carvalho 1843)*; L und R dagegen ‚*tremendo*', was wohl desshalb am meisten entspricht, weil diese Lesart sich im zweiten *Manuskripte des Faria* findet.

---

apercebe — recebe (IX, 43); leva - releva (IX, 71); depressa — apressa (IX, 73); serve — reserve (X, 29 ; antolhos — olhos (X, 33); culpa — desculpa (X, 46); entende — estende (X, 80); tambem — bem (X, 81); cobre - descobre (X, 103); inveja — veja (X, 113, 156); accusa -- escusa (X, 114).

[1]) Z. B. III, 5 disser -- dizer; II, 86 estima (verb.) - estima (subst.); III, 95 fóra (vb.) - fôra (adv.); VI, 56 parte (verb.) — parte (subst.); VII, 59 vista (subst.) — vista (part.) ähnlich VIII, 32 deve — teve; X, 96 teu — deu.

[2]) Yo sospecho que el poeta escribió ‚turbulendo', que bien lo pudo hacer con un poco de licencia.

Argumento anonymo[1] dos dez cantos dos Lusiadas

Canto I. Fazem concilio os deoses na alta corte,
Oppõe-se Baccho á Lusitana gente.
Favorece-a Venus e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.

Canto II. Dar El-Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama illustre com mortal engano;
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a falar sóbe ao padre soberano;
Jove os casos futuros lhe declara,
Apparece Mercurio ao Lusitano;
Chega a frota a Melinde e o rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

Canto III. A populòsa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que reis, que guerras teve;
Christo a Affonso se expõe crucificado.
De Dona Inez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado;
Mostra-se o vil descuido de Fernando
E o grão poder de um gesto suave e brando.

[1]) Gewöhnlich dem *João Franco Barreto* zugeschrieben.

Canto IV. Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhano;
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro;
Dá-se batalha; vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano:
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por affinar a gloria Portugueza.

Canto V. Relata o Gama illustre ao rei potente
Sua viagem longa e incerta via;
As estranhas nações da Africa ardente
E de Fernão Velloso a ousadia.
Como a Adamastor viu, gigante ingente,
Que um dos filhos da [1]) Terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou e são conforto.

Canto VI. Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com pilotos da terra e mantimento:
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.

Canto VII. Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao rei potente,
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da provincia informa largamente.
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
É recebido bem da Indica gente:
Co' o regedor o Mouro [2]) ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

Canto VIII. Vem-se Lusitania os fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos
De alta memoria são merecedores,
De hymnos e de versos numerosos:
Como de Calecut os regedores
Consultam os haruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes
Tratam de destruir os navegantes.

Canto IX. Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,

---

[1]) Var. *de.*
[2]) Var. *Co' o regedor da terra.*

XLI

E no meio do tumido Oceano
Venus lhe mostra uma insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido dano
Acha repouso assaz conveniente,
E com nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa e jogos de alegria.

Canto X. Ás mesas de vivificos manjares
Com as nymphas os Lusos valerosos
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas em accentos numerosos,
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares
E quanto os céos rodeam luminosos
A pequeno volume reduzido;
E torna a frota ao Tejo tão querido.

Os Lusiadas.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
3 Por mares nunca d' antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos e guerras esforçados,
6 Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles reis, que foram dilatando
3 Á fé o imperio, e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
6 Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

I. 1. Armas (G L R S) Varões (R) barões (B). 2. Occidental (B G L S). 3 Per (M) de antes (R). 4. Passarão (B L) inda (M). 5. E em (L R) Que em (G). 6. permittia (R) 7. Entre gente (A G L R). 8. Reino (B G L R).

II. 2. Reis (B G L N Q R S) forão (B L). 2 und 3 lautet bei Luiz Franco: D'aquelles que a fé foram dilatando e o imperio Die allgemeine Lesart ist: dilatando a fé, o imperio.; (cf. Einl.) 3. Fé (B G L R S) Imperio (B G L R S). 4. D'Africa e d'Asia (B) andarão (B L). 5. per (M). 6. Morte (B). 7. per (M) toda a (R). 8. ingenho (M).

III.

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram:
3 Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victorias que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
6 A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tágides minhas, pois creado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
3 Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente;
6 Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me uma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda;
3 Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
6 Gente vossa, a que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, oh bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
3 E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade:
Vós, oh novo temor da Maura lança,
6 Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:

III. 3. d'Alexandro (M S). 5. Frc. Qu'eu — Peito (R). 7. Frc. antiga (B).
IV. 1. I Msc. des Manuel de Faria e Sousa: E vós, Tagides Musas. II Msc. Musas do Tejo — criado (B R). 2. ingenho (Frc. M). 3. I Msc. Pois sempre. 4. Rio (R) 5. Frc. soblimado. 6. estilo grandiloco (B). 8. tenhão (B L) Hypocreno (B) Ipocreno (Frc.).
V. 4. Frc. ao juste. 6 vossa que a Marte (A A A B G M N), que Marte (L). 7. Universo (G L). 8. tam (B M).
VI. 1. nacida (B). 2. antiga (B). 4 Christandade (B G L N Q R S) 6 Frc. hidade — edade (R) 7. Dada (M) — Mundo (G) per (M). 8. Pera (M) Mundo (G)

VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente
De uma arvore de Christo mais amada,
3 Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou Christianissima chamada:
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
6 Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:)

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O sol, logo em nascendo, vê primeiro,
3 Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperâmos jugo e vituperio
6 Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio.

IX

Inclinai por um pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
3 Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da real benignidade
6 Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno:
3 Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi! vereis o nome engrandecido
6 Daquelles, de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

VII. 1. Man. Correa: florescente. 2. D'huma (M S). — Frc. de Xp.º 5. Frc. Vêde o vosso. 7. per (M). 8. pera (M) cruz (M)

VIII. 1. rei (M). I Msc. Vós, oh sagrado Rei — Imperio (B G L R). Frc. a cujo imperio. 2. Sol (B G Q S). 3. Frc. Tambem o vê no meio do Emispherio — Hemispherio (B G L R). 4. dece (B). 6. I Msc. Do torpe Mauritano. 7. Oriental B G L). 8. liquor (M) santo Rio (R).

IX. 2. II Msc. bello gesto. 3. edade (R) 4. sobindo (B) Templo (G L Q R S). 5. Real (G L N Q R S). 7. valorosos (Souza).

X. 1. Patria (R). 2. Frc. casi. 4. Per (M) II Msc. meu superno. 5. I Msc. o peito engrandecido. 6. Senhor (G L R) II Msc. paterno. 8. Mundo (G) Rei (B G L N Q R S).

XI.

Ouvi! que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
3 Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
6 Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço;
3 Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
6 Os doze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos, rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
3 Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria;
E aquelle, que a seu reino a segurança
6 Deixou co' a grande e prospera victoria:
Outro Joanne, invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
3 Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortissimo e os temidos
6 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

XI. 1. I Msc. communs façanhas. 2. Fantasticas (B) 5. tammanhas (M). 7. Rodamonte (B M) Rogeiro (G L R). 8 Frc. Orlando, ohne E.

XII. 2. Rei (B G L N Q R S) Reino (B G L R). Frc. hum tal. 3. dom (B). Frc. Dom Frias 4. par' elles (B) pera (M) cubiço (M S). 5. polos (M) Doze (R) pares (B). 6. I Msc. Os onze. — Doze (R) d'Inglaterra (B). 7. Frc. Dar-vos-hei mais aquelle. 8. pera (M) Frc tomou.

XIII. 1. Rei (B G L N Q S). 3. Afonso (G M N) 5. Reino (B G L R). Frc. reino segurança. 6 co a (B). 7. Joane (B) Cavalleiro (G L R). 8. Afonsos (G M N) Alfonsos (R) Afonso (B)

XIV. 1. deixaràm (B). 2. Reinos (B G L) Man. Correa: d'Aurora. 3. fizerão (B L) sobidos (B, Frc.) Fizeram só per armas tam subidos (M). 6. Frc. Dois Almeidas que inda o Tejo. 7. Alboquerque (M) I Msc. Albuquerque invencibil (Frc. invencivel).

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
3 Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pêso grosso
6 (Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos e feitos singulares,
De Africa as terras e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em que vê seu exicio affigurado:
3 Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado.
Tethys todo o ceruleo senhorio
6 Tem para vós por dote apparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous avós as almas cá famosas,
3 Uma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
6 Sua memoria e obras valerosas:
E lá vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
3 Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
6 Os vossos Argonautas, porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XV. 2. rei (M) 3. Reino B G L R. 4. Frc. materia a mim e ouvido. 5. Frc. Comece-se. 6. Mundo G). 8. Frc. D'Africa — d'Oriente (B).

XVI. 2. II Msc seu remate — afigurado (M S). 3. Frc. Com vos ouvir — gentio (M) 4. II Msc. O collo mostra ao jugo. 5. Thetis (B G). 6. Tẽe (L) pera (M) aparelhado (B G L R) 8. pera (M).

XVII. 1. Olimpica (B). 2. Avôs (G L R) Avós (B N). 3. Angelica (G) 5. esperão (B L). 7. tẽe (L) logar (M R) edade (R). 8. Templo (G R) Eternidade (L M).

XVIII. 2. I Msc. & Frc. Muitos mais do que os vossos o desejam. 4. Pera (M).

XIX.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
3 Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
6 Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
3 Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pizando o crystallino céo formoso
6 Vem pela Via Láctea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete céos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
3 Alto poder, que só co' o pensamento
Governa o céo, a terra e o mar irado:
Ali se acharam juntos n'um momento
6 Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes, onde
A Aurora nasce e o claro sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
3 N'um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano:
Do rosto respirava um ar divino,
6 Que divino tornara um corpo humano;
Com uma corôa e sceptro rutilante
De outra pedra, mais clara que diamante.

XIX. 1. Occeano (G). 4. Náos (R). 6. Cubertos (B) Frc. donde. Var. as ondas. 8. Protheo (G L).

XX. 1. Deoses (B G R) Olimpo (B). 3. ajunctam (M) ajuntão (B L) Concilio (R). — Die Mitte lautet im I Msc.:

Pelo caminho lacteo excellente.
Se junctam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente. (Frc.)

5. cristalino (B) Ceo (B G) fermoso (B M). 6. via-lactea (M) via Lactea (B N) Via-Lactea (R) junctamente (M). 7. de Tonante (F L). 8. Neto (B) Athlante (B).

XXI. 1. Deixão (B L) Ceos (B G) Sete-Céos (R). 2. Poder (R) Frc. mui alto 3. Poder (R) co (B) 4. Ceo (G) Frc. céo e a terra 5. acharão (B L) junctos (M). 6. habitão (B L). 7. tẽe (L) II Msc. E os que o Antarctico polo e as partes onde. 8. aurora (N) nace (B) Sol (B G N Q R S).

XXII. 3. cristalino (B). 4. I Msc. Com hum gesto severo e soberano (Frc.). II Msc. Com gesto alto, sereno e soberano. 5. Frc. Do rostro. 7. c'roa (L) A coroa e o sceptro (B). 8. D'outra (B).

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
3 Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados,
6 Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

XXIV.

„Eternos moradores do luzente
Estellifero polo e claro assento!
3 Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
6 Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C' um poder tão singelo e tão pequeno,
3 Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido
6 Sempre alcançou favor do céo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os trophéos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co' a gente de Rómulo alcançaram,
3 Quando com Viriáto na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
6 A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espirito divino.

XXIII. 1. D'ouro (B). 3. Deoses (B G R). 4. Frc. ordem conservavam. 5. antigos (B). 6. I Msc. Os outros mais abaixo se assentavam. 8. Frc. Com tom. — Cum tõ (B).

XXIV. 1. Moradores (R). 2. Polo (G L R). 4. Do Luso (A). 5. I Msc. Deve-vos de ser noto e evidente. — Frc. Deve-vos ser noto e evidente. 6. Fados (R). 7. esqueção (B L) 8. D'Assirios (B)

XXV. 1. Frc. Dahy lhe foi 2 Cũ (B) Man. Correa: Com tam (B M). 5. I Msc. Pois contra o Brigio tão temido (Frc.) tam (M). 6. Ceo (B G L N Q R S).

XXVI. 1. Deoses (B G). 2. co a (B) 4. afamaram (M). 7. Capitam (G). 8. Cerva (B N Q R S). 7 & 8 im I Msc.:

Por capitão geral e peregrino,
Que achou na cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vêdes bem, que, commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve,
3 Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo
6 Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
3 Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno,
6 A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
3 Tantos climas, e céos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
6 Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota".

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
3 Na sentença um do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho ali não consentia
6 No que Jupiter disse, conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXVII. 1. cometendo (B) comettendo (G Fre acomettendo. 3. Per (M). 4. D'Africo (B). 7. Inclinão (B L) perfia (B M). 8. nace (B).

XXVIII. 1. Prometido B). 3. tenhão (B L). 4. Sol (B G N Q R S) 5. tẽe (L) Inverno (B G) hinverno (M).

XXIX. fehlt im Msc. des Luiz Franco; ebenso XXX. 1. tẽe (L). 2. tam (B M). 3. Ceos (G) experimentados (B) exp'rimentados (M Q S). 5. sejão (B L). 7. guarnecido B) 8. Tornaràm (B) Começaram (A) Tomarão (Francisco Manoel)

XXX. 2. Deoses (B G R). 5. Padre (G L R). 7. esqueceràm (B) n'Oriente (B).

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Uma gente fortissima de Hespanha
3 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
6 A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe dóe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê, que já teve o Indo subjugado,
E nunca lhe tirou fortuna ou caso,
3 Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora, que seja sepultado
6 Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
3 Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
6 Que mostraram na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê, que é a Latina.

XXXIV.

Estas cousas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende,
3 Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, um pela infamia que arrecea,
6 E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXI. 1. fados (G N) Frc Baccho que dos Fados ouvira. 6. antiga (B). 8. Nisa (B G L).

XXXII. fehlt im I Msc. — 1. sobjugado (L N R) sujugado (M) sojugado (B G) 2. Fortuna (B G L R) Caso (G L R). 4 bebem água (L) de Parnaso (E) 6. tam (M). 7. D'agoa (B).

XXXIII. 2 Frc. Inclinada á gente. 3. Per (M) I Msc. Por quanta similhança. — calidades (M). 4. Frc. Da tão amada antiga sua Romana. — antiga (B) tam (B M) sa (M). 6 mostrarão (B L) 8. qu' he (L) é Latina (G M).

XXXIV. 1. movião (B L) Cyterea (B). 2 intende (M). 3 I Msc. a alma dea — Dea (B G R) Frc. Quando honrada ha de ser por alma dea (4) Da bellicosa gente onde se estende 5. pola (M) Frc. receia. 6. polas (M). 7. Debate (M) perfia (B M).

XXXV.

Qual Austro fero ou Boreas na espessura
De sylvestre arvoredo abastecida,
3 Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura,
6 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
3 Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia:
De entre os deoses em pé se levantava;
6 Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
3 Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter armado, forte e duro:
E dando uma pancada penetrante
6 Co' o conto do bastão no solio puro,
O céo tremeu, e Apollo de torvado
Um pouco a luz perdeu como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: „Oh Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece que creaste;
3 Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres, que padeçam vituperio,
6 Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito:

XXXV. 1. silvestre B M). 2. Frc. bastecida 3. vay (B) matta (M). 5 toda montanha (B). 8. Entr' os (L) Frc. Antre. — Deoses (B G R Olimpo (B).

XXXVI. 1. Deosa (B G R). 2 perfia (B M). 3. antigo (B) 5. D'entre (G M) D'antre (B) Deoses (B G R). 8. pera (M).

XXXVII. 1. Diamante (B). 6. Co (B) Frc. Co' o tronco 7. Ceo (B G L)

XXXVIII. 2. criaste (B R). 3. Gente (R) Hemispherio (G L R) Emispherio (B). 4. I Msc. Cujo valor (Frc.). 5. queiras (A) — padeça (B, Frc.) padeção (L). 7. Juiz (G L R) — I Msc. perfeito.

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
3 Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
6 Porque emfim vem de estamago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o céo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
3 Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
6 Ao vento leve e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme."

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso
A cabeça inclinando, consentiu
3 No que disse Mavorte valeroso;
E nectar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
6 Logo cada um dos deoses se partiu,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
3 Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica e a famosa
6 Ilha de São Lourenço; e o sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheu
Co' o temor grande em peixes converteu.

XXXIX. 3. sostentasse (B) Frc. o sustentasse. 4. tam (B M) Frc. tão amado. 6. Frc. Já que em fim. — estomago (G L N Q S) danado (B). 7. alhea (B). 8. Frc. outrem tem — Ceo (G L N Q R S).

XL. 1. padre (B) 2. tẽes (L). 3. pera traz (M) Var. para traz. 6. aa seta (B).

XLI. 4. Nectar (B). 6. Deoses (B G R). 8. Pera (M).

XLII. 1. fermosa (B M). 2. Eterea (B) Olimpo (B). — Bei Luiz Franco fehlt: do Olympo. 3. Gente (R). 4. Frc. Já da banda do Austro e do Occidente. 6. Sam (B) san' (M) — I Msc. Ilha de Madagascar. — Sol (B G N Q R S) 7. entam (B) Frc. antão, Tipheo. — Tifeo (B). 8. pexes (B).

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o céo tinha por amigo:
3 Sereno o ar e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam
6 Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
3 De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
6 Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeu, como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
Uns pequenos bateis, que vêm daquella
3 Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria
6 Não sabe mais que olhar a causa della:
Que gente será esta?. (em si diziam)
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI.

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas;
3 As velas, com que vêm, eram de esteira
D' umas folhas de palma, bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira
6 Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deu, de ousado e não prudente;
O Pado o sabe e Lampetusa o sente.

XLIII. 1. Tam (B M). 2. Ceo (G L N Q R S) 3. Frc. o mar e os ventos. 5. Frc. prazo já. — Promontorio (R). 6. I Msc. Donde tomam as ondas nome antigo (Frc.). 8. Ilhas (G R).

XLIV. Capitão (B G L R). 2. tammanhas (M). 1. & 2. I Msc. o grande capitão que toda a armada manda e lhe obedece. Frc. a quem toda a armada manda e obedece. 3. suberbo (M). 4. Fortuna (B). Frc. tanto favorece. 5. Frc. Para aqui se deter. 6. Frc. inhabitada terra. 7. Per (M). 8. nam (B) socedeo (B).

XLV. 1. aparecem (B) Frc. Alli apparecem. 2. Hũs (B) Hũus (G). 4. Frc. o grande mar. — vella (B G M). 5. Gente (R). 8. Frc. que rei, que lei. — Lei (G L R) Rei (B G L Q R S)

XLVI. 1. erão (B L). 3. vellas (B) erão (B L). 4. De humas folhas (G L R) Palma (B). 6. Phaetão (G) acendidas (B). 7. Mundo (G) Frc. O mundo. 8. Lampethusa (G L R).

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias côres, brancos e listrados;
3 Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas para cima vem despidos;
6 Por armas tem adargas e terçados,
Com toucas na cabeça, e navegando
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co' os pannos e co' os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem;
3 Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
6 Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia:
3 No gesto ledos vêm e humanamente
O capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
6 Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam
Pela Arabica lingua, donde vinham;
3 Quem eram; de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
6 As discretas respostas que convinham:
„Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

XLVII. 1. panos (B) Frc. de pano — vinhão (B L). 3. Hũs (B) Hũus (G) de redor (G L). 5. Da cinta (G M R) Frc. Da sinta. 6. adagas (F M P) Frc. traçados.

XLVIII. 1. Cos (B) panos (B) Frc. asenavão. 2. Aas (B) Gentes (R). 4. Pera (M) juncto (M) Ilhas (G L R). 6. Frc. como aqui. 7. Tomão (B L) vellas (B). 8. I Msc. ferindo.

XLIX. 1. erão (B L) 3 Frc. Ledos no gesto. 4. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S) Frc capitão illustre. 6. liquor (M) Frc. que Noé prantado. 7. II Msc. vasos de prata. 8 Phaetão (G)

L. 2. Frc. Pola. 3. erão (Frc. B L). 6. repostas (B). 8 Man. Correa: as partes.

LI.

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico e Callisto,
3 Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céos e terras temos visto:
D' um rei potente somos, tão amado,
6 Tão querido de todos e bemquisto,
Que não no largo mar com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra oriental, que o Indo rega:
3 Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
6 Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da India alguns sinais."

LIII.

„Somos", um dos das ilhas lhe tornou,
„Estrangeiros na terra, lei e nação;
3 Que os proprios são aquelles que criou
A natura sem lei e sem razão.
Nós temos a lei certa, que ensinou
6 O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta ilha pequena que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
3 De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
6 Como proprios da terra de habital-a;
E porque tudo emfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LI. 2 Antartico (B) Calisto (B G). 4. Ceos (B G). 5. De hum (G L R) Rei (B G L N Q R S) tam (B M). 6. Tam (B M). 8. Man. Correa: d'Acheronte.

LII. 1. per (M). 2. A Terra (R). Oriental (B G L N Q S). 3. Mar (B). 4. feios (L R) Focas(B) Phocas (L). 6. steht bei L. Franco in Parenthese. 8. algũs (B) algũus (G) signaes (R).

LIII. 1. da ilha (B Ilhas (G L R). 3 creou (M). 4. Natura (G L R) Frc. A natureza. — Natureza (Man. Correa, M) 7. Mundo (G) 8 gentio (R).

LIV. 1. Ilha (G L R). 2. Frc. esta costa 3. Frc. E de todos. 4. Frc. Quilôa, Mombaça (R). 8 Ilha (G L R) II Msc. É o nome da ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,
3 Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito, que tenhais
6 De terra algum refrêsco, e que o regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja."

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
3 Do capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
6 Co' o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmãa que alumiasse
O largo mundo, emquanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada;
3 Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida e nota
6 Na gente e na maneira desusada;
E como os que na errada seita crêram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII.

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
3 As estrellas os céos acompanhavam
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
6 Pelas covas escuras, peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LV. 1. tam (B M) 2. Idaspe (B) Frc o negro Idaspe. 3 per (M). 4. pellas (B) Frc. polas 6. Regente B G L N Q R S).

LVI. 3. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 6. Co (B) Frc Com ho — Christal (B). 7. allumiasse (G L N).

LVII. 3. Frc de — tam (B M). 5. consigo (B). 7. Seita (B). 8 per (M) Frc. pelo mundo — Mundo (G).

LVIII. 1. Lũa (B G Lua (L N Q R S) II Msc. De Phebo os. 3. Estrellas (B) Ceos (B G L Frc o céo. 5. I Msc ventos desabridos. 6. Frc. escuras covas. 8. per (M) Frc. de longo.

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
3 No céo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou:
Começa a embandeirar-se toda a armada
6 E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O regedor das ilhas, que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
3 Com refrêsco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando
6 A conquistar as terras Asianas
Vieram: e por ordem do destino
O imperio tomaram a Constantino.

LXI.

Recebe o capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia:
3 Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este effeito já trazia.
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
6 Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
3 Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
6 Olhando a côr, o trajo e a forte armada:
E perguntando tudo, lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.

LIX. 2. formosos (B M R). 3. Céo (B G L). 4. Hiperionio (B) Fre. Iperionio. 5. Fre. toldos mui alegres. 7. Fre. festa. 8. Regedor (B G L M N Q R S) Ilhas (G L. R).

LX. 2. Náos R). 7. Vieram: por (Fre.) Vierão B L). 8. Imperio (B G L Q R S) tomará a M tomar a (Gendron. R tomarão B L) Costantino (B).

LXI. 1. Capitam (G) Capitão (B L. N Q R S). 2. Fre. O Xeque e. 3. Fre. ricas. 4. pera M). 5. I Mss. doce, excellente: Fre. doce e excellente. 6. liquor M) I Mss. Co' o purpureo liquor que Baccho cria. — Fre. Com purpureo liquor que Baccho cria.

LXII. 1. Gente (B II Mss. gente nautica. 2. pella (B). 4. tam (B M). 8. por (M) vinhão (B L).

LXIII.

E mais lhe diz tambem, que vêr deseja
Os livros de sua lei, preceito ou fé,
3 Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note e tudo veja,
6 Ao capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co' os inimigos pelejavam.

LXIV.

Responde o valeroso capitão
Por um que a lingua escura bem sabia:
3 „Dar-te-hei, Senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
6 Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil:
3 Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente e todo o insensibil:
Que padeceu deshonra e vituperio,
6 Soffrendo morte injusta e insoffribil;
E que do céo à terra emfim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao céo.

LXVI.

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
3 Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
6 Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo."

LXIII. 2. Livros (R) Frc. da Lei (G L R) Frc. e fé — Fé (G L R) 3. Pera (M) 6. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 8. cos (B) Frc imigos — peleijauaõ (B).

LXIV. 1. Respondeo o (A) Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 2 Pèr (M). 3. senhor (M). 4. Lei (G L R) 5. Nam (B) Não (R) Frc. Nem são. 7. belicosa (B) 8. tam (B M) — I Msc. India valerosa (Frc.).

LXV. 1. Lei (G L N R) d'Aquelle (R) Imperio (G L). 2. Frc. visiuel e invisiuel (B). 3. criou (B) Emispherio (B) Hemispherio (G L R). 4. insensiuel (B, Frc.) e tudo o (B). 6. Sofrendo (B M) insufriuel (B) insoffrivel (Frc.). 7. Ceo (B G R) deceo (B M). 8. Ceo (B G).

LXVI. 1. Deos Homem (G L) Deos-homem (R) Deos homẽ (B). 2. Livròs (R). 3. escripto (R). 4. n' alma (M). 5. tẽes (G L). 6. Comprido (B). 7. Frc. verás; que eu te digo — m'obrigo (G).

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
3 Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras;
Escudos de pinturas differentes,
6 Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
3 Porém aos de Vulcano não consente,
Que dêm fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo e valente,
6 Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu, com olho attento,
3 Um odio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
6 Mas com risonho e ledo fingimento
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
3 Diz-lhe, que o largo premio levarão
Do trabalho, que nisso fôr tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
6 De peito venenoso e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXVII. 3. Frc. arnezes, traçados e luzentes. 6. Pilouros (B) Man. Corr. d'aço. 7. II Msc. Béstas e. 8. I Msc. maças bravas. Frc. maças graves.

LXVIII. 1. junctamente (M). 2. sulfureas (B) tam (B M) danosas (B). 6. tam (M) Frc. tão francas e. 8. liaõ (B).

LXIX. 3. Frc. Um odio natural se lhe criou. 5. Frc. No parecer de fóra o não mostrou. 7. Frc. detriminava.

LXX. 1. Capitão (B G L N Q R S). 2. Per (M). 3. Frc. premio largo — que largo (G L R). 5. Promete (B) Frc. lhe 6. tam (M) danado (B, Man. Correa). 8. logar (M R) Pilotos (B G) Frc. piloto.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
3 Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella Eternidade,
6 A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte um perfido inimigo,
A'quelles de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partiu-se nisto em fim co'a companhia
Das naos o falso Mouro, despedido
3 Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
6 Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
3 Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
6 Com que seja de todo destruido;
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava:

LXXIV.

„Está do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias tão famosas
3 Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas;
E eu só, filho do Padre sublimado,
6 Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXI. 1. Tammanho (M.) Frc. Tamanho odio foi e má vontade. 2. ós (B) I Msc. aos da armada (Frc.). 3. secases (Frc.). 5. eternidade (B). 8. de que (M, Man. Correa) Frc. de quem Deus foi sempre amigo.

LXXII. 1. co a (B). 2. falso Xeque (Frc.). 5. Cortarão (B L). 7. I Msc. do inimigo (Frc.) — ajunctamento (M). 8. Frc. ao regio.

LXXIII. 1. etereo (B) gram R) gran' (M Tebano (B). 2. Frc. paterna 3. Frc. Oulhando — ajunctamento (M). 4. avorrecido (B M) Frc. Que ao Mouro foi molesto. 5. Frc. novo engano. 7. Frc. isto n'alma — n'alma (M). 8. Consigo (B) practicava (M).

LXXIV. 1. fado (G L N). 2. tammanhas (M) tam (B M). 3. Hajão (B L). 4. belicosas (B). 5. Frc. E eu, filho do Padre soblimado. 6. calidades (M). 7. sofrer (B M) fado (G L N). 8. per (M).

LXXV.

Já quizeram os deoses, que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
3 Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte:
Mas ha-se de soffrer, que o Fado désse
6 A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu co' o grão Macedonio e co' o Romano
Dêmos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este capitão, astutamente
3 Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
6 Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita."

LXXVII.

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
3 Onde vestindo a forma e gesto humano
Para o Prasso sabido se moveu:
E por melhor tecer o astuto engano
6 No gesto natural se converteu
De um Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio e co' o xeque mui valído.

LXXV. 1. quizerão (B L) Deoses (G L R). 3. sobmettesse (N R) sumettesse (M) sometesse (B G) somettesse (L). 4. de seu (A A G M N) Frc. o bravo Marte. 5. sofrer (B M) fado (G L N). 6. tam (B M) tammanho (M). 7. co (B) c'o (R) gran' (M) gram (R) co (B) c'o (R) Frc. o Macedonio e o Romano. 8. logar (M R) Nome (R).

LXXVI. 2. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 4. Frc. nunqua. 5. decerei (B) Frc. indinado. 6. na Maura (B) Gente (R). 7. per (M).

LXXVII. 7. De um (E G L M R). 8. co (B). Xeque (B G L N Q R S) — Strophe LXXVII. lautet im I Msc. folgendermassen:

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a Thebana parte descendeu,
3 Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para onde o sol nasce, se moveu.
Já atravessa o mar Mediterrano,
6 Já de Cleopátra o reino discorreu;
Já deixa á mão direita os Garamantes
E os desertos de Libya circumstantes.

(Varianten des L. Franco in dieser Strophe sind: 2. Thebana patria. 4. Lá por onde o sol. 5. atravessava). Auf diese Strophe folgen 2 weitere:

Já Meróe deixa atraz e a terra ardente,
Que o septemfluo rio vai regando,
3 Onde reina o mui sancto presidente
Os preceitos de Christo amoestando:
Já passa a terra de aguas carecente,
6 Que estão as alagoas sustentando;
Donde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

(Varianten des L. Franco: 2. o septemfluvio vai. 3. Por onde impera.)

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas
A' sua falsidade accommodadas,
3 Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas.
Que das nações na costa moradoras
6 Correndo a fama veiu, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

„E sabe mais", lhe diz, „como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
3 Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
6 Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo
3 O capitão, dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co' os teus armado
6 Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

Daqui ao cabo Prasso vai direito;
E entrando em Moçambique nesse instante
3 Se faz na forma Mouro contrafeito,
A um dos mais honrados similhante.
E como a seu regente fosse acceito,
6 Entrando um pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava
Apartando-o dos outros com que estava.

(Variante des L. Franco: 5. Que como.)

LXXVIII. Diese Strophe fehlt im I Msc. — 2. A (B). 3. erão (B L). 4. hora (B). 7. Forão (B L) per (M).

LXXIX. 1. I Msc. Saberás, xeque nosso, que sabido. (Frc.) 2. christãos (M). 3. tẽe (L) Frc. Que todo o mar tem descorrido. — I Msc. descorrido. 5. Frc. E já trazem — urdido (B N R). 6. Frc. Contra nós lá nos altos pensamentos. 7. pera (M). Frc. Para nos destruirem e roubarem. — I Msc. destruirem. 8. molheres (B) cativarem (B M R).

LXXX. 2. per (M) a (B L N R). 3. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 4. danada (B). 5. d'ir (M) deves ir (R) Frc. deves tambem de ir com os — cos (B) c'os (S). 8. Cairàm (B). Frc. Possa mais facilmente ser desbaratadas. Am Rande findet sich die Correctur: ‚Cairão mais facilmente na cilada'. — Auf Strophe 80 folgt im I Msc. die nachstehende:

E para que dês credito ao que fallo,
Que este capitão falso está ordenando,
3 Sabe que quando foste a visital-o,
Ouvi dous neste caso estar fallendo:
No que digo não faças intervallo,
6 Que eu te digo sem falta, como, quando
Os podes destruir, que é bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos ou mortos totalmente,—
3 Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
6 Seja astuto no engano e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos ou perdidos."

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio e velho
3 Os braços pelo collo lhe lançou
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
6 Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
3 Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa um feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
6 Por taes costas e mares co' elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir, donde nunca se levante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
3 Quando o Gama co' os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
6 Como se fosse o engano já sabido:
Mas pôde suspeitar-se facilmente:
Que o coração presago nunca mente.

LXXXI. 1. Frc. fiquarem — feito (B G L M). 2. Frc. Destroidos. 3. imaginado (B G M R; Frc.). 4. manha gentil (Frc.). 5. Piloto (B G). 6. I Msc. Seja instructo Frc. Seja sagaz, astuto e tão — tam (M). 7. sejão (B L).

LXXXII. 1. Frc. estas razões Baccho acabou. — acabou: (N) acabou (ohne Komma) (M). 2. O Mouro, (M) Frc. O já danado Xeque, sabio e velho. 6. Frc. Pera (M) aparelho (B). — 7. Pera (M) Frc. aos Portuguezes.

LXXXIII. 1. pera (M). 2. Piloto (B G). 3. todo dano (A G) Frc Dissimulado e sabio em todo dano. 6. Frc. mares e costas — com elle (B L M R). 7. 'scapar (L R). 8. onde (A A A F G P) Frc. s'alevante.

LXXXIV. 3. Quando Gama (A, A A B G L) cos (B). 4. per (M) á (B G L M R). 6. Frc. se fora.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario;
3 E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
6 Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
3 Um de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
6 Outros muitos já postos em cilada:
E porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa
Os bellicosos Mouros acenando
3 Com a adarga e co' a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
6 Andar-lhe os cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde, que é primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
3 O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
6 Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXV. 1. á (G L M R Frc. Porque mandado d'antes tinha á terra. 2. polo (L) Piloto (B G) Frc. A buscar o piloto. 3. Frc. Mas na resposta vio futura guerra. 6. aversario (M).

LXXXVI. 3. d'escudo (M) Frc. Qual escudo embraçado e azagaia. I Msc. Qual em cavallo ardente e de azagaia. 4. I Msc. Na mão qual arco curvo e setta ervada. Frc. Na qual arco curvo e setta ervada encurvado settá (S). 5. Esperão (B L). 6. cillada B). 8. Poem (B M N) Põe (G L) hũs (B) hũus (G).

LXXXVII. 1. Andão (B G) I Msc. Andam na escaramuça polvorosa. (Frc.) 3. Frc. Com adarga — cõ a hastea (B) I Msc. com a lança perigosa. Frc. com lança perigosa. 5. sofre (B M). 6. Andarlh'os (G L). 7. tam (B M) Frc. e tão.

LXXXVIII. 1. sanguineo (B . 2. formosa (B M R). 3. Touro (B). 4. I Msc. Corre, salta, assovia, acena e brada. 8. fere, mata (B G L M R) poem (N) per (M).

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
3 A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
6 O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC.

Não se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue e mata;
3 A povoação sem muro e sem defeza
Esbombardêa, accende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
6 Que bem cuidou compral-a mais barata:
Já blasphema da guerra e maldizia
O velho inerte e a mãi que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
3 A pedra, o páo e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha e todo o mais desamparando,
6 A' terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

XCII.

Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado diligente:
3 Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
6 Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez emfim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

LXXXIX. 1. bateis fogo (A) se alevanta (Frc.). 3. péla (B G M) II Msc. o estouro espanta. 5. coraçam (B). 6. lhes (B G). 8. descuberto (B G).

XC. 1. Gente (R). 2. estroe (R) Frc fere e mata. 4. accende (B) Frc. Assola, accende, rompe e desbarata. 7. blasfema (B).

XCI. 1. seta (B). 2. Frc. covarde e apressado. 4. Frc. Dá armas. 5. Ilha (B G L R). 6. A (S) Aa (B). 8. Ilha (G L R).

XCII. 1. Hũs (B) Hũus (G). 2. Frc. Corta outro o mar. 3. affoga (G L N) Frc. Um se afoga. 4. Frc. Bebe outro o mar — junctamente (M). 5. Arrombão (B L) meudas (B). 6. Pangayos (B) sutis (M sotis (B) I Msc. Os fortes paraus subtis. 8. I Msc. A má tenção contraria, inimiga. Frc. A má intenção da gente enemiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada
Co' o despojo da guerra e rica prêsa,
3 E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
6 No odio antiguo mais que nunca accesa:
E vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido
O regedor daquella iniqua terra,
3 Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido
6 Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes, que tratava.

XCV.

O capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
3 Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
6 Foi delle alegremente agasalhado
E respondendo ao mensageiro, attento
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada
As ondas de Amphitrite dividia,
3 Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia:
O capitão, que não cahia em nada
6 Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda e costas, que passava.

XCIII. 1. Tornão (B L) pera (M). 2. Co (B). 5. Gente (R). 6. antigo (B G L R) acesa (B).

XCIV. 1. cometer (B) cometter (G) 2. Regedor (B G L M N Q R S) inica (B). 3. intendido (M). 4. lhes (R). 5. Piloto (B G R) prometido (B). 6. Frc. Que a danada tenção. 7. Pera (M) lhes (R) Frc. Para o guiar. 8. signal (M R) tractava (M).

XCV. 1. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 2. costumado (Frc. Man. Correa). 3. Frc. tempo aparelhado e vento. 4. Pera (M). 5. Frc. Recebido — Piloto (B G R). 7. messageiro (M) a tento (B). 8. vellas (B).

XCVI. 1. D'est' arte (M). 2. Anfitrite (B). 5. Capitam G) Capitão (B L N Q R S) Frc. que não temia nada. 6. O enganoso (Frc.) urdia (B M R). 8. costa (R) e terras (Frc.).

XCVII.

Mas o Mouro, instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
3 De morte ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos Indianos,
6 Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que, havendo por verdade o que dizia
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais, co' o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
3 Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O capitão, que a tudo estava attento,
6 Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda e pede;
3 Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
6 Porque em poder e forças muito excede.
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deosa em Cythere celebrada,
3 Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente, que em terra tão remota
6 Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

XCVII. 2. Frc. Que o malvado Xeque lhe ensinara. 3. cativeiro (B R) damnos (G). 6. Frc. decrara. 8. Gente (R).

XCVIII. 1. Frc. Disse-lhe mais — co (B). 2. Synon (B) aos Phrigios (B) aos Frigios (Frc). 3. Frc. estava — Ilha (G R). 4. antiguo (L M N) I Msc. Povo christão sempre habita — Frc. habita e habitou. 5. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 6. s'alegrou (Frc.). 8. Frc. Que o levasse onde.

XCIX. 2. christão (M). 3. Ilha (G R. Que a terra (B. Man. Correa) Frc. Que a ilha e povoação he da malina. 4. Frc. o falso Mafamede engano o morte (Man. Correa) Mahamede (A A A). 6. Frc. em forças e poderes. 7. a ilha (Frc.) Ilha (G R).

C. 1. Pera (M) Frc. se incrina. 2. Deosa (B G) Cythera (L R) em Cytherea (Frc.). 5. tam (M). 6. Gente (R) Frc. tão amada. 8. Piloto (B G R).

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
3 Outra maldade iniqua commettendo
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
6 Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
3 Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava;
O capitão, que em tudo o Mouro cria,
6 Virando as velas, a ilha demandava;
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia:
3 Uma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
6 Como por fóra ao longe descobria:
Regida por um rei de antigua idade,
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
3 De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
6 Do rei, que já sabia a gente q̃ue era;
Que Baccho muito de antes avisara,
Na forma d'outro Mouro, que tomara.

CI. 3. inica (B) cometendo (B). 6. levarão (B L) per força per (M). 7. Ilha (G R). 8. Erão (B L) christãos (M) junctamente (M).

CII. 2. per (M) Frc. em si levava. 4. Frc. E a que havia a medo celebrava. 5. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 6. vellas (B) Ilha (G R). 7. Deosa (B G). 8. pella (B).

CIII. 1. Ilha (B G R) tam (B M). 3. Cidade (G). 4. aparecia (B). 5. Frc. edificios adornada. 6. per (B M) Frc. Segundo o de que fóra descobria. 7. per (B M) Rei (B G N Q R S) d'antigua (G L) antiga (B). 8. Ilha (G R) Cidade (B G).

CIV. 1. Capitam (G) Capitão (B L M N Q R S) Frc. Sendo já o Capitão a ella chegado. 3. bautizado (Frc.) 4. Piloto (B G R) Frc. o piloto falso. 6. Rei (B G N Q R S) Gente (R). 7. d'antes (G L Frc.). 8. I Msc. Na figura do outro Mouro — Frc. Na figura do Mouro.

CV.

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
3 Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
6 Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
3 Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se um fraco humano?
6 Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

CV. 2. debaxo (B) cuberto (B). 3. erão (B L). 4. descuberto (B). 6. de vida (N). 7. poem (B). 8. tam (M).

CVI. 4. avorrecida (B) offerecida (Frc.). 7. indine (M. Man. Correa) Ceo (B G L N Q R S) Frc. s'arme e s'indine. 8. II Msc. verme da terra — tam (M).

CANTO SEGUNDO.

I.

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
3 Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo:
E da casa maritima secreta
6 Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes se chegaram
A's naos que pouco havia que ancoraram.

II.

Dentre elles um que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
3 „Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via;
O rei que manda esta ilha, alvoroçado
6 Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te e do necessario reformar-te.

I. 1. Planeta (B G R). 3. I Msc. humida meta. — Meta (B). 6. Deos (B G R) Nocturno (B G L). II Msc. o deos Neptuno. 7. I Msc. as fingidas (G). 8. Aas (B) Naos (R).

II. 1. D'antre (B, Man. Correa) encomendado (B). 2. assim (R). 3. Capitam (G). 4. Tẽes (G L) Reino (G). 5. Rei (B G N Q R S). 6. tẽe (L).

III.

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
3 Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda a armada.
E porque do caminho trabalhoso
6 Trarás a gente debil e cansada,
Diz que na terra podes reformal-a,
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV.

E se buscando vás mercadoria,
Que produze o aurifero Levante,
3 Canella, cravo, ardente especiaria
Ou droga salutifera e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
6 O rubi fino, o rigido diamante:
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo."

V.

Ao mensageiro o capitão responde,
As palavras do rei agradecendo:
3 E diz que, porque o sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo;
Porém que, como á luz mostrar por onde
6 Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
3 O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
6 Toda a suspeita e cauta phantasia:
Por onde o capitão seguramente
Se fia da enfiel e falsa gente.

III. 1. estremo (B). 3. receioso (M R). 4. toda armada (N Q S).
IV. 2. produz o (R). 3. Cravo (B). 4. Droga B). 6. Rubi (B) I Msc. o duro diamante. — Diamante (B). 7. tam (B M).
V. 1. messageiro (M) Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 2. Rei (B G N Q R S). 3. Sol (B G N Q S) I Msc. porque a noite o Sol esconde. 4. pera (M). 5. per (M. 7. Comprirá (B). 8. Senhor (G L R) stá (M).
VI. 2. Piloto (B G R). 3. messageiro (M. 4. Christo (B). 6. phantesia (M R). 7. Per (M) Capitam (G) Capitão (B L N Q R S).

VII.

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
3 Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
6 Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade, que mostrava,
3 Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida e nefanda
6 Das naos se despedia e o mar cortava;
Foram com gestos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E despois que ao rei apresentaram
Co' o recado os presentes, que traziam,
3 A cidade correram e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
6 De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua e foi nascido
3 De duas mãis; que ordia a falsidade
Por ver o navegante destruido:
Estava n' uma casa da cidade,
6 Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se Christão e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

VII. 1. algũs (B) algũus (G) condenados B G L). 7. Cidade (B G). 8. christãos (M).

VIII. 1. per (M) Rei (B G N Q R S). 7 Forão (B L).

IX. 1. depois (R) Rei (B G N Q R S) 2. Co (B). 3. Cidade (B G). 6. lhes (R).

X. 3. urdia (B M R). 4. Navegante (R). 5. em hũa (B) em huma (G L) Cidade (B G). 7. christao (M R).

XI.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
3 A candida pombinha debuxada
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia sancta está pintada
6 Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas, que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
3 Poem em terra os giolhos e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava:
Os cheiros excellentes produzidos
6 Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
3 Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
6 Do sol foram no mundo e n'um momento
Appareceu no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV.

Tornam da terra os Mouros co' o recado
Do rei, para que entrassem e comsigo
3 Os dous que o capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
6 De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XI. 1. afigurada (M). 2. Alto (R) Santo (R) Spirito (B). 3. Pombinha. (R. 4. Phenix (B G L R). 5. santa (G M). 6. Doze (R) tam (B M) turvados (Q S). 7. I Msc. só co' as linguas.

XII. 2. I Msc. Bromio estava. 3. Põe (G L) Põem (N R). 4. Mundo (G). 7. Thioneú (B) per (M). 8. Deos (B G).

XIII. 1. forão (B L). 2. tractamento (M). 3. christãos (M). 4. santo (B R). 6. Sol (B G N Q R) forão (B L). 7. Horizonte (G) Orizonte (B) horisonte (M R). 8. Na moça (A B F) Titam (G) do Titão (R).

XIV. 1. Tornão (B L) co (B). 2. Rei (B G N Q R S) pera (M) consigo (B). 3. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 4. Rei (B G N Q R S). 8. I Msc. falso rio.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo:
3 Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobriu o escuro manto:
E que no rei e gentes não sentiram
6 Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N' uma mostra tão clara e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
3 Que levemente um animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia
6 Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a prêsa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que como vissem
3 Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem;
E nesta traição determinavam,
6 Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
3 Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
6 Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tào secreta,
Vôa do céo ao mar como uma setta.

XV. 2. Aras B) Sacerdote B G) sancto (B . 3. agasalharão e dormirão (B L . 4. cubrio (B). 5. Rei (B G N Q R S). 7. sospeita (B). 8. N'hũa (B L) tam M).

XVI. 1. I Msc o Gama illustre. 4. tam (B M). 7. vinhão (B L).

XVII. 1. aparelhauão (B). 2. moniçoẽs (B) e que se vissem (B). 5. com esta (B G L M R). 6. Que os de Luso do porto não sahissem (B). 8. tinhão (B L).

XVIII. 3. vellas (B). 4. Inclinão (B L) pera (M). 5. Ericina (B). 6. Gente (R). 7. tam (B M). 8. Ceo (B G) seta (B G M).

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo
Com toda a mais cerulea companhia:
3 Que porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia;
E propondo-lhe a causa a que desceo,
6 Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
Co' as argenteas caudas branca escuma;
3 Doto co' o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
6 Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de um Tritão com gesto acceso
Vai a linda Dione furiosa;
3 Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa:
Já chegam perto donde o vento teso
6 Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se e rodeam nesse instante
As naos ligeiras, que iam por diante.

XXII.

Põe-se a deosa com outros em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
3 O caminho da barra, estão de geito.
Que em vão assopra o vento a vela inchando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
6 Para detraz a forte nao forçando;
Outras em derredor levando-a estavam
E da barra inimiga a desviavam.

XIX. 1. I Msc. as lindas filhas. 5. deceo. 6. todos (M N) junctamente (M). 7. Pera (M) Armada (R) nã (B). 8. pera (M).

XX. 2. Com as (B M N R). 3. Cloto (A A A B F G co (B). 6. Per (M) I Msc. agua fresca — suma (B G L M). 7. ondas levantadas.

XXI. 1. d'hũ (B tritão M) aceso (B). 4. suberbo (M) tam (M) fermosa B M R) 5. chegão B L). 6. vellas B) belicosa (G). 7. rodeiam (M) rodeião (L) rodêam (G). 8. per (M).

XXII. 1. Poem (B) Poẽ (N) Põem (R) Deosa (B G R) dereito (A A B). 2. Capitaina (G). 3. estão (B L). 4. vella (B). 5. Poem (B M) Põem ([illegible] (M). 7. de redor (G).

XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
3 As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
6 Ali mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
3 Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da popa brada,
6 Vendo como diante ameaçando
Os estava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha:
3 O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
6 Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam:
3 Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua a nado se acolhiam:
De um bordo e d'outro subito saltavam;
6 Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXIII. 1. pera (M). 3. exercitão (B L). 4. hinverno (M) Inverno (B G). 6. mostrão (B L). 7. andavão (B L) Nimphas (B). 8. Aa (B) Gente (R).

XXIV. 1. pera (M) Nao (B). 3. Mareião (L) Mareão (B) Marêam (G R) vellas (B). 4. I Msc. e outro trabalhando — e outro (B G). 5. Mestre (B G). 7. O estava (A). 8. Nao B) mete (B G).

XXV. 1. A medonha celeuma (M, Man. Correa) — levanta (G L R) 6. lhes (R). 7. Cuidão (B L).

XXVI. 4. na agua (G L e a nado (M N R) I Msc. E por salvar-se a nado arremettiam. 5. D'um (G L). 6. compelia (B G).

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
3 Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dali saltando o charco soa,
6 Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto
Que ao perigo grande as naos guiara,
3 Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
6 Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros não cuidada, e juntamente
3 O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste e sem braveza
6 Dos ventos ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

„Oh caso grande estranho e não cuidado!
Oh milagre clarissimo e evidente!
3 Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
6 Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXVII. 2. antigo (B G). 3. per (M). 6. fogir (B). 8. n'agua (M) aparecem (B).

XXVIII. 1. Piloto (B G R) 4. n'agua (M) I Msc. na agua clara. 6 percão (B L) cara (B M R). 7. Capitaina G L R). 8. juncto M).

XXIX 1. Tendo B R) atentado (B) I Msc. Vendo o capitão claro a. 2. junctamente (M). 3 Piloto (B G R). 4. Intende (M). 8. dezia (B).

XXX. 3. descuberto (B) I Msc. engano inesperado. 5. aparelhado (B G L). 7. guarda B). 8. I Msc. á fraca gente.

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
3 Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança;
Mas pois saber humano, nem prudencia
6 Enganos tão fingidos não alcança,
Oh tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
3 Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
6 Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos."

XXXIII.

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e commovida
3 D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas,
6 Já na terceira esphera recebida
Avante passa: e lá no sexto céo,
Para onde está o Padre, se moveo.

XXXIV.

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
3 Que as estrellas e o céo e o ar visinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
6 Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXI. 3. aparencia (B). 6. tam (B M). 7. guarda (B).
XXXII. 2. Gente (R). 4. maligna (B).
XXXIII. 2. fermosa (B M R). 3. D'antre (B) De entre (G L) Nymphas (G Nimphas (B). 4. ficarão (B L). 6. Esphera (B G R) sphera (N). 7. Ceo (G R). 8. Pera M).
XXXIV. 1. afrontada (B). 2. Tam (B L) fermosa (B M). 3. Estrellas (B) Ceo (B G L) Ar (B) I Msc. Que aos deoses, ao ceo e ao ar vizinho. 6. Hũs (B) Hũus (G). 7. Polos (B G) acendia (B). 8. do fogo (B G L N) Fogo (B) Esphera (B G).

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e chara,
3 Se lh' apresenta assi, como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
6 Perdeu vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI.

Os crespos fios d' ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
3 Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
6 Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII.

C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo;
3 Porém nem tudo esconde, nem descobre
O veo dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
6 Lhe põe diante aquelle objecto raro:
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante
Co' o riso uma tristeza misturada,
3 Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa e se ri n'um mesmo instante
6 E se torna entre alegre magoada;
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla:

XXXV. 2. cara B M R. 3. Se lhe B G L R. 6. n'agua (M).

XXXVI. 1. I Msc Os frescos – de ouro G M R). 2. colo (B G). 4. Amor (B G M R). 5. pretina (E F G, conf. Einl. – flamas (B). 6. minino B accendia (B). 8. Hera B).

XXXVII. 1. Co' hum (G sendal (M S). 5. pera (M acenda (B). 6. poem (B). 7. Ceo (B G per M.

XXXVIII. 1. Angelico (G sembrante (B). 2. Co B). 5. Que se queixa (B G, Man. Correa. 6. Var. E se mostra. 7. Dest' arte (B M Deosa (B G R) eguala (R).

XXXIX.

„Sempre eu cuidei, oh Padre poderoso,
Que para as cousas que eu do peito amasse,
3 Te achasse brando, affabil e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pezasse;
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
6 Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que é meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
3 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro e bramo,
6 E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo é maltratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim mas nãos das brutas gentes,
Que pois eu fui . . ." E nisto, de mimosa
3 O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa:
Callada um pouco, como se entre os dentes
6 Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguil-a; e indo por diante
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante:

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
3 Co' o vulto alegre. qual do céo subido
Torna sereno e claro o ar escuro;
As lagrimas lhe alimpa e accendido
6 Na face a beija e abraça o collo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XXXIX. 2. pera (M). 3. affauel (B) I Msc. To achasse amigo, brando affabil e amoroso. 4. I Msc. a algum celeste.

XL. 1. Povo (R).

XLI. 2. I Msc. e nisto como irosa. 4. co (B). 5. s'entre (B). 7. per (M). 8. gran' (M).

XLII. 2. moverão (B L) Tigre (B). 3. Co (B) Ceo (B G). 5. acendido (B). 6. colo (B G).

XLIII.

E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta:
3 Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta,
Por lhe pôr em socego o peito irado,
6 Muitos casos futuros lhe apresenta;
Dos fados as entranhas revolvendo
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

„Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
3 Nem que ninguem commigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
6 Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
3 E se Antenor os seios penetrou
Illyricos e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
6 De Scylla e de Charybdis o mar bravo:
Os vossos, móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
3 Os Turcos bellacissimos e duros
Delles sempre vereis desbaratados:
Os reis da India livres e seguros
6 Vereis ao rei potente subjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLIII. 1. co (B). 2. saluços (B M). 3. minino (B). — Que quem o afaga (G M) acrecenta (B). 5. sossego (B). 7. Fados (B M R) II Msc. os segredos revolvendo.

XLIV. 1. Fermosa (B M R). 3. I Msc. Nem que outro alguem celeste possa mais. 4. I Msc. olhos chorosos. 5. prometo (B). 7. Polos (M) Gente (R).

XLV. 1. Vlisses (B). 2. Ilha (B G). 3. Die Reihenfolge der Verse 3, 4, 5, 6 ist im I Msc.: 5, 6, 3, 4. 4. Iliricos (B). 6. De Scila & de Caribdis (B) 8. Mundos ao Mundo (G).

XLVI. 1 Cidades (B G). 2. Per (M). 5. Reis (B G L N R S). 6. Rei (B G L N Q R S) sujugados (M) sobjugados (G L N R) sojugados B). 7. per (M). 8. I Msc. Serão postas.

XLVII.

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
3 Tremer delle Neptuno de medroso
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso!
6 Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
3 Em que vão descançar da longa via
As naos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
6 O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
3 Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado;
Ali vereis o Mouro furioso
6 De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos claro veja,
Que, se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte
Que dous cercos terá dos vossos sendo;
3 Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
6 Do peito Lusitano fero e horrendo;
Do Mouro ali verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao céo blasphema.

XLVII. 1. presuroso (B G). 2. Per (M). 7. Gente (R). 8. Elementos (B).

XLVIII. 5. urdia (B M R).

XLIX. 1. mar roxo (G) Mar Roxo (R) Mar-Roxo (M) tam (B M). 3. Reino B G). 4. sujugado (M) sobjugado (G L N R) sojugado (B). 6. setas (B).

L. 1. inexpugnauel (B). 5. Enuejoso (B) gran' (M) I Msc. vereis estar Mavorte. 6. Peito R). 7. á luz extrema G). 8. Ceo (B G Q S) blasfema (B).

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
3 De todo o Oriente e sublimada
Co' os triumphos da gente vencedora:
Ali soberba, altiva e exalçada,
6 Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca força e gente;
3 E vereis Calecut desbaratar-se
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
6 Tanto um peito soberbo e insolente
Que cithara jámais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
3 Nas civis Actias guerras animoso
O capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora e do famoso
6 Nilo e do Bactra Scythico e robusto
A victoria trazia e prêsa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica;

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso
Co' os incendios dos vossos pelejando,
3 Levando o Idolatra e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando;
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
6 Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LI. 2. depois (R). 4. Cos (B) Gente (R). 5. suberba (M). 6. gentio (M) Idolos (B). 7. freo (B) frêo (G).

LII. 1. Fortaleza (B G). 4 tam (B M). 5 I Msc. Vereis mais em Cochim. 6. Peito R) suberbo (M). II Msc. um coração tão vivo e valente. 7. citara (B).

LIII. 3. I Msc. Nas Actias guerras forte e animoso. II Msc. Nas intestinas guerras animoso. — Accias (B L R. 4. Capitam (G) Capitão (B R). 6. Bactro (B G) Scitico (B). 8. Egipcia (B).

LIV. 1. aceso (B). 2. Cos (B). 3. Idololatra (A A A N) cf. Einl. — idolátra (M). 5. sogeita (B) Aurea Chersoneso (B G. 7. Ilhas (B G R). 8. Occeano (B G).

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
3 Que nunca se verá tão forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das boreaes ondas ao Estreito,
6 Que mostrou o aggravado Lusitano;
Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra; porque tenha
3 Um pacifico porto e socegado
Para onde sem receio a frota venha.
E para que em Mombaça aventurado
6 O forte capitão se não detenha
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cyllenêo voava,
Com as azas nos pés á terra dece;
3 Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
6 Do inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
3 Que nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
6 Co' o rumor famosissimo e preclaro;
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

LV. 2. Amostrarão (B L). 3. tam (B M) Peito (R). 5. Boreaes (B G L N Q S). 6. agravado (B). 7. Mundo (G) afrontados (B).

LVI. 1. II Msc. manda o bem fallado. 2. Maya (B). 3. sossegado (B). 4. Pera (M) Frota (R). 5. pera (M). 6. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S).

LVII. 1. Cylenêo B G). 2. desce (R). 6. Dos infernos (G L M R) Infernos (G). 8. d'est' arte (M .

LVIII. 1. Consigo (B . 2. I Msc. grande e claro. 4. caro (B M R). 5. D'est' arte M) Gente (R). 6. Co' (B). 8. Gente (R). — Im I Msc. steht der siebente Vers vor dem achten.

LIX.

Dali para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavam temerosas;
3 Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas;
Porque mui pouco val esforço e arte
6 Contra infernaes vontades enganosas;
Pouco val coração, astucia e siso,
Se lá dos céos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no céo co' a luz alhea
3 Tinham o largo mundo alumiado;
E só co' o somno a gente se recrea:
O capitão illustre já cansado
6 De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: „Fuge, fuge, Lusitano,
3 Da cilada que o rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o céo te favorece;
6 Sereno o tempo tens e o Oceano
E outro rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio que o cru Diomedes dava,
3 Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava;
As aras de Busiris infamado,
6 Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LIX. 1. pera (M). 2. Naus (R). 3. Pera (M) Gente (R). 4. sospeitosas (B).

LX. 2. Estrellas (B) Ceo (B G) co a B) alheio (B L R) alhêa (G). 3. Tinhão (B L) Mundo (G) allumiado (B L M N R). 4 co (B) sono (B) gente (R) recreia (B L R recrêa (G). 5. Cap tam (G) Capitão B L N Q R S). 6. arreceia (B L R) arrecêa (G). 7. entam (B).

LXI. 1. aparece (B). 3. Rei (B G L N R S). 5. Ceo (G L Q R S). 6. I Msc. Manso o vento tens — têes G L) Occeano (B G. 7. Rei B G L N Q R S).

LXII. 1. têes (G L) aparelhado (B L R). 5. Aras (B). 6. imolaua (B).

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
3 Lá quasi junto, donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade.
Ali tua frota alegre recebendo
6 Um rei com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria
E para a India certa e sábia guia."

LXIV.

Isto Mercurio disse e o somno leva
Ao capitão, que com mui grande espanto
3 Acorda e vê ferida a escura treva
De uma subita luz e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
6 Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava.

LXV.

„Dai velas", disse, „dai ao largo vento,
Que o céo nos favorece e Deos o manda;
3 Que um mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda."
Alevanta-se nisto o movimento
6 Dos marinheiros de uma e de outra banda:
Levam gritando as ancoras acima
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam
Na sombra escura os Mouros escondidos
3 Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos;
Mas com vista de linces vigiavam
6 Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentiram,
Voando e não remando lhe fugiram.

LXIII. 1. Costa (R). 3. juncto (M) Sol (B G N). 4. cantidade (M). 5. Frota (R). 6. Rei (B G N Q R S). 8. pera (M).

LXIV. 2. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 3. I Msc. vê ferir. 4. sancto (B). 7. sprito (B) — Mestre (G R).

LXV. 2. Ceo (B L R). 3. messageiro (M). 6. d'outra (B). 7. levão (B L).

LXVI. 5. Linces (B) lynces (M). — 8. lhes (R) fogiraõ (B).

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento;
3 Assopra-lhe galerno o vento e brando
Com suave e sêguro movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
6 Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto apêrto
A vida em salvo escapa por acêrto.

LXVIII.

Tinha uma volta dado o sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
3 Ao longe dous navios, brandamente
Co' os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
6 Para elles arribando, as velas viram:
Um de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não é o outro, que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
3 Sem o rigor de Marte furioso
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que como fosse debil e medroso
6 Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
3 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeu como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse,
6 A que parte dos céos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXVII. 8. per acerto (M) Var. escapa em salva.
LXVIII. 1. Sol (B G N. 3. I Msc. navios, mansamente. 4. Cos (B). I Msc. suspiram. 5. Gente (R). 6. Pera (M.
LXIX. 1. tam M). 8. dano (B.
LXX. 1. I Msc. o illustre Gama desejasse. 2. pera (M). 4. socedeo (B). 6. Ceos (G). 8. achará (M) — Piloto (B G R.

LXXI.

Louvam do rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
3 Magnificencia grande e humanidade
Com partes de grandissimo respeito.
O capitão o assella por verdade,
6 Porque já lh'o dissera, deste geito,
O Cyllenêo em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea,
3 Quando um e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
6 O pressuroso sol, que o céo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via
3 De toldos adornada e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia;
Treme a bandeira, voa o estandarte,
6 A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores e pandeiros:
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada,
3 Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a d' outra terra atraz deixada:
Surge diante a frota Lusitana;
6 Péga no fundo a ancora pesada:
Mandam fóra um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao rei manifestaram.

LXXI. 1. Louvão (B L) Rei (B G N Q R S). 5. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 7. Cyleneo B G) 8. Pera (M).

LXXII. 2. Phebea G L N) Febea (B). 3. um, e outro (L M). 4. d'Amalthea (B). 6. presuroso (B G L — Sol (B G N Q R S) — Ceo (G L). 7. Aquelle (B) sogeito (B).

LXXIII. 1. Frota (R). 2. Reino (B G . 7. Soão (B L). 8. entravão (B L).

LXXIV. 2. De gente (A G) Armada (R). 4. I Msc. d'outra costa — de outra (G L). 5. Frota (R). 6. pezada (G L N). 7. Mandão (B L). 8. Per (M) Rei (B G L N Q R S).

LXXV.

O rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
3 Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo e pureza,
6 Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros
E palavras sinceras não dobradas,
3 As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros
6 E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia:
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado;
3 E logo manda ao rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, côr ardente;
6 O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como é fóra dellas, se endurece.

LXXVIII.

Manda mais um na pratica elegante,
Que co' o rei nobre as pazes concertasse;
3 E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
6 Como na terra ao rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXV. 1. Rei (B G N Q R S). 4. Gente (R) — o merece (G L R). 8. Pera que (M).

LXXVI. 3. Rei (B G N Q R S) Cavalleiros (R). 5. Manda-lhes (R). 7. frutas (B) fruitas (M — antam (A).

LXXVII. 1. Capitam (G) Capitão B L N Q R S. 2. messageiro (M) Mensageiro (R). 3. Rei (B G N Q R S). 4. I Msc. Que lá de longe tinha apparelhado. 5. I Msc. côr excellente. 6. I Msc. Com o coral puniceo tão prezado.

LXXVIII. 1. practica (M). 2. co (B) Rei (B G N Q R S). 5. Embaixador (B R). 6. Rei (B G N Q R S).

LXXIX.

„Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da summa Justiça concedido
3 Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido;
Como porto mui forte e mui seguro
6 De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas
3 A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando
6 Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De um rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume e usança fea,
3 Que não vedem os portos tamsómente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
6 Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, oh Rei benino,
3 E aquella certa ajuda em ti esperâmos
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos
6 Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nós manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.

LXXIX. 1. rei (M). 2. summa justiça (B G L), Summa Justiça (M Q S). suma (B) 3. suberbo (M). 7. pera que (M).

LXXX. 2. Cidades (B G). 3. Man. Correa: A ferro e fogo. 4. P'ra roubar-lhe (Q S) — cubiçadas (B M). 5. suberba (M) I Msc. da famosa Europa. 6. I Msc. terras nomeadas. 8. Rei (B G L N Q R S).

LXXXI. 1. tam (B M). 2. feia (L R) fêa (G M). 4. ainda (B) areia (L R) arêa (G M). 6. tam (B M) arreceia (L R) arrecêa (G M).

LXXXII. 2. rei (M) benigno (B). 4. Itaco (B). 6. interprete (B M) Divino (G).

LXXXIII.

E não cuides, oh Rei, que não sahisse
O nosso capitão esclarecido
3 A ver-te ou a servir-te porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
6 O regimento em tudo obedecido
De seu rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV.

E porque é de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
3 Não quererás, pois tens de rei o officio,
Que ninguem a seu rei desobedeça:
Mas as mercês e o grande beneficio,
6 Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem."

LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em pratica fallando,
3 Louvavam muito o estamago da gente
Que tantos céos e mares vai passando:
E o rei illustre, o peito obediente
6 Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do rei, que é tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista e ledo aspeito
Responde ao embaixador, que tanto estima:
3 „Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço e obras são de geito,
6 Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

LXXXIII. 1. rei (M). 2. Capitam G) Capitão (B L N Q R S). 3. e a servir-te (M . 4. sospeitasse (B). 5. cõprisse (B). 7. Rei (B G L N Q R S). 8. Frota (R) Var. n'algum porto.

LXXXIV. 3. tẽes (G L) Rei (B G L N Q S) — rei officio (R). 4. Rei (B G L N Q S . 6 promete (B). 7. puderem (G L N . 8. pera (M).

LXXXV. 1. junctamente (M). 2. Hũus (G) — practica (M . 3. estomago (G L N Q S) — Gento (R). — 4. Ceos (B G). — 5. Rei (B G L N Q R S . 8. Rei (B G L N Q R S) tam (B M .

LXXXVI. 2. Embaixador B G R . — 4. I Msc. Nenhum temor ou medo em vós. — 6. Pera vos (M).

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
3 Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
6 Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
3 Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
6 Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos".

LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
3 Co' a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
6 Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra, que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
3 Fazem os bombardeiros seu officio,
O céo, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
6 Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o céo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

LXXXVII. 2. preminencia (B). 5. lh' o regimento (M) lhe o regimento (R). 7. Peitos R) tam (M).
LXXXVIII. 2. Mundo (G).
LXXXIX. 2. messageiro M) Mensageiro (R). 4. Pera (M) — Frota (R). — 5. Var. Enchem os. 7. Pera (M).
XC. 1. faltão (B L) Var. ali raios — arteficio B). 2. Cometas (G). 3. Bombardeiros (B). 4. Ceo (B G). 7. Ceo (B G).

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co' o raio volteando, com zonido;
3 Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao céo da gente:
6 O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra: e assi festeja
Um ao outro á maneira de peleja.

XCII.

Mas já o céo inquieto revolvendo
As gentes incitava a seu trabalho:
3 E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo
6 Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
3 Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias
6 E do arco que os cornos arremeda
Da lua trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
3 Traz o rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado
6 Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça uma fota guarnecida
De ouro e de seda e de algodão tecida.

XCI. 1. junctamente (M). 2. Co (B) — zunido (M). - 5. se levanta (G) — Ceo (B G) Gente (R). 6. Mar (B).

XCII. 1. Ceo (B G). 3. Menon (B). 5. Hião (B L). 6. fresco orvalho (G). 7. Rei (B G L N Q R S) Milindano (B). 8. Frota (R).

XCIII. 1. Vião (B L) em de redor (G). 4. Lustrão (B L). — 5. logar (M R). — 7. Lua (L N Q R S) Lũa (B G) Palmeira (B).

XCIV. 2. Var. seda. 3. Rei (B G L N Q R S). 4. Nobres (G) Reino (B G) Senhores (G). 8. d'ouro (B), d'algodâm (B).

XCV.

Cabaia de damasco rico e dino
Da Tyria côr entre elles estimada;
3 Um collar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada:
C' um resplandor reluze adamantino,
6 Na cinta a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés em fim de tudo
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com um redondo amparo alto de seda
N'uma alta e dourada hastea enxerido,
3 Um ministro á solar quentura veda
Que não offenda e queime o rei subido.
Musica traz na proa estranha e leda
6 De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da frota se partia
3 A receber no mar o Melindano
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
6 Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza:

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o sol reluzindo a vista cega;
3 As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas,
6 Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra um pouco declinada.

XCV. 1. Damasco (B). 3. colar (B G). 4. I Msc. De obra subtil da poucos alcançada. 6. I Msc. O pyropo na adaga bem lavrada.

XCVI. 2. Em uma (L), N'hũa (G) N'ũa (B). 3. I Msc. Hum ministro ao sol ardente veda. 4. Rei (B G L N Q R S). 6. horrisono (G L M R) I Msc. De aspero som e de outrem não sabido.

XCVII. 2. Frota (R) 7. cetim B).

XCVIII. 2. Sol (B G N Q S). 4. Fortuna (B L R). 6. ajuncta (M). 8. Pruma I (B) Msc. Co' a pluma a gorra um pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta, que dá o murice excellente,
3 A varia côr que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente:
Tal o formoso esmalte se notava
6 Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres, resoando:
3 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam,
6 Com as nuvens de fumo o sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do capitão
O rei, que nos seus braços o levava:
3 Elle co' a cortezia que a razão
(Por ser rei) requeria. lhe fallava.
C'umas mostras de espanto e admiração
6 O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
3 E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lhe pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
6 A gente Lusitana sem que a visse:
Que já ouviu dizer que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

XCIX. 2. tincta (M). 4. diferente (B). 5. fermoso (B M). 6. junctamente (M). 8. Nympha (B G).

C. 2. resonando (A B G). 5. bramando (A A A). 6. Sol (B G). 7. Amiudão (B L). 8. Tapão (B L).

CI. 1 2. I Msc.:

Já no batel entrava o capitão
Do rei, que nos seus braços o levava.

Capitão (G L N Q R S Capitàm (B). 2. Rei (B G L N Q R S). 3. razàm (B). 4. Rei (B G L N Q R S). 5. Co' humas (G) C'ũas (B) — d'espanto (M) — admiraçàm (B). 6. o gesto e modo (B). 8. tam (M).

CII. 2. Reinos (B G). 5. per (M). 6. Gente (R).

CIII.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
3 Quando nella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viveram.
E com muitas palavras apregoa
6 O menos, que os de Luso mereceram,
E o mais, que pela fama o rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia:

CIV.

„Oh tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
3 Que com tanta miseria e adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
6 Que o céo revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo
Nos recebes em paz do mar profundo;
3 Em ti dos ventos horridos de Eólo
Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
6 As estrellas e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.“

CVI.

Isto dizendo os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
3 Vão as naos uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja:
Mas para o céo Vulcano fuzilando,
6 A frota co' as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co' os anafis os Mouros respondiam.

CIII. 1. per (M). 2. dos grandes feitos (L). 3. ganharão (B L). 4. Reino (B G). 6. que de Luso (A). 7. Rei (B G L N Q R S).

CIV. 2. benino (M) Gente (R). 4. exp'rimenta (M Q S), experimenta (R). 6. Ceo (B G Q S) I Msc. que o sol revolve.

CV. 1. Apolo (G M). 2. Var. recebeste. 5. apacentar (B R) Polo (B G L). 6. Estrellas (B) — Sol (B G N Q S) Mundo (G). 8. Vivirão (G L M Viuirâm (B).

CVI. 2. Pera (M) Frota (R). 3. Náus (R) hũa & hũa (B). 5. pera (M) Ceo (B G). 6. Frota (R) I Msc. co' as bandeiras. 8. Cos (B).

CVII

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
3 Ouvindo o instrumento inusitado
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto e ancorado
6 N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co' o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
3 Pelas guerras famosas e excellentes
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
6 De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

„Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta," lhe dizia, „diligente
3 Da terra tua o clima e região
Do mundo onde morais distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
6 E o principio do reino tão potente,
Co' os successos das guerras do começo,
Que sem sabel-as sei que são de preço:

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
3 Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta; que agora vem co' os aureos freios
6 Os cavallos e o carro marchetado
Do novo sol, da fria Aurora trazem,
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CVII. 1. depois (R). 4. tammanho (M). 6. Na agua (G). 7. I Msc. co' o illustre Gama.
CVIII. 1. practicas (M). 4. Co (B).
CIX. 1. capitão (M . 3. regiàm (B). 4. Mundo (G) distintamente (B). 5. antiga (B geraçàm (B . 6. Reino (B G) tam B M). 7. Cos (B).
CX. 1. rodêos (G). 3. alhêos (G). 4. têe (L 5. cos (B) frêos (G). 7. Sol (B G N).

CXI.

E não menos co' o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
3 Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
6 De nós o claro sol para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

CXII.

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro;
3 Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro;
Se houve feitos no mundo tão possantes,
6 Não menos é trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e céo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
3 Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
6 O desejo de um nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria."

CXI. 1. co (B). 3. per (M) I Msc.
Que quem he o que ignora e não conhece
As famas Portuguezas singulares?
6. Sol (B G N Q S) — pera (M). 7. tẽe (L) tam (B M).

CXII. 1. Comettêrao (G) Cometerão (B) suberbos (B M) gigantes (M). 2. vã M Q R S). 3. Peritho (B) Reino (B G). 5. tam (M). 6 I Msc. trabalho estranho e duro. 7. cometer (B) cometter (G Inferno (B G) Ceo (B G). 8. cometa (B) cometta G.)

CXIII. 1. Templo (G). 2. sutil (B M) Tesifonio (B). 3. Horostràto (B). 4. Mundo (G . 6. auentajado (B). 7. razão he (B G L R). 8. tam (M).

CANTO TERCEIRO.

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao rei o illustre Gama:
3 Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
6 De quem Orpheo pariste, oh linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Põe tu, Nympha. em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
3 Que veja e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
6 Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receo,
Que se escureça o teu querido Orpheo.

I. 1. Caliope (B). 2. Rei (B G L N Q R S. 5. Medicina (B G. 6. Dama (B) I Msc. oh docta dama. 7. Clicie B G). 8. I Msc. amor divino.
II. 1. Poem (B) — nympha (M) — Ninfa (B). 2. Gente (R). 4. liquor (M). 5. de Pindo G L M N R). 6. Apolo (G). 7. têes (L) receio (L N Q R S) recêo (G). 8. Orpheio (L N Q R S).

III.

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
3 Quando despois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto assi dizia:
„Mandas-me, oh Rei, que conte declarando
6 De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
3 Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio,
6 Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo e serei breve.

V.

Alem disso o que a tudo em fim me obriga,
É não poder mentir no que disser,
3 Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve e siga,
6 Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona, que o cancro senhorea,
Meta septentrional do sol luzente,
3 E aquella que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
6 Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela austral o mar Mediterrano.

III. 1. estavão (B L . 2. I Msc. o que o capitão claro contaria. 3. depois (R). 5. rei (M). 4. Var. Alevantado. 6. gran' (M). 7. cantar (A).

IV. 1. alheo B alhêo (G). 3. arrecco (B) arrecêo (G . 5. pera (M). 6. creo (B) crêo G .

V. 7. tractarei (M). 8. depois (R .

VI. 1. Zona (B G) Cancro (B G L N Q R S senhoreia (L R) senhorêa (G . 2. Septentrional (B G L N R — Sol (B G N Q S . 3. arreceia (L R) arrecêa (G). 5. suberba M) rodeia (L R) rodêa (G . 7. Occeano (B G). 8. Austral (B G L M N Q R S).

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha: mas o rio,
3 Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
6 Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
3 E aquelles, onde sempre sopra Eólo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
6 Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
3 Tiveram sobre a humana antiguidade
Co' os que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava de verdade,
6 (Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

X.

Agóra nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noruega;
3 Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega.
Aqui em quanto as aguas não refrea
6 O congelado inverno se navega
Um braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

VII. 7. triunfante (B).

VIII. 1. debaxo (B) Polo (B G). 4. co (B). 5. tam (B M) Apolo (G M). 6.Mundo (G).

IX. 1. cantidade (M). 2. antigamête (B). 3. Tiverão (B L). 4. tinhão (B L) entam (A) antão (A A). 5. tam (B M). 7. pera (M).

X. 1. nomeia (L R) nomêa (G). 2. I Msc. A fria Dania, a inculta Noruega — Lapia (B) Noroega (G L M N R). 3. I Msc. Os Hunos, a grão Gotthia que se arrea — arreia (L R) arrêa (G). 5. refreia (L R) refrêa (G). 6. I Msc. O desabrido inverno. — Inverno (B G) hinverno (M). 7. I Msc. Grão parte do Sarmatico Oceano. — Occeano (B G). 8. I Msc. Pelo Baltico, Russio e Lithiano. — Auf Str. X. folgt im I Msc. die nachstehende:

Entre este mar e as aguas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino
3 Os Sarmátas estão, que se mantem
Bebendo o roxo sangue e leite equino.
Aqui vivem os Missios, que tambem
6 Tem parte de Asia, povo baixo e indino;
E os Abios que mulheres não recebem,
E muitos mais que o Borysthenes bebem.

XI.

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
3 Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao imperio de Alemanha
6 São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro e o claro estreito
Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
3 Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co' o Hemo, Rhódope sujeito
6 Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino,
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
3 E vós tambem, oh terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes
6 E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o céo penetras,
E não menos por armas que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
3 A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
6 De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos no engenho que na espada.

XI. 1. Entr' este (B) Mar B. 4. Hircinia (B N). 5. Imperio (B G R) Allemanha (S). 6. Sam (B Boemios & Panonios (B). 7. Reno (B) Var. Reino frio. 8. Rio (B).

XII. 2. co B). 4. tam B M). 5. co (B). 6. Otomano (B) sumettida (M somettida (B) sobmettida G L).

XIII. 4. ingenhos M). 5. criastes B G). 6. fantasia (B), phantesia (M. 7. Man. Correa: ‚Com que' — B undeutlich scheint què oder quẽ zu haben. — Ceo (G L). 8. per armas que per letras M).

XIV. 3. suberba (M). 4. I Msc. Da agua que tão humilde começou — tam (B M). 6. I Msc. De esforço o mundo todo sujeitou — sojeitou (B). 8. ingenho (M).

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co' os muros naturaes por outra parte:
3 Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem divino,
6 Perdendo o esforço veiu e bellica arte:
Pobre está já da antigua potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!

XVI.

Gallia ali se verá, que nomeada
Co' os Cesareos triumphos foi no mundo,
3 Que do Séquana e Rhódano é regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo:
Logo os montes da nympha sepultada,
6 Pyrene, se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali de Europa toda:
3 Em cujo senhorio e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força ou manha,
6 A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
3 Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
6 Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valôr,
Que qualquer dellas cuida que é melhor.

XV. 1. Reino (B G Q S). 2. Cos (B) per (M). 3. Apenino (B). 4. tam (B M). 5. depois (R) Porteiro (G L M N). 7. antiga (B). 8. de humildade (M N R).

XVI. 1. I Msc. França ali. 2. Cos (B) cesareos M R) triumfos (B) Mundo (G). 5. Nympha (G L N Q R S) Nimpha (B). 6. alevantão (B L) 7. contão B L). 8. d'ouro (B).

XVII. 1. Espanha (B). 2. da Europa (L Q S). 8. I Msc. Dos belligeros peitos.

XVIII. 3. I Msc. o Estreito claro. 4. Co (B). 6. Occeano G).

XIX.

Tem o Tarragonez que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
3 O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto e o grande e raro
6 Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor della,
Betis, Leão, Granada com Castella.

XX.

Eis-aqui quasi cume da cabeça
De Europa toda o reino Lusitano,
3 Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o céo justo que floreça
6 Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta é a ditosa patria minha amada;
A' qual se o céo me dá, que eu sem perigo
3 Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali commigo.
Esta foi Lusitania, derivada
6 De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros
E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
3 Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
6 Por decreto do ceo, ligeiro e leve,
Veiu a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre: e foi desta arte.

XIX. 1. Têe (L). 2. Partênope (B). 4. forão (B L). 5. Galego (B). 6. Planeta (B G). 7. d'Espanha (B) Senhor (G). 8. Bethis, Liaõ (B).

XX. 2. Da Europa (L Reino (B G R). 4. I Msc. E onde o sol. — Occeano (B G). 5. Ceo (B G L N Q R S). 6. I Msc. Nas armas, com que ao proprio Mauritano. 7. I Msc. Deitou dos proprios fins; e lá na ardente. 8. o nam (B).

XXI. I Msc.: Esta he aquella patria minha amada,
A' qual se o céo me dá que torne vivo
3 Com tamanha empreza já acabada,
Ser-me-ha gosto entre os homens excessivo.
Esta foi Lusitania derivada
6 De Luso ou Lysa, que do antiguo Divo
Baccho Thebano foram companheiros,
Nella, parece, os incolas primeiros.

1. Ceo (B G L N Q R S). 3. empresa (B L M). 4. comigo B G L M N). 7. forão (B L). 8. entam B) Incolas (B G).

XXII. 1. I Msc. Daqui o pastor — Pastor (B G L N Q R S). 4. I Msc a eterna Roma. 6. Per (M) Ceo (B G L N Q R S). 7. Mundo (G). 8. Criando (B G R) Reino (B G R) — dest' arte (B).

XXIII.

Um rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
3 Que por armas sanguinas, força e manha
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste rei a fama estranha
6 Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c' um amor intrinseco accendidos
Da fé mais que das honras populares,
3 Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares,
Despois que em feitos altos e subidos
6 Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes
Levassem premio digno e dões iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de um rei de Hungria exprimentado,
3 Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado:
E para mais sinal d'amor profundo,
6 Quiz o rei Castelhano que casado
Com Teresa, sua filha, o conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
3 Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes
6 Deu-lhe o supremo Deos em tempo breve
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXIII. 1. Rei (B G L N Q R S) — per (M) Afonso (G M) Espanha (B). 3. per (M). 5. Rei (B L N Q R S). 7. pera (M). 8. Vinhão (B L).

XXIV. 1. E com hũ (B), co' hum (G) I Msc. Com este amor. 2. Fé (B G L N Q R S). 3. Erão (B L). 4. Lares (G). 5. Depois (R). 6. mostrarão (B L). 7. Afonso (G M I Msc. Quiz o famoso rei. 8. dino (M) dons (L R) doẽs (B) I Msc. premios dignos e galardões.

XXV. 2. d'hũ (B) Rei (B G L N Q R S) Vngria (B) exp'rimentado (M S). 3. I Msc. Lhe deram Portugal que então no mundo. — Mundo (G). 4. I Msc. Então não era conhecido. 5. pera M) signal (G L M N) — de amor (G). 6. Rei B G L N Q R S). 7. Conde (B G L N Q R S).

XXVI. 1. depois (R). 8. Reino (B G R).

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
3 E do Jordão a areia tinha vista,
Que viu de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
6 Despois de ter Judea subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro estremado,
3 Forçado da fatal necessidade,
O esprito deu a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
6 Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado —
Que em tanta antiguidade não ha certeza —
3 Conta que a mãi tomando todo o estado
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho orphão deixava desherdado,
6 Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o principe Affonso (que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
3 Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
6 Imagina comsigo como as tome;
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXVII. 2. Cidade (B G) Hyerosolima (B), hierosólyma (M). 3. area (B) arêa (G N). 4. I Msc. de Christo a carne. 5. Gotfredo (B). 6. Depois (R) sobjugada (L R) sujugada (M) sojugada (B). 8. Pera (M) Senhorios (G).

XXVIII. 2. Vngaro (B) extremado (M S). 4. O sprito (B) O esp'rito (L M Q R S) O espirito (N). 7. Mundo (G).

XXIX 2. nã ha (M). 3. Estado (G Q S) tomando o Estado (S). 4. Hymeneo (B G). 5. orpham (M N) orfaõ (B). 6. Var. das terras. 7. Var E o senhorio. 8. pera (M). — Diese Str. lautet im I Msc.:

Mas a iniqua mãi seguindo em tudo
Do peito feminil a condição
3 Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma hum seu irmão.
Vêde um peccado grave, bruto e rudo,
6 De outro nascido! Oh grande admiração!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada e por mulher.

XXX. 1. Principe (B G Q S) Afonso (G M) d'est' arte (M). 2. Auó (B). 6. consigo (B). 7. cousas (B L M).

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
3 Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
6 E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era maior.

XXXII.

Oh Progne crua! oh magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
3 Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea
6 São as cousas deste erro principais:
Scylla, por uma, mata o velho pai,
Esta, por ambas, contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãi levava;
3 Já lhe obedece a terra n'um momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém vencido de ira o entendimento,
6 A mãi em ferros asperos atava:
Maz de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
3 Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
6 Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afugenta.

XXXI. 2. Co (B). 3. tam (B M). 6. suberba (M) I Msc. a inquieta.
XXXII. 1. Medêa (B R). 3. alhêa (G) alheia (R). 5. cubiça (B M) fêa (G) feia (R). 7. hũa (B).
XXXIII. 1. Principe (B G L N Q R S). 2. inica B). 5. I Msc. o sentimento — intendimento (M).
XXXIV. 1. ajuncta (M) suberbo (M). 2. Pera (M) I Msc. Convocado da injuria de Teresa. 3. Contra o tam raro e ingente Lusitano (Man. Correa, M) I Msc. Contra o tão fraco em gente Lusitano — tam (B M). 4. agraua (B). 5. Em trabalho cruel (A). 6. Angelica (B G). 8. affugenta (B G L N R).

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
3 De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
6 O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte podera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vasallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
3 Se vai ao Castelhano, promettendo,
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
6 Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o rei Castelhano já aguardava,
3 Que o principe, a seu mando submettido,
Lhe désse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
6 O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
3 Descalços e despidos de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
„„Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
6 De minha temeraria confiança,““
Dizia, „„eis-aqui venho offerecido
A te pagar co' a vida o promettido.

XXXV. 4. I Msc. Torna o Castelhano magoado. 7. pudera (G L N R).

XXXVI. 2. Senhor (G). 3. prometendo (B). 6. conciencia (M). 7. D' Egas (B). 8. I Msc. Do Lusitano illustre — sogeito (B).

XXXVII. 1. prometido (B). 2. I Msc. o Rei de Castella — Rei (B G L N Q R S). 3. Principe (B G L N Q R S) sumettido (M) sometido (B) submettido (G L N R). 8. còmprida (B).

XXXVIII. 1. molher (B). 2. A levantar (G M). 5. rei (M). 6. I Msc. temeraria segurança. 8. prometido (B).

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte;
3 Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
6 Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Sinis e do touro de Perillo.""

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
3 Põe no cepo a garganta e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do principe indignado
6 Egas estava a tudo offerecido:
Mas o rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
De vasallo que a tanto se obrigava!
3 Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
6 Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

XLII.

Mas já o principe Affonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
3 Contra o Mouro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
6 O arraial soberbo e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força e gente tão pequeno.

XXXIX. 6. exp'rimenta (M Q S). 7. estillo (B M) estilo (G). 8. Allgemeine Lesart: Scinis Perilo (G).

XL. 1. condenado (B M). 2. têe (L) 3. tam (B M) I Msc. e já inclinado. 5. Principe (B G L N Q R S) indinado (M). 6. I Msc. a tudo sumettido. 7. Rei (B G L N Q R S).

XLI. 1. gram (B gran' (M). 8. Babilonias (B).

XLII. 1. Principe (B G L N Q R S) Afonso (G M N) aparelhaua (B). 2. I Msc. exercito orgulhoso. 6. suberbo (M). 8. em força grande tão pequeno (Man. Correa.) — tam (M).

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o céo regia;
3 Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para um só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
6 Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter um tamanho ajuntamento,
Que para um cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
3 Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
6 Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV.

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava,
3 Quando na cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
6 Na fé todo inflammado, assi gritava:
„„Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!““

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
3 Por seu rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
6 Dos amigos gritando o céo tocavam,
Dizendo em alta voz: „„Real, real,
Por Affonso, alto rei de Portugal!““

XLIII. 1. nenhũa (B). 2. Ceo (B G Q S) I Msc. Senão naquelle Deos. 3. tam (M) — bautizado (B M). 4. pera (M). 5. sossegado (B). 6. I Msc. Por muito mais doudice que. 7. Cometer (B) tammanho ajunctamento (M). 8 pera (M) Cavalleiro (G).

XLIV. 1. Reis (B G L N Q R S) I Msc. Cinco Reis são os Mouros inimigos. 3. experimentados (R) exp'rimentados M Q S. 5. Damas (B G). 6. fermosa (B M) famosa (R) Dama (B G). 8. Termodonte (B) Thermodoonte (G).

XLV. 2. Estrellas (B Polo G L R) Pollo (B). 3. Cruz (B G N Q S). 4. Afonso (G M N) I Msc. Amostrando-se ao principe. 5. aparecia (B). 6. Fé (R G L N Q R S).

XLVI. 2. inflamados (M. 6. Ceo (G Q S). 7. real, real (B) Real, Real (G L N Q R S). 8. Afonso (G M N) Rei (B G L N Q R S) I Msc. Por Dom Affonso, Rei de Portugal.

XLVII.

Qual co' os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso
3 Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
6 Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que, em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII.

Tal do rei novo o estamago accendido
Por Deos e pelo povo juntamente,
3 O barbaro commette apercebido,
Co' o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
6 Dos gritos; tocam á arma; ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (assoprando
3 O sibilante Boreas) animada
Co' o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitado
6 Co' o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L.

Desta arte o Mouro attonito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
3 Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
6 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns cahem meios mortos e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

XLVII. 1. cos (B). 2. Moloso (B). 3. Touro remete (B).

XLVIII. 1. Rei (B G L N Q R S) — estomago (G L N Q S). 2. junctamente (M). 3. comete (B). 4. Cõ o (B). 5. Levantão (B L). 6. tocão (L) tocam arma G M) — a arma (B N). 7. tomão (B L).

XLIX. 1. flama (B). 4. Co (B) seco B) I Msc. cego — matto (M). 6. Co (B) sono (B). 7. I Msc. Ao estrondo — ateia (L M R) atêa G). 8. II Msc. Recolhe o gado — pera M) — aldeia (L M R) aldêa (G).

L. 1. Dest' arte (L M Q S) atonito (B). 3. fuge (M). 7. Var. meio.

LI.

Ali se vem encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra:
3 E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos e forçosos,
6 Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
3 E d' outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
6 Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde
Tornado carmesi de branco e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica:
3 Desbaratado e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
6 Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos
Em sinal destes cinco reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,
3 Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido:
Em cada um dos cinco cinco pinta;
6 Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LI. 2. Pera (M) hũa (B) I Msc. Que podiam mover uma alta serra. 6. Per (M) acesa (B). 8. abolla (B).

LII. 3 de outros G). 6. de sangue (A F G M P.. 8. Tornando (A).

LIII. 2 trofeos (B). 3. Mauro Hispano (B L R). 4. gram (B) gran' (M) Rei (B G L N Q R S. 8. signal G L M N R) Reis B G L N Q R S.

LIV. 5. E cada (S) 8. Cruz (B G).

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o rei subido
3 A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
6 Foi juntamente e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
3 E nas serras da lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço.
Cintra, onde as Naiádes escondidas
6 Nas fontes vão fugindo ao doce laço
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,
3 Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
6 Obedeceste á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis e do Rheno
E da fria Bretanha conduzidos,
3 A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno.
6 Co' o arraial do grande Affonso unidos
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LV. 2. gram (B) gran' (M) Rei (B G L N Q R S). 5. I Msc. a secca Arronches — sujugada (M) sojugada B) sobjugada (G L N R). 6. juncta-mente (M). 7. Scabelicastro (B G Var. Cabelicastro. 8. tam (B M).

LVI. 1. sumettidas (M) sometidas B sobmettidas G L N R) I Msc. fortes villas. 2. Ajuncta (M I Msc. Ajunta a forte Mafra. 3. Lua (L N Q R S Lũa (B G). 4. Sujuga (M) sojuga B) sobjuga (G L N R). 4. 5. Sintra (B). 7. Amor (B L M N R). 8. acendendo (B).

LVII. 1. Mundo (G). 2. Princesa (B G). 4. Por (M) acesa (B). 7. Armada (R). 8. Boreaes (B G L N Q S).

LVIII. 4. I Msc.: Povos com tenção — erão (B L). 6. Cõ o (B) Afonso (G M N). 7. Ceos (G). 8. Vlisseos (B) I Msc. Mouros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
3 Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
6 Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada se rendeu
Aquella que nos tempos já passados
3 A' grande força nunca obedeceu
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
6 Que o Ibero o viu e Tejo amedrontados
E em fim, co' o Betis tanto alguns poderam
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
3 Não pôde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
6 Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

LXII.

E vós tambem, oh terras Transtaganas,
Affamadas co' o dom da flava Ceres,
3 Obedeceis ás forças mais que humanas
Entregando-lhe os muros e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
6 Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas
E Alcacere-do-Sal estão rendidas.

LIX. 1. Lua (B N Q S) Lũa (B G). 2. I Msc. claro o vosto. 3. Cidade (B G). 5. tam (B M). 6. presuposto (B).

LX. 1. D'est' arte (M) 3. Aa (B) A (S) 6. I Msc. Que o Reno, Albis e Ibero amedrontados. 7. Var. do Betis — co Bethis B) algum (A, A A) algũus (G) — puderam (G L N R).

LXI. 1. Cidade (B G) tam (B M) per M) 3. poude (M). 6. per (M). 8. lavã (M N Q S) cf. Einl. — Torres vedras (B) Torres-Vedras (L M N R).

LXII. 2. Afamadas (M) co (B). 3 I Msc. forças sobrehumanas. 5. Lavrador (G). 8. Alcaçare do sal (B) Alcacere do Sal (G Q R S).

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
3 Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes que cento e cento
6 Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
3 Affonso, que não sabe socegar
Por estender co' a fama a curta vida:
Não se lhe pôde muito sustentar
6 A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas subjugada foi Palmella
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
3 Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata um exercito potente:
Sentiu-o a villa, e viu-o o senhor della,
6 Que a soccorrel-a vinha diligente,
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
3 Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro
6 Co' os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

LXIII. 1. Cidade (B G). 2. antigamente (B). 4. de longo (N). 5. Reaes (G). 6. alevantão (B L). 7. per (M).

LXIV. 1. Cidade (B G). 3. Afonso G M N). 6. Cidade (B G).

LXV. 1. sujugada (M) sojugada B) sobjugada (G L N). 2. Cizimbra (B) junctamente (M). 4. I Msc. Vence hum grande exercito potente. 5. Villa (B G) vio a serra della (B) — Senhor (G).

LXVI. 1. Rei (B G L N Q R S) era, alto Mouro (G L M R). 3. piões (B) de armas (G d'ouro B) I Msc. Sessenta mil peões de seda, de ouro. 4. I Msc. valentes e lustrosos. 5. maio (M). 6. Cos (B) vaca B). Var. das vaccas receosos. 7. gente, bruto (B). 8. Salteia (L R) Saltêa G).

LXVII.

Desta arte Affonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura;
3 Fere, mata, derriba denodado;
Foge o rei Mouro e só da vida cura.
D'um panico terror todo assombrado,
6 So de seguil-o o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão rei incansabil, ajuntando
3 Gentes de todo o reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz e logo alcança
6 O fim de seu desejo pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece,
3 Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte rei resguarda
6 Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa.

LXX.

Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
3 Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
6 Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
A' batalha, onde foi vencido e preso.

LXVII. 1. Dest' arte (L M Q S) Afonso (G M N) I Msc. Dest' arte dava o principe indignado. 2. I Msc. que passava. 3. I Msc. Huns captiva, outros mata denodado. 4. Fuge (M) Rei (B G L N Q R S) I Msc. Já fuge o Rei que só da vida cura. 5. De hum (G). 7. fizerão B L) aballo (B M) I Msc. Porque estes. 8. Não mais G L R) cavalo (G) I Msc. Não são mais que.

LXVIII. 1. sigue (M. 2. gram (B) gran' (M Rei (B G L N Q R S) incansavel (B) ajunctando (M. 3. Reino B G L N Q R S). 5. I Msc Cercar vai Paz Augusta. 8. fez fazer (B M).

LXIX. 1. pera (M). 3. pera (M. 5. Seté-qui (M) Se até aqui (R) Rei (B G L N Q R S).

LXX. 1. Cidade (B G. 7. aceso (B. 8. Aa (B).

LXXI.

Oh famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
3 Nem ver que a justa Némesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina;
Postoque o frio Phasis ou Syene,
6 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII.

Postoque a rica Arabia e que os feroces
Heniochos e Colchos, cuja fama
3 O veo dourado estende; e os Cappadoces,
E Judea, que um Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
6 Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte;

LXXIII.

E posto em fim que desd' o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
3 Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te viu vencido;
Porque Affonso verás soberbo e ovante,
6 Tudo render e ser despois rendido.
Assi o quiz o conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
3 Despois que em Santarem soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
6 O sanctissimo corpo venerado
Do sacro promontorio conhecido
A' cidade Ulyssea foi trazido;

LXXI. 4. indina (L R) II Msc. Que teu sogro victoria alcance indina. 5. rio Phasis (B . 6. pera (M). 7. O Beotes gellado & a linha (B).

LXXII. 2. Eniocos (B G). 3. Capadoces (B S). 5. Sophenos (B G). 6. com armenia (G).

LXXIII. 1. desde o mar (G) desdo (B Athlâte (B). 5. Afonso (G M N) suberbo (M . 6 depois (R). 7. Conselho (G L N Q R S) alto e celeste (G M). 8. Man. Correa: a ti, o genro a este.

LXXIV. 1. Rei (B G L N Q R S). 2. Divino (G . 3. Depois (R) Sanctarem (M) suberbamente (M . 5. Martyre (B G . 6. santissimo (R) 7. Sacro (L M N Q R S) Promontorio (G). 8. Aa (B Cidade (B G) Vlissea (B).

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
3 Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente e co' o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
6 Avante passa e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando
Co' o sangue Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descança o moço, até que veja
3 Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o principe ditoso,
6 Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o céo;
3 Já vem do promontorio de Ampelusa
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
6 Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
3 Treze reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial:
E assi fazendo quanto mal podia, —
6 O que em partes podia fazer mal, —
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXV. 3. de Alemtejo (G) d'Alentejo (B). 4. e co (B) aparelho B R). 5. de esforço (G M) de animo (G). 8. Co (B) — Var. Mouro.

LXXVI. 1. cubiçoso (M R). 2. descansa (B G L N). 5. Principe (B G L N Q R S). 8. poem (B .

LXXVII. 1. ajunctam (M ajuntão (B L). 2. Ceo (B G). 3. Promontorio (G) d'Ampelusa M). 4. de Tinge (G M) Tingi (G . 5. Abila (B). 7. rouca (M N R I Msc. Mauritana dura tuba. 8. Reino (B G).

LXXVIII. 2. Miralmomini (B Miralmuminim G M . 3. Reis (B G L N Q R S). 4. Imperial (G L N). 7. Sanctarem (M). 8. socede (B).

LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
3 Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso não perdendo
6 Nada do esforço e accordo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
3 Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
6 Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co' a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
3 A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina que toda está coalhada
6 De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partiu
De Lusitania postos em fugida:
3 O Mir-almuminin só não fugiu,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittiu
6 Dão louvores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXIX. 2. Ardijs (G). 4. Ariete (B G). 5. Afonso G M N). 6. I Msc. Nada da força.

LXXX. 1. tinhão (B L). 2. sossego (A B) sosego (A A) — Man. Correa: a socego. 3. Cidade (B G). 6. Sanctarem (M). 7. Cidade B G). 8. com a G M) cõ a (B).

LXXXI. 2. socerer (B assi junctados (M). 5. qualhada (B). 8. Senhores (G chea (B).

LXXXII. 3. Miralmomini (B) Miralmuminim (G M). 4. fuge (M). 5. permitio (B). 6. graça (G). 7. tam (M).

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, principe subido,
3 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
6 Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito
A' triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o choraram
E dos rios as aguas saudosas,
3 Os semeados campos alagaram
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
6 Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão:
„Affonso, Affonso!" os eccos: mas em vão.

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
3 E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
6 Do Ismaelita rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI.

Despois que foi por rei alevantado
Havendo poucos annos que reinava,
3 A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
6 Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar a Judea já perdida.

LXXXIII. 1. tamanhas (M). 2. Afonso (G M N), Principe (B G L N Q R S) I Msc. prospero subido. 5. palida (B G) Doença (M). 7. pagarão (B L). 8. Aa (B).

LXXXIV. 1. Promontorios (G). 3. alargaraõ (B) II Msc. Os saudosos campos. 5. Mundo G). 7. Reino (B G). 8. Afonso (G M N) ecos (M).

LXXXV. 3. s'exp'rimentara M) exp'rimentara (Q S) experimentara (R). 4. Bethis (B). 6. Rei (B G L N Q R S).

LXXXVI. 1. Rei (B G L N Q R S). 3. Cidade (B G) Silues (B). têe (L). 6. Armada (M).

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveu
3 O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceu:
Quando Guido, co' a gente em sêde accesa,
6 Ao grande Saladino se rendeu
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
3 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pai acontecera,
6 Quando tomou Lisboa da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma
E o bravo morador destrue e doma.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
3 Leonez não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo metta
6 Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Viu ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
3 Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso e rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
6 Alcacere-do-Sal por derradeiro:
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

LXXXVII. 1. Passavão (B L) Passam (R). 4. Cidade (B G R). 5. acesa (B). 7. logar (M R).

LXXXVIII. 1. fermosa (B M) I Msc. Mas a famosa armada que trouxera — Armada (R). 2. I Msc. O contraste — Per (M). 4. santo (R) Sancto Marte (G Marte (B R). Silues (B).

LXXXIX. 5. meta (B G M). 6. I Msc. Da galega Tui. 7. Villas (G) sas (M).

XC. 4. Afonso G M N Rei (B G L N Q S). 6. Alcaçare do sal (B) Alcácere do Sal (G L Q S) per (M). 7. I Msc. Que de antes os perros o deixaram. 8. Var. destruidos.

XCI.

Morto despois Affonso, lhe succede
Sancho segundo manso e descuidado,
3 Que tanto em seus descuidos se desmede
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede
6 Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que um moço recebia
3 Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Não tão cruel ás gentes e molesto.
6 Que a cidade queimasse, onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
3 Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino, de altivo e costumado
6 A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
O conde Bolonhez despois alçado
3 Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este que Affonso o bravo se chamou,
6 Despois de ter o reino segurado,
Em dilatal-o cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCI. 1. depois (R) Afonso (G M N) sucede (B). 4. d'outrem (B). 5. Reino (B G R). 7. per (M).

XCII. 1. tam (B M). 3. molher (B) depois (R). 4. Agripina (B). 6. Cidade (B G). 7. tam (B M). 8. Rei (B G L N).

XCIII. 1. tiranizado (B). 2. tyranos (B M) Tyranos (G). 5. Reino (B G R I Msc. altivo e sublimado. 6. Senhores (G I Msc. E de senhores' 7. Rei (B G L N Q R S. 8. I Msc. Que não he — que tudo (A.

XCIV. 1. Reino (B G R). 2. Conde B G L N Q R S) depois (R). 3. Rei (B G L N Q R S). 5. Este Affonso o Terceiro se chamou (B) Afonso (G N) Afonso-o-bravo (M) Bravo G R). 6. E desque teue o Reyno segurado (B) — Depois (R) Reino (G N R). 8. tam (M) — peito pequeno (S).

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
3 Recupera co' o braço e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
6 Lusitania com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
3 Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
6 (Alcançada já a paz aurea, divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
3 E de Helícona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
6 Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
3 E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
6 O fio de seus dias já maduros
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

XCV. 3. co (B). 7. oprimir (B).

XCVI. 1. depois (R). 2. Bravo (R) Afonso (G M N). 5. Reino (B G L N R). 8. I Msc. No reino já tranquillo.

XCVII. 2. II Msc. O supremo exercicio de Minerva. 4. de Mondego (B N). 5. d'Athenas (M). 6. suberbo (M) Apolo (B) I Msc. o Delphico Apollo. 8. Baccaro (B) Baccharo (G) bacharo (S Louro (B G).

XCVIII. 1. Villas (G). 2. Castellos (G). 3. Reino (B G L N R). 5. depois (R). 8. Afonso (G M N) excelẽte (B).

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme e sereno;
3 Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
6 A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veiu os campos Hydaspicos enchendo;
3 Nem Attila que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta, quanta
6 Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
3 Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido uma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
6 Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
3 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
6 Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

XCIX. 1. suberbas (M). 2. Cô peito (B). 3. I Msc. Que nunca foi das 6. Esperico (B). 7. Entrarão (B L) pellas (B). 8. suberbo M) Afonso (G M N) socorella (B).

C. 2. Veo B) Hidaspicos (B). 3. Attila (B Attilla (N). 5. Gottica (B) Gothica L M N). 6. I Msc. Sarraceno exercito. 7. Co (B). 8. Tartesios (B) ajunctada (M .

CI. 1. Rei (B G L N Q R S). 2. inexpugnauel (B I Msc. muita e forte. 6. carissima (B G M R). 7. Molher B). 8. Reino (B G R).

CII. 1. fermosissima (B M). 2. I Msc. paternos. 5. Angelicos (B G).

CIII.

„„Quantos povos a terra produziu
De Africa toda, gente fera e estranha,
3 O grão rei de Marrocos conduziu,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se viu,
6 Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
3 Co' o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada,
E, se não for comtigo soccorrido,
6 Ver-me-has delle e do reino ser privada;
Viuva e triste e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

CV.

Por tanto, oh Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela;
3 Rompe toda a tardança, acude cedo
A' miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
6 De pai o verdadeiro amor assella,
Acude e corre, pai; que, se não corres
Póde ser que não aches quem soccores.""

CVI.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
3 A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas, seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
6 Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CIII. 2. d'Africa (B) Da Africa (R). 3. gram (B) gran' (M) Rei (B G L N Q R S). 4. Pera (M) Espanha (B). 5. tammanho juncto (M). 7. Var. traz tal.

CIV. 3. Co (B). 5. contigo socorrido (B). 6. Reino (B G R). 7. Var. Viuva triste. 8. Reino B G R).

CV. 1. rei (M). 2. Muluca (G L R) Moluca (G) congella (B M). 4. Castela (G). — Im I Msc. ist die Stellung der mittleren Verse:

Se esse gesto que mostras claro e ledo
De pai o verdadeiro amor assella;
Rompe toda a tardança; acude cedo
A' miseranda gente de Castella!

CVI. 2. I Msc. a bella Venus. 4. Pera (M). 7. Padre (B G L N Q R S).

CVII.

Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
3 Lustra co' o sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
6 Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
3 O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E sómente co' o gesto esforça e anima
6 A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, rainha della.

CIX.

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa estão defronte
3 Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
6 Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
3 As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno.
Que com titulo falso possuindo
6 Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta e nua
A' nobre terra alheia chamam sua.

CVII. 1. cos (B). 2. vam qualhados (B) I Msc. vão trilhados. 3. co (B) Sol (B G N Q S). 4. Vam (B). 5. as (G).

CVIII. 2. Reaes (B G L N). 3. Afonso (G M N) per (M). 4. colo G). 5. co (B). 8. Rainha (B G L N Q R S).

CIX. 1. Junctos (M) Afonsos (G M N) estam (A). 4. Pera (M tam M). 6. afronte (B). 8. co (B).

CX. 1. Estam (B). 2. christãos (M). 6. Estão o famoso (L) Saraceno (M N S). 8. Aa (B) alhea (B) alhêa (G) chamão (B L).

CXI.

Qual o membrudo e barbaro gigante,
Do rei Saul com causa tão temido,
3 Vendo o pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
6 Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana,
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos e não entende,
3 Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza
6 De Marrocos o rei commette e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes. Bravo estrago!
3 Chamam — segundo as leis que ali seguiam —
Uns Mafamede e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o céo feriam,
6 Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
3 Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
6 Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CXI. 1. Gigante (B G L N Q R S). 2. Rei (B G L N Q S) — tam (B M). 3. Pastor (B G L N Q R S) I Msc. Vendo o fraco e gentil pastor estar diante. 4. de pedras e de esforço (S). 5. soberbas arrogante (B) soberbas e arrogante (A R) suberbas (M). 6. I Msc. o sancto moço. 8. Fé (B.

CXII. 1. D'est' arte L M Q R S). 2. christãos M). 4. Inferno (B). 6. Rei (B G L N Q R S) comete (B) comette (G N). 8 Reino (B G) I Msc. a gente de Granada.

CXIII. 1. reteniaõ B. 2. Per M. 3. Chamão (B L) Leis (G) I Msc. a que ali. 4. Hũus (G) Sanctiago (B Sant-Jago (G L) Sanct' Iago M). 5. Ceo (B G) ao ceo (A). 7. meos (B) meio (R) s'afogauaõ (B) afogavam (B M S).

CXIV. 1. tamanho (M) I Msc. Com tamanha presteza estrue e mata. 4. d'aço (M) I Msc. Não lhe vale elmo, malha ou peito d'aço. 5. tam (B M). 6. I Msc. o duro braço. 8. co (B).

CXV.

Já se ia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
3 Para o Ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
6 Foi pelos fortes reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo viu tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento.
3 Quando as aguas co' o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
6 Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só podeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto
3 Quando a sancta cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
6 E não força de braço, oh nobre Tito;
Que assi dos vates foi prophetisado,
E despois por Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
3 A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
6 Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que despois de ser morta, foi rainha.

CXV. 1. Sol (B G N Q S). 2. Pera (M) Tethys (L). 3. Pera (M). 4. Vespero (G L Q R S). 6. Reis (B G L N Q R S I Msc. altos Reis. 8. Mundo G) tam (B M gran' (M).

CXVI. 1. matou quarta (B) I Msc. a terça parte. 2. morrerão (B L). 3. co (B aversario (M). 8. aneis (B) I Msc. Que tres moios de.

CXVII. Diese Strophe fehlt im I Msc. — 1. pudeste (G L N R). 2. Reino B G) do Cocyto (B L) Cocito (B G M). 3. Cidade (B G L N Q R S). 4. antigo (B). Vates (B G L N R profetizado B). 8. per (M de Jesu (A.

CXVIII. 1. tam (B M. 2. Tornando (R S) Afonso (G M N). 5. dino (B M). 6. sepulcro (L M). 8. Rainha (B G L Q S).

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
3 Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
6 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Inez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
3 Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
6 De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu principe ali te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
3 Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam.
De noite em doces sonhos, que mentiam,
6 De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras e princezas,
Os desejados thalamos engeita;
3 Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
6 O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho que casar-se não queria;

CXIX. 5. amor (S). 7. tirano (B) tyrano (G M). 8. Aras (B).

CXX. 1. Ignaz (G L N Q R S). 2. fructo (B) fruto (G) I Msc. o ledo fruito. 3. I Msc. doce e cego. 4. muto (G). 5. I Msc. Só soidoso campo do Mondego. 6. fermosos (B M) enxuto (B G). 7. cruinhas (B). 8. escrito (B G Q S).

CXXI. 1. Principe (B G L N Q R S). 2. n'alma (M). 4. formosos (G L N Q R S). 8. Erão (B L).

CXXII. 1. D'outras (B) Senhoras (G) Princezas (B G L N Q R S). 3. Amor (G). 4. sogeita (B). 6. sisudo (G L R). 7. plantesia (M fantasia (B).

CXXIII.

Tirar Inez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
3 Crendo co' o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu, que a espada fina,
6 Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o rei, já movido a piedade;
3 Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
6 Sahidas só da magoa e saudade
Do seu principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV.

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
3 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos;
E despois nos meninos attentando,
6 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

„„Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento
3 E nas aves agrestes que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento
Com pequenas crianças viu a gente
6 Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãi de Nino já mostraram,
E co' os irmãos que Roma edificaram:

CXXIII. 1. Ignez (G L N Q R S) 2. I Msc. Por tirar ao filho. 3. co (B). 4. aceso (B). 5. Qual furor G). 6. poude (M . 7. I Msc. Do poder Mauro seja alevantada. 8. hũa (B).

CXXIV. 1. Traziaõna (B) Trazião-na (L Trazian-a (M Var. horriferos. 2. Rei (B G L N Q R S). 4. I Msc. morte baixa. 5. I Msc. e saudosas vozes. 7. Principe (B G L N Q R S)

CXXV. 1. Pera M) Ceo (B G) cristalino (B). 3 I Msc. olhos que já as. 4. rigurosos (B). 5. mininos (B) atentando (B . 6. tã (B tam (M). 7. orfindade (B) orfandade (M . 8. Pera (M).

CXXVI. 4. aereas (B) II Msc. Em cruentas rapinas. 6. tam (B M). 7. co a (B). 8. cos (B).

CXXVII.

Oh tu que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
3 Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
6 Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
3 Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro:
Mas se to assi merece esta innocencia,
6 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
3 Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Ali co' o amor intrinseco e vontade
6 Naquelle, por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.""

CXXX.

Queria perdoar-lhe o rei benino,
Movdo das palavras que o magoam;
3 Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
6 Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra uma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros?

CXXVII. 1. têes (G L) 2. hũa (B G). 3. sogeito B). 4. vencella (B G M). 6. têes (G L).

CXXVIII. 4. pera (M). 7. Lybia (B).

CXXIX. 1. Poemme (B). 2. Liões & Tygres (B). 5. co (B). 8. sejão (B L).

CXXX. 1. Rei (B G L N Q R S) benigno B). 5. Arrancão (B L). 6. pregoam G L M R I Msc. por bons taes feitos. 7. hũa (B G. 8 Ferozes vos mostrais (G) mostrais (A).

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
3 Porque a sombra de Achilles a condena,
Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
6 (Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Inez os brutos matadores
No collo de alabastro que, sostinha
3 As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que despois a fez rainha,
As espadas banhando e as brancas flores,
6 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII.

Bem poderas, oh sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
3 Como da séva meza de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós. oh concavos valles, que podestes
6 A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
3 Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
6 Tal está morta á pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva côr co' a doce vida.

CXXXI. 1. Polycena (B G). 3. Achiles (B). 4. Co (B) Pirro (B) aparelha (B G).

CXXXII. 1. Ignez (G L N Q R S) I Msc. duros matadores. 2. colo (B G) sustinha (M) I Msc. Na marmorea columna que sostinha. 3. Amor (B M. 4. Rainha (B G L N Q S). 5. I Msc. As espadas tingindo. 7. encarniçavão (B L.

CXXXIII. 1. puderas (G L N R Sol (B G N Q S). 3. I Msc. crua meza. 4. per M). 5. valos (B) pudestes (G L R. 7. que ouvistes. A). 8. Per (M).

CXXXIV. 3. maltractada (M). 4. minina B). 6 I Msc. Assi está morta a misera donzella. 7. Secas (B). 8. I Msc. linda côr — co a (B).

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
3 E por memoria eterna, em fronte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
6 Dos amores de Inez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores.

CXXXVI.

Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
3 Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
6 Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes e adulterios:
3 Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso
6 De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo
Que o vagabundo Alcides ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcerto!)
3 Remisso e sem cuidado algum Fernando,
Que todo o reino poz em muito apêrto:
Que vindo o Castelhano devastando
6 As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

CXXXV. 2. I Msc. Longamente chorando. 5. puzerão (L) poseraõ (B) pozeram (M) ainda G). 6. Ignez (G L N Q R S). 7. I Msc. gentil fonte. 8. são agua B G).

CXXXVI. 2. I Msc. Pedro não visse. 3. Reino (B G L N R. 5. De outro (G L M R. 6. immigos (B 7. fizerão (B L).

CXXXVII 1. riguroso (B). 4. Erão B L). 5. Cidades G.

CXXXVIII 3. I Msc. e vicíosissimo Fernanao. 4. todo reino (N Reino (B G R). 7. Reino (B G L N R). 8. Rei (B G L N Q S).

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido
3 E casar-se com ella, de enlevado
N'um falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
6 Ao vicio vil, de quem se viu rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece,
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittiu;
3 Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o viu;
Pois por quem David sancto se condena?
6 O quem o tribu illustre destruiu
De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
3 Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
6 Com ser tanto a Cleopátra affeiçoado;
Tu tambem, Peno prospero, o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente,
3 Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de uma peregrina formosura
6 De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso?

CXXXIX. 2. Lianor (B M). 5. sogeito (B). 8. baxo (B) I Msc. um fraco amor.

CXL. 1. II Msc. Deste vicio tiveram tiverão (B L). 2. permitio (B). 3. forão (B L) Elena (B). 5. Sancto B G). 6. Tribu (B G L N Q S Benjamim (B). 8. Sarra Farao (B). Strophe CXL. und CXLI. fehlen im ersten Manuscripte.

CXLI. 4. Omfale (B). 7. Poeno (L N Q R S. 8. Depois (R) a moça (B M) uma moça (R).

CXLII. 1. per (M). 2. amor (B N Q R S). 5. hũa (B G) fermosura (B M). 6. I Msc. vulto Meduseo sereno ardente. 8. aceso (B).

CXLIII.

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angelica excellencia,
3 Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
6 Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo livre a phantasia,
Por muito mais julgado o julgaria.

CXLIII. 1. hũ olhar (B G) hũ gesto (B G) I Msc. riso brando. 2. Hũa (B) Angelica (G). 3. em si stá (M). 6. Pera (M) Amor (G). 7. phantesia (M) fantasia (B).

CANTO QUARTO.

I.

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento
3 Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
6 Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Despois que o rei Fernando falleceu.

II.

Porque se muito os nossos desejaram
Quem os damnos e offensas vá vingando
3 Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
6 Joanne sempre illustre alevantando
Por rei, como de Pedro unico herdeiro —
Aindaque bastardo — verdadeiro.

I. 1. da procellosa (B). II. Msc. Traz ás vezes o sol serena claridade. 5. Sol (B G N Q S). 6. do pensamento. (M N R). 7. Reino (B G R). 8. Rei (B G L N Q S). I Msc. o rei perdido falleceu.

II. 4. I Msc. Da fraqueza ou descuido de Fernando. 5. I Msc. Despois de poucos dias. 7. Rei (B G L N Q R S) I Msc. Que este só era então do reino herdeiro. — Auf Strophe II folgen im I Msc. diese drei:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras ou por armas ou por tudo;
3 Foram-no os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antiguo povo rudo.
Mercurio e o docto Apollo são famosos
6 Por sciencias diversas e longo estudo;
Outros são só por armas soberanos:
Hercules e Lyco, ambos Thebanos.

III.

Ser isto ordenação dos céos divina,
Por sinaes muito claros se mostrou,
3 Quando em Evora a voz de uma menina
Ante tempo fallando o nomeou;
E como cousa em fim, que o céo destina,
6 No berço o corpo e a voz alevantou:
„„Portugal! Portugal!““ alçando a mão,
Disse, „„pelo rei novo, Dom João.““

IV.

Alteradas então do reino as gentes
Co' o odio, que occupado os peitos tinha,
3 Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
6 Do adultero conde e da rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
3 De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
6 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas e em pedaços feito.

Bastardos são tambem Homero e Orpheo,
Dous a quem tanto os versos illustraram;
3 E os dous de quem o imperio procedeo,
Que Troia e Roma em Italia edificaram.
Pois se é certo o que a fama já escreveo,
6 Se muitos a Philippo nomearam
Por pai do Macedonico mancebo,
Outros lhe dão o magno Nectanebo.

Assi o filho de Pedro justiçoso,
Sendo governador alevantado
3 Do reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem póde igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o reino receoso,
6 De ser do Castelhano subjugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança,
Aos outros a falsífica esperança.

III. 1. Ceos (G L N Q S). 2. signaes (G L M N R). 3. hũa minina (B). 5. Ceo (B G L N Q S). 8. Rei (B G L N Q R S).

IV. 1. Reino (B G L N R) I Msc. Alteradas tambem do. 2. Co (B). 4. per (M). 6. Conde (B G L N Q R S) Rainha (B G L N Q R S). 7. desonesta (B).

V. 3. D'outros (B). 5. Astianàs (B) Astianax (G). 7. ordẽes (G) dão respeito (M). 8. per (M.)

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma viu,
3 Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugiu.
Por isso Leonor, que o sentimento
6 Do morto conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhano está, que o reino pede,
3 Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
6 Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras
De varias regiões e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de um Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
3 Das terras, que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
6 Os que cortando vão co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
3 Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Quadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
6 Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

VI. 5. Lianor (B M). 6. Conde (B G L N Q R S) Mundo (G).

VII. 2. Co (B) Reino (B G L N R). 4. I Msc. Se o morto conde Andeiro lho concede. 6. sucede (A A B). 7. ajuncta (M) pera (M). 8. regiões, de varias terras (G).

VIII 1. Provincia (B G) qhe hũ Brigo (B) I Msc. que do antigo Brigo. 2. diriuado (B) I Msc. O nome tomou despois mudado. 3. I Msc. Das cidades e villas que Rodrigo. 4 Ganharão (B L) tirano (B) I Msc. Com tanta honra ganhou, e Mauro estado. 5. estimão (B L) 6. co (B). 8. Cos (B).

IX. 1. antiga (B). 2. ajunctavam (M). 5. Nobre (G) Ilha (G R). 6 antigamente (B). 7. per (M) I Msc. por divisas verdadeiras. 8 colunnas (B).

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
3 O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
6 Oh sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Áquelles, cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
3 De polidas razões e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Asturias,
6 Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
3 Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos de seu reino se apparelha:
E não porque conselho lhe fallece,
6 Co' os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

X. 1. Reino (B G). 2. antiga (B) I Msc. Obra antigua de Bruto a quem. 6. Galegos (B). 7. pera (M)

XI. 1. moue (B) I Msc. Tambem guerra movem as tres furias. 7. suberbos (M) I Msc. moradores; ebenso L Q R S. 8. Pera (M). — Auf Strophe XI. folgt im I Msc. die nachstehende:

Nem no reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio:
3 Nem na cidade nobre, que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
6 Mandou soldados dextros no exercicio:
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno reino Lusitano.

XII. 1. Joane (B). 2. Sansam (B) Sansão (S) Hebreio (L R) hebrêu (M). 4. Cos (B) Reino (B G) aparelha (B G). 5. falece (B). 6. Cos (B) Senhores (G).

XIII.

Não falta com razões, quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
3 Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
6 Que a propria e natural fidelidade:
Negam o rei e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares; mas antes,
3 Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse
6 Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra o mar e o mundo:

XV.

„„Como? — da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
3 Como? — desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
6 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XIII. 3. antigo (B). 7. Negão (B L). 8. Negaràm (B). — Auf Strophe XIII. folgt im I Msc. die nachstehende:

Oh inimigos máos da natureza,
Que injuriais a propria geração!
3 Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber e de razão
Vos fez, que a clara estirpe, que se preza
6 De leal, fido e limpo coração,
Offendais dessa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes é o menor defeito.

XIV. 2. Nun' (G M). 3. tã (B) tam (M) claro visse (B). 5. A aquellas (B). 8. Mundo (G).

XV. 2. Var refute. I Msc. o bravo Marte. 3. Provincia (B G) Princeza (B G). 4. toda a parte (R). 8. Reino (B G L N R) sogeito (B).

XVI.

Como? não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
3 Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
6 Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos afora a preza que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
3 Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co' os vossos fortes pais e avós?
Pois se com seus descuidos ou peccados
6 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o rei novo;
Se é certo, que co' o rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao rei, que agora alevantastes,
3 Desbarataréis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto em fim vos não moverdes
6 Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vasallos e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
3 Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do rei, da patria mesta,
6 Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu rei forem contrarios".

XVI. 3. Enriquez (B) I Msc. claros e valentes. 4. I & II Msc. Venceram (L N O R). Conf. Einl. XXXI. tam (B M). 6. Poserão (B Puzerão (L). 7 Condes (B G L N R) 8. teuerão (B).

XVII. 1. forão (B L). 3. Per (M) Dionis (G) Dinis (B) I Msc. filho celebrados. 4. cos (B). 7. Rei (B G L N Q R S). 8. co (B) Rei (B G L N Q S).

XVIII. 1. Var. se valor. 2. Rei (B G L N Q R S).

XIX. 1. vassalos (B). 2. mea (B). 4. sujugada (M) sojugada (B) sobjugada (L N R). 5. Rei (B G L N Q R S) Patria (L N R). 6. per (M). 7. I Msc. Brigios adversarios — aversarios (M). 8. Rei (B G L N Q R S).

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Çanusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar quasi movidos
À fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
6 Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar ou nellas for perdida:

XXI.

Dest' arte a gente força e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
3 Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
6 Bradindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á boca aberta:
„„Viva o famoso rei, que nos liberta!""

XXII.

Das gentes populares uns approvam
A guerra com que a patria se sostinha;
3 Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
6 Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras e tenções de seus amores.

XX. 2. Camisio (A A A) só (G) Canas (B G M). 3. pera (M). 4. das gentes africanas (M). 5. compelidos. (B). 7. deixaràm (B).

XXI. 1. Desta arte (G R) I Msc. Aquella gente força e esforça Nuno. — 3. Var. Remove. 5. cavalgão (B L). 6. arremeções (M). 8. Rei (B G L N Q R S). Im I Msc. lautete die XXI Strophe:

Qual o mancebo claro no Romano
Senado os grandes medos aquebranta
3 Do grão Carthaginez, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
6 A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso não cuidou.

XXII. 1. hũs (B) hũus (G) aprovam (B). 2. sustinha (M). 3. Hũs (B) Hũus (G) alimpão e renovão (B L). 5. estofão (L). 6. I Msc. Cada hum se arma como lhe convinha. 8. lettras (L M N).

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes,
3 Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
6 Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares, digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
3 Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
6 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os e regel-os,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
3 Que despois foi de Abranches nobre conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
6 Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne, rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas
E de um alegre medo quasi frias,
3 Rezando as mãis, irmãas, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
6 Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

XXIII. 6. pera (M). 8. Helesponto (B).

XXIV. 1. Nun' (M). 3. o forte Hunno (A G) Huno (B). 4. Pera Fr. pera Jt. (M). I Msc. Pera Gallos. 6. Ala (R) tẽe (L). 7. pera (M.) regellos (G) 8. Vascõcelos (B)

XXV. 1. Ala (R). 2. Capitão (B G) I Msc. Antão Vás é de Almada o capitão. 3. I Msc. Abrantes. — Conde (B G L N Q R S) 6. Quinas (G [illegible]) Castellos (G). 7. Rei (B G L N Q R S) I Msc. Rei claro.

XXVI. 1. Estavão (B L). 4. Prometendo (B) jejũus (G) Rom rias (B). 5. chegão (B L). I Msc. esquadras gloriosas 6. I Msc. A vista das imigas. 8. I Msc. Mas maior é o medo que concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores;
3 Alférezes volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no secco tempo, que nas eiras
6 Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o sol no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deu sinal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
3 Ouviu-o o monte Artábro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouviu-o o Douro e a terra Transtagana;
6 Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX.

Quantos rostos ali se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
3 Que nos perigos grandes o temor
E maior muitas vezes que o perigo:
E se o não é, parece-o; que o furor
6 De offender ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXVII. 1. messageiras (M). 3. Var. Os alferes. volteão (B L) volteam (M N R) voltêam (G). 5. seco (B). 6. fruito (M). 7. Sol (B G L Q S) agosto (M). — Im I Msc. folgte auf Str. XXVII. die nachstehende:

Já a fresca filha de Titão trazia
O sempre memorando dia, quando
3 As vesperas se cantam de Maria,
Que este mez honra o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
6 Determinado; logo em branqueando
A alva nô céo, os reis se apparelhavam
E as gentes com palavras animavam.

XXVIII. 1. signal (G L M N R) I Msc. trombeta Lusitana. 7. terribel (B) I Msc. som terrifico. 8. escutàraõ (B).

XXIX. 4. É menor (L. Conf. Einl. XXXII.) 5. Var. parece; que 8. I Msc. a vida — cara (B G M R)

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
3 Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
6 Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba e encontra e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam sendo alhea.

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam;
3 Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças e as frequentes
6 Quédas co' as duras armas tudo atroam;
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis ali seus irmãos contra elle vão!
(Caso feo e cruel!) Mas não se espanta;
3 Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o rei e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
6 No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Manho.

XXXIII.

Oh tu Sertorio, oh nobre Coriolano,
Catilina e vós outros dos antigos,
3 Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
6 Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXX. 2. D'ambas (B) Ala (R). 3. Hũs (B) Hũus (G) levã (S) conf. Einl. XXX. 7. semêa (G) semeia (L M R). . desejão (B L) alhêa (G) alheia (L M R).

XXXI. 2. setas (B) 3. Debaxo (B). 5. Espedação (B L). 6. co as (B). 7. Recrecem (B) inimigos (B).

XXXII. 2. feio (L R). 4. Rei (B G L N Q R S) Patria (L N R). 8. Magno (B G L N R S) de Julio Magno (B ebenso im I Msc.) — Das II Msc. hat: . . . . . (caso feo!)
Qual nas guerras de Cesar e Pompeo

XXXIII. 1. I Msc. oh forte Coriolano. 5. Reino (G). 8. Algũs (B) Algũus (G) tredores (B) algũas (B G). — Auf Strophe XXXIII. folgt im I Msc. die nachstehende:

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
3 Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
6 Que os campos vão correr de Tetúão;
Perseguem-no co' as lanças e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem,
3 Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
6 Tinge co' o sangue alheio: ali perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

E vós, imperadores, que mandastes
Tanta parte do mundo, sempre usados
3 A resistir os asperos contrastes
De traidores crueis e alevantados:
Não vos queixeis: que agora se attentastes
6 Um dos mais claros reis e mais amados,
Vê contra si, contra seu reino e lei
Seus vassallos por outro estranho rei.

XXXIV. 3. pellos (B). 4. Ceuta (G) 'stá (L R) Liaõ (B). 7. Perseguen-o (M) Perseguẽno (B) — co as (B) — 8. Turvado (S).

XXXV. 4. arremeça (M). 5. Cavalleiro (R). 6. co (B). 7. Algũs (B) Algũus (G). — Im I Msc. stehen nach Str. XXXV. die folgenden drei:

Passaram a Giraldo co' as entranhas
O grosso e forte escudo, que tomara
3 A Perez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito ja deixara.
Morrem Pedro e Duarte (que façanhas
6 Nos Brigios tinham feito) a quem criara
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas e nas mortes.

Morrem Lopo e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem
3 Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se affamarem.
Por cima do cavallo Affonso voa;
6 Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matara)
O vão privar assi da vida chara.

De tres lanças passado Hilario cae,
Mas primeiro vingado a sua tinha;
3 Não lhe peza, porque a alma assi lhe sae,
Mas porque a linda Antonia nelle vinha:
O fugitivo esprito se lhe vae,
6 E nelle o pensamento que o sostinha;
E saindo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na boca fria.

XXXVI.

Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno; que como sabio capitão,
3 Tudo corria e via e a todos dava
Com presença e palavras coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
6 Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, emquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII.

Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa e abala:
3 Tal Joanne com outros escolhidos
Dos seus correndo acode á primeira ala:
„„Oh fortes companheiros, oh subidos
6 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vêdes-me aqui rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
3 Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai verdadeiros Portuguezes!""
Isto disse o magnanimo guerreiro;
6 E sopesando a lança quatro vezes
Com força tira e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
D'uma nobre vergonha e honroso fogo,
3 Sobre qual mais, com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente;
6 Rompem malhas primeiro e peitos logo:
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dóe perder as vidas.

XXXVI. 1. Sintiu (M) Joane (B) afronta (B). 2. Capitão (G). 5. I Msc. ferida leoa — Lioa (B) 7. o pasto (B G) lhes (G). 8. Massilia (B G) Masyllia (R).

XXXVII. 2. sette irmãos (B) I Msc O monte bello e os sete irmãos abala. 3. Joane (B) 4. Ala (R). 6. Caualeiros (B).

XXXVIII. 1. Rei (B G L N Q R S) 2. sètas (B). 8. lançarão (B L) — 7 und 8 lauten im I Mscr. Com força atira e prega o escudo e lado
Co' o cavallo na terra a Maldonado.

XXXIX 1. accesos (B) 2. De hũa (G) De uma (M). 4 Marcio (B G). 5 Perfiam (M) Perfiaõ (B) Porfião (L) H Msc. o sangue ardente (ebenso: L R) 7. juncto (M). – Im I Msc. lautet diese Strophe folgendermaassen:

XL.

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
3 O mestre morre ali de Sanct-Jago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
6 Outro mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem arrenegando o céo e os fados.

Favorecem os seus com grandes gritas
O successo do tiro; e elle logo
3 Toma outra: (que jaziam infinitas
Dos que as vidas perderam neste jogo)
Corre enrestando-a forte, e d'arte incita
6 Á brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vão ferindo os cavallos de esporadas
E os duros inimigos de lançadas

XL. 1. mandão (B L) Estigio (B). 3. Mestre (B G L N Q R S . Sãctiago (B) Sanct' Jago (R S) Sant-Jago (G L). 6. Mestre (B G L N Q R S). 8. Ceo (B G L N Q S). Fados (B). — Auf Strophe XXXIX folgen im I Msc. nachstehende acht:

Velasquez morre e Sanches de Toledo,
Um grande caçador, outro letrado;
3 Tambem perece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado:
Montanchez, Oropesa, Mondonhedo:
6 (Qualquer destro nas armas e esforçado)
Todos por mãos de Antonio, moço forte,
Destro mais que elles, pois os trouxe á morte.

Guevara roncador, que o rosto untava
Mãos e barba do sangue que corria:
3 Por dizer, que os muitos que matava,
Saltava nelle o sangue e o tingia:
Quando destes abusos se jactava,
6 De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe; com que ali lhe foi partida
Do corpo a vãa cabeça e a torpe vida.

Pelo ar a cabeça lhe voou
Inda contando a historia de seus feitos:
3 Pedro do negro sangue que esguichou,
Foi todo salpicado, rosto e peitos;
Justa vingança do que em vida usou.
6 Logo com elle ao occaso vão direitos
Carrilho, João da Lorca com Robledo;
Porque os outros fugindo vão de medo.

Salazar, grão taful, e o mais antigo
Rufião, que Sevilha então sostinha;
3 A quem a falsa amiga, que comsigo
Trouxe, de noite só fugido tinha
Fugiu-lhe a amiga em fim para outro amigo,
6 Porque viu que o dinheiro, com que vinha,
Perdeu todo de um resto; e não perdera,
Se uma carta de espadas lhe viera.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão e tambem dos nobres ao Profundo;
3 Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse e dome
6 A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
3 A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão e as vidas; já fallece
6 O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o rei desbaratado
Se vê e de seu proposito mudado.

O desprezo da amiga o desatina:
E o mundo todo, a terra e o céo vagante
3 Blasphemando ameaça e determina
De vingar-se em qualquer, que achar diante:
Encontra com Gaspar (que Catharina
6 Ama em extremo) e leva do montante,
Que no ar fere fogo; e certo cria,
Que um monte da pancada fenderia.

Bem cuida de cortal-o em dous pedaços;
Porém Gaspar vendo o montante erguido
3 Cerra com elle e leva-o nos braços,
Commettimento destro e atrevido.
Braceia o Castelhano e de ameaços
6 Se serve ainda e estando já vencido
O Portuguez forçoso em breve móra,
Lhe leva a arma das mãos e salta fóra.

E porque elle não lhe use a propria manha,
Que este lhe usara já, de ponta o fere:
3 Nos peitos o montante em fim lhe banha,
Porque de outra vingança desespere.
Fugiu-lhe a alma indignada, e na montanha
6 Tartarea inda blasphema; ali refere
Que mais não açoutar a amiga ingrata,
Que os açoutes de Alecto o pena e mata.

E do metal de espadas aos damnados
Diz males e blasphemias sem medida;
3 Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutão de seus peccados,
6 Que se lhe mostre a amiga já fugida
Em brincos de outro e beijos enlevada:
Remette elle para elles e acha nada.

XLI. 1. I Msc. Muitos do vulgo em fim que não tem nome. 2. Nobres (G) profundo (G L R) 3. Trifauce Cão (B) cam (G). 4. Tẽe (L) passão (B L). Mundo (G). 6. suberba (M) I Msc. do Brigo furibundo.

XLII. 4. Tẽe (L) 5. falece (B). 6 sobejão (B L). 7. Rei (B G L N Q R S)

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
3 Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
6 Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra e triste nojo,
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo;
3 Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que por tomar o alheio, o miserando
6 Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo em grande gloria;
3 Com offertas despois e romarias,
As graças deu a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
6 Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLIII. 3. Seguemno (B) Seguen-o (M) ficarão (B L) 8 triũfar (B).

XLIV. 1. Algũs (B) Algũus G) blasfemãdo (B). 2. Mundo (G) 3. I Msc. Outro a infausta sêde vão culpando. 4. cobiçoso (B G L R) 5. alheo (B G). 6. profundo (B G L R). — Auf Strophe XLIV folgen im I Mscr. die nachstehenden zwei:

Oh pensamento vão do[7]peito humano!
Agora neste cego error cahiste?
3 Agora este formoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?
Agora que com sangue e proprio dano
6 A dura experiencia acerba e triste
To tem mostrado! E agora que o provaste,
Os conselhos darás, que não tomaste.

Dos corpos dos imigos cavalleiros,
Do mato os animaes se apascentaram:
3 As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua destillaram.
Os pastores do campo e os monteiros
6 Da visinha montanha, não gostaram
As aves de rapina em mais de um anno,
Por terem o sabor do corpo humano.

XLV. 1. Joane (B). 5. per (M). 7. per (M). 8. Pera (M).

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
3 Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira
6 E de varios senhores, n' um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
3 Quando a paz desejada já da gente
Deram os vencedores aos vencidos.
Despois que quiz o Padre omnipotente
6 Dar os reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
3 E assi não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro rei, que se desterra
6 Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
3 Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla e o nobre fundamento
6 De Ceita toma e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má e desleal manha.

XLVI. 5. Bethica (B). 6. Senhores (G).

XLVII. 2. Erão (B L). 4. Derão (B L). 5. Omnipotente (G). 6. Reis (B G L N Q R S). 8. fermosas (B M) inclitas (B) Princezas (B G L N Q R S).

XLVIII. 1. sofre (B M). 4. cometer (B) cometter (G) Occeano (B G). 5. Rei (B G L N Q R S. 7. pellas (B). 8. Lei (G) — I Msc. A fé de Christo á fé de Mafamede.

XLIX. 1. pello (B). 4. Pera (M). 6. Ceuta (G). 7. Espanha (B). Vers 5—8 der XLIX Strophe lautet im I Msc.:

L.

Não consentiu a morte tantos annos,
Que de heroe tão ditoso se lograsse
3 Portugal, mas os coros soberanos
Do céo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
6 Deixou quem o levou, quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes.
Inclyta geração, altos infantes.

LI.

Não foi do rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
3 Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
6 Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino e neste rei
Não usou ella tanto desta lei.

Ponderando tamanho atrevimento
6 Disse a Neptuno então Protheo propheta:
„„Temo que desta gente gente venha,
Que de teus reinos o grão sceptro tenha.““

Hierauf folgen nachstehende zwei Strophen:

Já toma a forte porta inexpugnavel,
Que o conde desleal primeiro abriu,
3 Por se vingar do amor inevitavel,
Que a fortuna em Rodrigo permittiu;
Mas não foi esta a causa detestavel,
6 Que a populosa Hespanha destrüiu:
Juizo de Deos foi por causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, oh nobre Hespanha, estás segura
(Se segurar te podem cavalleiros)
3 De outra perda como esta iniqua e dura,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deu á prospera ventura
6 Do rei Joanne a terra, que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestára;
E vencida ficou mais nobre e clara.

L. 1. anos (M). 2. Heroe (B G L N Q R S) tam (B M). 3. Coros (G). 4. Ceo (B G N Q S). 5. pera (M) defensam (B). 6. Quem (R). 8. Inclita geraçam (B). Infantes (B G L N Q R S).

LI. 1. Rei (B G L N Q R S) tam (M). 4. co (B) co a (B). 6. Fortuna (L) Vers 6 fehlt im I Msc. 7. Reino (B G R). Rei (B G L N Q R S).

LII.

Viu ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
3 Que, por salvar o povo miserando,
Cercado ao Sarraceno s' entregava.
Só por amor da patria está passando
6 A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
3 Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida;
Este, porque se Hespanha não temesse,
6 A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Affonso, do reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
3 Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
6 Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o rei terribil.

LV.

Este pôde colher as maçãas de ouro,
Que sómente o Tyrinthio colher pôde:
3 Do jugo, que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
6 Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, fórte villa,
Tangere populoso e a dura Arzilla.

LII. 1. cattivo (B) santo (G) Santo (B). 2. tam (B M). 4. se entregava (G). 7. nam (B).

LIII. 1. nam (B). 3. nam (B) 4. Quiz antes Espanha (B). 5. I Msc. porque Hespanha não perecesse. 6. cattiueiro (B). 8. fizerão (B L).

LIV. 1. Afonso (G M N) de Reino (G) Reino (B G L N Q R S). 3. suberba (M). 4. baxa (B) humilima (B S). 6. nam (B). 7. impossiuel (B). 8. Rei (B G L N Q R S) terribel (B) I Msc Vencer-se de ninguem o Rey terribil.

LV. 2. tyrinthio (M). 3. Que elle pos ao brauo Mouro (B). 4. nam (B). 7. Villa (G). 8 populosa (B) Arzila (S).

LVI.

Porém ellas em fim por força entradas
Os muros abaixaram de diamante
3 Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
6 E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém despois, tocado de ambição
E gloria de mandar amara e bella,
3 Vai commetter Fernando de Aragão
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
6 Das soberbas e varias gentes della
Desde Cadix ao alto Pyreneo,
Que tudo ao rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
3 De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahiu-se em fim do trance perigoso
6 Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro.
3 Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
6 E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LVI. 1. por fim (R) per força (M) 2. abaxàraõ (B) abaixáraõ (L) Diamante (B). 3. Forças (R). 4. achão (B L). 5. extremadas (M). 6. escritura S). 7. Fizerão (B L). 8. afinando (M S).

LVII. 1. depois (M). 3. cometer (B) cometter (G) d'Aragão (M). 4. Reino (B G). 5. Ajuncta-se (M). 6. suberbas (M.) 7 Cadiz (B G M) Caliz (N O). Perineo (B). 8. Rei (B G L N Q R S).

LVIII. 1. Reinos (B G R). I Msc. no reino 3. ao pai G)

LIX. 5. D'est' arte (M). 6. campanheiro (B). 7. de aquelles (G) Var. a Cesar. 8. Philipicos (B).

LX.

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no céo sereno,
3 O principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo e rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
6 Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros. que passaram
Hespanha, França. Italia celebrada;
3 E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
6 Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
3 E d' ali ás ribeiras altas chegam,
Que co' a morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis e ás terras que se regam
6 Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egyto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LX. 2. Afonso (G M N) Ceo (B G L N Q S). 3. Principe (B G L N Q R S) Reino (B G). 4. Rei (B G L N Q R S).

LXI. 1. messageiros (M) seus companheiros (B) Var. seis companheiros. 2. Espanha (B). I Msc. Italia com presteza. 4. Partènope (B). 5. Fados (B). 6. Var Fazendo a varias. — sobjugada (G L N R) sujugada (M) sojugada (B). 7. Pola (L M R) — Por a (G). 8. Co (B) inclitos (B) hispanos (M). — Im I Msc. lautet Vers 4 -8 folgendermaassen:

Da prospera cidade de Veneza:
Veneza, a qual os povos, que escaparam
6 Do Gotthico furor e da crueza
De Attila, edificaram pobremente,
E foi rica despois e preeminente.

LXII. 1. I Msc As ondas Adriaticas navegam. — 3. de alli (G). I Msc. Pelo mar de Canopo ás costas chegam. 4. co a (B) com morte (G L M R) Manho (M). 7. Egypto (B N) Egito (G). I Msc. Sobem-se á Ethiopia. 8. santo (B S).

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou;
3 Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
6 Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
3 Ali co' o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
D' ali vão em demanda da agua pura,
6 Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

LXV.

Viram gentes incognitas e estranhas,
Da India, da Carmania e Gedrosia,
3 Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
6 Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI.

Parece que guardava o claro céo
A Manoel e seus merecimentos
3 Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos;
Manoel, que a Joanne succedeo
6 No reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXIII. 1. Passão (B L) ás (G) Erytréas (B). 2. Povo (B). 3. Ficão (B L). I Msc. E vendo as altas serras Nabatheas. 4. co (B) I Msc. Detraz o monte Caspio lhe ficou. 7. Cercão (B L) descuberta (B). 8. Felix (B) I Msc. Vendo a Felice, a Petrea e a Deserta

LXIV. 1 Entrão (B L) Estreito (R). 3. co (B). Eufrates (B). 5. vam (B) 7. pellas (B) Occeano (G).

LXV. 1. Virão (L). 4 Região (B) Man. Correa: produz e cria. 5. tam (B M). 7. morrerão (B L).

LXVI. 1. Ceo (G L N Q R S) 2. Manuel (M). 3. tam (B M). 5. Manuel (M). 6. Reino (B G R). 7. Reino (B G R). o cargo (B M). — Nach Str. XLVI. steht im I Msc. die folgende:

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
3 De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser um só momento
6 Conquistado no tempo, que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam quando cahem;

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
3 Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
6 Sem lhe desoccupar o coração;
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varios formas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto que tocava á prima esphera,
3 Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera.
E lá bem junto donde nasce o dia,
6 Despois que os olhos longos estendera.
Viu de antiguos, longinquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

Não foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno e governança
3 Este, de cujo illustre e forte peito
Depende uma grandissima esperança:
Pois não havendo herdeiro mais direito
6 No reino, e mais por esta confiança,
Joanne o escolheu que só o herdasse,
Não tendo filho herdeiro que reinasse.

LXVII. 1. I Msc. E como nunca já do pensamento. 4. acrecentar (B) cara (G M R). 5. I Msc. Deixasse de ser hora nem momento. 6. Conquistado: no (N S) á luz clara (G). 7. fuge (M) saiem (M). 8 convidão (B L) caiem (M).

LXVIII. 2. sam (B). 3. Var. em o conceito. 4. obrigaçam (B) 5. ocupou (B) sonno (B) aceito (B). 6. desocupar (B) coraçam. 8. Morfeo (B) aparece (B).

LXIX. 2. Tam (M) — a prima (B G L M R) Esphêra (B). 3. I Msc. debaixo varios. — Mundos (G). 5. juncto (M) nace (B) 7. d'antigos (B). 8. Nacerem (B) — I Msc. duas largas e altas.

LXX.

Aves agrestes, feras e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
3 Mil arvores sylvestres e hervas varias
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
6 De mais conversação. por si mostravam,
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Par' elle os largos passos inclinando,
3 Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
6 Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
3 Um delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha:
E assi a agua, com impeto alterada,
6 Parecia que d' outra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços, de Arethusa.

LXXIII.

Este que era o mais grave na pessoa,
Dest' arte para o rei de longe brada:
3 „„ Oh tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
6 Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que é tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXX. 1. Var. feras alimarias. 3. silvestres (M). 4. tracto (M). 5. aversarias (M). 6 per (M). 7. Adam (B) a nossos (M) anos (G M). 8. romperão (B L).

LXXI. 1. Var. lhes. 2. Para elle (G L) Pera (M). 3. homẽes (G). 4. ainda (G). 5 lhes (G). 6. Gotas (B). 8. intensa (B).

LXXII 1. Var. os dous. 8. Aretusa (B).

LXXIII. 2. Desta arte (G) pera (M) Rei (B G L N Q R S). 3. Reinos (B G R) Corôa (G). 4. Mundo (G).

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
3 Est' outro é o Indo, Rei, que nesta serra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
6 Mas insistindo tu por derradeiro
Com não vistas victorias sem receio,
A quantas gentes vês, porás o freio.""

LXXV.

Não disse mais o rio illustre e santo,
Mas ambos desparecem n' um momento:
3 Accorda Manoel c' um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Phebo o claro manto
6 Pelo escuro hemispherio somnolento;
Veiu a manhãa no céo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI.

Chama o rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
3 As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
6 Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
3 Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia;
Não sei porque razão, porque respeito,
6 Ou porque bom sinal que em mi se via,
Me põe o inclyto rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.

LXXIV. 3. Indo Rei (B G) rei (M). 4. nacimento (B) tẽe (L). 5. Custartèmos (B) I Msc. primeiro dura. 6. per (M) 7. receo (G). 8. freo (G).

LXXV. 1. Rio (R) sancto (B). 3. Manuel (B M) Emanuel (L R) co' hũ (G). 4. no pensamento (R). 6. Pello (B). Hemispherio (G L N Q R S) Emispherio (B) Emisperio (A A A) sonolento (B) I Msc. Pelo caro Hemispherio. 7. Ceo (G). 8. Da pudibunda (L). I Msc. De rubicunda.

LXXVI. 1. Rei (B G L N Q R S) Senhores (G) 2. visam (B). 3. lhes (G) santo (R). 4. forão (L). 5. Determinão (B L) aparelho (B). 6. Pera (B). 7. Gente (R) cortando mares (B).

LXXVII. 2. puzesse (L R). 4. prometia (B). 5. por que (G L). 6 por que (G L) signal (G L M N R). 7. Rei (B G L N Q R S). 8. cometimento (B) comettimento (G).

LXXVIII.

E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos reis que a mais obriga,
3 Me disse: „„As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
6 A vida que se perde e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve:
3 Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.""
Não soffri mais, mas logo: „„Oh Rei subido,
6 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava:
3 O leão Cleoneo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava;
Descer em fim ás sombras vãas e escuras,
6 Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, oh Rei, o esprito e carne é pronta.""

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
3 Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
6 Obrigado d'amor e d'amizade.
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXVIII. 2. hũ (B G) Reis (B G L N Q S). 4. alcanção (B L).
LXXIX. 2. Pera (M) — hũa (B). 5. sofri (B M) rei (M) 7 & 8. tam (B M)
LXXX. 1. tammanhas (M) taõ grandes (B). 2. Euristeo (B). 3. Lião (B) leaõ Cleonaeo (N Q S) Harpias (B G R). 4. Porco (G) Frimantho (B) Ydra (B). 5. Decer (B) 6. Dyte (B) Estige (B). 7 afronta (B). 8. rei (M). esp'rito (M Q S) e a carne (M) prõpta (B).
LXXXI 4. a altos casos (B). 5. Acompanhar-me (M). 6. de amor (G R) de amizade (G M R). 7. cubiçoso (M S). 8. caro (G M R).

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
3 Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
6 Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
3 E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
6 Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea
C'um alvoroço nobre e c'um desejo,
3 (Onde o licor mistura e branca arêa
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão: e não refrea
6 Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
De varias côres vem e varias artes:
3 E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
6 Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXII. 1. ajuncta (M). 2. sofredor (B M) 3. sam (B). I Msc. Entr' ambos de cusadia e de conselho. 4. De experiencia (G) I Msc. armas e primor. 5. aparelho (B). 6. cresce (B de valor (B). 8. tammanhas (M).

LXXXIII 1. Forão (B L) Manuel (M) Emanoel (L R) 4. Pera (M) socedessem (B). 5. forão (B L) Mynias (B) ajunctados (M). 6. Pera (M). 7. Nao (B).

LXXXIV 1 Vlissea (B). 2. Co' h m G c' hũ (B e co' hum (G) 3. liquor (M mestura B a branca area B) I Msc. e rica area 4 Co B). 5. Naus (R) estam B) refrêa (G) Var. não recea 8. Estam (B pera M).

LXXXV 1 Pellas (B. 3. nam B apparelhados B 4. Pera (M) Mundo (G). 5 Naus (R) sossegados (B). 6. Ondêam (G) On leão (B L) aereos (G). 7. prometem (B) Olimpo (B) I Msc. De ser nos ceos estrellas.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
3 Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea côrte
6 Sustenta só co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
3 Que o nome tem da terra para exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, oh Rei, que se contemplo
6 Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVI. 1. Depois (R) aparelhados (B). 2. viagem (M). 3. Aparelhamos (B) pera (M). 4. Nautas (B). 5. Pera (M) sumo (B) poder (B) Etherea (B) Corte (G) I Msc. Ante o summo Poder. 6. co a (B). Auf Str. LXXXVI folgen im I Msc. die nachstehenden beiden:

Alli lhe promettemos, se em socego
Nos leva ás partes, onde Phebo nasce,
3 De ou espalhar sua fé no mundo cego,
Ou o sangue do povo pertinace.
Fizemos para as almas tanto emprego
6 De fiel confissão pura e verace
Em que, posto que Hereges a reprovam,
As almas como o Phenix se renovam.

Tomamos o divino mantimento,
Com cuja graça sancta tantos dias
3 Sem outro algum terrestre provimento
Se sustentaram já Moysés e Helias.
Pão, de quem nenhum grande pensamento
6 Nem subtis e profundas phantasias
Alcançam o segredo e virtude alta,
Se do juizo a fé não suppre a falta.

LXXXVII. 1. Partimo-nos (B M R) Templo (G). 2. está sentado (M) 3. tẽe (L) pera (M) 4. Mundo (G). 7. 8. lauten im I Msc:

Que refrear não posso os olhos d'agoa,
Que a mais obrigarão lembrança e magoa.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
3 Outros por ver sómente), concorria,
Saudosos na vista e descontentes:
E nós co' a virtuosa companhia
6 De mil religiosos diligentes
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam;
3 As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
6 Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo: „„Oh filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
3 Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro;
Porque me deixas misera e mesquinha?
6 Porque de mi te vás, oh filho charo,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?""

XCI.

Qual em cabello: „„Oh doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
3 Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
6 Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?""

LXXXVIII. 1. Cidade (B G). 2. Hũs (B) Hũus (G). 5. co a (B). 6. Religiosos (G L S) I Msc. Dos frades neste officio diligentes. 7. procissam (B) solene (B). 8. Pera (M)

LXXXIX. 1. tam (B M) 3. molheres (B) com choro G). 4. homẽes (G) sospiros (B). 6. acrecentauaõ (B) acrecentavam (M) 8. tam (B M).

XC. 2 pera (M). 6. caro (G M R) 7. Var. funeroso

XCI. 3. ir a aventurar (R). 5. per (M). 8. vellas (B).

XCII.

Nestas e outras palavras que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
3 Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
6 Quasi movidos de alta piedade;
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
3 Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
6 Sem o despedimento costumado;
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.

XCIV.

Mas um velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
3 Postos em nós os olhos meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;
A voz pesada um pouco alevantando,
6 Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do esperto peito:

XCV.

„„Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
3 Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
6 Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCII. 3. mininos (B). 4. poẽ (B). 7. areia (L M) arêa (G S). 8. ellas igualavam (R).

XCIV 1. de aspeito (G R). 7. Co' hum (G) de experiencias (G R).

XCV. 1. cubiça (B M) 2. Fama (B). 4 C'hũa (B) Co' hũa (G) I Msc. Com hum vento popular. 5 tammanho (M). 8. exp'rimentas (M Q S) experimentas (R).

XCVI.

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
3 Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
6 Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
3 Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo de algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
6 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII.

Mas, oh tu, geração daquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia
3 Não sómente do reino soberano
Te poz neste desterro e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado mais que humano,
6 Da quieta e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia:
3 Já que á bruta crueza e feridade
Pozeste nome, esforço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
6 O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá:

XCVI. 1. da alma (G). 4. Reinos (G) Imperios (G). 5. I Msc. Chamar-te illustre, chamar-te. 5 & 7. Chamão (B L). 8. que (L R) necio (B).

XCVII. 2. Reinos (G R). 4. d'algum (B) preminente (B). 5. Reinos (G). 6. De ouro (G) tam (B M). 7. prometerás (B).

XCVIII. 3. Reino (G). 5. de outro (G). 7. Da idade (G L M) Da edade (R) de ouro (G). 8. de armas (G) I Msc. te deixou.

XCIX. 2 phantesia (M) fantasia (B). 4. Puzeste (L N R). 5. cantidade (M).

C.

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
3 Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
6 Se terras e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
3 Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incognito perigo,
6 Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

CII.

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
3 Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
6 Nem cithara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria!

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do céo
O fogo, que ajuntou ao peito humano:
3 Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
6 E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

C. 1. tẽes (G L) juncto (M) I Msc. comnosco. 4. pella (B) pola (M) pellejas (B). 5. tẽe (L) tens R Cidades (G). 7. per (M) I Msc. nas armas. 8. per (M).

CI. 1. crear (M). 2. Var. ir a buscar — tam (B M) 3. Per (M). Reino (G R). 7. Senhor (G). 8. de Ethiopia (B L M R) Etiopia (B)

CII. 1. maldicto (M). Mundo (G). 2. velas A G N R) seco (A A A B). 3. Var. de eterna. — profundo (B G L R). 5. I Msc. alto e facundo (ebenso: L R). 6. cythara (B) ingenho (M). 8. e gloria (B G M).

CIII. 1. Ceo (B G S). 2. ajunctou (M) 3. Mundo (G). 5. milhor (B) Prometeo (B). 6. pera (M) I Msc. quanto a todo o mundo — Mundo (G) 8. I Msc. fogo de entendimento, que.

CIV.

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
3 O grande architector, co' o filho dando
Um nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto e nefando,
6 Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!""

CIV. 1. cometera (B) comettêra (G). 3. Architector (B G) co (B) 4. Man. Correa: e outro. 5. cometimento (B) comettimento (G). 6. Per (M).

CANTO QUINTO.

I.

„Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
3 As azas ao sereno e socegado
Vento e do porto amado nos partimos:
E como é já no mar costume usado,
6 A vela desfraldando o céo ferimos
Dizendo: „„Boa viagem!““ Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento;
3 E o mundo, que co' o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
6 Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam:
3 Ficava o charo Tejo e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam:
Ficava-nos tambem na amada terra
6 O coração, que as magoas lá deixavam:
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e céo.

I. 3. sossegado (B). 6. vella (B) Ceo (B G).
II 2. Nemaeo (N Q S) Nemeio (L R). 3. Mundo (G) co (B) com tempo (M N) 5. per (M). 6. Sol (B G N Q S). 8. Armada (R .
III. 3. caro (G M R). 4. Sintra (B). 8. Ceo (B G).

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares.
Que geração alguma não abriu:
3 As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu;
De Mauritania os montes e lugares,
6 Terra que Antheo n'um tempo possuiu,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
3 Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
6 Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

VI.

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
3 Gente, que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
6 Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passámos o limite, aonde chega
O sol, que para o Norte os carros guia,
3 Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia:
Aqui gentes estranhas lava e rega
6 Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde.
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

IV. 3. Ilhas (G R). 5. logares (M R). 6. Antêo (B). 8. de outra (G) sospeita (B)

V. 1. Ilha (G R) madeira (B). 4. per (M). 5. Mundo (G) 6. auentajaõ (B) avantajão (L). 8. Pafos (B).

VI. 1. Massilia (B G). 5. fruto (B) fruito (M) desposta (B G) 8. Berberia (B).

VII. 1 lemite (B) 2. Sol (B G N Q S pera (M). 4. Climène (B). 7. Cabo (B G). 8. verde (B).

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
3 Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hespéridas chamadas;
Terras, por onde novas maravilhas
6 Andaram vendo já nossas armadas:
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago;
3 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
6 Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
3 A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
6 Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI.

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãas, que outro tempo ali viviam,
3 Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'um só olho se serviam.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
6 Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente arêa.

VIII. 1. Canareas (A A B) Ilhas (G) 2 tiveão (B L) per (M). 4. Hespérides (M) 5. per (M). 6. Andarão (B L) Armadas (R).

IX. 1. A aquella (B) Ilha (G R. 2. Sant-Iago (G L R) Sanctiago (B) Sanct' Iago (M S) 3. Espanhoes (B). 7. Occeano (B G).

X. 1. Per (M) 3. Provincia (G S). 4. Per (M). 5. per (M). 7. Curvo (B). 8. Athlantico (B) Var. lago Atlantico.

XI. 2. Irmãas (B) 4. de hum só (G). 6. acendiaõ B). 7. feia (L R) fêa (G M S). 8. areia (L R) area (B).

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa
No grandissimo golfão nos mettemos,
3 Deixando a serra asperrima Leoa
Co' o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O grande rio. onde batendo sôa
6 O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co' a ilha illustre, que tomou
O nome d'um, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
3 Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
6 Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
3 Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
6 E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
3 Dous invernos fazendo e dous verões,
Em quanto corre d'um ao outro polo:
Por calmas, por tormentas e oppressões,
6 Que sempre faz no mar o irado Eólo,
Vimos as Ursas, apezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XII. 1. pera (M). 2. golpham (M) golfam (N R) metemos (B G). 3. Serra (R) Lioa (B). 4. Co (B) Cabo (B G). 5. Co grande rio (A A) Grande (N S). 7. co a (B) Ilha (G). 8. de hum (G) de um (R).

XIII. 1. Reino (G). 2. Per (M) Fé (G). 3. Per (M). 4. pellos (B) antigos (B G). 5. Per (M). 6. Polo (B G) Calisto (B). 8. Mundo (G). — Diese Strophe fehlt im I Msc.

XIV. 1. descuberto (B). 2. Hemispherio (B G) Estrella (G). 4. Algũs (B) Algũus (G). 6. de Estrellas (G) de estrellas (R). 7. Polo (B G).

XV. 2 Per (M) Apolo (G M). 3. Invernos (G) hinvernos (M) Verões (G). 4. de hum (G) Polo (B G). 5 Per, per (M). 7. Ussas (M) conf. Einl. p. XXVI.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
3 Subitas trovoadas temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
6 Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
3 Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
6 Que só por puro engenho e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
3 Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
6 Milagre e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
3 No ar um vaporsinho e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
6 Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XVI 2. homẽes (G) intendem (M). 4. Relampados (B) acendem (B). 6. Mundo (G). 8. Aindaque eu tivesse (M).

XVII. 2. tẽe (L). 3. Contão (B L). 4. aparencia (B). 5. tẽe (L). 6. per (M) ingenho (M) ciẽcia (B). 7. Vendo mundo (A A) Mundo (G). 8. Iulgão (B L) intendidos (M).

XVIII. 2. tẽe (L). 6. certa (R). 7. nuvẽes (G). 8. I Msc. as falsas aguas — Occeano (B G).

XIX. 3. I Msc. No mar — sutil (B M). 5. D'aqui (L M) Polo (B G sumo (B G M). 6. tam (M). 8. nuvẽes (G).

XX.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
3 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando;
6 Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria, que imprudente
3 Bebendo a recolheu na fonte fria,
Fartar co' o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
6 Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna enchendo augmenta
A si e a nuvem negra, que sustenta.

XXII.

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
3 E pelo céo chovendo em fim voou,
Porque co' a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou;
6 Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

XXIII.

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
3 As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escripturas, que deixaram!
6 Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XX. 1. acrescentando (B). 2. masto (B M). 5. co as (B). 6. Encima (B) huma (S) uma (R). 8. Coa carga (B) da agua (G).

XXI. 1. Sanguesuga (B) se vertia (B). 4. co (B). 7. coluna (B) aumẽta (B). 8. á nuvem (B G).

XXII. 2. tẽe (L). 3. pello (B) Ceo (B G). 4. co a (B) com a (G). 5. Aas (B). 6. I Msc. lhe toma e tolhe. 7. Vejão (B L) escritura (M Q S). 8. de natura (B G N) Natura (B).

XXIII. 1. antigos (B) Philosophos (B G). 4. tam (M) vellas (B G M). 5. escrituras (S). 6. Signos (G) Estrellas (G). 7. extranhezas (R) calidades (M).

XXIV.

Mas já o planeta, que no céo primeiro
Habita cinco vezes apressada,
3 Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gávea um marinheiro
6 Prompto co' a vista: „„Terra! terra!"" brada·
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co' os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergâmos:
3 As ancoras pesadas se adereçam,
As velas já chegados amainâmos;
E para que mais certas se conheçam
6 As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio:

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
3 De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porém eu co' os pilotos na arenosa
6 Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
3 Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
6 Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXIV. 1. Planeta (B G) Ceo (B G). 4. Armada (R). 5. Etorea (B). 6. co a (B). 7. Cos (B) Orizonte (B) Horizonte (G) horisonte (R S).

XXV. 1. A (B) nuvẽes (G). 4. vellas (B). 5. pera (M). 6. tam (M). 8. sutil (B M).

XXVI. 2. per (M). 3 extranhas (R). 5. cos (B Pilotos (G). 7. Sol (G S).

XXVII. 2. semicapro (M) pexe (B). 4. Mundo (G). 7. tomarão (B L) per (B M) I Msc. tomaram de pressa.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
3 Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
6 De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria,
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
3 Alguns soantes cascaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por sinaes e por acenos,
6 Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus e da côr da escura treva,
3 Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est' outro leva;
Domesticos já tanto e companheiros
6 Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

É Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
3 Mas sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando a vista alçada co' o cuidado
6 No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra vinha.

XXVIII. 2. estremo (B). 3. intende (M). 4. I Msc. o rudo Polyphemo. Polifemo (B). 5. Começo a lhe mostrar (G). 6. Colcos (B).

XXIX. 2. Chrystalino (B). 3. Algũs (B) Algũus (G). 5. per (M) signaes (G L M N R). 8. Pera (M).

XXX. 3. Decendo (B). 6. mostrão (B L). 7. Fernan' (M).

XXXI. 2. I Msc diz que vai. 4. signal (G L M N R). 5. co (B). 7. Aparece (B).

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
3 Um Ethíope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; vê-se em pressa
6 Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto.
Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
3 E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'ali ferida:
Mas nós como pessoas magoadas,
6 A resposta lhe démos tão crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita,
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada.
3 Vendo a malicia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
6 Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso um companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
3 „„Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer que de subir.““
„„Si é““, responde o ousado aventureiro;
6 „„Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa um pouco vim
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.““

XXXII. 2. Polo L M) Para o (G). 8. descuberto (B).

XXXIII. 1. Var. De espessa nuve — sétas (B) 2. nosoutros (B G). 3. forão (B L). 4. truxe (M) de alli (G). 6. reposta (B) lhes (G) tam (M) tecida (A B N). 7. sospeita (B). 8. levão (B L).

XXXIV. 2. pera (M) Armada (R). 3. feia (L R). 6. Pudemos (G L N R). 8. vella (B G M).

XXXV. 2. surrir (M). 3. O' lá (G M). 4. decer (B). 6. pera (M).

XXXVI.

Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
3 Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matal-o:
E tornando-se logo se emboscaram,
6 Porque saindo nós para tomal-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porem já cinco soes eram passados,
Que d'ali nos partiramos cortando
3 Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite estando descuidados
6 Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
3 Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
„„Oh Potestade““, disse, „„sublimada!
6 Que ameaço divino ou que segredo,
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?““

XXXIX.

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar robusta e válida,
3 De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados e a postura
6 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XXXVI. 4. matallo (B G M). 6. pera (M) tomallo (B G M). 7. Reino (G).
XXXVII. 1. Noes (B G) erão (B L). 2. de alli G) Var. partiamos. 3. de outrem (G) 7. Hũa (B G). 8. aparece (B).
XXXVIII. 1. Tam (M). 5. potestade (B) dice (B).
XXXIX. 1. hũa (B G). 2. I Msc. no mar — vallida (B). 4. esquallida (B). 7. Cheos (B G).

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
3 De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
6 Que pareceu sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI.

E disse: „„Oh gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
3 Tu que por guerras cruas taes e tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
6 E navegar meus longos mares ousas.
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
3 A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
6 Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe, que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
3 Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
6 Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.

XL. 1. Tam (M). 3. Colosso (B G). 4. Mundo (G). 5. Cũ tõ (B) Co' hum (G). 7. Arrepião (B L) Arripiam (M). 8. vello (G M)

XLI. 1. Gente (R). 2. Mundo (G) cometeraõ (B) comettêram (G) commettêrão (L). 3. per (M). 4. per (M). 7. ha que (A G). 8. de estranho (G).

XLII. 1. vẽes (G). 5. danos (B S . 7. Per (M). 8. sujugar (M) sobjugar (G L N R) sojugar (B).

XLIII. 1. I Msc. Sabei — Naos (R). 2. I Msc. Que vós fazeis. 3. teràm (B). 5. E na (R) Armada (R). 6. per (M) insuffridas (B) insofridas (M). 7. de improviso (G). 8. dano (B S).

XLIV.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu, summa vingança;
3 E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naos vereis cada anno
6 (Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte.
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céos
3 Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
6 Os soberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama.
Liberal, cavalleiro enamorado,
3 E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
6 Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
3 Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos.
Os crystallinos membros e preclaros
6 Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pizada longamente
Co' os delicados pés a arêa ardente.

XLIV. 1. 'spero (L) senão (N). 2. suma (B). 3. damno (R). 4. Da vossa (R). 5. Naos (R) ano (G M). 7. toda a sorte (R).

XLV. 1. Illustre (B G). 2. Ceos (B G). 4. Per (M). 6. suberbos (M). 7. Commigo (R) danos (B). 8. I Msc. A dura Quiloa asperrima com Mombaça.

XLVI. 2. namorado (B) e nanorado (G N). 3. consigo (B) fermosa (B M) 4. amor (G) per (M) grã (B) gran' (M). 5. Fado (B). 7. de hum (G). 8 Pera (M).

XLVII. 1. caros (B G M R) 5. crystalinos (B) perclaros (B). 6. Aa (B). 8. Cos (B) areia (L M R) area (B).

XLVIII.

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
3 Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida implacabil espessura:
Ali despois que as pedras abrandarem
6 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.""

XLIX.

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
3 Lhe disse eu: „„Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.""
A boca e os olhos negros retorcendo,
6 E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezára:

L.

„„Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
3 Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio e quantos passaram fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
6 Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encélado, Egeo e o Centimano;
3 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que pozesse serra sobre serra;
6 Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

XLVIII. 4. inplacauel (B) 8. fermosa (B M) prisam (B).

XLIX. 1. per (M) 2. Fados (B). 4. tẽe (L). 6. I Msc. um temeroso e rouco brado. 8. pregunta (B).

L. 1. Cabo (B G L N Q R S). 2. vosoutros (B). 3. Tolomeu (M). 4. passarão (B L) 5 Costa (R). 6. Promontorio (B G). 7. pera (M). Polo (B G) Antartico (B)

LI. 5. puzesse (G L M N R). 6. I Msc. as costas do - Occeano (B G) 7. Capitam (G) per (M).

LII

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza;
3 Todas as deosas desprezei do céo,
Só por amar das aguas a princeza:
Um dia a vi co' as filhas de Nereo
6 Sahir nua na praia: e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcançal-a
Pela grandeza fea de meu gesto,
3 Determinei por armas de tomal-a:
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla:
6 Mas ella c'um formoso riso honesto
Respondeu: „„Qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'um gigante.

LIV.

Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
3 Com que com minha honra escuse o dano.“
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
6 (Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejo e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida,
3 Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Theris unica despida:
Como doudo corri de longe abrindo
6 Os braços para aquella que era vida
Deste corpo e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LII. 2. fizerão (B L) tammanha (M). 3. Deosas (B G) Ceo (B G). 4. Princeza (B G). 5. coas (B). 7. sinti (B).

LIII. 1. impossiuel (A A B R) cousa impossibil (A) alcançalla (B G M). 2. Pola (M) fõia (L R) fêa (G). 3. per (M I Msc. por guerra tomalla (B G M). 5. Deosa (B G). 6. com (B) co' hum (G) formoso (B M). 7. Nympha (B G) de hum (G) Gigante (B G).

LIV. 1. Occeano (B G). 4. messageira (M). 5. I Msc. não sabe. 7. Encherão (B L).

LV. 2. Hũa (B G) prometida (B). 3. aparece (B). 4. I Msc. Da linda Theris inelyta despida. 6. pera (M).

LVI.

Oh! que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
3 Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero mato e de espessura brava;
Estando c'um penedo fronte a fronte,
6 Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não! mas mudo e quedo
E junto d'um penedo outro penedo.

LVII.

Oh nympha, a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
3 Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
D'aqui me parto irado e quasi insano
6 Da magoa e da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos e em miseria extrema postos;
3 E por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o céo não valem mãos,
6 Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
3 Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim minha grandissima estatura
6 Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.""

LVI. 3. cum (B) co' hum (G). 4. matto (M S). 5. cum (B) co' hum (G). 6. Qu' eu (B) polo (L M). 7. Nã (B). 8. juncto (M) de hum (G).

LVII. 1. Nympha (B G) fermosa (B M) de Oceano (N) Occeano (B G). 5 De aqui (G). 6. I Msc. da vergonha ali. 7 Mundo (G).

LVIII. 1. Erão (B L). 3. Deoses (B G). 4 Algũs (G) sottopostos (B). 5. Ceo (B G S). 7. Fado (B).

LIX. 4. Per (M). 6. Cabo (G). 7. Deoses (B G).

LX.

Assi contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
3 Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu levantando as mãos ao sancto coro
6 Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co' os outros dous o carro radiante,
3 Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo desta costa começando
6 Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiópes eram,
3 Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes e com festas de alegria
6 Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
3 Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima
6 Na sua lingua cantam concertadas
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LX. 1. cũ (B) co' hum (G). 2. Var. de ante. 3. cũ (B) co' hum (G). 4. I Msc. o mar toou. 5. Coro (B G). 6. Anjos (B G L M N Q R S) tam (B M) I Msc. me guiou.

LXI. 2. Cos (B) I Msc. o carro rutilante. 4. gran' (M) Gigante (G). 7. Per (M).

LXII. 1. possuhia (B). 3. tracto (M) 4. tã (B) tam (M) 5. bailos (B M). 7. molheres consigo (B). 8. apacentavaõ (B) apascentavão (L) creado (M).

LXIII. 1. molheres (B) encima (B). 3. tẽe (L). 4. em prosa ou rima (B M). 6. cantão (B L) 7. Co (B) 8. Titiro (B).

LXIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram
3 Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
6 Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum sinal do que buscâmos,
As velas dando as ancoras levâmos.

LXV.

Já aqui tinhamos dado um grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
3 A proa a demandar o ardente meio
Do céo e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixám os onde veio
6 Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças
3 No largo mar fazendo novas vias
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar um tempo andámos em porfias:
6 Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
3 Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que assoprava.
Injuriado Noto da porfia,
6 Em que co' o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXIV. 3. galinhas (B G). 4. de outras (G) 6. algũa (B G). 7. signal (G L M N R). 8. vellas (B).

LXV. 1. gran' (M) rodeo (B). 4. Ceo (B G) Polo (B G) Antartico (B). 5. Ilhéo (G) aonde (G). 6. Armada (R). 7 tormentorio (B) Cabo (B G) descuberto (B). 8. Ilhéo (G).

LXVI. 1. De aqui (B) 3. O largo mar, fazendo (B). 5. Co (B) perfias (B M). 7. tam (M). 8 per (M).

LXVII. 2. pera (M). 5. perfia (B M) 6. co (B) I Msc. co' o mar tamanho espaço estava. 8. gran' (M) I Msc. romper a grão.

LXVIII.

Trazia o sol o dia celebrado,
Em que tres reis das partes do Oriente
3 Foram buscar um rei de pouco nado.
No qual rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
6 Por nós da mesma já contada gente,
N'um largo rio, ao qual o nome demos
Do dia, em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos
E do rio fresca agua: mas comtudo
3 Nenhum sinal aqui da India achámos
No povo com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
6 Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte oriental.

LXX.

Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
3 De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados,
6 Quanto a desesperar já compellidos,
Por céos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade:

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
3 E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
6 De soldados não fôra Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu rei e a seu regente?

LXVIII. 1. Sol (B G N Q R S). 2. Reis (B G L N Q R S). 3. Forão (B L R). 4. Rei (B G L M N Q R S). 4. juntamente (M). 6. Per (M). 5. per (M). metemos (B G).

LXIX. 3. sinal (G L M N R). 5. rei (M). 6. quammanha (M). 7. signal (G L N R). 8. Parte (B). Oriental (B G L N Q R S).

LXX. 1 & 2. quam (B M). 4. Per (M). per (M). 5. tam (M). 7. Per (M). Ceos (G). qualidade (M). 8. da nossa (R).

LXXI. 1. danado (B). 2. danoso (B). 3. ajuntamento (M). 8. Per (M). Rei (B G L N Q R S). Regente (G).

LXXII.

Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
3 Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
6 Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agua salgada,
3 Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada;
Porque ventando Noto manso e frio,
6 Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda,
Donde a rica Sofála o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao,
3 Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina d'uma e d'outra nao:
Quando indo o coração, que espera e teme,
6 E que tanto fiou d'um fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi que estando já da costa perto,
Onde as praias e valles bem se viam
3 N'um rio, que ali sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
6 Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entr' ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXII. 1. forão (B L). 2. Capitão (Q R S) Capitam (G). 3. Piratas (B) 7. De aquella (G) excellencia, (B G). 8. e de obediencia (G).

LXXIII. 4. pera (M) Armada (R). 8. Sophala (R).

LXXIV. 2. Encomendado (B) I Msc. Invenção do sagrado Nicolao. 3. Pera (M). 4. d'hũa (B) de hũa (G) de outra (G) Nao (R). 6. de hum (G). 8. d'hũa (B) de hũa (G).

LXXV. 3. alli sai (M). 4. vella (B) entravão e sahião (B L). 7. entre ellas (G).

LXXVI.

Ethíopes são todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavam:
3 Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam:
E com panno delgado, que se tece
6 De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua, que mal fallam
E que Fernão Martins mui bem entende,
3 Dizem, que por naos, que em grandeza igualam
Ás nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá donde sahe o sol, se abalam
6 Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co' a gente e com as novas muito mais:
3 Pelos sinaes, que neste rio achámos.
O nome lhe ficou dos Bons-Sinais:
Um padrão nesta terra alevantámos;
6 Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
3 Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos vizinhos,
6 Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXVI. 2. comunicauaõ (B). 3. I Msc. Alguns nomes Arabios se conhece. 5. pano (B). 7. tincta (M).

LXXVII. 2. Fernan' (M) Martinz (B) Martijz (G) intende (M) 3. Nos dizem que por naos, que estas igoalaõ (B) per (M) Naus (R) iguallam (M). 4. Na grandeza o seu mar (B). 5. sai (M) Sol (B G N Q S) aballam M). 6. Pera (M). 7. pera (M) Sol (B G L N Q S).

LXXVIII. 2. Coa (B) Com a (G) co' as (G M). 3. Polos (L M) signaes (G L M N R). 4. Bons Signais (G) Bons-Signais (L M N R) bons sinais (B). 6. pera (M) assignalar (G L M N R) logares (M R). 7. algũs (B) algũus (G) tẽe (L) belo M Gabello (G Q S).

LXXIX. 1 de ostrinhos (G). 2. creação (M S). 3. Naus R). 6. jocundas (B). 8. Limpo (M) — Man. Correa: todo falso.

LXXX.

Mas não foi da esperança grande e immensa,
Que nesta terra houvemos. limpa e pura
3 A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura:
Assi no céo sereno se dispensa:
6 Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua e feia
A mais, que eu nunca vi, desampararam
3 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
6 Que tão disformemente ali lhe incharam
As gingivas na bôca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia:

LXXXII.

Apodrecia c'um fetido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava
3 Não tinhamos ali medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
6 Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha;
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
3 Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
6 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos assi mesmo como aos nossos,
Receberam de todo o illustre os ossos.

LXXX. 4. Ramnusia (B). 5. Ceo (B G L N Q R S). 7. Nacemos (B).

LXXXI. 1. fea (B), fêa (G M). 2. desemparàraõ (B). 3. alhea (B) alhêa (G M). 4. pera (M). 5. crea (B) crêa (G M). 6. tã (B) tam (M). 7. gengiuas (B) crecia (B). 8. junctamente (M).

LXXXII. 1. cum (B) co' hum (G) 4. Sururgiàõ (B) sutil (B M). 5. instruto (G M).

LXXXIII. 2. pera (M). 3. caminho, em (G). 4. Forão (B G). 5. Quã (B) Quam (M). 7. asy (B). 8. Receberão (B L M N R).

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
3 E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza;
Na dura Moçambique em fim surgimos,
6 De cuja falsidade e má vileza,
Já serás sabedor e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
3 Dará saude a um vivo e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
6 Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Julgues agora, Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem.
3 Crês tu, que tanto Eneas e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
6 Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver a oitava parte?

LXXXVII.

Esse que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
3 Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina:
Ess' outro que esclarece toda Ausonia,
6 A cuja voz altisona e divina
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co' o som se ensoberbece:

LXXXIV. 4. signal (G L M N R).

LXXXV. 2. tractamento (M). 3. Var. Dera. 4. Assento (R). 5. repousou (A A A). 6. atẽto (B).

LXXXVI. 1. Julgas agora, Rei, se houve (A A A N). Julgas agora, Rei, que houve (Frsc. Freire de Carvalho, Q S), Julga tu agora, Rey, se ouue (B) Agora julga, oh Rei, se houve (Faria, G L M R) conf. Einl. p. XXXII. — rei (M) Mundo (G). 2. cometessem (B G). 4. Mundo (G). 7. de esforço (G) e arte (G).

LXXXVII. 2. tẽe (L). 3. Rhode (B) Smirna e Colofonia (B). 4 Atenas (B) Yos (B) Chios (G L M R). 5. toda a Ausonia (G). 6. E cuja (M) 7. s'adormece (G). 8. Tybre (G M N Q S) co (B) ensuberbece (M).

LXXXVIII.

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses e encareçam,
3 Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas, que co' o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
6 Os Cicónes e a terra, onde se esqueçam
Os companheiros em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto':

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres e Calypsos namoradas,
3 Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito e por muito que se affinem
6 Nestas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escriptura".

XC.

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
3 Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o rei o sublime coração
6 Dos reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual, que mais notouti
3 Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as redeas vira,
6 Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E el-rei se vai do mar aos nobres paços.

LXXXVIII. 1. escrevão (B L) estremos (B). 2. Semideoses (B). 3. Magas (B G) magas Circes (L R) Polifemos (B). 4. Syrenas (B) co (B) I Msc. que cantando. 5. vella (B). 7. Loto (B G). 8. Piloto (B G).

LXXXIX. 1. lhes (G) finjão (B L). 2. Var. Os odres. — Calipsos (B). 3. Harpias (B G) lhes (G). 4. Decer (B). 5. afinem (B M). 6. tam (M). 8. toda a grandiloqua (G) grandiloca (B) escritura (M S).

XC. 1. Capitão (B G Q R S). 2. estavão (B L) embibidos (A A.). 5. Rei (B G L N Q R S). 6. Reis (B G L N Q R S). 7. Gente (R) antiga (B S). 8. de animo (G) e a nobreza (G).

XCI. 3. Gente (R). 4. tam (B M). 7. Thetyos (L R). 8. El Rei (G) el Rei (B L N Q S) el-Rei (R) I Msc. se vai da nao.

XCII.

Quão doce é o louvor e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
3 Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
6 Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
3 Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
6 Themistocles despertam só de inveja;
E diz que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama.
Que essas navegações, que o mundo canta,
3 Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o céo e a terra espanta.
Si; — mas aquelle heroe que estima e ama
6 Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros e dá Augustos;
3 Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio entre as maiores oppressões
6 Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCII. 1. Quam (M). 5. alhea (B G). 8. alheo (B G).

XCIII. 1. Nam (B). 2. Achiles (B) pelleja (B). 5. Miltiades (G) Melciades (B). 6. Temistocles (B) despertão (B L) enveja (B). 8. vez (B G)

XCIV. 2. Mundo (G). 3. tammanha (M). 4. Ceo (B G Q S) 5. Heroe (B G L N Q R S). 6. doẽs (B) dons (L N R). 7. lira B).

XCV. 1. Terra (R). 3 lhes (G) doẽs (B). 5. opressoẽs (B). 6. doctos (M). 8. Glafira (B).

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
3 Mas n'uma mão a penna e n'outra a lança
Igualava de Cícero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe e alcança,
6 E nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
3 Da Lacia, Grega ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsómente.
Sem vergonha o não digo; que a razão
6 D'algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios nem Homeros;
3 Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas nem Achilles feros:
Mas o peor de tudo é que a ventura
6 Tão asperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
3 A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle nem quem na estirpe seu se chama,
6 Callíope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino e que o cantassem:

XCVI. 1. sobjugando (G L N R) sujugando (M) sojugando (B). 2. empedem (B). 3. nũa (B) n'hũa (L).

XCVII. 1. Capitão (B G). 2. docto (M). 3. Barbara (B). 4. tão sómente (B G R) 6. De algum (G) per (M). 8. nã na (B) não a (G M R).

XCVIII. 1. Natura (B). 4. Achiles (B). 5. pior (B). 6. Tam (B M) tam (B M) Austeros (B). 7. Tam (B M) Tão duros (G) ingenho (M) tam (B M).

XCIX. 1. Aas (B). 3. lira (B). 4. toda illustre (G M) 6. Caliope (B) tẽe (L) tam (M). 8. tellas (B S) de ouro (G M, Man Correa).

C.

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
3 Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tágides gentis e seu respeito:
Porém não deixe em fim de ter disposto
6 Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

C. 3. presuposto (B). 5. desposto (B). 7. per (M) 8. sa valia (M).

CANTO SEXTO.

I.

Não sabia, em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes,
3 Para que as amizades alcançasse
Do rei christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
6 Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

II.

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
3 Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Este famoso rei todos os dias
6 Festeja a companhia Lusitana
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

III.

Mas vendo o capitão, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
3 O convida, que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
6 Muito para cortar do salso argento:
Já do pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

I. 2. Rei (B G L N Q R S) Pagão (G) Pagàm (B) I Msc. O rei Mouro os famosos navegantes — Navegantes (R). 3. Pera (M). 4. Rei (B G L N Q R S) Christão (B G S) tã (B) tam (M). 5. tam (B M). 7. não o (G M, Man. Correa).

II. 2. Segundo a (B). 4. a Antonio (G). 5. I Msc. Este sereno Rei — Rei (B G L N Q R S). 8. frutas (B) fruitas (M).

III. 1. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 4. Pilotos (B G). 6. pera (M). 7. Pagão (G L N Q R S) Pagàm (B). I Msc. Já do Mouro benigno

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
3 Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o esprito reja,
6 Estará de contino apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia,
O capitão, e logo as velas dando,
3 Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
6 Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
3 Os thalamos do sol, que nasce ardente:
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
6 As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema e desatina.

VII.

Via estar todo o céo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
3 Não no póde estorvar, que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
6 Novo remedio em terra busca e toma;
Entra no humido reino e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahiu em sorte.

IV. 2. Frotas (B R) 4. barões (B R) Reino (B G) Estado (G). 5. sprito (B) esp'rito (M S) espirito (R). 6. aparelhado (B). 7. Reino (B G). 8. tam (M) Rei (B G L N Q R S) Gente (R).

V. 2. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S) vellas (B). 3. Pera (M). 5. Piloto (B G).

VI. 1. navegavão (B L). 3. talamos (B) Sol (B G N Q S) nace (B). 5 o mao Tionêo (B). 6. aparelhavam (B) 7. I Msc A forte Lusitania. 8. blasfema (B).

VII. 1. Ceo (B G L N Q R S). 3. Não o (G M) 4. de outro (G). 5 Olimpo (B) dece (B). 7 Reino (G) Corte (B G) — Auf Str. VII folgt im I Msc die nachstehende:

Lá na sublime Italia um celebrado
Antro secreto está chamado Averno;
3 Por onde o capitão Troiano ousa 'o
As negras sombras foi do escuro inferno.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
3 Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
6 Nereidas e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas ali de prata fina;
3 Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
6 Tanto menos a vista determina,
Se é crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace.
3 De esculptura formosa estão lavradas.
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
6 Do velho chaos a tão confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI.

Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
3 Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
6 O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

Por ali ha tambem um desusado
6 Caminho, que vai ter ao centro inferno
Do mar, onde o deos Neptuno mora:
Por ali foi descendo Baccho agora.

VIII. 3. saiem (M). 5. morão (B L) jocundas (B). 6. Deoses (B G) I Msc. deoses muitos, onde. 7. deixão (B L) Cidades (B G). 8. habitão (B L).

IX. 1. descuberto (B). 2. areas (B R) areias (L M). 4. crystalina (B G) 5. Var. Quando chegão (B L). 8 I Msc. claro e rutilante.

X. 1. de ouro (G R). 2. Var. das conchas. 3. fermosa (B M). 4. I Msc. Da qual o irado (L). 6. cahos (S R) Chaos (M) tam (B M) I Msc. a mui confusa. 7. Elementos (M).

XI. 1. encima (B). 2. sostinha (B G L N R). 3. De aqui (G). 6. invisiuel (B) Var. invencibil. 7. logar (M R S). 8 Mundo (G).

XII.

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
3 Dando pasto diverso e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
6 Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiverão os deoses co' os gigantes;
3 Está Typheo debaixo da alta serra
Do Etna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
6 Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas; mas entrando
3 Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
6 Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver, que commettendo tal caminho
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV.

„Oh Neptuno!“ lhe disse, „não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
3 Porque tambem co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
6 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos.“

XII. 6. agoas (B). 7. creando (M).

XIII. 2. tiverão (B L) Deoses (B G) cos (B) Gigantes (B G). 3. Tipheo (B) debaxo (B). 4. D'Ethna (L) De Ethna (M N Q R S) flamas (B). 7. houverão (L). 8. Olineira (B).

XIV. 4. o stava (M) — I Msc. já esperando. 5. E ás portas (L). 6. Nimphas (B) Nymphas (G). 7. cometendo [B] comettendo (G) 8. Reino (B G) da agua (G) Rei (B G).

XV. 2. Reinos (G). 3. cos (B). 4. Fortuna (B) 5. Deoses (B G). 8. Oução (B L).

XVI.

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
3 Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'uma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
6 Do rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
3 Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
6 Os negros misilhões, que ali se geram:
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu e os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
3 Mas porém de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento e cento:
Camarões e cangrejos e outros mais,
6 Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras e briguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
3 A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
6 Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XVI. 3. Deoses (B G). 4. habitão (B L). 6. Rei (B G L N Q S) da Salacia (B G). 7. fêo (G). 8. Correyo (B) corrêo (G).

XVII. 3. Hũs (B) Hũus (G). 5. falecem (B). 6. Mixilhões (B) mexilhões (Man. Correa). 8. Hũa (B G) Lagosta (B).

XVIII. 4. cubertos (B). 5. Cangrejos (B). 6. Phebo (A B N) crecimento (B). 7. Birbigoẽs (B) breguigões (F G M N P). Ostras e misilhões (L) Ostras e mexilhões (R) de musgo (G L M) do musco (B) çujos (B). 8. coa (B) Caramujos (B).

XIX. 4. Per (M). 6. Deoses (B G) pera (M) Paços (B). 7. Deos (B G) da Dardania (R). 8. Destroidos (B).

XX.

Vinha o padre Occeano acompanhado
Dos filhos e das filhas, que gerara;
3 Vem Nereo, que com Doris foi casado.
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protéo, deixando o gado
6 Maritimo pascer pela agua amara,
Ali veiu tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno. de Celo e Vesta filha,
3 Grave e leda no gesto e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida uma camisa preciosa
6 Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não é para esconder-se.

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse;
3 O delphim traz comsigo, que aos amores
Do rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co' os olhos, que de tudo são senhores,
6 Qualquer parecerá que o sol vencesse:
Ambas vem pela mão. igual partido;
Pois ambas são esposas d'um marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo. veiu a ter divina estado,
3 Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
6 Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopêa.

XX. 1. Padre (B G) Occeano (G). 4. Nimphas (B) Nymphas (G). 5. Propheta (B) Prothèo (B) Protheo (G) Proteo (L M N) Protêo (S). 6. pacer (B). 8. Padre (L).

XXI. 1. per (M). 2. Caelo (N S). 3. tam (M) fermosa (B M). 7. crystalino (B G) II Msc. o corpo alabastrino. 8. pera (M)

XXII. 1. fermosa (B M). 2. falecesse (G). 3. Delphim (B G M N Q R S) os amores (B) 4. Rei (B G L N Q R S). 5. Cos (B). 6. Sol (B G N Q S). 7. igoal (B). 8. de hum (G).

XXIII. 3. Consigo (B) Infante (B) ifante (M). 4. Deoses (B G). 7. areia (R) area (B L M N). 8. colo (B G) Panopéa (G) Panopea (B L M N).

XXIV.

E o deos, que foi n'um tempo corpo humano
E por virtude da herva poderosa
3 Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa.
Inda vinha chorando o feo engano,
6 Que Circe tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala nobre e divinal,
3 As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do padre agasalhados,
6 Que co' o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses e de seus recebimentos,
3 Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
6 Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co' o ferro alheio falla desta sorte:

XXIV. 1. Deos (B G) foi hum tempo (G). 3. pexe (B). 5. feio (B L R) fêo (S). 6. Circes (B) Circé (N) coa (B) fermosa (B M). 7. della sendo amado (Man. Correa) — Auf Str. 24 folgt im I. Msc. die nachstehende:

A dôr do desamor nunca respeita,
Se sem culpa, ou senão tem culpa a parte;
3 Porque se a cousa amada vos engeita,
Vingança busca só de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
6 Trabalhar que vos ame e que se aparte
De seu desejo, e que por outro negue,
Se sempre foge amor de quem o segue?

XXV 3. Deosas (B G) I. Msc. As deosas enriquecem os estrados. 4. Deoses (B G). 5. Forão (B L) Padre (B G L N Q R S). 6. co (B) igoal (B). 8 nace (B) e a Arábia (Man Correa, M) e a arabia (L).

XXVI. 1. sossegado (B). 2. Deoses (B G). 3. descubrir (B). 4. Tyonêo (B). — 5 & 6 fehlen im I. Msc. — 8. Co (B).

XXVII.

„Principe, que de juro senhoreas
D'um polo ao outro polo o mar irado,
3 Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado,
E tu, padre Oceano, que rodeas
6 O mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes,
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
3 Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
6 Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?

XXIX.

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já commetter o céo supremo;
3 Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia
6 Soberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do céo em poucos annos
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vêdes agora a fraca geração,
Que d'um vassallo meu o nome toma,
3 Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi e o mundo todo doma:
Vêdes, o vosso mar cortando vão,
6 Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vêdes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXVII. 1. senhoreias (L R) senhorêas (B). 2. Polo (B G) a outro (M). 3. enfreias (L R) enfrêas (G). 5. Padre Oceano (G) rodeias (L R) rodêas (G). 6. Mundo (G) têes (G L). 7. permites (B G M). 8. vivão (B L).

XXVIII. 1. Deoses (B G) de mar (S) sofreis (B M). 2. algũa (B G) Reino (G). 3. igoal (B) 4. per (M). 7. I. Msc. Os peitos n'outro tempo endurecidos.

XXIX. 2 Forão (B L) cometer (B) cometter (G) Ceo (B G). 3. phantesia (M) fantasia (B). 4. vella (B). 6. Suberbas (M) I Msc. Tão grandissimas insolencias que temo. 7. Ceo (B G) anos (G M). 8. Venhão (B L) Deoses (B G).

XXX. 2. de hum (G) I Msc. Que de hum meu capitão o nome toma. 3. suberbo (M). 4. A vós, a mi (S) Mundo (G). 7. Vedes que o vosso (B) Reino (G) devastando (G).

XXXI.

Eu vi que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
3 Boreas injuriado e o companheiro
Aquilo e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
6 Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós. a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? porque a pondes em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do céo desci,
3 Nem da magoa da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
6 Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente:

XXXIII.

Que o grão Senhor e Fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
3 Famas móres que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, oh deoses, como ensinam
6 O mal tambem a deoses; que a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi
Buscando algum remedio a meus pezares,
3 Por ver o preço. que no céo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares." —
Mais quiz dizer e não passou daqui,
6 Porque as lagrimas já correndo a pare
Lhe saltaram dos olhos, com que log
Se accendem as deidades d'agua em go.

XXXI. 1. I Msc. contra aquelles que primeiro — Mynias (B G). 2. Reino (G). 5. ajunctamento (M). 7. este (L).

XXXII. 1. Deoses (B G) 2. Ceo (B G) deci (B). 3. magoa, da (S) sofreis (B M). 6. Mundo (G).

XXXIII. 1. gran' (M) fados (G N) I Msc. Que Jupiter e Fados 2. I Msc. Não por razão senão por caso mundo. — baxo (B) Mundo (G). 4. baroẽs (B) 5. Deoses (B G). 6. Deoses (B G) que segundo (B) 7. tẽe (L).

XXXIV. 1. Olimpo (B). 3. ver se o preço (G) Ceo (B G). 4 Por ventura acharei (G) per dita (M). 5. Mais que dizer e nam (A) Mais quer dizer (R) de aqui (G). 7. saltarão (B L). 8. acendem (B) Deidades (B) da agua (G).

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'um ponto,
3 Não soffreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
6 Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro ali Proteo
Dizer neste negocio o que sentia;
3 E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
6 Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
„Neptuno sabe bem o que mandou!"

XXXVII.

Já lá o soberbo Hippótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
3 Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o céo sereno se obumbrava,
6 Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
3 Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
6 Do Eoo hemispherio está remota:
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXV. 2. Deoses (B G). 3. sofreo (B M). 5 mandão (B L).
XXXVI 1. Protheo (B G). 7. Thetis (B) indinada (B).
XXXVII. 1. suberbo (B M) Hypotades (B G) Hyppótades (S). 4 varoẽs (B). 5. Ceo (B G). 7. Começão (B L).
XXXVIII. 1. concelho (G L R). 2. Frota (B) I Msc. No fundo ponto a leda rica frota. 3. sossegado (B). 4. tranquilo (B). 6 Emispherio (B) Hemispherio (G). 8. Pera (M).

XXXIX.

Vencidos vem do somno e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
3 Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares. que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos
6 Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL.

„Com que melhor podemos", um dizia,
„Este tempo passar, que é tão pezado,
3 Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?"
Responde Leonardo, que trazia
6 Pensamentos de firme namorado:
„Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo que de amores?"

XXXIX. 1. sono (B) I Msc. bem despertos. 2. a meudo (B) a miudo (Man. Correa). 3 antenas (B R S) cubertos (B) 6. Mal esfregando (B) Mas estregando (F G P cf. Einl. XXXIII). 7. sonno (B). 8 contão (B L) I Msc. casos seus.

XL. 2. tam (B M). 3. Senam (B) 4. sono (B). 5. Lionardo (B). 8. Pera (M) I Msc Para enganar o tempo. — Auf Strophe 40 folgen im I Msc. die fünf nachstehenden:

„De que serve contar grandes historias
De capitães, de guerras affamadas,
3 Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheias subjugadas?
Outros farão grandissimas memorias
6 De feitos de batalhas conquistadas:
Eu as farei, se for no mundo ouvido,
De como só de uns olhos fui vencido."

Não foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia vigiando:
3 Que com quanto era duro e bellicoso
Amor o tinha feito manso e brando.
Tão concertado vive este enganoso
6 Moço co' a natureza, que tratando
Os corações tão doce e brandamente,
Não deixa de ser forte quem o sente.

„Contai", disse, „senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
3 Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas."
Concederam os mais vigiadores,
6 Que ali fossem de todos referidas
As historias, que já de amor passáram;
E assi sua vigia começaram.

Disse então Leonardo: „Não espere
Ninguem que conte fabulas antigas,
3 Que quem alheas lagrimas refere,
Das proprias vive isento e sem fadigas.

XLI.

„Não é“, disse Velloso, „cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
3 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida e robusta
6 A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.“

XLII.

Consentem nisto todos e encommendam
A Velloso que conte isto que approva.
3 „Contarei“, disse, „sem que me reprendam,
De contar cousa fabulosa ou nova;
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
6 A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos dizei na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
3 Despois que socegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
6 Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Porque despois que amor co' os olhos fere,
6 Nunca por tão suaves inimigas,
Como a mi só no mundo tem ferido
Pyramo, nem o nadador de Abído.

Fortuna, que no mundo póde tanto,
Me deitou longe já da patria minha,
3 O tão longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder um bem, que tinha.
Livre vivia então, mas não me espanto,
6 Senão que sendo livre, não sostinha
Deixar de ser captivo que o cuidado,
Sem porque tive sempre namorado “

XLI. 1. Nam (B) Veloso (B). 2. Tractar (M). 4. Nam (B) sofre (B M). 7. intendo (M).
XLII. 2. Veloso (B) aproua (B). 7. nacidos (B). 8. sejão (B L) Doze (R).
XLIII. 1. Reino (G). 3. sossegado (B). 7. Erinis (B) Erynnis (G).

XLIV.

Entre as damas gentis da côrte Ingleza
E nobres cortezãos acaso um dia
3 Se levantou discordia em ira accesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
6 Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV.

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
3 Que elles em campo raso ou estacada
Lhe darão fea infamia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada
6 Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI.

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
3 Nem parentes, nem fervidos amantes
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes
6 A fazer, que em soccorro os deoses levem
De todo o céo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente e militara
Co' os Portuguezes já contra Castella,
3 Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros e benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentara
6 Namorados affeitos, quando nella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei, que por mulher a toma.

XLIV. 1. Corte (B G). 2. cortesoẽs (B) 3. Discordia (N S) accesa (B) 4. opiniam (B) perfia (B M). 5. Cortesoẽs (B) tam (B M). 7. provaràm (B). 8. pera (M).

XLV. 4. feia (L R) fêa (G). 5 femenil (B). 6. oprobrios (B). 8. Socorro (B).

XLVI. 2. Reino (G) nam (B). 5. fermosas (B M). 6. socorro (B). Deoses (B G). 7. Ceo (B G L N Q R S) d'alabastro (G) do alabastro (R). 8. Duque (B G L N Q R S)

XLVII. 1 Ingrès (B). 2. Cos (B). 5. exprimentàra (B) exp'rimentara (M S). 6. affectos (G) Var. effeitos. 8. Rei (B G L N Q R S) molher (B).

XLVIII.

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
3 Lhe diz: „„Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas.
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
6 Tanto primor e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
3 Que por cartas discretas e polidas
De vosso aggravo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
6 Com palavras de affagos e de amores
Lhe sejam vossas lagrimas que eu creio
Que ali tereis soccorro e forte esteio.""

L.

Desta arte as aconselha o duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes:
3 E porque cada dama tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
6 Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu rei, e o duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
3 Quizera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a regia majestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
6 Deseja ser com fervida vontade;
E só fica por bem aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

XLVIII. 1. socorrer (B) lhes (G). 3. Lhes (G). 4. Reino (G). 6. tam (B M).

XLIX. 1. agravadas (B R). 2. lhes (G) Embaixadores (G). 3. per (M). 4. agrauo (B) fação (B L). 5. per (M). 6. d'afagos (B) d'affagos (L N R) d'amores (B L N R). 7. Lhes (G) sejão (B L). 8. socorro (B)

L. 1. D'est' arte (M) Dest' arte (B) Duque (B G L N Q R S). 2. lhes (G) nomeia (L R) nomêa (G M). 4. Lhes (G). 5. descuberto (B). 6. tẽe (L). 7. Cad' hũa (B) Cada hũa (G). 8. Rei (B G L N Q R S) Duque (B G L N Q R S)

LI. 1. messageiro (M). 2. Corte (B G). 3. Rei (B G L N Q R S) 4. sofre (B M) Regia (B G L N) Magestade (B G). 5 Cortesoẽs (B). 7. bem-aventurado (L). 8. Duque (B G L N Q R S).

LII.

Lá na leal cidade, donde teve
Origem, como é fama, o nome eterno
3 De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
6 D'armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos e concertos de mil côres.

LIII.

Já do seu rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado,
3 Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
6 De cavalleiro destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV.

„„Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
3 Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis e varias manhas:
Agora que apparelho certo vejo
6 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
3 Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que é devido;
6 Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.““

LII. 1 Cidade (B G). 4. tẽe (L). 6. d'uso (G L). 7. D'elmos (Man. Correa) cimeras (B) lettras (M)

LIII 1. Rei (B G L N Q R S) tẽe (L). 2 Pera (M) 3. per (M) 4. Forão (B L) Duque (B G L N Q R S) Ingres (B) esprimentado (B) exp'rimentado (M S) 8. Dest' arte (B L) D'est' arte (M R).

LIV. 5. aparelho (B). 6. Mundo (G) tammanhas (M). 7. per (M).

LV 2. Per (M). 3. conuosco (B). 5. diuido (B) 6. sprito (B) esp'rito (M Q R S). 7. Fortuna (L R).

LVI.

Assi diz: e abraçados os amigos
E tomada licença em fim se parte:
3 Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte.
Navarra co' os altissimos perigos
6 Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes.
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
3 Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha
6 Para Londres já fazem todos vias:
Do duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo e dia assignalado
De entrar em campo já co' os doze Inglezes,
3 Que pelo rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente e armado
6 O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha com tristeza
3 Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
6 Será o negocio assi na corte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LVI. 3. Lião (B). 4. Logares (M R). 5. cos (B) Var. e os altissimos 6 Perinèo (B) Espanha (B). 8. No grande Imperio (B) Emporio (G).

LVII. 4. Corta (G) Cortão (B L). 6. Pera (M). 7. Duque (B G L N Q R S). 8. animados (G).

LVIII. 1. assinalado (B M). 2. D'entrar (G) cos (B). 3. Rei (B G L N Q R S) tinhão (B L). 4. Armão (B L) de elmos (G). 5. tẽe (L).

LIX. 5. apregoão (B L). 6. Corte (B G).

LX.

Já n'um sublime e publico theatro
Se assenta o rei Inglez com toda a côrte:
3 Estavam tres e tres e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro
6 De força, esforço e d'animo mais forte
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallos, escumando
Os aureos freos com feroz sembrante:
3 Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante:
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
6 Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
3 Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo ao bellico serviço.
Ao rei e ás damas falla e logo se ia
6 Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouviu, que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
3 Se alegra e veste ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
6 Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LX. 1. pubrico (B). Rei (B G L N Q R S). 2. Corte (G). 3. Estavão (B L) 5. Sol (B G N Q S) Batro (B G M). 6. de animo (G).

LXI. 1. Mastigão (B L). 2. freios (L M R) frêos (G) semblante (G). 3. Sol (B G N Q S). 6. desigoal (B). 8. Começa alvoroçar-se (M, Man. Correa).

LXII. 1. Virão (B L) adonde (G). 5 Rei (B G L N Q R S). 6 Pera (M) gran' (M).

LXIII. 4. que a virtude (B). 5. sinal (B) 6 inflama (B G M). 7. Picão (B L) de esporas (G) largão (B L). 8. Abaxaõ (B) Abaixão (L).

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme:
3 O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
6 Qual co' o cavallo em terra dando geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co' os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum d'ali tomou perpetuo sono
E fez da vida ao fim breve intervallo:
3 Correndo algum cavallo vai sem dono
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza do seu throno.
6 Que dous ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas
3 É desses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
6 Que com finezas altas e affamadas
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria.

LXVII.

Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria:
3 Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
6 Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra
Até tornar á doce e chara terra.

LXIV. 2. debaxo (B). 8. penachos (B G L N R).
LXV. 1. de alli (G). 5. suberba (M). 8. achão (B L).
LXVI. 1. estremos (B). 5. intendemos (M). 6. afamadas (M). 7. Cos (B)
LXVII. 1. Duque (B G L N Q R S). 2. Paços (B). 3. Cuzinheiros (M). 4. fermosa (B M). 5. Var. querem que. 7. detẽe (L). 8. cara (G M R).

LXVIII.

Mas dizem que comtudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
3 Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notavel á condessa fez de Frandes:
E como quem não era já noviço
6 Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Um Francez mata em campo que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança e teve um fero desafio
3 C'um Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio."
Contando assi Velloso já a companha
6 Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda.
3 O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
6 Os traquetes das gaveas tomar manda:
„Alerta", disse, „estai! que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece."

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
3 „Amaina!" disse o mestre a grandes brados,
„Amaina!", disse, „amaina a grande vela!"
Não esperam os ventos indignados,
6 Que amainassem: mas juntos dando nella
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

LXVIII. 1. gran' (M). 4. Condessa (B G L N Q R S). 8. Já teve (G L) Torcato (B).

LXIX. 3. Cum (B) Co' hũ (G). 5. Veloso (B).

LXX. 1. I Msc. Desta arte arrazoavam vigiando. — n'este praso (R). 2. I Msc Quando o mestre. — Mestre (G). 3. acordão (B L). 4 d'hũa (B G). 8. aparece (B)

LXXI. 1. erão (B L). 3. Mestre (G). 4. vella (B G M). 5. esperão (B L) indinados (B). 6. junctos (M). 7. I Msc. a rasgam — cum (B) co' hum (G). 8. Mundo (G).

LXXII.

O céo fere com gritos nisto a gente
Com subito temor e desaccordo,
3 Que no romper da vela a nao pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
„Alija“ disse o mestre rijamente,
6 „Alija tudo ao mar, não falte accordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba, que nos imos alagando!“

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
3 Os balanços, que os mares temerosos
Deram á nao n'um bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros e forçosos
6 A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sẽ aproveitar dos homens força e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
3 Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
6 A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande, em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
3 Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
6 Toda a nao de Coelho com reccio.
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXII. 1. Ceo (B G Q S). 2. Cum (B) desacôrdo (L). 3. vella (B) Nao (B R). 4. gram (B) gran' (M) soma (B) de agua (G). 5. Mestre (G). 6. acôrdo (L). 7. I Msc. não tardando. 8. Aa (B).

LXXIII. 4 Derão (B L) Nao (B R). 5. I Msc. marinheiros rijos e 6. menear (B). 7. punhão (B L) e outra (G). 8. Sem aproveitar (G H L R) Se (K) de homens (G H L) homẽes (G)

LXXIV. 1. erão (B L) puderam (G N) pudérão (L). 2. de impoto (G). 3. pera (M). 5. crecerão (B) creceram (M). 6. de hum (G). 7. Nao (B R). 8. sostem (B G N) sustém (S) sostẽe (L).

LXXV. 1. Nao (B R). 2. masto (B M, Man. Correa). 4. Áquelle (G) Mundo (G). 5. I Msc. brados vãos. 6. Nao (B R). 7. Mestre (G).

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
3 Agora a ver parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas. Aquilo queriam
6 Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e fea se allumia
Co' os raios, em que o polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
3 Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
6 Lá nas covas maritimas entraram
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
3 O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
6 Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram

LXXIX.

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
3 Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
6 Que nunca para o céo fossem viradas;
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXVI. 1. nuvções (G). 3. decião (B). 6. Mundo (G). 7. feia (B L R) êa (G) alumia (B Q S). 8. Cos (B) Polo (B G).

LXXVII. 1. Alcionêas (B). 2. Juncto (M). 5. Delfins (B). 7 a (S).

LXXVIII. 1 tam (B M) 2. suberba (M) Gigantes (B G). 3. gran' (M) ferreiro (G). 7. gran' (M).

LXXIX. 2. batião (B L). 3. II Msc. arvores firmes 4. indinadas (B). 5. pera (M) Ceo (B G). 7. areias (L M R) areas (B N) pudessem (G) 8. encima (B)

LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
3 Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
6 Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte,
Que o impossibil póde desta sorte:

LXXXI.

„Divina guarda, angelica, celeste,
Que os céos, o mar e terra senhoreas;
3 Tu que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
6 Das syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados,
3 Outras syrtes e baixos arenosos.
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
6 Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXX. 1. tam (B M). 2. do seu (G R). 3. Inferno (G). 4. Ceo (B G). 7. santo (B). 8. impossiuel (B).

LXXXI. 1. Guarda (G M N Q R S) Angelica, Celeste (G). 2. Ceos (B G) e a tera (M) senhorêas (G R) I Msc. Que o astrifero polo senhoreas. 4. Per (M) Eritreas (B). — V. 5—8 lautet im I Msc.:

Se por móres perigos me trouxeste
6 Que ao Ithacense Ulysses ou a Eneas,
Passando os largos terminos de Apollo,
Pelas furias de Thetys e de Eolo

5. Var. a Paulo. — e o defendeste (M). 6. Scyrtes (B) Syrtes (G) fêas (G). 7. cos (B). 8. Mundo (G).

LXXXII. 2. De outro (G) D'outro (A E K) Caribdis (B). 3. Scyrtes (B) Syrtes (G L) baxos (B).

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
3 Morrer, em quanto fortes sustiveram
A sancta fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se souberam,
6 De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras della."

LXXXIV.

Assi dizendo os ventos, que lutavam
Como touros indomitos bramando,
3 Mais e mais a tormenta accrescentavam
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
6 Feros trovões, que vem representando
Cahir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do sol claro no horizonte,
3 Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar com leda fronte.
A deosa, que nos céos a governava,
6 De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

LXXXVI.

„Estas obras de Baccho são por certo",
Disse; „mas não será que ávante leve
3 Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal, a que se atreve."
Isto dizendo desce ao mar aberto,
6 No caminho gastando espaço breve,
Em quante manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXIII. 1. puderão (B L) puderam (G N R). 2. Affricanas (B). 3. sostiverão (B L) sostiveram (G N R). 4. Fé (B G L N Q R S). 6. ficão (B L). 7. perdella (B G M).

LXXXIV. 3. acrecẽtavão (B) 4. meuda (B). 5. Relampados (B). 7. Ceo (B G) 8. Consigo (B).

LXXXV. 1 Estrella (B) scintilaua (B R). 2. Sol (B G N Q S) Horizonte (G) Orizonte (B) horisonte (R). 3. Messageira (M) 5. Deosa (B G) Ceos (B). 7. cara (G M R) Armada (R). 8. juncto (M) d'ira (L).

LXXXVI. 3 Tam (M) danada (B) descuberto (B). 5 dece B). 7. Nimphas (B) Nymphas (G).

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos louros á porfia:
3 Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
6 Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi: porque tanto que chegaram
Á vista dellas logo lhe fallecem
3 As forças, com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés e mãos parece que lhe ataram
6 Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithyia:

LXXXIX.

„Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
3 Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não pões a tanta insania freio,
6 Não esperes de mi d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte."

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
3 Que dias ha que em vêl-a se recrea,
Que bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
6 Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

LXXXVII. 2. perfia (B M) 3. nacẽ (B). 4. per M). 7. Nimphas (B) Nymphas (G). 8. fermosas (B M) vinhão (B L).

LXXXVIII. 2 Aa (B) lhes (B) falecem (B). 8. Orithia (B M) Orithya (L N R S).

LXXXIX. 1. creias (L M R) crêas (G) crêo (G) 3. arrêo (G). 4. nam (B). 5. poẽs (B) poens (N) frêo (G).

XC. 1. fermosa (B M) Galatêa (R) Galatéa (G) 3. recreia (R) recrêa (G). 5. Nam (B) creia (R) crêa (G).

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
3 E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores:
Ella lhe prometteu, vendo que amavam,
6 Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
3 Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra de tormenta e dos primeiros
6 Mares o temor vão do peito vôa:
Disse alegre o piloto Melindano:
„Terra é de Calecut, se não me engano!

XCIII.

„Esta é por certo a terra, que buscais,
Da verdadeira India, que apparece;
3 E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.“
Soffrer aqui não pôde o Gama mais
6 De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao céo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
3 Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
6 Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCI. 5. lhes (G) prometeo (B). 7. omenagẽ (B).

XCII. 2. Per (M). 3 excelsa (Var.). 4. Enxergarão (B L) I Msc. terra baixa pela. 7. Piloto (B G L R).

XCIII. 2. aparece (B). 3. Mundo (G). 5. Sofrer (B M). 7. geolhos (B) Ceo (B G).

XCIV. 4. esprimentaua (B) exp'rimentava (M S). 5. tam (B M) aparelhava (B). 8. d'horrendo (G). — Auf Strophe 94 folgen im I Msc. die nachstehenden sieben:

Olhai como despois de um grande medo
Tão desejado bem logo se alcança;
3 Assi tambem detraz de estado ledo
Tristeza está, certissima mudança.
Quem quizesse alcançar esto segredo
6 De não se ver nas cousas segurança,
Creio, se escudrinhal-o* bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoudecesse.

Não respondo a quem disse, que a fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
3 Que mandou Deos ao mundo por coluna
Deosa, que ora se abaixe ora levante.
Opinião das gentes importuna
6 É ter que o homem aos anjos semelhante,
Por quem já Deos fez tanto, se puzesse
Nas mãos do leve caso, que o regesse.

Mas quem diz que virtudes ou peccados
Sobem baixos e abaixam os subidos;
3 Que me dirá se os máos vir sublimados,
Que me dirá se os bons vir abatidos?
Se alguem me diz, que nascem destinados,
6 Parece razão aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me val ser sancto que malino?

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
3 Subitamente passa e lhe apresenta
Venus a cousa delles mais querida.
Mas o Cabral, que o numero accrescenta
6 Dos naufragios na costa desabrida,
A vida salva alegre e logo perto
A perde ou por destino ou por acerto.

Se havia de perdel-a em breve instante,
O salval-a primeiro que lhe val?
3 Fortuna ali, se é habil e prestante,
Porque não dava um bem detraz de um mal?
Bem dizia o philosopho elegante
6 Simonides ficando em um portal
Salvo, donde os amigos morrer vira,
Na sala arruinada, que cahira:

„Oh poder da fortuna tão pesado,
Que tantos n'um momento assi mataste!
3 Para que maior mal me tens guardado,
Se deste, que é tamanho, me guardaste?"
Bem sabia que o céo estava irado;
6 Não ha damno, que o seu favor abaste;
Nem fez um mal tamanho que não tenha
Outro muito maior, que logo venha.

Mui bem sei que não falta quem me désse
Razões subtis, que o engenho lhe assegura;
3 Nem quem segundas causas resolvesse;
Materias altas que o juizo apura.
Eu lhe fico que a todos respondesse,
6 Mas não o soffre a força da escriptura:
Respondo só que a longa experiencia
Enleia muitas vezes a sciencia.

* Var. esquadrinhal-o

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores.
3 Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
6 Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados entre os finos
Animais de Moscóvia zebellinos:

XCVI.

Não co' os manjares novos e exquisitos,
Não co' os passeios molles e ociosos,
3 Não co' os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos;
Não co' os nunca vencidos appetitos,
6 Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
3 Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
6 Do Sul e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um arduo soffrimento:

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro
3 Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito um callo honroso cria,
6 Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou e não virtude justa e dura.

XCV. 1. Per (M). 3. Alcanção (B L). 4. e os graos (B). 5. Nam (B). 8. Zebellinos (B G).

XCVI. 1. cos (B). 2. Nam cos (B) passeos (B) passêos (G) Var. e nojosos. 3. Nam cos (B). 4. afeminaõ (B) affeminão (L) afeminam (M). 5. Nam cos (B) apetitos (B). 6. Fortuna (B) tẽ (B) tẽe (G) tam (M). 7. sofre (B M). 8. Pera (M) algũa (B G).

XCVII. 1. co (B). 4. Sofrendo (B M). 6. Regiões (G). 7. Engulindo (B L M). 8. cum (B) co' hum (G) sofrimento (B M).

XCVIII. 3. Pera (M) pilouro (B, Man. Correa). 5. Dest' arte (B L M) calo (B). 6. Despertador (B).

XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
3 E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este. onde tiver força o regimento
6 Direito e não de affeitos occupado,
Subirá, como deve, a illustre mando,
Contra vontade sua e não rogando.

XCIX. 1. Dest' arte (B M) intendimento. 4. baxo (B) tratto (B) tracto (M). 6. affectos (G L R).

CANTO SEPTIMO.

I.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
3 Que entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges, que no céo terreno mora.
Ora sus! gente forte, que na guerra
6 Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riqueza abundante.

II.

A vós, oh geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
3 Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral, de quem governa o céo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
6 Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça ou pouca obediencia
Da Madre, que nos céos está em essencia:

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes
Que o fraco poder vosso não pesais;
3 Vós, que á custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do céo deitadas são as sortes,
6 Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta christandade;
Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade!

I. 1. vião (B L) juncto (M). 4. Ceo (G).
II. 2. tam (B) Mundo (G). 3. Mundo (G). 4. Ceo (G). 7. Var. Mas em — cubiça (M). 8. Ceos (G L N Q S) stá (M).
III. 4. Lei (G L N Q R S). 5. Ceo (G L Q R S). 7. Christandade (B G L N Q S).

IV.

Vedel-os Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
3 Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vedel-o em feas guerras occupado
6 (Que inda co' o cego error se não contenta!)
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vedel-o duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima cidade,
3 Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem viu honra tão longe da verdade!)
Entre as boreaes neves se recrea,
6 Nova maneira faz de christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto um falso rei
A cidade Hierosolyma terreste,
3 Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
6 Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendel-o, nem guardal-o
Mas para ser contra elle e derribal-o!

VII.

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto,
3 E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios,
6 Em quem quer reprovar da igreja o canto:
De Carlos, de Luiz o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

IV. 1. Vede-los (L S) Vedelos (B) Vedes os (G) suberbo (M). 2. per (M) tam (M) apacenta (B). 4. Pastor (G) ceita (B). 5. feias (L R) fêas (G). 6. co (B). 7. suberbissimo (M) Otomano (B).

V. 1. Vede-lo (L S) Vedelo (B) Vedes o (G) Ingrès (B) nomeia (L R) nomêa (G). 2. Cidade (G L N Q R S). 3. senhoreia (L R) senhorêa (G). 4. tam (B L). 5. Boreaes (B G L N Q R S) recreia (B L) recrêa (G). 6. Christandade B G L N Q S). 7. Pera M) tẽc (L)

VI. 1. emtanto (M) Rei (B G L N Q S). 2. Cidade (B G) Hierosolima (B). 3. santa (B) Lei (G . 4. Cidade (B G) Hierosolima (B). 5. indino (M). 7. Nam (B) pera (M). 8. pera (M).

VII. 1. tẽes (G L). 2. christãos (M) tã (B) tam (M). 3. nam (B) Cynifio (B Cyniphio (G). 4. antigo (B G) sancto (B). 6. Igreja (B G L N Q R S). 8. Erdaste (B).

VIII.

Pois que direi daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo
3 Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
6 Que o povo forte tem, de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo já submersa
Em vicios mil e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miseros Christãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
3 Que uns aos outros se dão a morte dura
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
6 Possuida de cães. que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra.
Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
3 Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
6 De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
3 Não vedes, que Pactólo e Hermo rios
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria lavram de ouro os fios.
6 Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a casa santa.

VIII. 2. Mundo (G). 3. Gastão (B L) logrão (B L) 4. do seu (R). 5. tyrania (B). 6. tẽe (L) imigo (M) 7. Contigo (B) sumersa (B M).

IX. 1. christãos (M) pola (L R). 3 hũs (B) hũus (G). 5. Nam (B) Sepultura (G). 6. Cães (L). 7. antiga (B).

X. 1. tẽe (L). 2. tam (B L). 3. Ajunctarem (M). 5. E entre vós (L). 7. s'estais (B).

XI. 1 cubiça (M). 2. alheias (L M R) alhêas G). 3 Nam (B). 4. areias (L M R) arêas (G). 5. Lidia (B) Var. Lybia, Libya — Assiria (B) lavrão (B L) d'ouro (G). 6. veias (L M R) vêas (G) 8. Casa santa (G L N Q R S) Casasanta (M) casa Sãta (B).

XII.

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilheria
3 Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
6 Dos Caspios montes e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos
Bradando-vos estão, que o povo bruto
3 Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: (duro tributo!)
Em castigar os feitos inhumanos
6 Vos gloriai de peito forte e astuto:
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, oh gente insana,
3 Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos:
6 É na Asia mais que todas soberana:
Na quarta parte nova os campos ara:
E se mais mundo houvera, lá chegara.

XV.

E vejamos em tanto que acontece
Aquelles tão famosos navegantes,
3 Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe apparece,
6 Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei
E dar novo costume e novo rei.

XII. 4. Bizancio (B). 5. siluestres (B)

XIII. 1. Traces (B). 3. caros (B G M). 4. Preceito (B) alcoraõ (B). 7. nam (B).

XIV. 3. Nam faltaràm B). 4 Casa (G . 5. Affrica (B) tẽe (L). 8. Mundo (G).

XV. 2. A aquelles (B) tam (B M) 5. aparece (B). 6. perfias (B M) tam (B M). 7. Lei (G). 8 Rei (B G L N Q S).

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarções de pescadores
3 Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores:
Para lá logo as proas se inclinaram;
6 Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O rei, que a terra toda possuia.

XVII.

Além do Indo jaz e aquem do Gange
Um terreno mui grande e assaz famoso,
3 Que pela parte austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso;
Jugo de reis diversos o constrange
6 A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra toda Asia discorre,
3 Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões, por onde corre,
As fontes sahem, donde vem manando
6 Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre um e outro rio em grande espaço
Sahe da larga terra, hũa longa ponta,
3 Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
6 Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os vizinhos, da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores;

XVI. 3. Acharão (B L) lhes (G). 4. erão (B L). 5. Pera (M). 6. Cidade (B G). 7. Do Reyno Malauar (B). 8. Rei (B G L N Q R S) possuhia (B).

XVII. 3. Austral (B G L N Q R S) 4. pera (M). 5. Reis (B G L N Q S). 6 & 7. algũs (B) algũus (G) Idolos (B). 8. Algũs (B) Algũus (G).

XVIII. 2. Tam (B M). 3. tam (B M). 4. Regiões (G) 5. saiem (M). 6. gram (B) gran' (M). 7. cercão (B L).

XIX. 1. e o outro (L N) 2. uma (M R). 3. piramidal (B). 4. Insula (G). 5. juncto (M). 6. antigo (B G). 8. mantẽe (L) lindas flores (B G).

XX.

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes;
3 Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra e gente são mais abundantes:
Decanijs, Oriás, que a esperança
6 Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, rei potente)
3 O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
6 Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate.
Do pé do qual pequena quantidade
3 Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate
6 Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Portuguez mandado logo parte,
3 A fazer sabedor o rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
6 Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo
Fez concorrer a vel-o todo o povo.

XX. 3. Patanas (S). 4. gentes (R). 5. Decanís (M) Decânis (G) Decanis (L) Decanys (N). 6. Tẽe (L). 7. do Bengala (A).

XXI. 1. Reino (B G). 2. Rei (B G L N Q S). 3. Reino (B G). 4. d'ouro (G).

XXII. 1. chamão (B L). 2. cantidade (M). 3. So estende (A) uma (R). 5. Cidades (G) 6. tẽe (L). 7. Imperio (B G). 8. Samori (G) Senhor (G)

XXIII. 3. Rei (B G L N Q R S) Gentio (G). 4. tam (B M). 5. messageiro (M) Rio (B). 7. traje (G).

XXIV.

Entre a gente, que a vel-o concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
3 Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela vizinhança já teria
6 O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana.
3 Lhe disse: „Quem te trouxe a est'outro mundo
Tão longe da tua patria Lusitana?"
„„Abrindo"", lhe responde, „„o mar profundo,
6 Por onde nunca veiu gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a lei divina se accrescente.""

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
3 Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
6 Só para o rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade.
Mas de caminho pouca quantidade:

XXVII.

E que, em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda. se queria,
3 Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E despois que se um pouco recreasse,
6 Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha?

XXIV. 3. Região (G) Barbaria (G L M R). 4. Anthêo (G) Antheo (L M). 5. vezinhança (B). 6. Reino (B G). 7. assignalado (G M N R). 8. tam (B M).

XXV. 1. messageiro (M) Mensageiro (R) jocundo (B S). 3. Mundo (G). 4. Tam (B M) Patria (R). 6. Per (M). 7. gran' (M). 8. Per (M) Lei (G L N Q R S) Divina (G) acrecente (B) accresente (G).

XXVI 1. gram (B) gran' (M). 2. mouro (R). 5. messagem (M). 6. pera (M) Rei (B G L N Q R S). 7. Cidade (B G). 8. cantidade (M).

XXVII. 5. recreiasse (R). 6. pera (M) Armada (R). 7. tammanha (M).

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
3 Como se longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
6 Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

XXIX.

O capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
3 Junto de si o assenta e prompto e quedo
Pela terra pergunta e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredo,
6 Só por ouvir o amante da donzella
Eurydíce tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: „Oh gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
3 Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura;
6 Vir do longinquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado:
3 Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India onde se estende
6 Diverso povo rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXVIII. 1. aceita (B S). 2. Monçayde (B). 5. tornão (L) Cidade (G). 6. Pera (M) Frota (R) mouro (R). 7. Capitaina (B G R). 8. Monçayde (B).

XXIX. 1. Capitam (G). Capitão (B L N Q R S). 3. Juncto (M). 4. pregunta (B) 5. ajunctava (M). 7. lira (B). 8. Var. Toda a gente. — ajuncta (M) mouro (R).

XXX. 3 tam (B M). 4. cometerdes (B) cometterdes (G). 6. longinco (B). 7. Per. 8. Reinos (B G) tam (B M).

XXXI. 2. per (M).

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
3 Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos reis é, mas d'um só fôra
6 N'outro tempo segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
3 Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes;
Succedeu que pregando convertessem
6 O Perimal, de sabias e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Náos arma e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica
3 Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta. o reino poderoso
6 Co' os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A um Cochim e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
3 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
6 Despois que tudo deu, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre e cria.

XXXII. 1. Provincia (B G). 2. Malauar (B). 3. antigo (B G) Idolos (B). 4. per (M). 5. Reis (B G L N Q R S). 6. antiga (B). 8. Reino (B G R).

XXXIII. 1. entam (B). 4. instituirão (B L). 6. sabios (B G L R). 8. presupós (B)

XXXIV. 1. mete (B G). 3. Pera (M). 4. Propheta (B G) pubrica (B). 5. Reino (B G). 6. Cos (B). 7. Erdeiro (B). 8. aceitos (B S) sogeitos (B)

XXXV. 2. Ilha (G R) pimenta (B G). 7. Pera (M). 8. per (M) tratto (B) tracto (M).

XXXVI.

Esta lhe dá co' o titulo excellente
De imperador, que sobre os outros mande;
3 Isto feito se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande:
E daqui fica o nome de potente
6 Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este, que agora o imperio manda e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre
De fabulas composta se imagina:
3 Andam nus, e sómente um panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
6 Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga:

XXXVIII.

Porque os que usaram sempre um mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte;
3 Nem os filhos terão outro exercicio
Senão o de seus passados até morte.
Para os Naires é certo grande vicio
6 Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura.
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
3 Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia.
Os Naires sós são dados ao perigo
6 Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu rei trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

XXXVI 1. co (B). 2. Emperador (B) Imperador (G L N Q R S) as outras (R). 4. Pera (M) santa (B). 6. Samorij (B) Samori (G) dino (M). 8. Imperio (B G).

XXXVII. 3. Andão (B L) pano (B). 4. cubrir (B). 6. digna (B). 7. tẽe (L per (M). 8. mesturar (B)

XXXVIII. 1. usarão (B L) hũ (B G). 2. De outro (B). 4. até á morte (G). 5. Pera (M). 7. per (M). 8. cerimonias (B R).

XXXIX. 3. ainda (R). 7. Rei (B G L N Q R S). 8. dereita (B) Direita (S)

XL.

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo e de grande preeminencia:
3 Observam os preceitos tão famosos
D'um, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva e temerosos
6 Das carnes tem grandissima abstinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos:
3 Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes e outros costumes variamente
6 São pelos Malabares admittidos:
A terra é grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo."

XLII.

Assi contava o Mouro: mas vagando
Andava a fama já pela cidade
3 Da vinda desta gente estranha, quando
O rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
6 Rodeados de todo sexo e idade,
Os principaes, que o rei buscar mandara
O capitão da armada, que chegara.

XLIII.

Mas elle, que do rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
3 Dos nobre Portuguezes, sem detença
Parte de ricos pannos adornado:
Das côres a formosa differença
6 A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XL. 1. Bramenes (B L R) Brachmanes (G) Religiosos (G). 2. antigo (B G) preminẽcia (B). 3. Observão (B L) tam (B M). 4. De hum (G). 5. matão (B L). 6. tẽe (L). 7. ajunctamento (M). 8. Tẽe (L).

XLI. 1. molheres (B) Var. são mulheres. 2. Pera (M). 6. admitidos (B). 7. tratto (B) tracto (M) Var. e tudo. — aquilo (B G M).

XLII. 1. mouro (R). 2. Cidade (G). 4. Rei (B G L N Q R S.). 5. vinhão (B L) 7. Rei (B G L N Q R S). 8. Capitam (G) Capitão (B L N R) Armada (R).

XLIII. 1. Rei (B G L N Q R S) tẽe (L). 2. Pera (M). 3. De nobres (G). 4. panos (B). 5. fermosa (B M).

XLIV.

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
3 Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
6 E n'um portatil leito ũa rica cama
Lhe offerece, em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens é levado.

XLV.

Desta arte o Malabar, dest' arte o Luso,
Caminham lá para onde o rei o espera;
3 Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
6 De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama e o Catual iam fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
3 Monçaide entr' elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
6 Onde uma rica fabrica se erguia
De um sumptuoso templo, já chegavam
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo e em pedra fria,
3 Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas,
6 Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLIV. 1. Regedor (B G) Reino (B G). 4. ao nobre (B). 6. uma (R). 8. homẽes (G).

XLV. 1. Dest' arte (L M R) Malauar (B) desta arte (G). 2. Caminhão (B L) pera (M) Rei (B G L N Q R S). 3. portuguezes (S) 4. infanteria (G L M N R).

XLVI. 1. hião (B L). 3. Monçayde (B) entre elles (G). 4. intendia (M). 5. Cidade (G). 7. sumtuoso (M) Templo (G). 8. junctos (M).

XLVII. 1. Deidades (B). 4. E segundo (B) Demonio (B) lhes (B G). 5. esculturas (B M).

XLVIII.

Um na cabeça cornos esculpidos
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
3 Outro n'um corpo rostos tinha unidos
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos
6 A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
3 Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde o rei estava do povo vão:
Engrossando-se vai da gente o fio
6 Co' os que vem ver o estranho capitão:
Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moças, donas e donzellas.

L.

Já chegam perto e não com passos lentos
Dos jardins odoriferos, formosos,
3 Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos
6 Por entre os arvoredos deleitosos;
Assi vivem os reis daquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
3 Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
6 As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

XLVIII. 2. Amon (B) Hammom (R) Lybia (B G). 3. em hum (G). 4. antigo (B G). 7. Canina (B) tẽe (L).

XLIX. 1. gentio (B M). 4. Pera (M) Rei (B G L N Q R S). 6. Cos (B) Capitão (B G L N Q R S).

L. 1. chegão (B L) 2. fermosos (B M) 3. Regios (B G . 4. torre (S) sumtuosos (M). 5 Edificão os nobres (B) Edificão-se (L). 6 Per (M). 7. Reis (B G L N Q R S). 8. Cidade (G) junctamente (M)

LI. 1 sutileza (B M). 3. per (M). 5. Afiguradas (M) 6. antiga (B) edade (R).

LII.

Estava um grande exercito, que pisa
A terra oriental, que o Hydaspe lava;
3 Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
6 Nas ribeiras do rio, que manava;
Tão proprio, que se ali estiver Semele,
Dirá por certo, que é seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante bebendo sécca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
3 Sujeita a feminino senhorio
De uma tão bella como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio
6 Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

D'aqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
3 Terceira monarchia, e subjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'um capitão mancebo se guiavam
6 De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao capitão:
3 „Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
6 Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LII. 2. Oriental (B G L N Q R S) Idaspe (B). 3. Capitam (G). 4. Tyrsos (B) Var. frondentes lirios. 5. Per (M) Nisa (B G M) 7. Tam (M) alli stiver (M) Semelle (B G). 8. aquele (M).

LIII. 1. sêca (B). 2. de (R). Assiria (B). 3. ao (G L) femenino (M R) 4. De hũa (B G) tam (B M). 5. tẽe (L) juncto (M).

LIV. 3. Monarchia (B G) sujugavam (M) sobjugavam (G L N R) sojugauão (B). 4. Até ás (B L). 5. De hum (G) Capitam (G).

LV. 2. Capitàm (B) Capitão (G L N Q R S). 3. vitorias (B) 4. abateràm (B). 5. escreueràm (B). 6. Per (M) viràm (B). 7. Magos (B G R).

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
3 Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o céo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
6 Nas armas e na paz da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido."

LVII.

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente imperador
3 N'uma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor:
No recostado gesto se assinala
6 Um venerando e prospero senhor:
Um panno de ouro cinge e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle um velho reverente
Co' os giolhos no chão de quando em quando
3 Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brahmene, pessoa preeminente,
6 Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
3 Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente nunca de antes delle vista.
Lançando a grave voz do sabio peito,
6 Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do rei e do povo todo,
O capitão lhe falla deste modo:

LVI. 1. Magica (G). 2. pera (M) tammanha (M). 3. Nam (B) homẽes (G). 4. Ceo (B G L N Q R S). 7. Mundo (G).

LVII. 1. entravão (B L). 2. Emperador (B) Imperador (G L N Q R S). 5. assignala (G N). 6. Senhor (G). 7. pano (B). 8. gemas (B).

LVIII. 1. juncto (B) 2. Cos (B). 5. Bramene (B L R) Brachmane (G) preminente (B). 6. Pera (M) Var se vem. 7. Pera (M) Principe (B G L N Q R S).

LIX. 1. juncto (M). 2. afastados (B M S). 3. Samorij (B) Samori (G). 4. d'antes (L). 6. authoridade (B R) auctoridade (G M). 7. Rei (B G L N Q R S) Rei e povo (B M) Rei, do povo (L). 8. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S).

LX.

„Um grande rei de lá das partes, onde
O céo volubil com perpetua roda
3 Da terra a luz solar co' a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor, que lá responde
6 O ecco, como em ti da India toda
O principado está e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI.

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
3 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda
6 Até bem donde o sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII.

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua,
3 Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua.
Porque cresçam as rendas e abastanças
6 (Por quem a gente mais trabalha e súa)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vos firmemente permaneça,
3 Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e naos; de qualidade
6 Que por irmão te tenha e te conheça:
E de vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta."

LX. 1. Rei (B G L N Q R S) 2. Ceo (B G). 3. Solar (G) coa (B). 6. eccho (B). 7. Principado (G) Magestade (G). 8. contigo (B).

LXI. 1. per (M) rodeos (B) rodêes (G). 2. aquilo (G M). 5 desda fria (B) desd' a (L) Gelanda (B G). 6. Sol (B G N R) estilo (B G M) 8. tẽe (L) Reino (B G).

LXII. 3. Comercio (B) abundanças (B G) 5. creçaõ (B) cresção (L) 7. Reinos (B G).

LXIII. 3. a toda a adversidade (R). 4. per (M) Reino (B G). 5 calidade (M). 7. sobristo (B). 8. reposta (B).

LXIV.

Tal embaixada dava o capitão,
A quem o rei gentio respondia:
3 Que em ver embaixadores de nação
Tão remota grão gloria recebia;
Mas neste caso a ultima tenção
6 Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O rei e a gente e terra, que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar e em tempo breve
3 Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
6 Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
3 Do nobre regedor da Indica gente
Com festas e geral contentamento.
O Catual no cargo diligente
6 De seu rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio viu, que a luz renova,
3 Manda chamar Monçaide desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso
6 Se tem noticia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha,
Que é gente de sua patria mui vizinha.

LXIV. 1. embaxada (B) Capitão (B G L N Q R S). 2. Rei (B G L N Q R S) Gentio (G). 3. embaxadores (B) Embaixadores (G R). 4. Tam (B M) gran' (M). 6. Conselho (G). 8. Rei (B G L N Q R S) e a terra (G).

LXV. 4. Rei (B G L N Q R S) reposta (B). 6. Aas (B). 7. sono (B).

LXVI. 1. forão (B L) junctamente (M). 3. Regedor (B G). 6. Rei (B G L N Q R S) per (M).

LXVII. 1. fermoso (B M). 3. Monçayde (B). 6. tẽe (L).

LXVIII.

Que particularmente ali lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
3 Nisso serviço ao rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: „Postoque eu quizesse
6 Dizer-te disto mais, não saberia:
Sómente sei que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei d'um propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
3 Da mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos é vulgado
6 Delles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece:

LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana
Os deitaram dos campos abundosos
3 Do rico Tejo e fresca Guadiana
Com feitos memoraveis e famosos:
E não contentes inda, na Africana
6 Parte cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço e manha
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
3 Ou das gentes belligeras de Hespanha
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Assi que nunca em fim com lança estranha
6 Se tem, que por vencidos se conheçam:
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXVIII. 3. Rei (B G L N Q R S). 5. Monçayde (B). 6. nisto (G). 8. Sol (B G N Q S).

LXIX. 1. Tẽe (L) de hum (G) Propheta (B G L N Q R S). 3. Mãi (G L N Q R S) per (M) Bafo (G) stá (M). 4. tẽe (L) Mundo (G). 5. antigos (B G).

LXX. 1. sobre humana (B G). 2. deitárão (B L). 3. Do rio (A) conf. Einl. XXXIV — fresco (G M) Goadiana (B). 5. Affricana (B) e na (A A A) 6. procelosos (B). 8. Cidades (G).

LXXI. 1. tẽe (L). 3. d'Hespanha (Man. Correa). Espanha (B). 4. de algũus (G) algũs (B). 6. tẽe (L). 7. afirma (B). 8. Pera (M) Anibais (B).

LXXII.

E se esta informação não fôr inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
3 Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
6 Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz e na milicia."

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava:
3 Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
6 A Naira geração que o mar coalhava:
Á capitaina sobem forte e bella
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
3 Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
6 Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
3 E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurêa, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
6 O licor, que Noé mostrara á gente:
Mas comer o Gentio não pretende;
Que a seita que seguia lho defende.

LXXII 1. E s'esta (B). 5. Frota (R).
LXXIII. 1. Var. desejo — idolátra (M . 3. q̃ yrver (B) 7. Aa (B) Capitaina (B G R).
LXXIV. 2. II Msc. que o verme gera. 3. Nello (S). 5. tẽe (L). 7. gentio (M). 8. A tento (B) apacenta (B).
LXXV. 1. pregunta (B). 4. ceita (B) esperimente (B). 6. liquor (M). 7. gentio (B M). 8. ceita (B).

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
3 Co' o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
6 Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto
Coelho de outra parte e o Mauritano;
3 Os olhos põe no bellico transunto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não póde ser defunto,
6 Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Um ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Um ramo na mão tinha . . . Mas, oh cego
Eu que commetto insano e temerario,
3 Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!
Vosso favor invoco, que navego
6 Por alto mar com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos
3 A fortuna me traz peregrinando
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
6 Os perigos Marvorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna.

LXXVI. 3. Co (B). 5. gentio (B M). 8. Poesia (G).

LXXVII. 1. os Gamas (A A A B G). 2. Mauritano [ohne Interpunktion] (B G L M). 3. poem (B N) transunto (B G). 4. aspeito venerando (A A A B G N) II Msc. de semblante soberano. 6. Mundo (G) tratto (B) tracto (M). 7. à Grega (B). 8. dereita (B).

LXXVIII. 2. cometo (B) cometto (G). 3. nymphas (M) Nimfas (B). 4. Per (M) tam (M). 6. Per (M) tam (B M).

LXXIX. 3. Fortuna (L). 5. esprimentando (B) exp'rimentando (M Q S). 7. condemna (R) condenna (G). 8. Nũa (B) N'hũa (G).

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado:
3 Agora da esperança já adquirida
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
6 Que d'um fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
3 Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
6 Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
3 Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
6 Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as causas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
3 Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça;
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
6 Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido
Sob pena de não ser agradecido.

LXXX. 1. avorrecida (B M). 2. Per (M) alhêos (G). 3. acquirida (M). 6. de hum (G) tam (B M). 8. pera (M) Rei (B G L M N Q R S) acrecentarse (B) accrecentar-se (M).

LXXXI. 1. nymphas (L M) Nimphas (R). 2. tammanhas (M). 5. descanços (M). 8. tam (M).

LXXXII. 1. nymphas (M) Nimphas (B) ingenhos (M). 3. assim (S). 5. escritores (M). 6. Pera (M) ingenhos (M). 7. Pera (M) porem (B).

LXXXIII. 6. Que não o (G M). 7. per (M). 8. So pena (B) Sô (Man. Correa M).

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não que fama désse
A quem ao bem commum e do seu rei
3 Antepozer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso, que quizesse
6 Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios.
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
3 E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
6 Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao rei no officio novo,
A despir e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do rei severamente,
3 E não acha que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
6 Razões apprende e cuida, que é prudente,
Para taixar com mão rapace e escassa
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu rei a amada vida,
3 Onde perdendo-a em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo e as Musas, que me acompanharam,
6 Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

LXXXIV. 1. creiaes (R) nymphas (M) Nimphas. (B). 2. comum (B) Rei (B G L N Q S). 3. Anteposer (B) Antepuzer (G L M N R). 4. Lei (G)

LXXXV. 2. Pera (M) desejo fero (B) feo (M) fêo (G) 4. Protheo (B Man. Correa) Proteo (M) Prothêo (G). 6. veo (B M Man. Correa) véo (G). 7. o Rei (B L) Rei (B G L N Q R S).

LXXXVI. 1. dereito (B). 2. Guardase (A A A) Rei (B G L N Q S). 6. aprende (B G M S). 7. Pera (M) taxar (B). 8. alheos (B) alhêos (G).

LXXXVII. 2. Rei (B G L N Q S). 4. Tambem (B G) Tam bem (M).

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada:
3 Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
„Quem era? e por que causa lhe convinha
6 A divisa, que tem na mão tomada?“
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

„„Estas figuras todas““, que apparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
3 Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos.
Antiguos são, mas inda resplandecem
6 Co' o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês é Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

Foi filho ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
3 Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas, que contino usou.
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
6 Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que ali quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura e nome aos nossos.

I. 3. hũ (B G). 6. tẽe (L). 8. mauritano (R)
II. 1. aparecem (B). 5. Antigos sam (B) mais inda (R). 6. Co (B) ingenhos (M). 8. Ao nosso (G) Reino (B G).
III. 1. filho e companheiro (B L R). 2. tam (B M). 5. Goadiana (B) Douro, Guadiana (A A A G). 6. Elisio (B). 7. cançados (M).

IV.

O ramo, que lhe vês para divisa
O verde thyrso foi de Baccho usado,
3 O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
6 Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V.

Ulysses é o que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
3 Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.""
„„Quem será est' outro cá que o campo arrasa
6 De mortos com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias na terra tem pintadas.""

VI.

Assi o Gentio diz; responde o Gama:
„Este que vês, pastor já foi de gado;
3 Viriáto sabemos que se chama.
Destro na lança mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
6 Vencedor invencibil, affamado;
Não tem com elle, não, nem ter poderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram.

VII.

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
3 Que o grande apêrto em gente, inda que honrosa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
6 Degradado comnosco se alevanta:
Escolheu bem, com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

IV. 1. pera (M). 2. Tyrso (B). 3. edade (R). 4. e filho (B L R). 6. tam (B M). 8. Palas (B).

V. 1. e que (L). 2. Aa (B) Deosa (B G). 3. Troya (B). 7. II Msc. Grandes esquadras — tẽe (L). 8. Aguias (B G) tẽe (L).

VI. 1. gentio (B M). 5. tẽe (L). 6. inuenciuel (B) afamado (B M Q R S). 7. tẽe (L) puderaõ (B) pudérão (L) puderam (G N R). 8 Pirro (B).

VII. 2. tirarão (B L). 4. Aas (B). 5. patria rosa (B). 8. Pera (M).

VIII.

Vês? comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter valídas,
3 Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha tão subtis artes e maneiras,
6 Para adquirir os povos tão fingidas;
A fatidica cerva, que o avisa;
Elle é Sertorio, e ella a sua divisa!

IX.

Olha est' outra bandeira e vê pintado
O grão progenitor dos reis primeiros;
3 Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crêm ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter co' os Mouros superado
6 Gallegos e Leonezes cavalleiros,
À Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos reis se sanctifique."

X.

„„Que mé"", me dize, „„est' outro que me espanta""
(Pergunta o Malabar maravilhado)
3 „„Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
6 Tantas batalhas dá nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas e estandartes?""

XI.

„Este é o primeiro Affonso", disse o Gama,
„Que todo Portugal aos Mouros toma;
3 Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este é aquelle zeloso, a quem Deos ama,
6 Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

VIII. 4. souberão (B L). 5. tam (B M) sutis (M) sotis (B). 6. Pera (M) adquerir (B) acquirir (M) tam (B M) 7. Cerva (B G). 8. ella sa (M).

IX. 2. gran' (M) Progenitor (G) Reis (B G L N Q S). 3. Vngaro (B). 5. ter os Mouros (B G L M). 6. Galegos (B) Cavalleiros (G). 7. Aa (B) casa (B) Sancta (B) Casa-sancta (M) santo (R) Enrique (B) 8. Reis (B G L N Q S).

X. 4. tam (B) tẽe (L). 7. tẽe (L) per (M).

XI. 1. Afonso (B G M). 3. Estigio (B) fama (G). 7. Pera (M) Reino (B G) abaxa (B). 8. pera (M).

XII.

Se Cesar, se Alexandre rei tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente
3 Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas, que seus nomes se estenderam
6 Com glorias immortaes tam largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vasallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
3. Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
6 Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vasallos claro espelho.

XIV.

Vê-lo cá vai co' os filhos a entregar-se
A corda ao collo, nu de seda e panno,
3 Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera ao Castelhano:
Fez com siso e promessas levantar-se
6 O cerco, que já estava soberano:
Os filhos e mulher obriga á pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
3 Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este, pelo seu povo injuriado,
6 A si se entrega só firme e constante;
Est' outro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XII. 1. Rei (B G L N Q S) — Var. Reis. 2. Tam (B M) tam (B M). 5. crêas (G). 6. tam (M). 7. Var. deixo.

XIII. 2. Alumno (B G) sofrido (B M). 8. Pera (M).

XIV 1. cos (B). 2. colo (B) pano (B G M). 3. sogeitar (B). 4. prometera (B). 7. molher (B). 8. Pera (M).

XV. 1. Nam (B) Consul (B G R). 2. forcas-Caudinas (M). 3. per (M) baxo (B). 6. Assi (B N). 7. assi (B N).

XVI.

Vês este, que sahindo da cilada
Dá sobre o rei, que cerca a villa forte;
3 Já o rei tem preso e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vêl-o cá vai pintado nesta armada,
6 No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés .levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII.

É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
3 Co' o fogo, que accendeu junto da serra
De Abyla nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra
6 De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos céos com justa palma.

XVIII.

Não vês um ajuntamento de estrangeiro
Trajo sahir da grande armada nova,
3 Que ajuda a combater o rei primeiro
Lisboa de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
6 A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Um sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
3 De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Theotonio, prior. Mas vê cercada
6 Santarem e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueu das quinas a bandeira:

XVI. 2. Rei (B G L N Q S) Villa (G). 3. Rei (B G L N Q S) tẽe (L). Villa (G). 4. dino (M).

XVII 1. dom (B M) Rouphinho (N). 2. junctamente (M). 3. Co (B) acendeo (B) juncto (M). 4. Abila (B). 5. tam (M) santa (B). 8. Triũfãdo (B) Ceos (G L N Q S) Palma (B).

XVIII. 1. hũ (B L) ũ (M) hu' (N) Var. Não vês o — ajunctamento (M). 3. Rei (B G L N Q R S). 5. Enrique (B) Cavalleiro (G). 6. juncto (M) 7. Per (M). 8. Martyres (B G).

XIX. 1. Hũ (B) Sacerdote (B G L N R). 2. per (M). 4. Per (M(encrista (G). 5. Teotonio (B) Prior (B G L N Q R S). 6. Sanctarem (B M). 8. Quinas (B G L R).

XX.

Vêl-o cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
3 Os imigos rompendo o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em si o valor retrata
6 Que o sepulchro do pai co' os ossos cerra:
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba e a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
3 Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
6 Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII.

Não vês um Castelhano, que aggravado
De Affonso nono rei pelo odio antigo
3 Dos de Lara co' os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
6 Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê que um Portuguez com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente:

XXXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar póde a palma e o louro.
3 Mas olha um ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vêl-o entre os duvidosos tão inteiro
6 Em não negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o sinal no céo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XX. 3. Alferez (B) Alferes (G). 4. E o Hispalico (G L M). 6. sepulcro (M) cos (B).

XXI. 1. dece (B). 2. das vigias (B G). 4. Cidade (G) per (M) 5. similhança (M Q S). 6. Cavalleiro (G) 8. sem pauor (B).

XXII. 1. hũ (B) agrauado (B). 2. Afonso (G M N) — Var. novo rei — Rei (B G L N Q R S). 3. cos (B). 5. Villa (G). 6. consigo (B). 7. hũ (B).

XXIII. 1. Cavalleiro (G). 3. Ecclesiastico (B G) 4. Bago (B) d'ouro (G). 5. tam (B M). 6. nã (B). 7. signal (G L M N R) Ceo (B G) aparece (B).

XXIV.

Vês, vão os reis de Cordova e Sevilha
Rotos co' os outros dous e não de espaço;
3 Rotos? mas ante mortos. — Maravilha
Feita de Deos que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
6 Sem lhe valer defeza ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

XXV.

Olha um mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
3 A terra dos Algarves e já nella
Não acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço e com benigna estrella
6 Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavíla tomada aos moradores
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês? — Com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente:
3 É Dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres, que em França e Hespanha
6 Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Vêl-os? — Co' o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
3 Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
6 Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXIV. 1. Reis (B G L N Q R S). 2. com outros (G M, Man. Correa) cos (B). 5. Villa (G) Alcaçare (B). 7. dom (B M) Matheus (B Q S) Bispo (B G L N Q R S).

XXV. 1. Mestre (B G L N Q R S) dece (B). 4. por (M). 5. benina (B). 6. Castellos (G) escalla (B).

XXVI. 2. Silues (B). 3. dom (B M). 5 Espanha (B). 8. trofeos (B).

XXVII. 1. co (B). 4. dano (B) algũs (B) algũus (G). 5. suberbos (M) Cavalleiros (G). 7. Gonçallo Ribeyro (B) nomêa (G).

XXVIII.

Attenta n'um, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
3 Que a patria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
6 A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo e faz que tome o doce freio
De rei seu natural e não de alheio?

XXIX.

Olha, por seu conselho e ousadia
De Deos guiada só e de sancta estrella,
3 Só póde o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço e valentia
6 Outro estrago e victoria clara e bella
Na gente assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso e Guadiana habita?

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano pela ausencia
3 Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vêl-o com pressa já dos seus achado,
6 Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
3 Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
6 Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
„Pois eu, responde, estou sacrificando.“

XXVIII. 4. Sôbre (L M). 5. Não o (G M) tincto (M). 7. freo (G). 8. Rei (B G L N Q R S) Var. De seu rei. — alheo (G).

XXIX. 1. per (M) 2. santa (B) Estrella (B). 3. impossiuel (B). 5. per (M). 8. Tarteso (B) e o Guadiana (A G).

XXX. 3. Capitam (G) Capitão (B R S). 4. suma (B). 6. Que dizem (A). 7. tammanho (M).

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
3 Portuguez Scipião chamar.se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvarez se arrea.
Ditosa patria, que tal filho teve!
6 Mas antes pai; que em quanto o sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê, que presas ganha
Est' outro capitão de pouca gente;
3 Commendadores vence e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
6 Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXII. 1. s'atreue (B). 2. nomeia (L M R) nomêa (G) 3. Portugues Capitam (A) Portugues Cipião (A A). 4. dom Nun' (M) arreia (L M R) arrêa (G). 6. Sol (B G N Q S) rodeia (L M rodêa (G). 8. aluno (B G M) — Im II Msc folgen auf Str. 32 nachstehende drei:

Este deu grão principio á sublimada,
Illustrissima casa de Bragança,
3 Em estado e grandeza avantajada
A quantas o Hespanhol imperio alcança.
Vês aquelle, que vai com forte armada
6 Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento, que pretende,
E a villa de Azamor combate e rende?

É o duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antiguo e successor famoso,
3 Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando desta vez tão admirado
6 A todo o mundo e o Mouro tão medroso,
Que inda atégora nunca ha despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso duque mais avante
Não passa co' a catholica conquista,
3 Nos muros de Marrocos e Trudante
E outros lugares mil á escala vista;
Não é por falta de animo constante,
6 Nem de esforço e vontade prompta e lista;
Mas foi por não passar o limitado
Término por seu rei assignalado.

XXXIII. 2. Capitam (G) Capitão (B R). 3. Comendadores (B) e o ganho apanha (R). 4. levavão (B L).

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio, que fez, e vil engano:
3 Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo e quasi alaga
6 Co' o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés diante posto.

XXXV.

Olha, que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
3 Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
6 Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo e no moderno!

XXXVI.

Sabe-se antiguamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
3 No tempo que os viris atrevimentos
De Viriáto tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
6 Memoraveis de herança nos deixaram,
Que os muitos por ser poucos não temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXIV. 2. O perjuro (A; conf. Einl. pag. XXXV). 3. d'Elvas (G). 6. Co (B). 7. co (B).

XXXV. 1. dezasete (B G L N R). 3. quatro centos (L N R). 4. de redor (G) para os tomar (G) polos (L M). 5. sentirão (B L). 7. Mundo (G). 8. antigo (B G).

XXXVI. 1. antigamente (B). 6. erança (B). 7. aos muitos (G). 8. depois (R). — Auf Str. 36 folgt im II Msc. die nachstehende:

Achou-se nesta desigual batalha
Um dos nossos de imigos rodeado;
3 Mas elle de valor mais que de malha
E militar esforço acompanhado,
Do primeiro o cavallo mata e talha
6 O collo ao seu senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando
Os torvados contrarios vai deixando.

XXXVII

Olha cá dous infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
3 Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
6 Por seu descobridor e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
3 Vês? outro conde está, que representa
Em terra Marte em forças e ousadia:
De poder defender se não contenta
6 Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu rei defende a chara vida
Pondo por muro a sua ali perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
3 Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam;
Culpa dos viciosos successores,
6 Que degeneram certo e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geracão, que delles pende,
3 Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa, que descende.
Cegos! que dos trabalhos, que tiveram,
6 Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores
Com lhe deixarem descansos corruptores.

XXXVII. 1. Infantes (B G L N Q R S) ifantes (M). 2. Joane (B M). 7. Ceuta (G). 8. Cidade (G).

XXXVIII. 1. Conde (B G L N Q R S) dom (B M). 2. Barbaria (B G L M N R). 3. Conde (B G L N Q R S). 7. Rei (B G L N Q R S) cara G M R).

XXXIX. 3. falta-lhe (L M N R) faltam-lhe (L M N R) faltão (B L). 6. degenerão (B L). 7. de seus (G M Man. Corr.)

XL. 1. Pais (G). 2. geraçam (B). 3. Pola (L M). 4. Casa (G). 7. deixão (B L). 8. lhes (G L) corrutores (B M).

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio, que fez, e vil engano:
3 Olha Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo e quasi alaga
6 Co' o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés diante posto.

XXXV.

Olha, que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
3 Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porem logo sentiram com seus danos,
6 Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno:
Grande no tempo antiguo e no moderno!

XXXVI.

Sabe-se antiguamente que tresentos
Já contra mil Romanos pelejaram.
3 No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
6 Memoraveis de herança nos deixaram.
Que os muitos por ser pouco não temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXIV. 3. O segundo A. com. Fnd. vae XXXV. 5. Elvas G. 6. Co [illegible]

XXXV. 1. [illegible] 3. [illegible] 4. [illegible] 5. [illegible] 6. [illegible]

XXXVI. 1. [illegible] 3. [illegible] 4. [illegible] 5. [illegible] 6. [illegible]

XXXVII

Olha cá dous infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
3 Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
6 Por seu descobridor e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
3 Vês? outro conde está, que representa
Em terra Marte em forças e ousadia:
De poder defender se não contenta
6 Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu rei defende a chara vida
Pondo por muro a sua ali perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
3 Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam;
Culpa dos viciosos successores,
6 Que degeneram certo e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geracão, que delles pende,
3 Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa, que descende.
Cegos! que dos trabalhos, que tiveram,
6 Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores
Com lhe deixarem descansos corruptores.

XXXVII. 1. Infantes (B G L N Q R S) ifantes (M). 2. Joane (B M). 7. Ceuta (G). 8. Cidade (G).

XXXVIII. 1. Conde (B G L N Q R S) dom (B M). 2. Barbaria (B G L M N R). 3. Conde (B G L N Q R S). 7. Rei (B G L N Q R S) cara G M R).

XXXIX. 3. falta-lhe (L M N R) faltam-lhe (L M N R) faltão (B L). 6. degenerão (B L). 7. de seus (G M Man. Corr.)

XL. 1. Pais (G). 2. geraçam (B). 3. Pola (L M). 4. Casa (G). 7. deixão (B L). 8. lhes (G L) corrutores (B M).

XLIX.

Torna Baccho dizendo: „Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
3 Tem mostrado o preceito, a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?
6 Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
3 Porque quando o sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro e ardente,
6 Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis."

LI.

Isto dito elle e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno,
3 Salta da cama, lume aos servos pede.
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao sol precede,
6 Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres e contrarios
Ali se dão, segundo o que entendiam;
3 Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam.
Mas deixando conselhos temerarios
6 Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores
Com peitas adquirindo os regedores.

XLIX. 2. O gran' Legislador (M). 3. Tẽe (L). 4. bautizados (M). 5. por ti tudo (B) vello (B) dormeces (M).

L. 1. Gente (R) 3. Sol (B G N R S). 7 Tam (B M) crear (M).

LI. 1 dicto (M). 2. atonito (B). 5. Sol (B G N S). 6. Angelico (B). 7. ceita (B)

LII. 2. intendiam (M). 3. Astucias, traições (B). 4. inventavão (B L). 7. sutis (M) sotis (B). 8. adquerindo (B) acquirindo (M) Regedores (G).

LIII.

Com peitas, ouro e dadivas secretas
Conciliam da terra os principaes;
3 E com razões notaveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
6 Que os mares discorrendo occidentaes
Vivem só de piraticas rapinas
Sem rei, sem leis humanas ou divinas.

LIV.

Oh! quanto deve o rei, que bem governa,
De olhar, que os conselheiros ou privados
3 De consciencia e de virtude eterna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
6 Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa
3 Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta:
E quando um bom em tudo é justo e santo,
6 Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o gentilico povo governavam,
3 Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais
6 De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu rei um sinal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LIII. 2. Concilião (B L). 4. Mostrão (B L). 6. Occidentaes (B G L N R S). 8. Rei (B G L N Q R S).

LIV. 1. Rei (B G L N Q R S). 2. Olhar (ohne De: G). 4. sejão (B L). 8. Da que (G L M).

LV. 1. tam (B G M). 3. nũ (B) em hũ (G). 4. encuberta (B). 5. Que quando (q̃ quãdo; B) hũ (B G) 6. Mundo (G). 8. inocencia (B) promta (R).

LVI. 2. Gentilico (B G L N Q S) 3. Induzido (B). 7. Rei (B G L N Q R S) signal (G L N R). 8. Mundo (B) deixa (A A A) descuberto (B).

LVII.

Nisto trabalha só, que bem sabia,
Que, despois que levasse esta certeza,
3 Armas e naos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza;
Com que a seu jugo e lei submetteria
6 Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
3 Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O rei, que da noticia falsa e indina
6 Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
3 A quem por natureza está sujeito,
Um desejo immortal lhe accende e atiça:
Que bem vê, que grandissimo proveito
6 Fará, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
3 Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande capitão chamar mandava,
6 A quem chegado disse: „Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LVII. 1. quem (N). 3. Naus (R) gentes (Man. Corr.). 4. Manuel (M). 5. someteria (B) sumetteria (M) sobmetteria (L N)

LVIII. 1. Rei (B G L N Q R S) Gentio (B G). 5. Rei (B G L N Q R S). 6. se se espantasse (G). 7. tam (M).

LIX. 2. Per (M) cubiça (M S). 3. per (M) sogeito (B). 4. acẽde (B). 7. contracto (M) per (M) anos (G M). 8. comete (B) comette (G) Rei (B G L N Q R S).

LX. 4. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S).

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu rei me déste, que é fingida;
3 Porque nem tu tens rei, nem patria amada.
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hesperia ultima alongada,
6 Rei ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII.

E se de grandes reinos poderosos
O teu rei tem a regia magestade,
3 Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças e dões altos sumptuosos
6 Se lia dos reis altos a amizade:
Que sinal nem penhor não é bastante
As palavras d'um vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
3 Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra é patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
6 Dizei-mo sem temor da infamia ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade."

LXIV.

Isto assi dito o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
3 O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o rei cuidava:
C'uma alta confiança, que convinha,
6 Com que seguro crédito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXI. 1. embaxada (B). 2. Rei (B G L N Q R S) déstes (M), é fingida (ohne que: M, Man. Corr.). 3. tẽs (B) tẽes (G L) Rei (B G L N Q R S). 5. Var. Quem da (ohne Que) Hisperia (B). 6. Senhor (G) 7. cometer (B) cometter (G). 8. Tam (B M) viagẽs (B) viagẽes (G) viajens (M) tão remotas (G).

LXII. 1. Reinos (B G). 2. Rei (B G L N Q R S) tẽe (L) Regia (G). 3. II Msc. presentes preciosos. 4. Signaes (G L M N R). 5. doẽs (B) dons (L N R) sumtuosos (M). 6. II Msc. Se liga. — Reis (B G L N Q R S). 7. signal (G L M N R) não são (M, conf. Einl. p. XXX). 8. de hum (G).

LXIII. 1. per (M). 2. forão (B L) homẽes (G) de alta (G). 3. Reino (B G). 4. pera (M).

LXIV. 1. dicto (B). 2. Sospeitas (B). 4. tam (B M) Rei (B G L N Q R S). 4. Cũa (B) Co' huma (G). 7. II. Msc. Que o esprito divino lhe infundia.

LXV.

„Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteu na prisca idade,
3 Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
6 Na geração de Adão co' a falsidade,
Oh poderoso Rei, da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões e em todo o feito
3 Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
6 Desta minha verdade sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias:

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago ou da patria desterrado,
3 Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças ou por que interesse
6 Viria exprimentando o mar irado,
Os antarcticos frios e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
3 Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
6 Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXV. 1. antigos (B G) delitos (B). 2. cometeo (B). 3. causarão (B L) 'niquicia (B) da iniquicia (G L N R). 4. tam (M) Christandade (B G L N Q R S). 5. por (B G). Var. per. 7. rei (M) ceita (B). 8. tam (B M) sospeita (B).

LXVI. 2. opressoẽs (B) oppressões em todo feito (Man. Corr.) Var. todo effeito. 3. Sigue (M.) 5. tam (M). 8. Var. crer não.

LXVII. 3. tam (B). 5. Porque . . porque (N). 6. esprimentando (B) exp'rimentando (M S) experimentando (R). 7 Antarcticos (B G L N Q S). 8. sofrem (B M).

LXVIII. 1. de alta (G). 3. extranho (R) Clima (B). 4. Reino (B G). 5. Fortuna (B). 6. Reino (B G).

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que rei da ultima Hesperia a ti me mande,
3 O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
6 Do Lusitano espirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propozeram
3 De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E descobrindo os mares inimigos
6 Do quieto descanso pretenderam
De saber, que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso rei, que arou primeiro
3 O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este por sua industria e engenho raro,
6 N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII.

Crescendo co' os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
3 Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram:
De Africa os moradores derradeiros
6 Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXIX. 2. Rei (B G L N Q R S). Hisperia (B). 3. Régio (G). 4. possiuel (B) tẽe (L). 5. gran' (M). 8. creia (G M).

LXX. 2. propuseraõ (B) propuzerão (L) propuzeram (M). 4. Var. á grandes. — opuseraõ (B) oppuzerão (L) oppuzeram (M). 7. tinhão (B L).

LXXI. 1. Var. de ramo. 2. Rei (B G L N Q R S). 3. caro (B G M R). 4. Abìla (B). 5. per (M) ingenho (M). 6. Nũ (B) ajunctando (M). 8. Argo (G). Ydra (B).

LXXII. 1. cos (B) bõos (G). 3. Pouco a pouco (G). 4. hũs (B) hũus (G) sucedẽdo (B) a outros (Man. Corr.) 5. Affrica (B). 6. flamas (B). 7. Forão (B L) visto (R).

LXXIII.

Assi com firme peito e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
3 Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho
6 Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
3 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
6 No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, oh Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
3 Ajunta-me ao despacho brevidade
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
6 Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se;
Que facil é a verdade d'entender-se."

LXXVI.

Attento estava o rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia:
3 Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
6 Julga na auctoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXIII. 1. tammanho (M). 2. á (B N) fortuna (G). 3. extranho (R) 8 Signal (G L M N R) Rei (B G L N Q R S).

LXXIV. 1. rei (M). 2. tam (M). 3. sperar (L M). 4. Tam (B M) 7. Thetys (G L R). 8. alhêos (G).

LXXV. 1. rei (M) gran' (M) 2. Tẽes (G L). 3. Ajuncta (M). 8. de entender-se (G) intender (M)

LXXVI. 1. Atento (B) Rei (B G L N Q R S). 6. autoridade (B L N) authoridade (G) gran' (M). 8. corrutos (B, Man. Corr.)

LXXVII.

Juntamente a cubiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
3 O faz obedecer e ter respeito
Co' o capitão e não co' o Mauro engano.
Em fim ao Gama manda que direito
6 Ás naos se vá e seguro d'algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça:
3 Se alguma traz idonea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
6 Se parte o capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação, que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao regedor, que novos laços
3 Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
6 Longe quanto podér dos regios paços;
Onde sem que seu rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
3 Ou que para a luz crástina do dia
Futuro sua partida differisse:
Já com tantas tardanças entendia
6 O Gama que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros torpe e fera,
O que delle atélli não entendera.

LXXVII 1. Junctamente (B) cobiça (B G L N R). 2. contrato (B) 4. Co (B) Capitam (G) Capitão (B L N Q R S) co (B). — Var. Mouro — 6. Aas (B) Naus (R) de algum (G). 7. a (B L M R). 8. pola (M, Man Corr.)

LXXVIII. 2. Reinos (B G) faleça (B). 3. S'algũa (B). 5. Real (B G L N). 6. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S) pera (M).

LXXIX. 1. Naus (R). 2. Regedor (B G). 5. porque arrede (M). 6. puder (G L N) Regios (G) Var. passos. 7. Rei (B G L N Q R S).

LXXX. 3. pera (M). 5. intendia (M). 6. gentio (M). 8. ate li (B) até alli (G R) até-li (M) até'li (S) intendera (M).

LXXXI.

Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Ma'ometana gente,
3 O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente:
Delle sómente os Mouros esperavam
6 Effeito a seus enganos torpemente:
Elle que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
3 E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe differe
6 A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os reis já tem mandado,
Não póde ser por outrem derogado.

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras; antes revolvendo
3 Na phantasia algum subtil e astuto
Engano diabolico e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
6 No sangue aborrecido, estava vendo;
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Ma'ometanos,
3 Porque não saiba nunca, onde se estende
A terra Eoa, o rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
6 O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadías todas lhe tolhia.

LXXXI. 2. Corrutos (B, Man. Corr.) Maometana (B) Mahometana (E G N) Maumetana (L R). 4. Cidades (G) Samori (G) 7. conceito (M).

LXXXII. 2. Naus (R). 5. Porque (B N) empede (B). 7. Reis (B G L N Q R S) tẽe (L). 8. per (M) derrogado (B).

LXXXIII. 3. fantasia (B) phantesia (M) sutil (B M). 6. avorrecido (B M). 7. Naus (R).

LXXXIV. 2. Maometanos (B) Mahometanos (G N) Maumetanos (L R). 4. Rei (B G L N Q R S). 6. Regedor (B G) Barbaros (G).

LXXXV.

Aos brados e razões do capitão
Rèsponde o idolátra, que mandasse
3 Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque melhor d'ali fosse e tornasse.
Sinal é de inimigo e de ladrão,
6 Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
3 O Catual, porque com ferro e flamma
Lhas assalte por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
6 Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço ou de crystal formoso,
3 Que do raio solar sendo ferido
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
6 Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e ali dessocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
3 Coelho, se por caso o esperava
Na praia co' os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava
6 Que se tornasse á frota, que deixára,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Ma'ometanos.

LXXXV. 1. Capitão (B G L N Q R S). 2. Idolatra (B G L N Q R S). 3. a (L R) Naus (R). 5. Signal (G L M N R) d'inimigo (M). 6. tam (B M). Frota (R).

LXXXVI. 2. Naus (R). 3. flama (B G M). 4. descuberto (B). 6. Fantasiando (B) Phantesiando (M).

LXXXVII. 2. fermoso (B M). 3. de raio (L). 8. aqui, alli (L) ali & dessossegado (B).

LXXXVIII. 3. per (M). 4. cos (B). 6. Frota (R). 7. Nam (B). 8. Maometanos (B) Mahometanos (G N) Maumetanos (L R).

LXXXIX.

Tal ha de ser quem quer co' o dom de Marte
Imitar os illustres e igualal-os:
3 Voar co' o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evital-os;
Com militar engenho e subtil arte,
6 Entender os imigos e enganal-os;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão, que diga: „Não cuidei!"

XC.

Insiste o Malabar em tel-o preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
3 Elle constante e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
6 De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve ali detido
E parte do outro dia; quando ordena
3 De se tornar ao rei; mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena;
Commette-lhe o Gentio outro partido,
6 Temendo de seu rei castigo ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

XCII.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
3 Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
6 O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co' a fazenda a liberdade.

LXXXIX. 1. co dõ (B). 2. igoalallos (B). 3. co (B) a toda a parte (G). 5. ingenho (M) sutil (B M). 6. Intender (M). 8. Capitam (G) Capitão (B R S).

XC. 1. em o ter preso (G). 2. a terra (B L M R) Armada (R). 3. aceso (B). 4. Todos seus ameaços teme nada (G) nam (B). 7. armado (A). 8. Frota (R) Rei (B G L N Q R S) tẽe (L).

XCI. 3. Rei (B G L N Q R S). 5. Comete (B) Comette (G) gentio (M). 6. do seu (N) Rei (B G L N Q R S).

XCII. 3. Pera (M). 4. comercio (B). 5. prepositos (B) intenda (M). 6. danado (B). 7. Consinte (M) per (M).

XCIII.

Concertam-se, que o negro mande dar
Embarcações idoneas, com que venha;
3 Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo ou lhos detenha.
Partem as almadías a buscar
6 Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
3 Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
6 No peito vil o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
3 Interesse maior do que lhe vinha,
Se o capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo, que já lhe não convinha
6 Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
3 Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
6 Quanto no rico assi como no pobre
Póde o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCIII. 1. Concertão (B L). 2. em que (L R).
XCIV. 1. á terra (G). 3. ficão (L) 4. pudessem (G) polo (M). 7. gentio (M) intend i (M). 8. pola (L M).
XCV. 4. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 6. á terra (G) pudesse (G). 7. Naus (R).
XCVI. 1. Naus (R). 3. cobiçoso (B G L N R).

XCVII.

A Polydoro mata o rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
3 Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
6 Que a troco do metal luzente e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos;
3 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
Este corrompe virginaes purezas
6 Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
3 Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os reis;
Até os que só a Deos omnipotente
6 Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador e illude;
Mas não sem côr comtudo de virtude.

XCVII. 1. Polidoro (B) Rei (B G L N Q R S). 2. gran' (M) tesouro (B). 4. Acriso (B) de ouro (G). 5. o avaro (B). 8. Da qual (B) afogada (B M).
XCVIII. 2. tredores (B). 3. aos mais nobres (L M R). 4. Capitães (B G). 6. algũs (B) algũus (G). 8. conciencias (M).
XCIX. 1. sutilmente (G M). 4. tiranos (B) Reis (B G L N Q S). 5. Omnipotente (G L M N Q S). 6. dedicão (B L). 7. incantador (M).

CANTO NONO.

I.

Tiveram longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores;
3 Que os infieis por manha e falsidade
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito e vontade
6 Era deter ali os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsínoe foi do Egypcio Ptolomeo,
3 Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
6 Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a susperstição falsa e profana
Da religiosa agua Ma'ometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
3 Do que tinha proveito grande e grato
O soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares por contrato
6 Dos infieis, formosa companhia
De grandes naos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

I. 1. Tiverão (B L) Cidade (G). 3. per (M). 6. descubridores (B).
II. 1. Eritreo (B). 2. Egipcio Ptholomeo (B) Tolomeu (M). 8. Maometana (B) Mahometana (G N) Maumetana (L R).
III. 2. roxo (B) Roxo-mar (M). 4. Soldam (B) Soldão (G L N Q R S) Reino (B G) possuhia (B). 5. os Malabares (M) per (M). 6. fermosa (B M). 7. Occeano (B G). 8. ano (G M).

IV.

Por estas naos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes e possantes,
3 Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrasassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
6 Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o governador dos céos e gentes,
Que para quanto tem determinado,
3 De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influíu piodosos accidéntes
6 De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
3 Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as naos, que longe estavam,
6 Visita e com piedade considera
O damno sem razão que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
3 Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas
6 E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

IV. 3. comercio (B) lhes (G). 4. flamas (B). 5. socorro (B).
V. 1. Governador (B G L M N Q R S) Ceos (B G). 2. pera (M) tẽe (L) longo (S). 4. Per (M). 5. Influiho (B) piadosos (B). 7. pera (M).
VI. 1. de que (S) nã (B). 5. longo (S). 7. dano (B).
VII. 2. da Arabica (B G M R) cad'ano (B) ano (B G M). 3. tam (B M). 4. Pera (M). 6. II Msc. dos sulphureos tiros. 7. oprimido (B).

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
3 E que despacho já não esperava
Melhor do rei, que os Ma'ometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava,
6 Que se tornem ás naos; e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito que voando
Um rumor não soasse com verdade,
3 Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
6 Do sabio capitão, com brevidade
Faz represalia n'uns, que ás naos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X.

Eram estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut e conhecidos;
3 Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naos os bons trabalhadores
6 Volvem o cabrestante e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co' o peito duro a barra:

XI.

Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
3 Quando com maior grita ao rei relatam
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres e filhos, que se matam,
6 Daquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Uns tem os pais, as outras os maridos.

VIII. 2. pera (M). 4. Rei (B G L N Q R S) Maometanos (B) Mahometanos (G N) Maumetanos (L R). 6. Naus (R). 8. Lhes (G).

IX. 3. forão (B L). 4. Forão (B L) Cidade (G). 6. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 7. Faz represaria nũs (B) Faz logo presa em hũus que (G) Man. de Faria). Var. Faz represa. — Naus (R).

X. 1. Erão (B L) antigos (B) 5. Naus (R) bõs (B) bõos (G). 7. hũs (B) hũus (G) puxão (B L . 8. quebrão (B G) co (B) II Msc. Outros volvem co' o peito a dura barra.

XI. 2. vella (B). 3. Rei (B G L N Q R S). 4. Armada (R). 7. Samori (G) aqueixão (B L). 8. Hũs (B) Hũus (G) tẽe (L).

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
3 A pezar dos imigos Ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o rei de seus enganos.
6 Recebe o capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas; e tornando
Alguns negros se parte as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co' o rei gentio trabalhava
3 Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio, que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
6 Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos sinaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
3 Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A secca flor de Banda não ficou,
6 A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco co' a canella,
Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
3 Que inspirado de angelica influencia
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
6 Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XII. 3. Maometanos (B) Mahometanos (G N) Maumetanos (L R). 5. Rei (B G L N Q R S. 6. Capitam (G) Capitão (B L N Q R S). 7. Var. E tomando. 8. Algũs (B) Algũus (G) vellas (B).

XIII. 1. abaxo (B) intende (M). 2. co (B) Rei Gentio (G) Rei (B L N Q R S). 4. Var. Por tomar. — comercio (B). 7. cara (G M R). 8. signaes (G L M N R).

XIV. 1. algũs (B) algũus (G). 2. Per (B M) ao Samorim (L) Samori (G) 5. seca (B). 6. Noz (B). 7. Ilha (G). 8. Ceylão (S).

XV. 3. Angelica (B). 5. Affricano (B) que clemencia (G). 6. de escura (G). 7. tam (B M). 8. Pera (M).

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos levando a proa
3 Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas e resposta
6 Da parte oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos;

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
3 Para contar a peregina e rara
Navegação, os varios céos e gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhara
6 Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
3 Do padre eterno e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
6 Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
3 Os trabalhos, que pelo deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
6 Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido e manso;

XVI. 2. Naus (R). 3. Pera (M). 4. Esperança Boa (G). 5. reposta (B, Man. Corr.). 6 Oriental (B G L N R) pera (M). 7. cometendo (B) comettendo (G). 8. temidos (A A A N).

XVII. 1. cara (G M R). 2 caros (G M R). 3. Pera (M) 4. Ceos (G). 6. Per tam (M). 7. tẽe (L) tam (M). 8. pera (M). II Msc Que não lhe cabe o coração no peito.

XVIII. 1. Deosa (B G). 2. pera (M). 3. Padre (B G M N) Eterno (G). 4. anos (G M). 5. per (M). 6. sofridos (B M).

XIX. 3. polo (M) Deos (B G L N Q R S). 6. Pera (M). 8. Reino (B G).

XX.

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
3 Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão, que conta désse
6 A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao céo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
3 Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio:
Que muitas tem no reino, que confina
6 Da primeïra co' o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Ali quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
3 Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com danças e chorêas, porque nellas
6 Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pariu, bem recebido
3 Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido;
Seu filho vai buscar, porque só nelle
6 Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest' outra a ajude e siga.

XX. 1. pudesse (G). 2. Refucilar (B) Refocillar (M). 6. per (M). 7. Deoses (B G) decer (B). 8 Ceo (G)

XXI. 2. aparelhada (B L). 3. Insula (G). 4. de esmaltado (G). 5. tẽe (L) Reino (G). 6. Cõ a primeira do terreno seyo (B) Da mãi primeira co' o terreno seio (G L M R) [cf. Einl. pag. XXXVI.) II Msc.: Co' o terreno, que cerca o grão Proteio. 8. Pera (M).

XXII. 2. varoẽs (B). 3. tẽe (L) 5. coreas (B) coréas (G) choreas (L R). 7. Pera (M)

XXIII. 1. pera (M). 2. Achises (A A A). 4. d'espaço (M) per (M) sutil (B M) 6. Tẽe (L) (fero Cupido) (B).

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
3 E aquellas, em que já foi convertida
Peristéra as boninas apanhando,
Em derredor da deosa já partida
6 No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella por onde passa o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento.

XXV.

Já sobre os Idalíos montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
3 Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
6 Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
3 Que por seguir um feo animal fero
Foge da gente e bella forma humana;
E por castigo quer doce e severo
6 Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina;
3 Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sómente e a quem Philaucia ensina;
Vê que esses que frequentam os reais
6 Paços, por verdadeira e sãa doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXIV. 1. ajuncta (M). 5. de redor (G) Deosa (B G). 7. per (M).
XXV. 1. Ja là sobre (B). 3. Ajunctando (M). 4. hũa (B). 5. Mundo (G) Var. porque entende. 7. forão (B L). 8. pera (M).
XXVI 1 tam (B M). 3. feio (L R) 4. Fuge (M). 6. fermosura (B M).
XXVII. 1. no mundo (R) Mundo (G). 3. tẽe (L). 5. frequentão (B L) Reais (G). 6. doctrina (B G M).

XXVIII.

Vê que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino e ao povo charidade,
3 Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da fea tyrannia e de aspereza
6 Fazem direito e vãa severidade;
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja;
3 Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
6 Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co' a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
3 Uns amolando ferros passadores
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
6 Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
3 Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As aguas, onde os ferros temperavam,
6 Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só, que queima e não consume.

XXVIII. 2. caridade (B M R). 3. Amão (B L). 4. feia (L R) da aspereza (B). 7. Rei (B G L N Q R S).

XXIX. 2. Senam (B). 3. Nam (B). 5. ajuncta (M).

XXX. 1. mininos (B). 2. Var. Iam em. — varias ondas (A). 3. Hũs (B) Hũus (G). 4. asteas (B) setas (B) Var. hasteas de ferro. 5. Var cantando vão de. 8. lettra (M) toada (M)

XXXI. 2. Pera (M). 6. sam (B). 7. flama (B).

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
3 Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda;
Formosas nymphas são as que curavam
6 As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algumas e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
3 Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
6 Por palavras subtis de sabias magas.
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
3 Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando;
E tambem nos heroes de altos estados
6 Exemplos mil se vem de amor nefando:
Qual o das moças Bibli e Cinyrea;
Um mancebo de Assyria, um de Judea.

XXXV.

E vós, oh poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
3 E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas,
6 Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino
É mais culpa a da mãi que a do menino.

XXXII. 1. Algũs (B) Algũus (G) 3. Quebros sospiros (B). 4. vam (B). 5. Fermosas (B M) Nimphas (B) Nymphas (G) sam (B). 7. Nam (B). 8. poẽ (B).

XXXIII. 1. Fermosas (B M) algũas (B G) féias (L M R) fêas (G). 2 calidade (M). 3. veias (L M R) vêas (G). 4. Curaõno (B) Curão-no (L) Curan-o (M). 5. Algũs (B) Algũus (G) ficão (B L) cadeias (L M R) cadêas (G). 6. Per (M) sutis (B M) Magas (B G). 7. sétas (G) setas (M). 8. Acertão (L).

XXXIV. 5. Heroes (G). 7. Cynirea (B G). 8. Assiria (B.)

XXXV. 3. baxos (B). 4. Var. tomam as. — tomão (B L) Vulcanias (B). 5. Hũs (B) Hũus (G). 6. subtis (R). 8. minino (B).

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
3 E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céo se atreve,
6 A recebel-a vem ledo e contente:
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
3 Lhe diz: „Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
6 Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
3 Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
6 Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
3 E das injurias sós do mar undoso
Poderam mais ser mortos que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
6 Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XXXVI. 2. Punhão (B L) Cisnes (B). 4. decia (B). 5. Ceo (G). 7. cupidos (B). 8. Bejar (B) Deosa (B G).

XXXVII. 4. Toda a minha (R). 6. Tiphèas (B) tẽes (G L). 7. socorrer (B) a tua (B).

XXXVIII. 5. imitão (B L). 7. A lhes (G).

XXXIX. 1. de odioso (G). 2. forão (L). 4 Puderam (G N R) Podéraõ (B) Pudérão (L) ser mais (G). 6. lhes (G).

XL.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo no ponto fundo
3 D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas n'uma ilha juntas e subidas,
6 Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada:

XLI.

Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
3 Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas:
Em fim, com mil deleites não vulgares
6 Os esperem as nymphas amorosas,
D'amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cubiçarem.

XLII.

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
3 E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendam, que muro adamantino
6 Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde."

XLIII.

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe;
3 Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria e impudico
6 Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XL. 1. pera (M). 2. Ponto (G L R). 3. De amor (G, Man. Corr.) encendidas (B). 4. Mundo (G). 5. nũa (B) Ilha (G) junctas (M). 7. Occeano (B G) aparelhada (B). 8. dons (L N R) Zefiro (B).

XLI. 3. crystalinos (B). 4. Fermosos (B M) fermosas (B M). 6. Nimphas (B) Nymphas (G). 7. De amor (G M S) pera (M). 8. cobiçarem (B G L N).

XLII. 1. Reino (G). 3. Mundo (G). 4. reuela (B). 5. entendão (B L) intendam (M). 6. hypocresia (B).

XLIII. 2. Pera (M). 5. II Msc. então pudico.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Uma famosa e celebre terceira,
3 Que posto que mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa gigantêa, temeraria,
6 Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê e por onde vôa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV.

Vão-a buscar e mandam-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
3 Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
6 Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
3 Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
6 Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mao zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
Uma após outra; geme o mar co' os tiros;
3 Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão e algũas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
6 Entranhas ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama;
Que tanto como a vista póde a fama.

XLIV. 4. tẽe (L). 5. Deosa (B G) Gigantéa (B G N S). 7. per (M) por donde (G).

XLV. 1. Vaõna (B) Vaõ-na (E G L R) Vão a (K N) Van-a (M) mandaõna (B) mandão-na (L) mandan-a (M) mandam a (N) mandão a (K O). 4. de outrem (G). 5. fama (G). 8. juncto (M) á (B) Deosa (B G) credulidade (G).

XLVI. 2. O coração (L) Deoses (B G) indinados (B G). 3. Forão (B L) per (M). 4. afeiçoados (B).

XLVII. 1. setas (M). 2. cos (B). 3. Dereitas (B). 4. Algumas (L M N R) algumas (L M N R). 5. Nimphas (B) Nymphas (G) lanção (B L). 6. sospiros (B).

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lũa
Com força o moço indomito excessiva,
3 Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta algũa,
6 Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

XLIX.

Dai logar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
3 Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
6 Ardente Amor, á flamma feminina,
É forçado, que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
3 Em choréas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava:
Ali a formosa deosa lhe aconselha
6 O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
3 Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
6 Houveram vista da ilha namorada;
Rompendo pelo céo a mãi formosa
De Memnonio suave e deleitosa.

XLVIII. 1. ajunctou (M) Lũa (B G) lua (M R). 3. Thetis (B) nenhua (M R). 4. nenhuma (L M) nenhua (R). 5 nam (B) aljaba (Man. Corr.) algua (M R) alguma (N). 6. Nimpha (B) Nympha (G). 7. ainda (G) estam (B). 8. pera (M) vam (B).

XLIX. 1. lugar (B G L N R). 3. vellas (B). 4. per (M). 5. Pera (M). 6. amor (G) flama (B). 8. amoesta (B M). II Msc. Faça quanto a virtude lhe admoesta.

L. 1. Coro (G) aparelha (B). 2. juncto (M). 3. coreas (B) corêas (G). 4. Pera (M) Ilha (G R). 5. fermosa (B M) Deosa (B G). 8. Estam (B).

LI. 1. vam (B) Naus (R). 2. pera (M). 4. Pera (M). 5. junctas (M). 6. Houverão (B L) Ilha (G R). 7. Ceo (G) fermosa (B M). 8. Memnone (B).

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
3 (Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que porque não passassem, sem que nella
6 Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como viu
Que era dos nautas vista e demandada;
3 Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Phebo e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abriu,
6 Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
3 Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa;
Claras fontes e limpidas manavam
6 Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
3 Onde uma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ella pende,
6 Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LII. 1. Ilha (G R) virão (B L). 3. vella (B G M). 4. Pera (M) Armada (R). 7. Pera (M) Naus (R) navegão (B L). 8. Accidalia (B).

LIII. 1. immouel (B). 2. Nautas (B G). 4. a Phebo (G) e á Deosa (G) Deosa (B G). 5. Pera (M).

LIV. 1. fermosos (B M). 2. suberba (M). 3. s'adornauaõ (B). 4. fermosa (B M) Ilha (G R). 5. Var. e liquidas 6. tẽe (L). 7. Per (M). 8. limpha (B)

LV. 2. Vinhão (B L) ajunctar-se (M). 3. hũa (B L). 4. Tam (B M) 6. pera (M) enfeitar-se (B). 8. Var. Que em fim.

LVI.

Mil arvores estão ao céo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
3 A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo
6 A cidreira co' os pesos amarellos:
Os formosos limões ali cheirando
Estão as virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente côma ennobrecidos,
3 Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherêa, co' os pinheiros
6 De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso,
Para onde é posto o ethereo paraiso.

LVIII.

Os dões, que dá Pomona, ali natura
Produze differentes nos sabores,
3 Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
6 As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
3 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
6 Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LVI. 1. estam (B) Ceo (B G). 3. Larangeira (B) tẽe (L) fructo (G L R) 6. Cidreira (B) cos (B). 7. fermosos (B M). 8. virginias (B).

LVII. 2. Tẽe (L). 3. Álamos (G M) Loureiros (B) 4. Deos (B). 5. Mirtos (B) cos Pinheiros (B). 7. Cypariso (B G) 8. Pera (M) etereo (B) Paraiso (B G).

LVIII. 1. dons (L R) Pamòna (B) Natura (B). 5. Cerejas (B). 6. Amoras (B) tẽe (L).

LIX. 1. Romãa (B). 2. Rubi (B). 3. Vlmeiro (B) jocunda (B G S). 4. cũs (B) co' hũus (G) co' l uns (S). 7. dano (B) II Msc. Escondei-vos do damno. — cos (B). 8. II Msc. Fazem na fructa os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
3 Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
6 Sobolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fôra,
No céo vendo e na terra as mesmas côres,
3 Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava ali Zephyro e Flora
6 As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

LXII.

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada e a mangerona:
3 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
6 Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
3 Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
6 Da espessa mata ou timida gazella:
Ali no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LX. 5. a frol (Man. Corr.) Cyphisia (B). 7. Cyniras (B G) Ciniras (M). 8. Deosa (B G).

LXI. 1. Pera (M) deficil (B). 2. Ceo (G). 5. Zephiro (B). 7 Lirio (B) Rosa (B).

LXII. 1. Cecèm (B) Matutinas. (B). 2. ruciada (B) Manjarona (B). 3. lettras (M) Hyacintinas (B). 4. Tam (B M). 6. Cloris (B).

LXIII. 1. A longo (N) Cisne (B). 2. Philomella (B) philomella (G M). 4. nagoa (B) na agua (G) crystalina (B) chrystallina (R). 5. Lebre (B). 6. matta (M) Gazella (B). 7. caro (G M R).

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naos os segundos Argonautas,
3 Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavam,
6 Algumas arpas e sonoras frautas,
Outras co' os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
3 Que vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
6 Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cubiçosos;
3 Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam, que sem laço ou redes caia
6 Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Alguns, que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
3 Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
6 Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXIV. 2. Naus (R). 4. Deosas (B G). 5. Algũas (B G) Cytharas (B). 6. Algũas (B G). 7. cos (B). 8. nam (B).

LXV. 3. varoẽs (B). 5. Algũas (B) descuberta (B). 6. estavão (L). 7. Deposta (B) fermosura (B M). 8. deixão (L) n'agua (M).

LXVI. 2. Punhão (L) cobiçosos (G L N). 3. nam (B). 4. agresta (S). 5. Nam (B) cuidão (L) 7. Tam (B M). 8. Ericina (B).

LXVII. 1. Algũs (B) Algũus (G). 2. Pera (M) Ceruos (B). 3. mattos (M). 7. d'agua (L M). 8. Per (M).

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres;
3 Côres, de quem a vista julga e sente,
Que não eram das rosas ou das flores;
Mas da lãa fina e seda differente,
6 Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado um grande grito:
„Senhores, caça estranha", disse, „é esta!
3 Se inda dura o gentio antiguo rito,
A deosas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
6 Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas e vejamos,
Se phantasticas são, se verdadeiras!" —
3 Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos,
6 Mas mais industriosas que ligeiras
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
3 Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas;
Uma de industria cahe e já releva
6 Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

LXVIII. 1. Começão (L). 2. Per (M). 4. nam (B) erão (L). 8. per (M) fermosas (B M).

LXIX. 1. Veloso (B). 2. extranha (R). 3. Gentio (B G L N) antigo (B). 4. Deosas (B G). 5. esp'rito (M R). 8. Mundo (G) homẽes (G).

LXX. 1. Deosas (B G). 2. fantasticas (B). 3. dicto (M) Gamos (B). 4. lanção (B L). 5. Nimfas (B) Nymphas (G) per (M). 7. surrindo (B M). 8. deixão (L) Galgos (B).

LXXI. 1. De hũa (B). 2. da outra (B N) d'outra (E G L). 3. Acendese (B). 5. Hũa (B). 6. indinadas (B M) 7. empeçãdo (B). 8. por a arenosa (G).

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam;
3 Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Umas fingindo menos estimar
6 A vergonha que a força se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII

Outra como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
3 Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
6 Vestido assi e calçado — (que co' a mora
De se despir ha medo que inda tarde) —
A matar na agua o fogo, que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
3 Vendo no rosto o ferreo cano, erguido
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
6 Salta n'agua e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
3 A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fôra della maltratado;
E tinha já por firme presupposto
6 Ser com amores mal affortunado;
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

LXXII 1. per (M). 2. Deosas (B G). 3. começão (L) Var. a mostrar. 4. nam (B). 5. Hũas (B). 7. per (M) matto (M). 8. cobiçosas (Q R S) vam (B).

LXXIII. 2. Aa (B) Deosa (B G). 3. nagoa (B) na agua (G). 4. Per (M) tẽe (L).

LXXIV. 1. cam (G). 2. n'água (L M). 3. Var. ao rosto (S). 4. Pera (M) Garcenha (B) Pata (B). 5. sofrido (B M). 6. nagoa (B) na agua (G M N R). 8. Remete (B).

LXXV. 1. desposto (B). 2. Cavalleiro (G). 3. Amor (B). 5. prosupostq (B). 6. afortunado (B M Q S). 8. Fado (B).

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
3 Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
6 „Oh formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
3 Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
6 Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh não na creas, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Não canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
3 Minha ventura é tal que inda que esperes,
Ella fará, que não possa alcançar-te.
Espera! quero ver, se tu quizeres,
6 Que subtil modo busca de escapar-te;
E notarás no fim deste successo,
*„„Tra la spiga e la man qual muro è messo““.**)

LXXIX.

Oh não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
3 Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que imperador, que exercito se atreve
6 A quebrantrar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

LXXVI. 2. Efire (B) 3. charo (B). 4. pera (M) Natureza (B). II Msc. dar-se a fortaleza. 6. fermosura (B M).

LXXVII. 1. cansão (B L) Ninpha (B) Nympha (G R). 3. my (B) mim (G). 5. tẽe (L) dicto (M). 6. toda parte (B) commigo (R). 7. naõna (B) não a (G M) creias (M) crêas (G).

LXXVIII. 3. ainda (R). 6. sutil (B M).

*) *Petrarca*, Son. 43; verso 8.

LXXIX. 1. nam (B) 2. fermosura (B M). 4. Fortuna (B). 5 Emperador. (B) Imperador (G L N Q S). 8. nam (B).

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
3 Levas-me um coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
6 Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, despois de presa
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o peso della,
3 Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
6 Que amor te ferirá, gentil donzella:
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais, que espere."

LXXXII.

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
3 Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo
6 Toda banhada em riso e alegria
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro, que soava!
3 Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhãa e na sesta,
6 Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é exprimental-o que julgal-o,
Mas julgue-o quem não póde exprimental-o.

LXXX. 1. de parte (M). 4. Solta-me (R). 5. Nam (B) tam (B M). 7. depois (B).

LXXXI. 2. nam (B) sofrerás (B M). 4. Se lhe mudará (G L). 5. nam (B). 6. Amor (B).

LXXXII. 1. nam (B) Nimpha (B) Nympha (G R). 4. maguas (S). 5. sancto (B).

LXXXIII. 3. afagos (B M) tam (M) 5. passão (L) e sesta (M). 6. inflamaua (B). 7. 8. esprimẽtallo (B) exp'rimental-o (M S).

LXXXIV.

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co' os seus amados navegantes
3 Os ornam de capellas deleitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes:
As mãos alvas lhe davam como esposas;
6 Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Uma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas e obedece,
3 Que dizem ser de Celo e Vesta filha;
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
6 O capitão illustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia:

LXXXVI.

Que despois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exordio de alta graça ornado,
3 Dando-lhe a entender, que ali viera
Por alta influição do immobil fado,
Para lhe descobrir da unida esphera,
6 Da terra immensa e mar não navegado
Os segredos por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva e guia
Para o cume d'um monte alto e divino,
3 No qual hũa rica fabrica se erguia
De crystal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
6 Em doces jogos e em prazer contino;
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXIV. 1. Dest' arte (B L M) fermosas (B M). 2. Nimphas (B) cos (B). 3. ornão (B L). 4. ouro, flores (R). 5. lhes (G) davão (B L). 7. prometem (B).
LXXXV. 1. Hũa (B G). 2. Coro (G) Nimphas (B) Nymphas (G). 3. Caelo (N S). 6. Capitam (B G) Capitão (L N Q S).
LXXXVI. 1. dicto (M). 2. Cũ (B) Co' hum (G). 3. intender (M). 4. Per (M) influiçam (B) imobil (B). 5. Pera (M). 7. per (M). 8. naçam (B) Naçaõ (G).
LXXXVII. 2. Pera (M) dũ (B) de hum (G R). 3. uma (R). 5. passão (L).

LXXXVIII.

Assi a formosa e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
3 N'uma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
6 Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys e a ilha angelica pintada,
3 Outra cousa não é que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
6 Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha —
Estes são os deleites desta ilha:

XC.

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
3 Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas, que fazia,
6 Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI.

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
3 O mundo co' os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
6 Eneas e Quirino e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas e Juno com Diana —
Todos foram de fraca carne humana.

LXXXVIII. 1. fermosa (B M). 3. Nũa (B) Var. N'uma aura. 4. tam (M). 6. Mundo (G).

LXXXIX 1. Nimphas (B) Nymphas (G) Occeano (B G) tam (M) fermosas (B M). 2. Thetis (B) Ilha (B G R). 3. não são (M). 5. preminencias (B). 7. Palma & Louro (B). 8. sam (B) Ilh a (B G R).

XC. 3. Olimpo (B). 5. Per (M).

XCI. 1. Nam (B) erão (L) senam (B). 2. Per (M). 3. Mundo (G) cos (B) varoẽs (B) barões (L N R) esforso (B). 4 fizerão (B L). 5. II Msc. Que Neptuno. 7. Palas (G). 8. forão (B L).

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos,
3 De deoses, semideoses immortais,
Indigetes, heroicos e de manhos.
Por isso, oh vós, que as famas estimais,
6 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
3 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro
6 Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os sem os ter.
Que possuil-os sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
3 Ou os vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
6 E todos tereis mais e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o rei, que tanto amais,
Agora co' os conselhos bem cuidados,
3 Agora co' as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
6 Que quem quiz sempre pôde: e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos
E nesta ilha de Venus recebidos.

XCII. 1. Fama (M R). 2. Lhes (G) Mundo (G) tam (M) extranhos (R). 3. Deoses, Semideoses (B G L N Q R S). 4. Indigetes, Heroicos (B G L N Q R S) Magnos (B G L N Q R S) 6. Mundo (G) tammanhos (M) 7. sono (B).

XCIII. 1. Var. E pondo — cubiça (M Q S) freo (G). 4. tirania (B). 5. Var. estas. 6. nam (B).

XCIV. 4. sarracenos (M). 5. Reinos (B G). 8. illustrão (B L).

XCV. 1. Rei (B G L N Q R S). 2. cos (B). 5 nam (B). 7. Heroes (B G L N Q R S). 8. Ilha (G R) II Msc. ilha da Fama.

CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
3 Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão nos fins occidentaes:
O grande ardor do sol Favonio enfrea
6 Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava:

II.

Quando as formosas nymphas co' os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
3 Subiam para os paços radiantes
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da rainha, que abundantes
6 Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

I. 1. de Larissea (A M, conf. Einl. p. XXI.) 3. pera (M) rodêa (G). 4. Occidentaes (B G L N Q R S). 5. Sol (B G N) enfrêa (G). 6. Co (B). 8. Lirios e Jasmins (B) jasmijs (G) agraua (B).

II. 1. fermosas (B M) Nimphas (B) Nymphas (G R) cos (B). 3. Subião (B L) pera (M) passos (S). 5. Rainha (B G L N Q R S). 6. de altos (G). 7. Lhes (G S) aparelhados (B, Man. Corr. Conf. Einl. p. XXXI.)

III.

Ali em cadeiras ricas, crystallinas
Se assentam dous e dous, amante e dama;
3 N'outras á cabeceira d'ouro finas
Está co' a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
6 A quem não chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
3 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
6 Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria
Saltando co' a mistura d'agua fria.

V.

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis e argutos ditos,
3 Que entre um e outro manjar se alevantavam
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
6 (Quaes no profundo reino os nús espritos
Fizeram descansar da eterna pena)
C'uma voz d'uma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella nympha e co' os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
3 Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando:
Um subito silencio enfrea os ventos
6 E faz ir docemente murmurando
As aguas e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

III. 1. crystalinas (B). 2. assentão (B L). 3. de ouro (G). 4. Deosa (B G). 6. A que (L) Egipcia (B) antiga (B). 7. acumulaõ (B) accumulão (L). 8. Athlantico (B).

IV 3. II Msc. Mas do nectar. 4. ajunctamento (M). 8. da agua (G).

V. 1. practicas (M). 2. sutis (B M). 4. apetitos (B). 6. Reino (G) spritos (B) esp'ritos (M Q S). 7. Fizerão (B L) de eterna (N). 8. Cũa (B) Com a voz (G L) d'hũa (B) de hũa (G) Syrena (G) sirena (M).

VI. 1. Nimpha (B) Nympha (R) a bella Musa (G) cos acẽtos (B). 5. freia (L M) enfrêa (G). 8. Adormecem (R).

VII.

Com doce voz está subindo ao céo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
3 Cujas claras ideas viu Proteo
N'um globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
6 Em sonhos e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheu logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia é de cothurno e não de socco,
A que a nympha apprendeu no immenso lago,
3 Qual Iopas não soube ou Demodoco
Entre os Pheaces um, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
6 Neste trabalho extremo; porque em pago
Me tornes do que escrevo e em vão pretendo
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
3 A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
6 Do negro esquecimento e eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, oh grão Rainha
Das Musas, co' o que quero á nação minha!

X.

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
3 Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira;
E que os gentios reis, que não dariam
6 A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle ou logo á morte.

VII. 1. Ceo (G). 2. varoẽs (B) Barões (G) Mundo (G). 3. Idèas (B) Protheo (B G). 4. diafano (B G). 6. Reino (G). 8. Ninfa (B) Nympha (G R).
VIII. 1. Coturno (B) Cothurno (G) Soco (B G) soco (M). 2. Ninfa (B) Nympha (G R) aprendeo (B G M). 3. Yòpas (B). 4. hũ (B G) Cartago (B).
IX. 1. decendo (B) Estio (B G). 2. Otono (B) Outono (G). 3. ingenho (M). 4. já me não (G). 7. gran' rainha (M). 8. cò (R) Nação (G).
X. 1. Cantando (A) Contava (A A) Deosa (B G). 4. Per (M) Occeano (B G). 5 Gentios (B G) Reis (B G L N Q R S). 6. ao ferro (B). 7. Provarião (B L). 8. a morte (B).

XI

Cantava d'uns, que tem nos Malabares
Da summa sacerdocio a dignidade,
A que os Jins não querem ser os singulares
Barcos de náos, que dera d'amizade,
Bolharia onde cidades e logares
Com fera, incendios, na e crueldade
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes olhos terá co' a nova gente.

XII

E como como lá se embarcaria
Em Bidem o remedio deste dano,
[illegible] o que em si ao mar traria
[illegible] Lusitanos
[illegible]

XV.

E todos outra vez desbaratando
P'or terra e mar o grão Pacheco ousado
3 A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vez não dilatando,
6 O gentio os combates apressado
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

XVI.

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
3 Acceso de ira o cão não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
6 Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'um tempo: mas voando
D'um n'outro tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
3 Mas um tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio ou manha boa
6 Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos:
Mas sempre — o céo querendo — fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
3 A quem nenhum trabalho peza e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
6 Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que atélli vão lhe fôra commettel-as.

XV. 2. Per (M) gran' (M). 4. Malauar (B). 5. Cometerà (B) Cometterá (G) 6. Gentio (B G N Q R S T). 8. Deoses (B G).

XVI. 2. qimarlheha (B) lugares (B G L N). 3. Aceso (B Caõ (B) Cam (G). 4. Cidades (G). 5. da vida (L M). 6. Cometaõ (B) Comettam (G) Commettão (L) tẽe (L). 7. Per (M). 8. De hum (G)

XVII. 1. Samori (G) 3. zunido (L M R T). 8. Ceo (G L N Q R S T).

XVIII. 1. setima (M Q S T). 2. A pelejar (G) Pellejar (B) co'o (G M). 3. agraua (B). 4. contudo (B) comtudo (M) 5. pera (M) 7. Pera (M). Carauellas (B). 8. ate li (B R T) até alli (G) até-li (M) até li (S) cometellas (B) comettê-las (G).

XIX.

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe, quanta armada tenha;
3 Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
6 Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todas toma,
E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
3 Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fabulas sonhadas
6 Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue e rende;
3 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
6 Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando fez ronco e entristecido,
3 Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
„Oh Belizario“, disse, „que no coro
6 Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens, com quem pódes consolar-te!

XIX. 2. Pera (M) Armada (R T). 3. ingenho (M). 5. varaõ (B) Baraõ (G) Martio (N). 6. Fama (M).

XX. 1. sostentadas (B). 4. Cães (B). 5. pareceràm (B) 6. Coros (B G). 7. Deceràm (B). Descerão ajudá-lo (G) daram (B)

XXI. 1. Maratonios (B). 2. gran' (M). 4. Termopilas (B).

XXII. 1. nesse (S) Ninfa (B) Nympha (G R T). 2. Abaxando (B). 3. baxa (B) involta (M). 5. Coro (G). 8. tẽes (G L).

XXIII.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro:
3 Em ti e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
6 Os que ao rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
3 Dão os premios de Aiace merecidos,
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos,
6 Por quem só doces sombras apresenta,
Senão os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vasallo, oh Rei só nisto inico,
3 Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te um reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
6 Dos Apollineos raios, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro."

XXVI.

„Mas eis outro", cantava, „intitulado
Vem com nome real e traz comsigo
3 O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo;
Ambos darão com braço forte, armado
6 A Quíloa fertil aspero castigo
Fazendo nella rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido tyranno.

XXIII. 1. tẽes (G L). 4. baxo (B). 6. Rei (B G L N Q R S T) Lei (G). 7. Reis (B G L N Q R S T).

XXIV. 1. Reis (B G L N Q R S T). 2. Nũa (B). 3. Ayace (B). 4. Aa (B) Vlisses (B). 5. bẽes (G). 6. Per (M). 7. Cavalleiros (G). 8. Daõnos (B) Dãonos (L).

XXV. 1. tam (M). 2. rei (M). 3. pera (M). 4. pera (M) Reino (G). 5. Mundo (G)

XXVI. 2. Real (G L N Q R S T) consigo (B). 7. Rei (B G L N Q R S T). 8. Tirano (B) Tyrano (L N Q R S T) tyrano (M).

XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
3 Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India andando chea
6 De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar co'a ferrea pella,
3 Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Despois lançando arpéos ousadamente
6 Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia
(Que ella só sabe o bem, de que se serve,)
3 O porá onde esforço nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reserve
Em Chaul, onde em sangue e resistencia,
6 O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia,
As armadas de Egypto e de Cambaia.

XXX.

Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
3 Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
6 A ver o nobre ardor, que aqui se apprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido nem domado.

XXVII. 1. arreia (L M R) arrêa (G). 3. Co (B) feia (L M R) fêa (G). 5. cheia (L M R) chêa (G). 6. arteficios (B). 7. vellas (B). 8. estremos (B).

XXVIII. 1. Samori (G). 3. como trovão (B G R T). 4. masto (B M) vella (B G M). 6. Capitaina (B G). 8. quatrocentos (B G M).

XXIX. 2. Var. Que elle. 8. A armada (B) d' Egypto (L M R) Egipto (B) Cambaya (B).

XXX. 3. faltarão (B L). 4. sobejarão (B L) ofende (B). 5. resurjão (B L). 6. aprende (B G M S).

XXXI.

Com toda hũa coxa fôra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passara,
3 Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
6 Com que co' a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
3 Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
6 Que vem já dar a dura e eterna pena
De esperas, basiliscos e trabucos
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
3 Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
6 Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: sentil-o-ha o Nilo,
Podel-o-ha o Indo ver e o Gange ouvil-o.

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
3 No tronco d' um carvalho ou alta faia,
E o ar ferindo as forças exprimenta:
Tal antes que no seio de Cambaia
6 Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXI. 1. uma (R T) Com huma coxa fora (G). 4. gran' (M). 5. pilouro (B). 6. cõ a (B). 7. prisam (B).

XXXII. 3. ao corpo (G). 5. gran' (M) grã (R T). 7. Esperas, Basiliscos e Trabucos (B). 8. e Mamelucos (B).

XXXIII. 5. prometendo (B).

XXXIV. 1. Touro (B). 2. Pera (M) pelleja (B). 3. de hum (G) Carualho (B) Faya (B). 4. esprimenta (B) exp'rimenta (M Q S). 7. affia (G L). 8. Abaxando (B).

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
3 Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
Á de Melique Yaz acautelada,
6 Co' os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
3 Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos pelo mar de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
6 No cego ardor os bravos domadores:
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos,
É fumo, ferro, flamma e alaridos.

XXXVII.

Mas ah! que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
3 Quasi lhe roubará a famosa gloria
Um successo, que triste e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
6 Co' os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tiraram toda a India e Egyto.

XXXVIII.

Ali Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não poderam;
3 E rudos paos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
6 As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura".

XXXV. 3. Fara' spalhar (L). 4. tẽe (L). 5. A (B N) Melique-Yaz (M). 6. Cos (B).

XXXVI. 1. Mir Hocem (B G) Mir-Hocêm (S T). 7. sentiràm (B). 8. E (R T) flamas (B).

XXXVII. 1. vitoria (B). 3. Var. roubará a fama. 5. Cabo (B G T). Cabo-tormentorio (M). 6. Cos (B). 7. Mundo (G) esp'rito (M Q S). 8. tirarão (B L) Egypto (R) Egito (B G M).

XXXVIII. 1. selvagẽes (G) selvages (M). 2. puderam (G N R) puderão (B L). 3. so (B) faràm (B). 5. sam (B) são. 6. As gentes vãas, que (G). 6. não nos (B, Conf. Einl. IX, 1) intenderam (M). 7. Chamão (B L).

XXXIX.

„Mas oh! que luz tamanha, que abrir sinto“,
Dizia a nympha e a voz alevantava,
3 „Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
6 Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro e praias, que se chamam
De São Lourenço e em todo o Sul se affamam!

XL.

Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando
3 De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as settas estridentes
6 Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre igreja.

XLI.

Ali de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
3 Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calayate:
Até que á força só de braço apprendem
6 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
3 Quando sem sombra vãa de medo ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois obedecendo ao duro ensejo
6 A deixa e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

XXXIX. 1. tammanha (M). 2. Nimpha (B) Nympha (G R T). 4. Cidades (G). 7. Ilhas (G). 8. S. Lourenço (B) São-Lourenço (G N R) san' Lourenço (M) afamão (B) afamam (M R T).

XL. 2. o Albuquerque (A G R) Alboquerque (M). 4. refusão (L). 8. Fé (G) Madre (G) Igreja (B G L N Q R S T).

XLI. 1. do sal (B). 5. aprendem (L N R). 6. abaxar (B). 7. Reino (G).

XLII. 2. Victoria (L R T). 4. Ilha (B G). 6. ocasiaõ (B). 7. Em que (L M).

XLIII.

Eis já sobre ella torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
3 Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de gentios e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
6 Mais que leões famelicos e touros
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica e postoque assentada
3 Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
6 Os crises, com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes."

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
3 Mas alembrou-lhe uma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena,
6 Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo, que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
3 A sazão e o logar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
6 De peitos inhumanos e insolentes
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

XLIII. 1. sobrella (B). 2. Per (M) pilouros (B). 4. Gentios (B G L N Q R S T). 6. Lioẽs (B) Touros (B). 8. Egipcia (B) Sancta (G L N Q S) santa (R T) Caterina (B).

XLIV. 3. naceste (B L M). 6. Crises (B G).

XLV. 1. Syrena (B) sirena (M) 2. Alboquerque (M). 3. lembrou (G M) hũa (B G). 4. Mundo (G). 5. Capitam (G) Capitão (R T) Fado (B). 8. Pera (M).

XLVI 3. lugar (B G L N S). 7. suplicio (B) pola (M). 8. Amor (B M N Q S).

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
3 Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c' uma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
6 Ou de usado a crueza fera e dura
Co' os seus uma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.

XLVIII.

Viu Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe e deu-lha alegremente,
3 Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.
Sentiu Cyro, que andava já abrazado
6 Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda e promettia,
Que nenhum máo desejo o venceria:

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor, que em fim não tem defensa,
3 Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n' um caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
6 O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai della posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes."

L.

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, „que as bandeiras
3 Faria tremolar e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
6 Quanto Meca e Gidá co' as derradeiras
Praias de Abassia; Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

XLVII. 1. Nam era (B). 3. desonesto (B). 4. cũa (B) co' hũa (G) lasciva escura (G). 5. ocioso (T). 7. Cos (B) hũa (B G) refreia (L M R) refrêa (G). 8. Poẽ (B) feia (L M R) fêa (G).

XLVIII 1. a Apelles (G L M R) Appelles (M). 3. esprimentado (B) exp'rimentado (M Q S). 4. em hum (G). 5. Ciro (B). 6. Pantêa (B). 7. prometia (B).

XLIX. 1. Illustre (B). 2. Amor (B L R T) tẽe (L). 4. Var. Deste — em hum (L). 5. Per (B M) Judita (B G). 6. Balduuino (B) Balduino (G L R T).

L 1. prosseguindo (B) Ninfa (B) Nympha (G R T) Var. o lindo canto. 5. abominauel (B). 6. Mecca (M) coas (B). Abasia (B) Earborà (B). 8. Emporio (B G).

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
3 Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dará tributo á Lusitana
6 Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
3 Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
6 Verá e o porto Arquico ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa que cá terá provado:
3 Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro,
6 Em que estás e serás inda tornado,
Co' os titulos de conde e d' honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
3 Illustrado co' a regia dignidade
Te tirará do mundo e seus enganos,
Outro Menezes logo, cuja idade
6 É maior na prudencia, que nos annos,
Governará e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LI. 1. Ilha (G) da Taprobana (G). 2. antigo (B) tam (M). 3. suberba (M). 4. cálida e cheirosa (M). 8. tam (B M).

LII. 1. Siqueira (G) Eritrèas (B). 3. Pera (M). 4. Imperio (B G) arrêas (G). 5. Cisternas (B) aguas (R T) chêas (G). Ilhas (G). 8. Mundo (G).

LIII. 3. Soberba (G) suberba (M). 7. Cos (B) Conde (B G L N Q R S T) e honras (G L R T).

LIV. 2. De que (G L). 3. Regia (B G L N Q R S). 4. Mundo (G). 6. anos (B G M).

LV.

Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
3 Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette;
Mas com virtudes certo singulares
6 Vence os imigos d' alma todos sete;
De cubiça triumpha e incontinencia;
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, oh forte Mascarenhas,
3 E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te, que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
6 Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
3 N' um só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
6 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas e submettas.

LVIII.

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
3 Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil e semrazão
6 Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

LV. 1. Nam (B). 3. Cometendo (B) Comettendo (G) Bõbardas (B). 4. vingão (B L) comete (B G) commete (M). 6. da alma (G). 7. cobiça (B G L N R S). 8. summa excellencia (B).

LVI. 2. Socederàs (B.) 4. Prometo (B). 5. Pera (M). 6. Fado (B M).

LVII. 1. Reino (G). 3. anos (B G M). 4. co (B). 7. Baluartes (B) sétas (G). 8. sometas (B) submetas (G) sobmettas (L N) sumettas (M).

LVIII. 1. cobiça (G L N R T). 2. poem (B M) põe (G L). 3. Justiça (B). 5. sem razão (B G S). Com a força (B). 7. vitoria (B).

LIX.

Mas comtudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
3 Mostrando-se no mar um fero raio
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
6 No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX.

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá de grande e ousada,
3 Fará co' a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
6 Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
3 De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
6 Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta:
3 Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
6 Quando um teu ramo, oh Gama, se exprimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LIX. 2. asinalado (B) assignalado (G). 4. qualhado (B). 6. pera (M). 8. Cuitale (L R).

LX. 1. nam (B). 4. Per (B) Silueira (B R). 5. Per (M). 6. Costa (B).

LXI. 1. socederà (B). 2. tẽe (L). 8. suberba (M).

LXII. 1. Auspicio (B). 2. afugenta (B M Q R S). 4. Silveira (B R T). 6. hũ (B G) esprimẽta (B) expr'imenta (M Q S). 7. Imperio (B G) zello (M). 8. Roxo (G L N R T) Roxo-mar (M) amarelo (B G).

LXIII.

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas um, que já será illustrado
3 No Brazil com vencer e castigar
O pirata Franzes ao mar usado:
Despois capitão môr do Indico mar
6 O muro de Damão soberbo e armado
Escala e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
3 Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
6 A tolher, que não passe o rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu rei com muitos em fugida;
3 E despois junto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
6 Que destruir o mundo não duvída,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governal-a,
3 Sem que ache resistencia nem perigos,
Que todos tremem delle e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
6 Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita e fea.

LXIII. 1. Estevão (B G L M). 4. Pirata (B R T). 5. Capitam (G) Capitão (B L N R T) capitão-mor (M) suberbo (M). 7. Escalla (B). 8. cuberta (B G).

LXIV. 1. Rei (B G L N Q R S T) suberbissimo (M). 6. Rei (B G L N Q R S T) Gentio (G) 7. que a si com (G L).

LXV. 1. Destroirà (B) Cidade (G). 2. Rei (B G L N Q R S T). 3. juncto (M) Cabo (B G). 4. Hũa (B G). 6. destroir (B) Mundo (G). 7. co (B). 8. martio (N) Marcio (B G L).

LXVI. 1. assim (S). 2. cetro (B). 6. Beadalla (B). 7. chêa (G) cheia (L M R T). 8. fêa (G) feia (L M R T).

UofM

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co' as obras derivado;
3 Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte
6 Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido;
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas ferozes, Abassís e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
3 Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
6 Porque uns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
3 Sustenta Mascarenhas co' os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
6 Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deos se sacrifiguem.

LXX.

Fernando, um delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
3 Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao céo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
6 E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o vence as ondas e os perigos,
Os ventos e despois os inimigos.

LXVII. 2. tẽe (L) diriuado (B). 5. Soceder (B).
LXVIII. 5. Ceos (G) Mundo (G). 6. hũs (B) hũus (G). 7. jurão (B L).
LXIX. 1. Lioẽs (B). 2. encubertas (B). 3. cos (B) varoẽs (B) Barões (G M). 4. tam (M) tẽ (B) tẽe (L) 5. opressoẽs (B).
LXX. 1. pranta (B G). 4. Ceo (G R). 5. Inverno (G) hinverno (M) Mundo (G). 6. tẽ (B) tẽe (L).

LXXI.

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co' o restante da gente Lusitana;
3 E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Uns paredes subindo escusam porta,
6 Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso ou larga historia.

LXXII.

Este despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido ao possante
3 Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
6 O Hyldacham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá no sertão posta.

LXXI. 2. Co (A A B) Com restante (A). 5. Hũs (B) Hũus (G) escusão (B L). 6. Outros abrem (M). 7. Var. Feitos grandes — tam (M) dinos (B). 8. caibão (B L).

LXXII. 6. Hydalchaõ (B M) Hydalcão (G L R) — Auf Strophe LXXII. folgen im II. Msc. nachstehende zehn:

Verá-se em fim toda a India conjurada
Com bellico apparelho; varias gentes,
3 Chaul, Goa e Maláca ter cercada
Em um tempo logares differentes.
Mas vê como Chaul quasi tomada
6 O mar com suas ondas eminentes
Vai soccorrer a gente Portugueza,
Que só de Deos espera já defeza.

Vês qual o rei gentio presuroso
Arde, cerca, discorre e anda listo,
3 Incitando o exercito espantoso
A destruir um esquadrão de Christo?
Mas nota o ponto de honra generoso
6 Em cerco nem batalha nunca visto;
Os soldados fugindo do seguro,
Passar-se ao posto perigoso e duro.

Ali o prudentissimo Ataíde,
Confortado da ajuda soberana,
3 Onde a necessidade e tempo o pide,
Soccorrerá com força mais que humana.
Até que com seus damnos se despide
6 Do cru intento a gente vil, profana,
Que em batalhas e encontros mil vencidos
Virão a pedir paz arrependidos.

Em quanto isto passar cá na luminosa*)
Costa de Asia e America sombria,
3 Não menos lá na Europa bellicosa
E nas terras da inculta Barbaria,
Mostrará a gente Elysia valerosa
6 Seu preço de temor tornando fria
A zona ardente, em ver que uma conquista
Lhe não faz, que das outras tres desista.

---

*) *Var.* lumiosa.

LXXIII.

Estes e outros barões por varias partes,
Dignos todos de fama e maravilha,
3 Fazendo-se na terra bravos Martes

Verão o valentissimo Barriga,
Adail de Zafim, grande, affamado,
3 Sem ter por armas quem lho contradiga,
Correr de Mauritania serra e prado.
Mas vê, como a infiel gente inimiga
6 O prende por um caso desastrado,
E com elle outra gente leva presa;
Que em tal caso não póde ter defesa.

Mas passado este trance perigoso,
Olha onde preso vai, como arrebata
3 A lança de um*) dos Mouros e furioso
Com ella a seu senhor derriba e mata.
E revolvendo o braço poderoso
6 Os seus livra e os imigos desbarata:
E assi todos alegres e triumphantes
Se tornam donde foram presos antes.

Eil-o cá, por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
3 Carregado de ferros de tal peso,
Que de um logar mover-se não podia.
Vê-lo de generoso fogo acceso,
6 Que o páo ensanguentado sacudia,
Com que ao soberbo Mouro a morte déra,
Que em sua honrada barba a mão pozera?

Mas vê, como os infidos Agarenos
Por mandado lhe dão do rei descrido
3 Tanto açoute por isto, que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido,
Sem que ao forte Varão vozes, nem menos
6 Ouvissem dar um intimo gemido:
Já vai a Portugal despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado.

Olha cabo**) de Aguer aqui tomado
Por culpa dos soldados de soccorro:
3 Vês o grande Carvalho ali cercado
De imigos, como touro em duro corro?
De trinta Mouros mortos rodeado,
6 Revolvendo o montante diz: „„Pois morro,
Celebrem mortos minha morte escura
E façam-me de mortos sepultura!““

Ambas pernas quebradas, que passando
Um tiro espedaçado lhas havia;
3 Dos giolhos e braços se ajudando
Com nunca visto esforço e valentia:
Em torno pelo campo retirando,
6 Vai a Agarena dura companhia,
Que com dardos e settas, que tiravam,
De longe dar-lhe a morte procuravam.

---

*) *Var.* d'um. **) *Var.* Olha *o* cabo.

Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes
6 Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas."

LXXIII. 1. varoẽs (B) Barões (G M) per (M). 2. Dinos (B). 4. Viràm (B) Ilha (G R T). 7. acharàm (B) Ninfas (B) Nymphas (G R T). — Auf Strophe LXXIII. folgen im II. Msc. nachstehende elf:

Com taes obras e feitos excellentes
De valor nunca visto nem cuidado
3 Alcançareis aquellas preeminentes
Excellencias, que o céo tem reservado
Para vós outros, entre quantas gentes
6 O sol aquenta e cerca o humor salgado:
Que em pouco*) se acham poucas repartidas
E em nenhuma nação juntas e unidas.

Religião, a primeira, sublimada.
De pio e sancto zelo revestida;
3 Ao culto divinal sómente dada
E em seu serviço e obras embebida.
Nesta a gente no Elysio**) campo nada,
6 Se mostrou sempre tal em morte e vida,
Que póde pretender a primazia
Da illustre e religiosa monarchia.

Lealdade é segunda, que engrandece
Sobre todas o nobre peito humano;
3 Com a qual similhante ser parece
Ao côro celestial e soberano.
Nesta por todo o mundo se conhece
6 Por tão illustre o povo Lusitano,
Que jamais a seu Deos e rei jurado
A fé devida e publica ha negado.

Fortaleza vem logo, que os autores
Tanto do antiguo Luso magnificam,
3 Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras ser verdadeira certificam:
Dando materia a novos escriptores
6 Com feitos, que em memoria eterna ficam;
E vencendo do mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta, que no imperio
Portuguez só reside com possança:
3 Pois no sublime e no infimo hemispherio
As quatro partes só do mundo alcança:
E as quatro nações dellas por mysterio
6 Com que conquista e tem certa esperança,
Que Christãos, Mouros, Turcos e Gentios
Juntarão n' uma lei seus senhorios.

Descobrimento é quinta, que bem certo
Á gente Lusitana só se deve;
3 Pois tendo Norte a Sul já descoberto,
Adonde o dia é grande e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto
6 De Ponente a Levante inda se atreve
Cercar o mundo em torno por direito:
Feito despois nem antes nunca feito.

---

*) *Var.* poucos. **) *Var.* Elyseo.

LXXIV.

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
3 Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
„Por mais que da fortuna andem as rodas“,
6 N'uma consona voz todas soavam,
„Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa!“

Deixo de referir a piedade
Do peito Portuguez e cortezia,
3 Temperança, fé, zelo e caridade
Com outras muitas, que contar podia.
Pois a segundo o ponto da verdade
6 E regras da moral philosophia
Não póde conservar-se uma virtude,
Sem que das outras todas se arme e ajude.

Mas destas como base e fundamento
Daquellas cinco insignes excellencias,
3 Em que ellas tem seu natural assento,
E de quem tomam suas dependencias:
Não quero aqui tratar, que meu intento
6 Não é descer a todas minudencias,
Que geraes são no mundo a muita gente,
Senão das que em vós se acham tão sómente.

Mas não será de todo limpo e puro
O curso desigual de vossa historia:
3 Tal é a condição do estado escuro
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
6 Aguarão grandemente vossa gloria;
Mas não poderá algum successo ou fado
Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Tempo virá, que entr' ambos hemispherios
Descobertos por vós e conquistados
3 E com batalhas, mortes, captiveiros
Os varios povos delles sujeitados:
De Hespanha os dous grandissimos imperios
6 Serão n' um senhorio só juntados,
Ficando por metropoli e senhora
A cidade, que cá vos manda agora.

Ora, pois, gente illustre, que no mundo
Deos no gremio catholico conserva,
3 Redemidos da pena do Profundo,
Que para os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeu o immundo
6 Lusbel com sua infame e vil caterva:
Pois sabeis alcançar a gloria humana,
Fazei por não perder a soberana!

LXXIV. 1. Ninfa (B) Nympha (G R T). 2. aplauso (B). 3. festejão (B L). 5. Fortuna (B). 6. Nũa (B). 7. ha de faltar (B) Gente (T).

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
3 E na harmonica e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
6 Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

„Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema de co' os olhos corporais
3 Veres o que não póde a vãa sciencia
Dos errados e miseros mortais!
Sigue-me firme e forte com prudencia
6 Por este monte espesso, tu co' os mais!"
Assi lhe diz: e o guia por um mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
3 De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui um globo vem no ar, que o lume
6 Clarissimo por elle penetrava
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
3 De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e um centro a todos só tem posto:
Volvendo ora se abaixe, agora se erga,
6 Nunca s'ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba em fim por divina arte:

LXXXV. 1. á corporal (G). 2. satisfaz (G). 3. na harmonia (B G L. M). 4. Virão (B L). 5. Thetis (B). 6. Pera (M). 8. Pera (M).

LXXVI. 1. varaõ (B). 2. cos (B). 6. Per (M) cos (B). 7. per (M).

LXXVII. 1. andão (B L). 2. acharão (B L). 3 Esmeraldas, Rubis (B) rubijs (G). 6. per (M). 7. o seu carro (B). 8. superficia (B).

LXXVIII. 3. Verga (G). 4. tẽ (B) tẽe (L). 5. abaxe (B). 6. se ergue (G) s'abaxa (B) hũ (B G) Var. d'um mesmo rosto. 7. Per (M) toda parte (B G M) tẽe (L) toda parte (B G M). 8. per (M).

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
3 Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e desejo ali ficou.
Diz-lhe a deosa: „O transumpto reduzido
6 Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas,
Por onde vás e irás e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo,
Ethérea e elemental, que fabricada
3 Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem principio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
6 Globo e sua superficie tão limada,
É Deos; mas o que é Deos ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
3 Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
6 Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno e Jano,
3 Jupiter, Juno fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
6 Servimos: e se mais o trato humano
Nos póde dar, é só, que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso:

LXXIX. 1. sustido (M). 2 Archetipo (B) criou (B) que creou (M). 3. Vendo Gama (S) comouido (B). 4. D'espanto (M). 5. Deosa (B G) trasunto (B). 7. Mundo (G) pera (M) 8. Per (M).

LXXX. 1. Mundo (G). 5 em de redor (G). 6. superficia (B) tam (M) 7. intende (M). 8. ingenho (M).

LXXXI. 2. tẽe (L). 3. tam (M). 4. tambẽe (L). 5. Empireo (B) nomêa (G) nomeia (L M R) 6. d'aquelle B L M) bẽe (L). 7. Tammanho (M) intende (M). 8. Mundo G) similhança (M).

LXXXII. 3. somos (B). 5. pera (M). 6. tracto (M). 8. ingenho (M) Var. o engano vosso

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
3 Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia
6 Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora ensinando
3 Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera fabulando;
Que os anjos de celeste companhia
6 Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega, que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo mana:
3 E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo, onde as mundas
6 Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga; é o mobile primeiro.

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio:
3 Por obra deste o sol andando a tento,
O dia e noite faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
6 Tão lento e subjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

LXXXIII. 1. santa (B G) prouidencia (B). 3. Per (M) mal (B) tẽe (L). 4. Mundo (G). 7. bõs (B) bõos (G) quando favorecem (A A).

LXXXIV. 3. lhes (G) antiga Poesia (B). 4. Deoses (B G). 5. Anjos (B G L M N Q R S T) da celeste (B G L M). 7. nego (L M R) Var. este. — preminente (B).

LXXXV. 1. sumo (B) per (M). 2. Mundo (G). 5. Debaxo (B). 6. gozão (B L). 7. tam (B M) 8. Mobile (B G L N Q R S T).

LXXXVI. 2. tẽe (L). 3. Per (M) Sol (B G N Q S) attento (G). 4. noute (G). 5. Debaxo (B). 6. Tam (B M) sojugado (B) sobjugado (G L N R T) sujugado (M).

VXXL·IXI

Olha est' outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
3 Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes:
Bem vês como se veste e faz ornado
6 Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
3 Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda e seu pai e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopêa a formosura
6 E do Orionte o gesto vê tremendo;
Olha o Cisne morrendo, que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
Vês o céo de Saturno, deos antigo;
3 Jupiter logo faz o movimento
E Marte abaixo, bellico inimigo:
O claro olho do céo no quarto assento
6 E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio, de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n' uns grave e n'outros leve;
3 Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre omnipotente,
6 Que o fogo fez e o ar, o vento e neve:
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co' o mar a terra por seu centro.

LXXXVII. 1. Olha o outro debaxo (B). 3 tẽ (B) tẽe (L). 4. exos (B) Var. eixos — scintilantes (B). 6. Co (B) de ouro (G) estrellantes (A G). 7. afigurados (B M).

LXXXVIII. 1. per (M). 3. carreta (B) atenta (B) Cinosura (B). 4. Pai (G) drago (B) 5. fermosura (B M). 6. de Orionte (G M) gesto turbulento (B F G P Q S T) gesto metuendo (M N) conf. Einl. p. XXXVIII. 7. sospira (B). 8. A Lebre, os Cães A G N R T) Lira G M).

LXXXIX. 1. Debaxo (B) Firmamento (G). 2 Ceo (G) Rey antigo (B) Deos (G). 4. abaxo (B). 5. Olho (G) Ceo (G). 6. Amores (L) consigo (B). 8. debaxo (B).

XC. 2. nũs (B) n'hũus (G) 5. Omnipotente (G L M N Q R S T). 6. Var. o fogo faz. — e a neve (M). 7. Var. fazem. 8. tẽe (L) co (B)

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos
Que não somente ousados se contentam
3 De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentam;
Verás as varias partes, que os insanos
6 Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios reis,
Varios costumes seus e varias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza:
3 Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co' o cabo, que atéqui se vos negara,
6 Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotápa o grande imperio
De selvatica gente, negra e nua,
3 Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
6 O metal, por que mais a gente súa:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo tambem vindo está Cuama.

XCIV.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
3 Na justiça real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha! delles a bruta multidão,
6 Qual bando espesso e negro de estorninhos
Combaterá em Sofála a fortaleza,
Que defenderá Nháia com destreza.

XCI. 3. sofrerem (M). 4. instauel (B) esprimentão (B) exp'rimentam (M Q S). 7. Reis (B G L N Q S).

XCII. 3 bẽs (B) bẽes (G). 4. chea (B N) chêa (G) Var. de braveza 5. Co (B) Cabo (B G) até-qui (M). 6. pera (M)

XCIII. 1. do Monomotápa (B) Imperio (G). 3. Gonçallo (B) Var morre 4. pola (M) Fé (G L N Q R S T). 5. Nace (B) per (M) Hemispherio (B G).

XCIV. 3. Real (G L N Q S). 5. Olha delles (B G M S T) Olha: delles (L R) Olha, delles (N). 6. Estorninhos (B). 8. Nhaya (B).

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
3 Vêl-o, rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos:
Olha, como sem muros (novo estilo!)
6 Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
3 Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
6 Melinde hospicio gasalhoso e charo:
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê já Arómata chamado
E agora Guardafú dos moradores,
3 Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
Este como limite está lançado,
6 Que divide Asia de Africa, e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquíco e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos héroas a cidade;
3 Outros dizem que Arsínoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abriu patente
6 Estrada o grão Moysés na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCV. 2. Nace (B) souberão (B L) 3. Cocodrilo (B). 7. Ilha (G) antiga (B R).

XCVI. 3. Christovão (B G L M) 6. caro (G M R T). 7. rapto (G). 8. Obi (B G) Quilmãte (B).

XCVII. 1. Cabo (B G). 3. afamado (B M Q S). 4. roxo (B) Mar-Roxo (M). 7. que parte Africa (A G) a grande Africa (B).

XCVIII. 1. antigamente (B). 2. Heroas (B G L N Q R S T) Cidade (G). 4. Tẽe (L) Egipto (B) 6. grã (B) gran' (M) antiga (B). 8. Reinos (G).

XCIX.

Olha o monte Sinái, que se ennobrece
Co' o sepulchro de sancta Catharina:
3 Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
6 No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d' Arzira, pedra viva.
Onde chuva dos céos se não deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
3 Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros e feroces de alta raça.
Olha a costa, que corre, até que cerra
6 Outro estreito de Persia e faz a traça
O cabo, que co' o nome se appellida
Da cidade Fartáque ali sabida.

CI.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
3 Mas attenta, já cá de est' outra banda
De Roçalgate e praias sempre avaras
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
6 Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes:
3 Por aqui entra o lago, que é fechado
De Arabia e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
6 Tem das suas perlas ricas e imitantes
Á côr da Aurora; e vê na agua salgada
Ter o Tigris e Euphrates uma entrada.

XCIX. 2. Co (B) Sancta (G L N Q R S T) Caterina (B). 3. falace (B). 4. cristalina (B). 5. Estreito (G). 6. Reino (G) seca (B). 7. de Arzira (G). 8. Ceos (B G).

C. 2. Tomão (B L) Var. de gente. 3. pera (M). 6. Estreito (G). 7. Cabo (B G) apellida (B). 8. Cidade (G).

CI. 2. encenso (B) pera (M) 3. atenta (B) d' est' outra (B L M) 5 Reino (G R) tudo (R) 8. Castelbranco (B).

CII. 1. Cabo (B G). 2. Monçandão (B). 3. Per (M). 4. Persia (G) conf. Einl p XXXV. 5. Attenta (B) Ilha (G). 6. Tẽe (L). 7. Aa (B) aurora (T). 8. Fezo (T) Tygris (B G L M N Q R S T. Eufrates (B) hũa (B).

CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo e nos cavallos,
3 Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre
6 O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome despois e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
3 Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e revezes
6 De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
3 Com todo o seu terreno mal querido
Da natura e dos dões usados della:
Carmania teve já por appellido:
6 Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima
E de Jaqueta a intima enseada;
3 Do mar a enchente subita grandissima
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
6 Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CIII. 1. Imperio (G). 5. Ilha (G). 7. Cidade (G).
CIV. 5. Viràm (B). 7. II. Msc. deitada. 8. a força (L).
CV. 1. Estreito (G). 2. dicto (M). 3. todo seu (M). 4. Da Natureza e dões (G) dons (L N R T). 5. per (M) apellido (B R T). 6 o famoso Indo (G) fermoso (B M). 7. nace (B) juncto (M). 8. De outra (G).
CVI. 4. fuge (M) apresurada (G). 5. Cambaya (B). 6. faz a entrada (G).

CVII.

Vês, corre a costa celebre Indiana
Para o Sul até o cabo Comori,
3 Já chamado Corí, que Taprobana,
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
6 Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre um e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
3 Um reino Mahometa, outro gentio,
A quem tem o demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
6 Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica:
3 Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
6 Quando a fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX.

Chegado aqui prégando e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
3 A caso traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida:
Deseja o rei, que andava edificando,
6 Fazer delle madeira e não duvida
Poder tiral-o a terra com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de elephantes.

CVII. 2. Pera (M) Cabo (B G). 4. tẽe (L). 5. Per (M) Gente (T). 7. vitorias (B) Cidades (G). 8. edades (R).

CVIII. 1. hũ (B G) e outro (B M R). 2. sam (B). 3. Reino (G) Gentio (B G L N Q R S). 4. tẽe (L) Demonio (B L N R) escriptas (R T). 6. Tẽe (L) santas (G) benditas (B). 7. Baraõ (G) varão (L M R T).

CIX. 1. Cidade (G). 2. fermosa (B M). 3. Idolos antigos (B). 6. Fé (G L N Q R S T) Mundo (G). 8. Mundo (G).

CX. 1. juncto (M). 5. Rei (B G L N Q R S T). 8. d' homẽes (G) de engenho (B) ingenhos (M) Elephãtes (B) aliphantes (M).

CXI.

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
3 Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
6 No tronco e facilmente o leva e arrasta,
Para onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
3 Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e ellè o prova:
A gente ficou disto alvoroçada,
6 Os Brahmenes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a sanctidade
Hão medo de perder auctoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
3 Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Thomé não se ouça ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
6 Um caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

Um filho proprio mata e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente;
3 Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O sancto, que não vê melhor escusa
6 Que appellar para o Padre omnipotente
Quer diante do rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

CXI. 1. tam (B M). 2. pera (M). 3. Nuncio (G). 5. per (M). 7. Pera (M) Templo (G).

CXII. 1. Fè (B). 6. Bramenes (B L R) Brachmanes (G) Brãhmenes (N) tẽe (L). 7. santidade (B). 8. perder a autoridade (G R T) authoridade (G).

CXIII. 1. Sam (B) Sacerdotes (B G R S T) Gentios (B G L N Q R S T). 2. enveja (B). 3. Buscão (B L) buscão (B L). 6. Mundo (G). 7. nam (B) tam (B M).

CXIV. 1. mata, logo (G L N) acusa (B). 2. a Thomé (G). 3. testimunhas (G M). 4. Condenaraõno (B) Condemnárão-no (L) Condemnaran-o (M) Condemnaram-n'o (R T). 5. Santo (B) Sancto (G L M N Q R S T) nam (B). 6. apellar (B) pera (M) Omnipotente (G L M N Q R S T). 7. Rei (B G L N Q R S T) Senhores (G).

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite e seja perguntado,
3 Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvado.
Viram todos o moço vivo erguido
6 Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o rei se banha logo na agua santa,
3 E muitos após elle: um beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
6 Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo
Determinam matal-o em fim de tudo.

CXVII.

Um dia que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruido:
3 Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao céo subido.
A multidão das pedras, que voava,
6 No sancto dá, já a tudo offerecido:
Um dos máos por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra, que pizaste;
3 Mais te choram as almas, que vestindo
Se iam da sancta fé, que lhe ensinaste:
Mas os anjos do céo cantando e rindo
6 Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXV. 2. resucite (B). 4. testimunho (G M) aprouado (B). 5. Virão (B L). 8. ser o homicida (G).

CXVI. 1. tammanho (M). 2. Rei (B G L N Q R S T). 5. Bramenes (B L R) Brachmanes (G) Brãhmenes (N) encherão (B L). 6. enveja (B). 8. Determinão (B L).

CXVII. 1. Hũ (G). 2. Fingirão (B L) arroido (B). 4. Ceo (B G). 5. multidam (B). 6. Santo (B) Sancto (G L M N Q R S T). 7. Hũ (B G). 8. Var. Com cruel lança.

CXVIII. 1. Chorarão (B L). 3. Var. Mas mais — chorão (B L) 4. hião (B L) Var. na sancta fé — santa (R T) Fé (B G L N Q R S T). 5. Anjos (B G L M N Q R S) Ceo (G L S).

CXIX.

E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
3 Dizei, se sois mandados como estais
Sem irdes a prégar a sancta fé?
Olhai, que se sois sal e vos damnais
6 Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada!
3 Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
6 Corre Orixa de roupas abastada;
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
3 Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
6 De Bengala, provincia, que se preza
De abundante; mas olha, que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
3 Monstros filhos do feo ajuntamento
D' uma mulher e um cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
6 Da geração costumam; o que usaram
Por manha da rainha, que inventando
Tal uso deitou fôra o error nefando.

CXIX. 4. santa (B R) Fé (B G L N Q R S T). 5. Sal (B) danais (B M). 6. o propheta (R) Propheta (B G) salgaram (B). 8. Heresias (B).

CXX. 3. Var. Lá com — Cidade (G) tam (B M).

CXXI. 3. sejão (B L). 5. Chatigaõ (B) Cidade (G). 6. Provincia (G). 8. Pera (M) de aqui (G).

CXXII. 1. Reino (G) fêo (G) feio (L R) ajunctamento (M). 4 D' hũa (B L) De hũa (G) hũ (B G) cam (G). 6. custumaõ (B) costumão (L). 7. Per (M) Rainha (B G L N Q R S T).

CXXIII.

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
3 Tenassarí, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
6 Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra co'as possantes
Ondas o mar entrando dividiu
3 A nobre ilha Samatra, que já d' antes
Juntas ambas a gente antigua viu;
Chersoneso foi dita, e das prestantes
6 Veias d' ouro, que a terra produziu,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram:
Alguns que fosse Ophír imaginaram.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita:
3 Daqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos e a longura
6 De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
3 Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
6 Que Gueos se chamam de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente — usança crua.

CXXIII. 1. Tauay (B) Var. Tanay — Cidade (G). 2. Syaõ (B) Siam (M) Imperio (G) tam (M). 4. tẽe (L). 6. Emporio (B G) por império (M). 7. Provincia (G).

CXXIV. 3 Ilha (B G). 4. Junctas (M) antiga (B). 5. dicta (M). 6 Veas (B N) Vêas (G) de ouro (G). 7. per (M) ajunctaram (M). 8 Outros que fosse (G).

CXXV. 3. De aqui (G) Daqui tomando a Costa (B). 4. pera (M) ẽdereita (B). 5. Reinos (G). 6. Siam (G) sogeita (B)

CXXVI. 1. gran' (M). 4. per (M) tam (M). 6. chamão (B L) selvagẽes (G conf. Einl. VIII. 2). 8. Pintão (B L).

CXXVII.

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
3 Tantas recebe d' outro só no estio,
Que alaga os campos largos e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
6 A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido e brando
No seu regaço o canto, que molhado
3 Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
6 Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais affamada que ditosa.

CXXIX.

Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata é do pao cheiroso ornada;
3 Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se affama
6 Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre e occupa o senhorio
Desd' o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre um imperio e o outro se edifica;
3 Certissimo sinal e conhecido
Da potencia real, soberba e rica.
Estes, o rei que tem, não foi nascido
6 Principe nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que é famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

CXXVII. 1. per (M) Var. Vecom. — Rio (B). 2. Capitam (G) capitão-das-aguas (M). 3. de outro (G) Estio (G). 5. Tẽe (L). 7. tẽ (B) tẽe (L) depois (R) da morte (G L).

CXXVIII. 2. os Cantos (G L R) Canto (B N T) molhados (G L R). 4. baxos (B) escapados (G L R). 7. Lyra (B). 8. afamada (M Q R S T).

CXXIX. 2. matta (M). 5. suberbo (M) Imperio (G) afama (M Q S). 7. ocupa (B). 8. Desde o (G) cinto (B G).

CXXX. 1. muro, edificio (B). 2. Imperio (G) e outro (G). 3. signal (G L M N R). 4. Real (G L N Q S T) suberba (M). 5. Rei (B G L N Q R S T) tẽe [illegible] nascido (B). 8. Cavalleiro (G).

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
3 Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta meia escondida, que responde
6 De longe á China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co' a lei divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
3 Vê Tídore e Ternáte co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente
6 Co' o sangue Portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Bandá as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo fruto;
3 As aves variadas, que ali saltam
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
6 Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV.

Ali tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero e cheiroso:
3 Olha a Sunda tão larga, que uma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
6 Um rio, diz, que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao, que nelle cahe.

CXXXI. 3. Ilhas (B G). 4. afamar-se (M S). 5. mea (B). 7. nace (B). 8. Lei (G L N Q R S T) Divina (G).

CXXXII. 2. Ilhas (B G). 3. Tidor (M) co (B). 4. flamas (B). 5 Cravo (B). 6. Co (B) Com sangue (G). 7. descem (R T). 8. a terra (L R T) aparecem (B).

CXXXIII. 1. Ilhas (B G). 4. Noz (B). 6. liquor (M) qualhado (B). 7. Camphora (G) Cânfora (B). 8. Ilha (B G).

CXXXIV. 3. tam (M) hũa (B G). 4 pera (M). 5. Sertaõ (B). 6. tẽe (L). 7. per (M).

CXXXV.

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
3 A fonte, que oleo mana e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
6 De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana:
3 Os naturaes o tem por cousa santa
Pela pedra, onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta
6 No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do roxo estreito
Socotorá co 'o amaro áloe famosa;
3 Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
6 A massa, ao mundo occulta e preciosa:
De São Lourenço vê a ilha affamada,
Que Madagascar é d' alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
3 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é tambem razão, que no Ponente
6 D' um Lusitano um feito inda vejais,
Que de seu rei mostrando-se aggravado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXV. 1. Ilha (G). 2. flamas (B). 4. liquor (M). 5. estila (B). 6. Cyniras (B G S).

CXXXVI 2. nuvẽes (G). 3. tẽe (L). 4. Por a pedra (G) Pola (L M). 5. Ilhas (G) nace (B) pranta (B). 8. Antidoto (B).

CXXXVII. 1. Var. Vereis — Roxo (L M N Q R S T) Estreito (G). 2. co (B) Áloe (B G L N Q R S T). 3. Ilhas (G) sogeito (B). 4. Affrica (B). 5. Aonde (B G M). 6. Mundo (G). 7. São-Lourenço (L N R) Sam (B) san' (M) Ilha (G) afamada (B M R S T) d' algũs (B) de algũus (G).

CXXXVIII. 1. Var. as novas portas. 2. Mundo (G). 4. tam (B M). 6. De hum (G). 7. Rei (B G L N Q R S T) agrauado (B).

CXXXIX.

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo;
3 Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
6 De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e costumes diffe entes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co' o pao vermelho nota:
3 De Sancta-Cruz o nome lhe poreis:
Descobril-a-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
6 Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da linha,
3 D' uma estatura quasi gigantea
Homens verá da terra ali vizinha:
E mais avante o estreito, que se arrea
6 Co' o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXXXIX. 2. Calisto (B) Polo (B G) pollo (M . 3. suberba (M) fará luzente (R). 4. tẽ (B) tẽe (L) Apolo (G). 6. colar (B G). 7. Provincias (G) tẽe (L).

CXL. 2. co (B). 3. sancta Cruz (B) Santa Cruz (G) Sancta Cruz (S). 4. Frota (T) 7. Magalhaens (N).

CXLI. 1. mêa (G). 2. Antartico (B) Polo (B G) Linha (L N Q R S T). 3. D'hũa (B) De hũa (G). 4. Homẽes (G) virá (G). 5. Estreito (G L M N Q R S T) arrêa (G). 6. Co (B). 7. Pera (M). 8. Austro esconde (N). — Auf Strophe CXLI. folgt im II. Msc. die nachstehende:

Daqui saindo irá, onde acabada
Sua vida será na fatal ilha:
3 Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de tão grande maravilha;
Verão a nao Victoria celebrada
6 Ir tomar porto* junto de Sevilha,
Despois de haver cercado o mar profundo,
Dando uma volta em claro a todo o mundo.

---

*) *Var.* posto.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
3 Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes apprendido
6 Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada."
3 Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento,
6 Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo, que o sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
3 Até que houveram vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno;
6 E á sua patria e rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida;
3 E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
6 Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça e na rudeza
D' uma austera, apagada e vil tristeza.

CXLII. 1. Até aqui (G). 4. Viràm (B) varoẽs (B) Barões (G M). 6. fação (B L) aceitos (B S). 7. Aas (B) esposas eternas (G) fermosas (B M).

CXLIII. 1. tendes tempo (G). 2. tranquilo (B) pera (M) Patria (T). 3. lhes (G). 4. Ilha (B G T). 5 und 6 Levão (B G). 7. Ninfas (B) Nymphas (G R T). 8. Sol (B G N Q S) Mundo (G).

CXLIV. 1. forão (B L). 3. houverão (B L). 4. nacerão (B nascêrão (L). 5. Entrarão (L) Foz (S). 6. a sua (B G N) Patria (R T) Rei (B G L N Q S). 7. por que (L).

CXLV. 1. Não mais (G cf. Einl. XXVI 3) Lyra (B). 5. acẽde (B) ingenho (M). 6 Não o (G M) Patria (L N R T) metida (B G). 7. cubiça (B M). 8. D' hũa (B) De hũa (G).

CXLVI.

E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
3 Que os animos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, oh Rei, que por divino
6 Conselho estais no regio solio posto,
Olhai, que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII.

Olhai que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
3 Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
6 A golpes de ilolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
3 A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
6 Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco; e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
3 De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
6 Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

CXLVI. 1. nam (B) per (M) porque (N) do destino (L M conf. Einl. p. XX.). 2. tẽe (L). 4. pera (M). 5. rei (M) per (M).

CXLVII. 1. per (M). 2. lioẽs (B). 3. e a vigias (G). 4. e a pelouros (G) pilouros (B). 5. Regiões (G). 6. Idolatras (G L N Q R S T) 7. Mundo (G). 8 pexes (B).

CXLVIII. 1. Por servir-vos (G) aparelhados (B). 2. tam (B M). 4. reposta (B). 7. Cometeràm (B) Cometteráõ (G). 8. fação (B L).

CXLIX. 4. sãtitade (B). 5. exp'rimentados (M Q S). 6. esperiencia (B) tẽe (L). 7. Pera (M).

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
3 Tenham religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplinas pelos vicios
6 Communs toda ambição terão por vento;
Que o bom religioso verdadeiro
Gloria vão não pretende nem dinheiro.

CLI.

Os cavalleiros tende em muita estimá,
Pois com seu sangue intrepido e fervente
3 Estendem não sómente a lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente.
Pois aquelles, que a tão remoto clima
6 Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; uns os vivos
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Inglezes
3 Possam dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d' exprimentados,
6 Que viram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis, como Annibál escarnecia,
3 Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
6 Não se apprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando;
Senão vendo, tratando e pelejando.

CL. 2. tẽe (L). 3. Tenhão (B L) Religiosos (B G L N Q R S T). 5. jejũus (G) polos (M). 6. Comũs (B) Commũus (G). 7. Religioso (B G L N Q R S T).

CLI. 1. Cavalleiros (G L N R T). 3. Lei (G L N Q R S T) Cima (L). 4. ainda (G) Imperio (G Q S). 5. tam (M). 7. hũs (B) hũus (G).

CLII. 1. senhor (B M). 2. Ingreses (B). 3. Possão (B L) pera (M). 4. pera (M). 5. de exprimentados (G) d' esprimentados (B) d'exp'rimentados (M Q R S). 6. virão (B L).

CLIII. 1. Philosopho (B G). 2. Anibal (B). 4. tractava (M). 6. aprende (B G M Q R S T) senhor (B M) fantasia (B) phantesia (M). 8. tractando (M).

CLIV.

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
3 Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
6 Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
3 Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada:
Se me isto o céo concede e o vosso peito
6 Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando o vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo, que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
3 Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante;
A minha já estimada e leda Musa,
6 Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

CLIV. 1. baxo (B). 2. sonhado, (mit Komma: G M). 3. contudo (B) comtudo (M R T). 5. Nam me falta (B). 7. ingenho (M). 8. junctas (M) achão (B L).

CLV. 1. und 2. Pera (M) musas (R T). 3. falece (B) aceito (B) Var. de vós. 5. Ceo (G L N Q R S) Se isto o Ceo me concede (G). 6. Dina (B).

CLVI. 2. Athlante (B). 4. Os mouros (A M R T) Mouros (G) Muros (N conf. Einl. p. XXXV.). 6. Mundo (G). 8. Achiles (B) enueja (B).

INDEX

der Eigennamen der Lusiaden.

Abassia (X, 50) Landschaft in Africa; deren Einwohner

Abassis (X, 68 subst. X, 95 adj.) heissen.

Abrahão (I, 53) der Erzpatriarch Abraham. Der ‚claro descendente' ist *Mahomet.*

Abranches (IV, 25) Grafschaft in Frankreich.

Abrantes (IV, 23; VIII, 22) ‚fresca' portug. Stadt am Tejo.

Abyla (III, 77; IV, 49; VIII, 17, 71), monte', ‚serra' siebenköpfiger Berg (Cap Ceuta) Plin. H. N. V, 2. Herod. II, 32.

Achemenia (IX, 60) Landschaft in Persien.

Acheronte (I, 51) ein unterirdischer Fluss („des ächzenden Wehes") mit dem acherusischen See (lago d' Ach.).

Achilles (III, 131; V, 93, 156) Achilleus, Sohn des Peleus u. der Tethys. — plur. V, 98 **Achilles** feros — X, 12 übertragen **A.** Lusitano.

Acidalia (IX, 52 subst. VIII, 64 adj.) Beiname der Venus (nach einer Quelle in Boeotien).

Acteon (IX, 26, 63) Aktaion, ein Jäger, den Artemis in einen Hirsch verwandelte (Ovid. Met. III, 155 sqq.)

Actio (II, 53) adj. — ‚nas civis **Actias** guerras' Schlacht von Actium zwischen Oktavian u. Antonius (31 v. Ch.).

Acrisio (VIII, 97) Akrisios, König von Argos, Vater der *Danae.*

Acroceraunios (VI, 82) Berge in Epirus.

Adamastor (V, 51, 60) Gigant, Sohn der Erde; er wurde in das Cap der guten Hoffnung verwandelt.

Adão (IV, 70; VIII, 65) Adam; der erste Mensch der Bibel.

Adem (X, 99) ‚a secca' Aden, Stadt am Meerbusen gleichen Namens (in Arabia felix).

Adonis (IV, 63) Sohn des Cinyras u. der Myrrha, von Aphrodite geliebt. (Ovid. Met. X, 461 sqq.)

Adriatico (II, 97. adj.) ‚Adriatica Veneza' Venedig im adriatischen Meere.

Affonso Alphons — a., Könige von Portugal: **Affonso** I. selbständig seit 1140. † 1185. (I, 13; III, 30, 42, 45, 46, 58, 67, 73, 79, 83, 84; VIII, 11). III, 84 bezieht sich auf eine in seinem Todesjahre stattgehabte grosse Ueberschwemmung. — **Affonso** II. (1211—1223, I, 13). — **Affonso** III. 1248—1279, I, 13). — **Affonso** IV. (1325—1357, I, 13; III, 109). — **Affonso**, nono rei (VIII, 22). — **Affonso**, do reino unico herdeiro (IV, 54, 60), der Vorgänger Johann II. — b., Könige von Castilien (III, 23 24) Affonso XI. (III, 109) verbunden mit dem pt. A. IV. in der Schlacht am Flusse Salado (1340).

Africa, der Erdtheil (I, 2, 15; II, 103, 110; III, 20, 103; IV, 54; V, 10, 65; VII, 11, 14; VIII, 72; X, 53, 92, 97, 137).

Africano, subst. der Afrikaner (IV, 48; IX, 15) adj. afrikanisch (I, 29, 51, 77; IV, 20; V, 50; VI, 83; VII, 70).

Africo (I, 27) Ostsüdostwind. — adj. afrikanisch ‚a parte **Africa**' (X, 97).

Aganippe (III, 2) ein den Musen geweihter Quell in Boeotien.

Agar (III, 26, 110; VIII, 47). Hagar, die vertriebene Sclavin Abrahams (Genes. XVI).

Agareno, von Hagar stammend (subst. VIII, 51; adj. III, 110).
Agosto (IV, 27) der Monat August.
Agrippina (III, 92) Mutter des Kaisers Nero, von diesem ermordet.
Aiace (X, 24) Aias, Sohn des Telamon und der Hesione; ermordete sich im Wahnsinn vor Troja, weil ihm die Waffen des Achilleus nicht zugesprochen wurden.
Ainão (X, 29) Insel bei China mit Perlenfischerei.
Albis (III, 11, 58) ‚germanico' der Elbefluss.
Albuquerque (I, 14; X, 40, 45) ‚terribil', ‚illustrissimo'; Alfons, 1503 als Vicekönig nach Ostindien gesandt, eroberte 1507 Ormus † 1515.
Alcacer (IV, 55; VIII, 24, 38) ‚forte, villa' — Stadt in Alemtejo.
Alcacere do Sal (III, 62, 90) Stadt.
Alcides (III, 137; IV, 49, 80; IX, 57) ‚o vagabundo' Herakles, Sohn der Alkmene, Enkel des Alkaios.
Alcino (II, 82) Alkinoos der Phäakenkönig, der den Odysseus aufnahm u. heimsandte. (Odyss. VI sqq.)
Alcmena (III, 141) Mutter des Herakles, Tochter des Elektryon.
Alemães (VII, 4; X, 152) die Deutschen; VII, 4 ‚soberbo gado' wegen der Reformation u. des Abfalles vom Papste.
Alemanha (III, 11; VI, 69) Deutschland.
Alemquer (III, 61) port. Stadt.
Alemtejo (III, 75) Provinz Portugals.
Aleto (VII, 10) ‚a fera' Alekto, „die nie Rastende", eine der Erinyen.
Alencastro (VI, 46), o duque de A. der Herzog von Lankaster, Schwiegervater Johann I. und Bruder Eduards von England.
Alexandrino (III, 96) ‚liberalidade'.
Alexandro (dre) I, 3; V, 93, 96; VIII, 12; X, 48, 156). Alexander von Macedonien, Sohn des Philippus — plur. Alexandros (V, 95).
Algarves (VII, 95; VIII, 25) ‚a terra dos A.' portug. Provinz.
Almada, Antão Vasques de A. (IV, 25) port. Anführer (s. Alvaro).
Almeidas, ‚os temidos' (I, 14) auch X, 26 ist unter dem ‚outro' **Franzisco d'Almeida**, der erste Vicekönig Indiens (1505), Sohn des Lourenço d'A. gemeint.
Alpheo (IV, 72) Fluss in Arkadien
Alvares, D. Nuno (IV, 14, 24; VIII, 32) port. Held im Kampfe gegen Castilien.
Alvaro (VIII, 94) bleibt in Calecut. — X, 70. — Der outro (VI, 69) ist ein Alvaro Vaz d'Almada.
Amalthea (II, 72) Amaltheia („die Nährerin") als Ziege und Nymphe gedacht, besass das Horn des Ueberflusses.
Amasis (III, 11) die Emse.
Ambrosia (X, 4) die Speise der Götter.
Ampaza (X, 104) Stadt in Persien.
Ampelusa (III, 77; X, 156) Vorgebirge zwischen Ceuta und Tangier.
Amphioneo adj. (IX, 19) von Amphion stammend. — **Thebas**, weil Amphion durch seine Leier die Steine zum Bau von Theben bewegte.
Amphitrite (I, 96) die Meeresgöttin, Gattin des Poseidon.
Anchises (IX, 23 Vater des Aeneas.
Andaluzia (III, 85; IV, 9) Andalusien, spanische Provinz.
Andromeda (X, 88) Tochter des Aethiopenkönigs Kepheus, von Perseus gerettet.
Annibal (X, 153) karthagischer Feldherr — pl. **Annibaes** (VII, 71).
Antão Vasques de Almada s. Almada (IV, 25).
Antarctico (I, 51; V, 50, 65; VIII, 67; X, 141) der arktischen (Nord) Zone entgegengesetzt.
Antenor (II, 45; III, 14) Trojaner, Schwager des Priamos; griechenfreundlich, darum in späterer Sage Verräther; er gilt als der Gründer von Patavium (Padua) (Verg. Aen. I, 251).
Anteo (III, 77; V, 4; VII, 24) Antaios, Sohn der Erde, in Libyen von Herakles getödtet.
Antonio, Marcus Antonius, Triumvir mit Oktavian und Lepidus (III, 136, 141; IV, 59: V, 95; VI, 2. s. auch II, 53).
Antonio da Silveira (X, 62) Vertheidiger von Dio gegen Soliman Baxá, König von Cairo.
Anubis (VII, 48) ägypt. Gottheit (Hund).
Aonio (V, 87) adj. aonisch; Theil von Boeotien, mit den Quellen Aganippe und Hippokrene.
Apelles (X, 48) berühmter Maler des Alterthums.
Apennino (III, 15) Apenninen, schon von Polybios die Mauern Italiens genannt.
Apio (III, 140) Appius Claudius (451 v. Ch.) röm. Patrizier ‚Decemvir', seiner Gewaltthaten halber vom Volke gestürzt.
Apollineo (I, 84; X, 25) ‚raio' adj. zu
Apollo, Phoibos Apollon, Sohn des Zeus und der Leto, der Gott des

natürlichen (II, 105; III, 8; V, 15) und geistigen (I, 37; III, 2, 97; VII, 87; X, 139) Lichtes.
Apulia (III, 141) der südöstliche Theil Italiens.
Aquilo (VI, 31, 76) der Nordwind.
Ara (VIII. 71) Sternbild.
Arabia (III, 72; IV, 63, 101; X, 100, 102, 135). Arabien, Halbinsel im südwestlichen Asien.
Arabico (adj. I, 50; V, 77; VII, 33; IX, 7; X, 50) arabisch.
Arabio subst. (IV, 100) = Mahomet. adj. (V, 76) arabisch.
Aragão (IV, 57) Aragon, Provinz von Spanien.
Araspas (X, 48), ein Meder, dem der Perserkönig Cyrus die gefangene Königin Panthea, die Frau des Abradatas, zur Bewachung gab.
Arcadia (IV, 72) Provinz im Peloponnes.
Archetypo (X, 79) ἀρχέτυπον, die Urform, Muster (hier: Gott).
Arcturo (I, 21; III, 6) nördliches Gestirn ‚congelado'.
Arethusa (IV, 72) Quelle süssen Wassers auf der der Artemis geheiligten Insel Ortygia (Stadttheil von Syrakus).
Argo (V, 87) Argos, Stadt im Peloponnese. — (Das Schiff Argo ist IV, 83 unter der fatidica nao gemeint).
Argonautas (I, 18; IX, 64) die Argonauten, die nach Kolchis um das goldene Vlies zogen. — (VI, 31 os Minyas).
Argos (IV, 85; VIII, 71) Gestirn der südlichen Hemisphäre.
Armenia (III, 72) Provinz der asiat. Türkei, südöstlich vom schwarzen Meere.
Armenios (VII, 13) Einwohner Armeniens.
Armuza (X, 103) alte Stadt nahe bei Ormuz.
Arómata (X, 97) alter Name des Cap Guardafu.
Arquico (X, 52, 97) ‚porto' Ort in Aethiopien.
Arracão (X, 122) ‚o reino' Aracan, Grenzland von Bengalen.
Arronches (III, 55; VIII, 19) port. Stadt in Alemtejo.
Arsinario (V, 7) alter Name des Cabo-Verde.
Arsinoe (IX, 2; X, 98) Suez, von Ptolomaeus gegründet und nach seiner Schwester Arsinoe so genannt.
Artabro (IV, 28) ein Berg; jetzt das Cap Finisterre (Westspitze Spaniens).
Arzilla (IV, 55) von Johann II. erobert.
Arzira (X, 99) Gebirge in Arabia felix.
Asabóro (X, 102) alter Name des Cap Monsandan.
Asia (I, 2; III, 7; VII, 14, 18; VIII, 5; X, 97) der Erdtheil Asien.
Asiano (adj. I, 60) asiatisch.
Assyria (VII, 11; IX, 34) Assyrien.
Assyrio (VII, 53) adj. assyrisch.
Assyrios (I, 24) os, die Assyrier.
Asturias (III, 19; IV, 11) das Reich Asturien (Spanien).
Astyanax (IV, 5) Sohn des Hektor und der Andromache, vom Thurme herabgestürzt.
Athamante (VI, 23) Herrscher in Orchomenos, Gatte der Ino, Tochter des Kadmos.
Athenas (III, 97; V, 87) Athen.
Atlante (I, 20; III, 73) Atlas, Sohn des Iapetos, der das Himmelsgewölbe trägt. — X, 156 der Berg Atlas.
Atlantico (V, 10; X, 3) atlantisch.
Atreo (III, 133) Sohn des Pelops, der seines Bruders Thyestes' Söhne Pleisthenes und Tantalos diesem als Mahl vorsetzte.
Atropos (III, 98) ‚a dura, flie „Unabwendbare" unter den Parzen, mit Griffel und Rolle dargestellt.
Attila (III, 100) ‚de deos açoute horrendo' der Hunenkönig † 453.
Augusto (II, 53; III, 136) plur. V, 95. — Oktavian; als Kaiser Augustus.
Aurea-Chersoneso (II, 54) Malaka. (180 Meilen lange Halbinsel.)
Aurora (I, 14, 21, 59; II, 53, 110; IV, 60; VI, 5; IX, 13, 61: X, 44, 102, 125) Aurora (Eos) die Göttin der Morgenröthe, Schwester des Helios und der Selene.
Ausonia (V, 87) Italien.
Ausonios (X, 21) die Bewohner des alten Italiens.
Austrino (IX, 16) adj. südlich.
Austro (I, 21, 35, 42; VI, 76; X, 92, 121, 141) der Südwind, der Süden überhaupt.
Avas (X, 126) Volksstamm im Oriente.
Axio (III, 13) der Fluss Varadi.
Azenegues (V, 6) Volksstamm in Afrika (Guinea).

Babel (IV, 64; VI, 74; VII, 45) Stadt, bekannt durch den Thurmbau (Genes. XI).
Babylonia (III, 41) = Babylon, Hauptstadt Babyloniens am Euphrat.
Baçaim (X, 61) ‚o forte, fester Platz zwischen Chaul und Dio.

Bacanor (X, 59) Ort an der Küste von Malabar.
Baccho (I, 30, 39, 97, 104; II, 12, 39; III, 21; IV, 27; VI, 10, 15, 86; VIII, 4, 49; IX, 39, 46). Bakchos, Gott des Weines.
Bactra (II, 53) ‚scythico e robusto' cf. Verg. Aen. VIII, 685 sqq.
Bactro (VI, 60) der Fluss Oxus, jetzt Gihon in der Tartarei.
Badajoz (III, 66, 68) Grenzfestung in Estremadura.
Balduino (X, 49) ‚o ferreo, ein Ritter des Kaisers Carl II., der ihm seine Tochter Judith entführte, worauf der Kaiser ihm verzieh und ihm Flandern gab.
Banda (IX, 14; X, 133) ostindische Inselgruppe, die sich den Seefahrern auf mehrere Meilen durch ihren Wohlgeruch ankündigt.
Barbaria (V, 6; VII, 24; VIII, 38) Berberei 21,000 □ Meilen (Afrika).
Barbora (X, 50) reicher Ort in Afrika.
Barem (X, 41, 102) Insel von Ormuz mit Perlenfischerei.
Baticalá (X, 66) fester Platz an der Küste von Malabar.
Beadala (X, 65, 66) Stadt bei Comorn.
Beatriz (IV, 7) Tochter Ferdinands von Portugal, mit Johann von Castilien vermählt.
Beja (III, 67, 76, 85) Stadt in Alemtejo.
Belem (X, 12) Flecken.
Belizario (X, 22) Belisar, Feldherr des Kaisers Justinian (527—565), der Sage nach geblendet.
Bellona (VIII, 27) die altitalische Kriegsgöttin, sabinischen Ursprungs (= griech. Enyo)
Bengala (VII, 20; X, 121) Bengalen (Calcutta) zwischen Nipal und dem bengal. Meerbusen.
Benjamin (III, 140) jüdischer Stamm.
Benomotapa (X, 93) ‚o grande imperio' Monomotapa, einst mit reichem Handel (De Barros, Dec. I, LX, c. 1 f. 118)
Betico (IV, 46) Adjectiv zu
Betis (III, 19, 60, 85) der Quadalquivir.
Bibli (IX, 34) ein Mädchen von Milet bekannt durch ihre Liebe zu ihrem Bruder Kaunos.
Bintão (X, 57) ‚reino' in Indien.
Bipur (X, 14) Ort an der Küste von Malabar.
Biscainho (IV, 10) adj. von Biscaia (a gente B).
Bohemios (III, 11) die Böhmen.
Bolonhez (III, 94) der Graf; Alfonso, der Bruder des Königs Sancho von Portugal.
Bons Signaes (V, 78) Fluss.
Bootes (III, 71) ‚gelado' ein nördliches Gestirn.
Boreas (I, 35; III, 49; V, 9; VI, 31, 76, 88, 89) der „brausende" Nordwind.
Borneo (X, 133) die grösste Insel (11,300 □ M.) der alten Welt, eine der 4 grossen Sundainseln.
Brahmene pl. es. (VII, 40, 58; X, 112, 116) Priester der Hindu (Ostindien).
Bramás (X, 126) Völkerschaft dem König von Sião unterworfen.
Brasil (X, 63) Brasilien; auch X, 140, 2 gemeint.
Brava (X, 39) Stadt an der Küste von Melinde.
Bretanha (III, 58) ‚fria' Britannien.
Briareo (VII, 48) Briareos, ein Riese mit 50 Köpfen und 100 Armen.
Brigo (IV, 8) Sohn und Nachfolger des Jubalda, der viele Städte Lusitaniens bevölkerte.
Brusios (III, 10) sarmatische Völkerschaft.
Busiris (II, 62) ‚infamado', aegyptischer König, der die Fremden opferte.
Byzancio (III, 12; VII, 12) Byzanz (Constantinopel).

Cabo-Verde (V, 7) das grüne Vorgebirge, der westlichste Punkt Afrikas westlich von Senegambien.
Cadiz (IV, 57) Festung in Andalusien auf einer Landzunge; IV, 9. a nobre ilha.
Cadmo (VII, 9) Kadmos, Gründer von Theben; aus den von ihm gesäten Drachenzähnen erwuchsen die Sparten, wilde, bewaffnete Riesen.
Cães, os (X, 88) ein Sternbild.
Cafres (V, 47; X, 38) ‚asperos e avaros' ‚selvagens' die Kaffern (im Innern Südafrikas).
Calatrava (IV, 40) der ‚mestre de C.' ist Pedro Alvares Pereira gefallen gegen die Castilianer.
Calagate (X, 41) Ort von Sokotora nach Ormuz.
Calecut (II, 52; VI, 92; VII, 16, 22, 35; IX, 10; X, 14, 35, 64) Calcutta, am westlichen Arm des Ganges, die erste Handelsstadt Indiens.
Calliope (III, 1; V, 99; X, 8) die „Schönstimmige"; eine der neun Musen und die vorzüglichste.
Callisto (I, 51; V, 13; X, 139) ursprünglich die Artemis (der Ar-

kader); später als Nymphe gedacht, die von Hera in eine Bärin verwandelt und von Artemis getödtet ein Gestirn wurde. (X 139, 1, ist Amerika gemeint.)

Calpe (III, 23) Berg von Gibraltar.

Calypso (V, 89) Nymphe, des Okeanos und der Tethys Tochter, die den Odysseus auf ihrer Insel Ogygia zurückhalten wollte (Hom. Od. I, 14 sqq.).

Cambaia (VII, 21; X, 29, 34, 72, 106) reiche Landschaft.

Cambaico (X, 60, 40) Adjektiv zu Cambaia — X, 32 os Cambaicos, die Einwohner von Cambaia

Cambalão (X, 13) kleine Insel bei Cochim.

Camboja (X, 127) Landschaft vom Mekom durchflossen.

Camenas (V, 63; VII, 85) der römische Name der Musen; Camena ist eigentlich eine der weissagenden Quellnymphen (z. B. Egeria).

Campaspe (X, 48) Geliebte Alexander des Grossen, die er dem Apelles gab, als er seine Neigung zu ihr bemerkte.

Canace (VII, 79) verliebte sich in ihren Bruder Machareus, worauf ihr Vater Eolos ihr den Dolch gab, um sich selbst zu tödten. (cf. Ovid. Heroid. ep. II, 3 den hier imitierten Vers.)

Cananor (II, 52; VII, 35; X, 14). Landschaft in Indien an der Küste von Malabar.

Canará (VII, 21) Einwohner von Bisnaga.

Canarias (V, 8) ilhas, die canarischen Inseln, südlich von Madeira.

Candace (X, 52) Königin von Aethiopien zur Zeit des Augustus.

Cannas (IV, 20) Cannae in Apulien, bekannt durch Hannibals Sieg (216) über die Römer.

Canusio (IV, 20) Flecken in Apulien, nahe bei Cannä.

Cappadoces (III, 72) die Kappadocier (Kleinasien).

Carlos (I, 13; VII, 7) Carl der Grosse (768—814); (nach anderen (I, 13) Carl VII. (1422—1461) — Carl V. ist I, 17, 2 gemeint.

Carmania (IV, 65) Landschaft in Indien.

Carneiro (VIII, 67) der Widder (= heisse Zone).

Carpella (X, 105) alter Name des Cap Jasque.

Carreta (X, 88) Sternbild.

Carthago (X, 8) auf der Nordküste Afrikas von den Phöniciern gegründet.

Caspio adj. kaspisch I, 60 os aposentos C. = Scythien; III, 23 a C. serra; VII, 12 C. montes.

Cassiopea (X, 88) Sternbild.

Castella (III, 19, 37, 99, 105, 108; IV, 6, 7, 42, 57; VI, 47, 56; VII, 29; VIII, 25, 27, 29; X, 139) Castilien seit 1230 mit Leon zu einem Reiche vereint.

Castelbranco (X, 101), Dom Pedro de C., Befehlshaber von Ormus, der die Türken mehrfach besiegte.

Castelhano subst. I, 25; III, 19, 34, 36, 112, 114, 138; IV, 7; VIII, 14, 22; der Kastilier (VIII, 22 Pedro Fernandez de Castro) — plur. os

Castelhanos (IV, 24, 47; VIII, 35) — adj. (III, 25, 37, 99, 101; IV, 28, 41; VIII, 34) kastilisch.

Castro (I, 14; X, 67, 69) Dom Ioão de Castro der vierte Vicekönig von Indien (1545).

Catharina (X, 43, 99) die heilige Katharina, deren Grab sich am Berge Sinai findet.

Cathigão (X, 121) Stadt in Bengalen.

Catilina (IV, 33) Lucius, Sergius bekannt durch seine Verschwörung gegen den röm. Staat; fiel 65 v. Ch.

Catual (VII, 44, 46, 55, 66; VIII, 1, 43, 78, 81, 83, 86, 94. pl. **Catuaes** (VIII, 56, 76) ‚um regedor do reino' oberster Beamter in Malabar.

Cauchichina (X, 129) das Reich Cochinchina (Südosten Hinterindiens).

Caudino (VIII, 15) adj. ‚forcas Caudinas' die Caudinischen Engpässe, wo (321) die Samniten das römische Heer einschlossen.

Ceilão (VII, 19; IX, 14; X, 107, 136) die Insel Ceylon durch die Palksstrasse von Vorderindien getrennt.

Ceita (IV, 34, 49, 52; VIII, 37) Ceuta an der Meerenge von Gibraltar (Marokko).

Celo (VI, 21; IX, 85) ein Gott.

Centimano (V, 51) einer der hundertarmigen Söhne der Erde (Hekatoncheiren).

Cephisio (IX, 60) adj. cephisisch. — a flor C. die Blume, in welche Narkissos, der Sohn des Flussgottes Kephissos und der Nymphe Leiriope verwandelt wurde. Ovid. Met. III, 339.

Ceres (III, 62; VIII, 32; IX, 91) Demeter, Tochter des Kronos und der Rhea, der die Früchte zugeschrieben wurden.

Cesar (I, 13; IV, 59; V, 96; VIII, 11) — pl. Cesares (V, 95) Cajus

Julius Caesar, 44 ermordet. (III, 71: teu sogro).
Cesareo adj. (III, 16) os triumphos, die Triumphe Caesars — I, 7 Caesarianisch.
Cezimbra (III, 65) Ort am Meere in Portugal.
Chalé (VII, 35, X, 61) fester Platz von Cunha gebaut.
Champá (X, 129) Küstenland.
Charybdis (II, 45; VI, 82) Charybdis und Skylla, gefährliche Strudel. Hom. Od. XI, 235 sqq.
Chaul (X, 29, 60) Stadt in Adekan.
Chersoneso (VIII, 18; X, 123) χερσόνησος eine Halbinsel überhaupt (vorzugsweise die thrakische).
Chiamai (X, 125) grosser See, aus dem der Menam, der in den Meerbusen von Siam fliesst, kommt.
Chimera (VII, 47) die Chimaira, ein feuerschnaubendes Ungeheuer, wohl Symbol der vulkanischen Natur Kleinasiens, wo sie hauste.
China (II, 54; VII, 41; X, 129, 131) ‚longinquo', das chinesische Reich.
Chios (V, 87) das heutige Skio (Insel bei Kleinasien).
Chloris (IX, 62) die „Blühende", die Blumengöttin, Frühlingshore; Gemahlin des Zephyros.
Christão, subst. (I, 99; II, 10) der Christ pl. **os Christãos** (I, 79, 101; II, 6, 7, 13; III, 110, 112; VII, 7, 9) die Christen. — adj. (VI, 1; VII, 14, 47; X, 92) christlich.
Christo (I, 7, 63, 102; II, 6, 14; III, 87, 109; IV, 48, 62, 100; V, 13; VII, 3, 5, 10, 15; VIII, 18; IX, 15; X, 95, 108, 111, 112, 117) Jesus Christus.
Christovão (X, 96) D. Christovão da Gama von seinem Bruder Estevão, damals Vicekönig von Indien, dem Kaiser der Alexins gegen den König von Zeila zu Hülfe geschickt.
Cicero (V, 96) Marcus Tullius Cicero, der berühmteste römische Redner, † 43 v. Chr.
Cicones (V, 88) Völkerschaft in Thracien. Hom. Od. IX, 39 sqq.
Cilicios (III, 72) ‚atroces' Bewohner der Landschaft Kilikien in Kleinasien.
Cingapura (X, 125) Sincapore auf der Halbinsel Malakka.
Cintra (III, 56; V, 3) ‚fria' portug. Ort an der Küste des Oceans (Estremadura).
Cinypho (VII, 7) Fluss in Afrika: entspringt in Biledulgerid und ergiesst sich ins mittelländische Meer.
Cinyras (IX, 60; X, 135) König von Cypern, Vater der Myrrha, von der er den Adonis erhielt.
Cinyrea (IX, 34) Myrrha.
Circe (VI, 24) Kirke, Tochter des Helios und der Perseis, eine verderbliche Zauberin. Hom. Od. X, 135 sqq. — pl. Circes (V, 88)
Cleoneo (IV, 80) ‚o leão Cl.' der von Herakles getödtete Löwe.
Cleopatra (III, 141) die schöne Königin Aegyptens, von der Antonius gefesselt wurde.
Clycie (III, 1) Name einer Nymphe.
Cochim (II, 52; VII, 35; X, 13) Cochin, auf der Küste Malabar, wo (1502) die Portugiesen die erste europäische Niederlassung gründeten.
Cocles (X, 21) Horatius Cocles, im Kriege gegen Porsenna Vertheidiger der Pfahlbrücke.
Cocyto (III, 117) Kokytos („Klage") unterirdischer Fluss.
Codro (IV, 53) der letzte athenienisische König, bekannt durch seine Todesweihe, durch die er den Seinigen zum Siege verhalf.
Coelho Nicolao (IV, 82; V, 32; VI, 75; VII, 77; VIII, 88) einer der Begleiter des Vasco da Gama.
Coimbra (III, 97) port. Universitätsstadt in Ober-Beira.
Colchos (III, 72; V, 28) Kolchis in Asien, woher das goldene Vlies kam.
Colophonia (V, 87) Kolophon; Stadt, die sich als Geburtsort Homers rühmte.
Columbo (X, 51) Hafen auf Ceylon.
Comori, **Comorim** (früher) **Cori** (X, 65, 107) Cap Ceylon gegenüber gelegen.
Conca (IV, 10) Ort in Altcastilien.
Congo (V, 13) ‚o mui grande reino' Reich in Afrika.
Constantino (III, 12) Constantin der Grosse († 337), der die Regierung nach Byzanz verlegte, das er Constantinopel nannte. — I, 60 Constantin IX Paläologus, der letzte Kaiser, der bei der Einnahme seiner Hauptstadt (29. Mai 1453) fiel.
Cordova (VIII, 24) Stadt in Andalusien; altes Königreich.
Cori (X, 107) s. Comori.
Coriolano (IV, 33) ‚nobre', Cajus Marcius (cc. 500 v. Ch.) heftiger Gegner des Volkes; führte verbannt die Volsker gegen seine Vaterstadt Rom.
Cornelio (IV, 20 Publius Cornelius Scipio Afrikanus, der Besieger des Hannibal.

Correa Dom Paio (VIII, 26) ‚mestre de Calatrava', ein port. Bekämpfer der Mauren.
Corvino (VI, 68) Valerius Messala, bekannt durch seinen Zweikampf mit einem Gallier.
Coulão (VII, 35) Landschaft in Malabar.
Coulete (X, 55) Ort in Malabar nicht ferne von Calecut.
Cranganor (VII, 35) in Malabar.
Credulidade (IX, 45) Personifikation der Leichtgläubigkeit.
Ctesiphonio (II, 113) Ktesiphon, der Baumeister des ephesischen Tempels der Diana.
Cuama (X, 93) ein Fluss aus den Niederungen des Nils stammend.
Cuitale (X, 59) Befehlshaber der Mauren in Indien.
Cunha (X, 39,) Tristão da; (X, 61) Nachfolger des Lopo Vaz de Sampaia als Statthalter von Indien (1506).
Cupido (II, 42; IX, 23, 44) pl. os Cupidos (IX, 36). — Cupido, der Eros der Griechen.
Curcio (IV, 53) Marcus Curtius, ein römischer Ritter, der (362 v. Ch.) sich in einen Abgrund stürzte, um sein Land zu retten.
Cybele (IX, 57) Kybele (Kybebe), eine ursprünglich asiatische Göttin.
Cyclopas (II, 90) die Kyklopen, Söhne des Poseidon mit einem Auge auf der Stirne.
Cylleneo (II, 57, 71) Hermes, der Kyllenier, in einer Grotte des arkadischen Berges Kyllene von Maia, der Tochter des Atlas, geboren.
Cynosura (X, 88, 125) ein Sternbild (der grosse Bär).
Cypro (V, 5) Insel im Mittelmeer (290 □ M.) der Aphrodite geweiht, die desshalb Cypria heisst.
Cyro (X, 48) um 560 Gründer der altpersischen Monarchie.
Cysne (X, 88) ein Sternbild.
Cythera (V, 5) eine der jonischen Inseln, jetzt Cerigo; einst der Aphrodite geheiligt; ebenso
Cythere (I, 100) daher
Cytherea (IX, 53) die Göttin Aphrodite.

Dabul (X, 34, 72) Stadt in Cambaia.
Dalmatas (III, 14) die Dalmatier, Bewohner von Dalmatien.
Damão (X, 63) ‚soberbo e armado' Stadt in Guzarate (Indien).
Damasceno (III, 9) adj. von Damaskus.
Dano (III, 10) ‚frio' der Däne.
Danubio (III, 11) die Donau.
Daphne (III, 1; IX, 56) Nymphe; Tochter des thessalischen Flusses Peneios, in einen Lorbeer verwandelt.
Dardania (III, 57; VI, 19) Troja nach Dardanos, einem Sohne des Zeus.
Dario (X, 21) Darius Hystaspis, der (490) bei Marathon geschlagen wurde.
David (I, 71; III, 140) der König der Juden, Sauls Nachfolger.
Decanijs (VII, 20) Plateau von Dekan (Vorderindien).
Decios (IV, 53 ‚leaes'; eine durch ihre patriotische Todesweihe berühmte römische Familie.
Dedaleo (VII, 51) adj. daedalisch, kunstreich, von Daidalos, dem Vater des Ikaros (s. auch IV, 104, 3).
Delijs (VII, 20) Völkerschaft in Vorderindien.
Delio (V, 91; VII, 67) ‚formoso mancebo' der delische Gott (Sonnengott) Apollo, so genannt von
Delos (IX, 53), der Insel im aegaeischen Meere, wo Leto ihn und Diana geboren hatte.
Demodoco (X, 8) der Sänger Demodokos am Hofe des Alkinoos bei den Phaeaken, der (Hom Od. VIII, 43 sqq.) die Thaten des Odysseus singt.
Diana (II. 35, 113; IX, 26, 91; X, 89) die Göttin Artemis.
Dina (III, 140) Tochter Jakobs und der Lea, von Sichem entführt. (Genes XXXIV.)
Diniz (III, 96; IV, 17) König von Portugal, dem der älteste cancioneiro zugeschrieben wird.
Dio (II, 50; X, 35, 60, 61, 62, 67) Dio, Stadt auf der Halbinsel Guzerat (Hindostan).
Diogo (VIII, 94) Dias, von Vasco da Gama in Calecut zurückgelassen.
Diomedes (II, 62) ‚o cru' Tyrann von Thrakien, der seine Pferde mit Menschenfleisch nährte.
Dione (II, 21, 33; IX, 36) Mutter der Aphrodite; dann diese selbst.
Dite (IV, 80) der Unterweltsgott Pluto.
Dofar (X, 101) Stadt an der Küste von Arabia felix, bekannt durch seinen Weihrauch.
Dorcadas (V, 11) die Gongoren; nach anderen die St. Thomasinseln.
Doris (I, 31; V, 53, 55; VI, 20) die „Geberin", Tochter des Okeanos, Mutter der Nereiden.
Doto (II, 20) eine Nereide (Verg. Aen. IX, 102).
Douro (IV, 28; VI, 53, 54; VIII, 3) Fluss, der ins atlant. Meer mündte.

Duarte (IV, 41) Eduard I, der elfte König von Portugal.

Eborense (III, 107) adj. ‚os campos eb.' die Umgebung der Stadt Evora.
Egas (I, 12; III, 35, 36, 37; VIII, 13) Moniz, der Erzieher des Königs Alfons Henriques.
Egeo (V, 51) Aigeus, hier ein Sohn der Erde.
Egypcio (III, 9; IX, 2; X, 3, 43) adj. aegyptisch — a Egypcia (II, 53) Cleopatra.
Egypto (X, 29, 98) Aegypten; dafür Egyto (IV. 62; X, 73).
Elvas (III, 62; VIII, 34) Stadt in Alemtejo.
Elysio (VIII, 3) Ort der Seligen.
Emanoel s. Manoel.
Emathio III, 73) adj. ‚o campo E.' Landstrich in Griechenland (Pharsalus).
Emodio (VII, 17) ein Zweig des Kaukasus.
Encelado (V, 51) ein Sohn der Erde, auf den Athene die Insel Sicilien warf.
Eneas (I, 12; II, 45; III, 106; V, 86, 94; IX, 91) Aineias, Sohn des Anchises und der Aphrodite, Held der Aeneis. — plur. ‚pios E.' (V, 98).
Eolo II, 105; III, 8; V, 15; VI, 35) Aiolos, der „Bewegliche", Windgott.
Eoo (VI, 38; VIII, 84) adj. östlich (= ἠῷος)
Ephyre (IX, 76) ‚exemplo de belleza', eine Nereide.
Epicureo (VII, 75) ‚seita' die Anhänger des Epikuros.
Erinnys (VI, 43) die Erinnye; die Göttin des zürnenden Fluches und der rächenden Strafe, Dienerinnen des Hades.
Erycina (II, 18; IX, 66) Beiname der Aphrodite.
Erymantho (IV, 80) ‚o porco de E.' der erymanthische Eber, den Herakles als dritte Arbeit erlegte.
Erythreo (IV, 63; VI, 81; IX, 2; X, 52) adj. das rothe Meer bezeichnend.
Escandinavia (III, 10) ilha; die Skandinavische Halbinsel.
Estevão (X, 63) da Gama, der 1540 das Gouvernement von Indien übernahm und 1542 an Affonso de Souza abtrat
Estrabo (V, 50) Strabon, griech. Geographe zu Amasea in Kappadocien 60 n. Ch. geboren.
Estremadura (III, 61) spanische Provinz
Estyge (IV, 80) die Styx, der „verhasste" Todtenfluss, ein Arm des Okeanos; dazu das Adjektiv
Estygio (IV, 40; VIII, 11) ‚lago'.
Ethiope (V, 32) ein Aethiope (V, 62) pl. Ethiopes, Bewohner von
Ethiopia (I, 43; IV, 62, 101; V, 6; VII, 61) das Land Aethiopien; dazu das Adjektiv
Ethiopico (I, 42) ‚costa eth.' aethiopisch.
Etna (VI, 13) der feuerspeiende Berg Aetna in Sicilien.
Euphrates (IV, 64, 102) asiat. Fluss, der sich mit dem Tigris vereinigt (Schat el Arab) und in den persischen Meerbusen ergiesst.
Europa (I, 64; II, 80; III, 6, 17, 20; VII, 20; VIII, 5; X, 92) der Erdtheil Europa.
Europa (II, 72) Tochter des Phoinix, die Zeus als Stier raubte.
Europeo (VI, 1) adj. ‚europeas terras' europäisch.
Eurydice (VII, 29), Frau des Orpheus, der sie aus dem Hades zu holen ging.
Eurystheo (IV, 80) Eurystheus von Mykenae, der dem Herakles die zwölf Arbeiten auftrug.
Euxino (IV, 83) adj. ‚o mar E.' das schwarze Meer.
Evora (IV, 3) Stadt in Alemtejo. (III, 63 ‚a nobre cidade'.)

Fabio (X, 21) Quintus Fabius Cunctator, Feldherr der Römer gegen Hannibal.
Falerno (X, 4) ‚italico' Wein von Falernum in Latium.
Fama (VIII, 11; IX, 45) Personifikation des Gerüchtes; bei Homer als Ossa.
Fartaque (X, 100) Hauptstadt an der Küste von Arabia felix.
Favonio (X, 1) der regenbringende West (= gr. Zephyros)
Federico (III, 87) ‚o roxo' Friedrich I. Barbarossa (1152—1190) deutscher Kaiser.
Fernandes (VIII, 34) s. Gil. F.
Fernando (III, 138, 143; IV, 1, 2, 7, 8) Ferdinand (1368—1384) Nachfolger des D. Pedro — (IV, 52) Bruder des Königs Eduard, von den Sarracenen (unter Sala-Ben-Sala) als Geissel im Gefängnisse bis zu seinem Tode gehalten. — (IV, 57) Ferdinand von Aragon. — (X, 70) Fernando de Castro, der 19 Jahre alt sich opferte. — Fernando III. von Leon ist der III, 73, 8 genannte genro.

Fernão Martins (V, 77) s. Martins.
Fernão Velloso (V, 30) s. Velloso.
Flora (II, 72; IX, 40, 61) die Hore des Frühlings, Gemahlin des Zephyros (= gr. Chloris).
Fortunadas (V, 8) Name der canarischen Inseln.
França (I, 13) das Frankenreich. — (IV, 61; VI, 56; VIII, 26) Frankreich (V, 96) das alte Gallien.
Francez, subst. (VI, 68) der Franzose; pl. os Francezes (IV, 24). — adj. (II, 97; X, 63) französisch.
Francisco (X, 34) d' Almeida, Vicekönig von Indien.
Frandes (VI. 56, 68; X, 49) Flandern. (Die VI, 68 genannte Gräfin von Flandern ist die Infantin Isabella, Tochter Johann I.)
Fuas (I, 12; VIII, 17) Dom F. Roupinho, port. Ritter, der 1180 einen maurischen König (Gamir) gefangen nahm, auch späterhin in Seeschlachten sich auszeichnete.
Fulvia (V, 95) die Gemahlin des Marcus Antonius.

Gabelo (V, 78) Gegend in Medien, wohin Tobias von dem Erzengel Raphael geführt wurde
Gaditano (II, 55) adj mar, das Meer von Cadiz.
Galatea (VI, 90) ‚formosa' eine Nereide vom Kyklopen Polyphemos geliebt (Theocr. Idyll. VI und XI).
Gallego (III, 9) pl. Gallegos (IV, 10 VIII, 9) Bewohner der Provinz Gallicia.
Gallia (VI, 56) Frankreich.
Gallo (VII, 6) pl. Gallos (X, 152) Franzose. — Der VII, 6 genannte ist Franz I., der die Türken unterstützte
Gama (I, 12, 84; II, 16, 29, 70, 97, 103, 107; III, 1, 3; V, 99; VI, 93; VII, 44, 46, 59, 66, 73, 75, 77; VIII, 6, 11, 43, 56, 64, 76, 80, 84, 86, 88, 92, 94; IX, 5, 7, 8; X, 3, 10, 53, 62, 75, 71) Vasco da G, mit den Epithetis ‚illustre, nobre, forte, sublime, discreto, cauto, claro, felice'. — Paulo da Gama (IV, 81; VI, 75) Bruder des Vasko. — Vasko da Gama zog auf Manuels Befehl am 8. Juli 1497 aus, um den Seeweg nach Ostindien zu entdecken. Nach der Umschiffung des Vorgebirges der guten Hoffnung lief er in Moçambique ein und kam im Mai 1498 nach Calcutta. — 1502 führte er eine zweite Reise aus; 1524 erhielt er nach Errichtung zahlreicher Stationen das Vicekönigthum (cf. G, Argumento historico da Lusiada p. 18—46).
Gambea (V, 10) ‚curvo' Fluss Afrikas, am Konggebirge entsprungen durchfliesst er Senegambien und mündet in den atlantischen Ocean.
Gange (VII, 17, 20; X, 33, 105, 118) asiatischer Fluss, vom Himalaya entspringend durchfliesst er Vorder-Indien und mündet in den Busen von Bengalen; dafür auch
Ganges (IV, 74; VI, 92; VII, 1; X, 120, 121).
Gangetico (II, 55; VII, 19, 54; VIII, 78; X, 120) adj. zum Ganges gehörig.
Garumna (III, 16) ‚frio' der Fluss Garonne.
Gate (VII, 22 Berg im Reiche Narsinga.
Gedrosia (IV. 65) Provinz des altpersischen Reiches (Beludschistan).
Georgianos (VII, 13) Volksstamm in Kleinasien.
Germania (VIII, 37) Deutschland.
Germanico (III, 58. 86) adj. deutsch.
Germano (subst. III, 88; VI, 69; VIII, 18) der Deutsche.
Gerum (X, 41, 103) die Insel Ormuz.
Gidá (X, 50, 99) Stadt an der Küste Arabiens.
Gigantes (II, 112) ‚soberbos' die Riesen, Söhne der Erde, deren Kampf mit den Göttern später oft mit dem der Titanen vermengt wurde.
Gil Fernandes de Elvas (VIII, 34) wurde hinterlistiger Weise von Paio Rodrigues Marinho, der den Castillianern gegen seinen König Johann I. half, gefangen; losgekauft erschlug er dann den treulosen Paio.
Giraldo (III, 63; VIII, 21) ‚Sempavor.' ein port. Ritter; über die hier erwähnte Heldenthat s. Frei Bernardo de Brito, Chronica de Cistér (V, 12).
Glaphyra (V, 95) Geliebte des Marcus Antonius.
Gnido (V, 5) Gnidos (oder Knidos) Stadt in Karien.
Goa (X, 42) port. Besitzung auf der Westküste von Vorder-Indien.
Gonçalo Rodrigues Ribeiro (VIII, 27; port Ritter, durch seine abenteuerlichen Züge berühmt.
Gonçalo da Silveira (X, 93) Jesuitenpater, der 1561 von den Afrikanern erschlagen wurde.
Gothfredo (III, 27) Gottfried von Bouillon, der erste König Jerusalems (1099).

Gothico (III, 100) Gothisch, Volk des Attila.
Granada (III, 19, 100, 102) Granada, das alte Königreich; daher
Granadil (III, 114) Einwohner von Granada.
Grecia III, 13; VII, 54; X, 19) ‚clara, illustre' Griechenland.
Grego subst. I, 3 (Odysseus). — os Gregos (I, 24; II, 44; III, 7; VII, 13; X, 60) die Griechen — adj. (V, 97; VI, 19; VII, 77) griechisch.
Guadalquibir (IV, 9) Fluss im südwestlichen Spanien
Guadiana (IV, 28; VII, 70; VIII, 3, 29) ‚fresca' Fluss im südwestl. Spanien und südöstl. Portugal.
Guardafu (X, 97) Cap auf der Ostspitze Afrikas, am Busen von Aden (s. Arómata).
Gueos (X, 126) ‚de selvages vidas' Völkerschaft, dem Reiche Siam unterworfen.
Guido (III, 87) letzter König von Jerusalem.
Guimarães (III, 3', 35).
Guipúscua (IV, 11) (Lipuscua) in Biscaya.
Guzarates (X, 60) Einwohner von Cambaia

Halcyoneas (VI, 77) ‚aves' die Meereisvögel.
Hammon (VII, 48) ‚Jupiter H. em Libya, ein aegyptischer Gott, als Widder dargestellt.
Harpyas (IV, 80; V, 89) ‚duras' die „wegraffenden" ursprünglich Personifikationen des Sturmes, später dann hässliche Jungfrauen, den alles wegraffenden schmutzigen Hunger darstellend.
Hebreo (I, 53; IV, 12) adj. hebräisch.
Heitor (X, 60) Hektor, der älteste Sohn des Königs Priamus von Troja, mit dem Camões an obiger Stelle den *Heitor da Sylveira* vergleicht, der sich vor Dio auszeichnete.
Helena (III, 140) ‚a bella' die Gemahlin des Paris, die Menelaos nach Troja entführte.
Helicona (III, 97) Berg in Boeotien, Sitz der Musen (jetzt ‚Sagara').
Heliogabalo (III, 92) von 219—222 römischer Kaiser; üppig und schwelgerisch fiel er durch einen Aufstand der Truppen.
Helle (III, 12; VI, 63) Tochter des Athamas und der Nephele; flüchtete mit ihrem Bruder Phrixos auf dem goldenen Widder und fiel in den nach ihr benannten Hellespont.
Hellesponto (IV, 23) die Strasse der Dardanellen (s. Helle).
Hemo (III, 12) das Hämus- oder Balkangebirge in der Türkei bis an das schwarze Meer reichend.
Heniochos (III, 72) Völkerschaft in Sarmatien.
Henrique (III, 25, 27) König von Portugal zog nach Jerusalem. — (V, 4) der Seefahrer (1394—1460), Veranlasser der Entdeckungsreisen ‚generoso' — (VIII, 8) Graf von Portugal, dem Alphons VI. von Castilien seine Tochter Therese zur Ehe gab. — (VIII, 37) Infant von Portugal — (VIII, 18) ein deutscher Ritter, der für die Portugiesen kämpfte, als Alfonso Henriques Lissabon einnahm. — (X, 54) Henrique ditoso.
Henriques (IV, 16), Infant Affonso H., der die Spanier bei Valdevez besiegte.
Herculano (III, 23; IX, 21) adj. zu Hercules, von Herkules stammend; ebenso
Herculeo (IV, 9).
Hercules (VI, 1) Herakles, aus dem Geschlechte des Perseus, der grösste Held der griech. Sage.
Hercyno (III, 11) adj. hercynisch; montanha, das hercynische Waldgebirge.
Hermo (VII, 11) Fluss in Lydien.
Herostrato (II, 113) verbrannte, um sich einen Namen zu machen, den Tempel der Diana zu Ephesus.
Hespanha (I, 31; III, 17, 19, 23, 103; IV, 49, 55, 61; VI, 56; VII, 68, 71; VIII, 26, 45) ‚a nobre, Spanien; bisweilen auch für die ganze pyrenaeische Halbinsel.
Hespanhoes (V, 9) die Spanier.
Hesperia (II, 108; IV, 54; VIII, 61, 69) ‚ultima' Spanien; hierzu
Hesperico (III, 99) adj. hesperisch.
Hesperidas (II, 103; V, 8) „die Nymphen des Westens", welche die goldenen Aepfel besassen.
Hesperio (V, 8) Vater der Hesperiden.
Hierosolyma (III, 27; VII, 6) Jerusalem.
Hippocrene (I, 4) Quell der Musen am Helikon.
Hippotades (VI, 37), Aiolos, der Windbeherrscher.
Hispalico (VIII, 20) adj. von Sevilla.
Hispano (II, 97; III, 53, 101; VII, 25; VIII, 3, 93) adj. spanisch — os Hispanos (IV, 61) subst. die Spanier.
Hocem (X, 36) Mir.-H. Maurischer Admiral (cf. Barros, Decad. II.; liv. III, 5).
Homero (I, 12; V, 96) Homer — (V, 98) Homeros (s. auch V, 87, 1).

Hungaro (III, 28; VIII, 9) subst. der Ungar.
Hungria (III, 25) Ungarn.
Huno (IV, 24) subst. der Hunne (Attila).
Hyacinthino (IX, 62) adj. flores h. nach dem in eine Blume verwandelten Hyakinthos. Ovid. Met. X, 206.
Hydalcão (X, 72 ein indischer Fürst.
Hydaspe (I, 55; VII, 52) Fluss in Indien, hiezu
Hydaspico (III, 100) adj.
Hydra (IV, 80) brava, die von Herakles erlegte lernaeische Wasserschlange — (VIII, 71) ein Sternbild.
Hyperboreo (III, 8) adj. os montes, H., nördliche Gebirgsketten.
Hyperionio (I, 59) ‚claro'; Helios.

Iberino (VI, 48) adj. oder
Iberio (IV, 54) adj. iberisch.
Ibero (III, 60) der Ebro.
Idalio (IX, 25 adj. os I. montes der Artemis geweiht.
Idea (II, 35) adj. selva, Wald am Berg Ida, bei Troja, wo Paris das Urtheil fällte.
Illyrico II, 45) adj. illyrisch.
India (I, 31, 32, 40, 52, 64, 70, 96, 97; II, 46, 63, 70, 80; IV, 65, 101; V, 34, 69; VI, 6, 93; VII, 31, 51, 60; IX, 1, 39; X, 27, 37, 58, 66) Indien.
Indiano (I, 74, 97; VI, 32; X, 107) adj. oder
Indico (VII, 1, 18, 66; IX, 3; X. 10, 63) adj. seltener
Indo (I, 55) adj. indisch.
Indo (I, 32, 52, 95; II, 47; IV, 64, 74; VII, 17, 25; X, 33, 105, 118) der Fluss Indus (Sind), der durch Persien in das arabisch-persische Meer geht (340 M.).
Inglaterra (I, 12; VI, 42, 43, 54, 57, 67) England.
Inez (III, 120, 123, 132, 135) Ines de Castro, 1344 heimlich mit dem Infanten Dom Pedro vermählt, worauf sein Vater Alfons IV. sie tödten liess.
Inglez (VI, 47; VII, 5) subst. der Engländer — (VI, 65) a I. die Engländerin (VI, 58, 60; X, 152) os I. die Engländer — (IV, 47; VI, 44, 53, 59, 60) adj. englisch. Die IV, 47 genannten zwei englischen Prinzessinnen sind Töchter des Herzogs von Lankaster. Filippa heirathete Johann I., König von Portugal, Katharina Heinrich III., Sohn Johann I. von Castilien. — Der VII, 5 genannte ist Heinrich VIII. von England.

Ismael (IV, 63) Sohn Abrahams und der Hagar. (Gen. 16).
Ismaelita (IV, 100; VII, 5) subst. der Ismaelite; (I, 8; III, 85) adj. ismaelitisch, überhaupt für muhamedanisch.
Ismar III, 44) ein maurischer König.
Israel (IV, 64; VI, 81) das Volk Israel.
Istro (III, 12) die Donau.
Italia III, 10, 100; IV, 61; VIII, 8) Italien.
Italianos (IV, 24) subst. Italiäner.
Italico (II, 98; X, 4) adj. italiänisch.
Italos (X, 152) subst. Italiäner.
Ithaco (II, 82) subst. Odysseus von Ithaka (Theaki).

Jalofo (V, 10) Provinz von Senegambien.
Jano (VII, 48; X, 82) ‚antiguo' eine der ältesten römischen Gottheiten, in den Gesängen der Salier der „Gott der Götter".
Jaos (X, 44) ‚valentes' Volk von Java.
Japão (X, 131) Japan
Japeto (IV, 103) Vater des Prometheus.
Jaquete (X, 106 Ort an der Küste von Cambaia.
Jasque (X, 105) Cap Carpella.
Jesu (III, 117; X, 108, 115) Jesus.
Joanne statt João. conf. Einl. p. XXII, 2). (I, 13; IV, 2, 12, 23, 25, 36, 37, 45, 58; VIII, 37) Johann von Portugal (1383—1433); natürlicher Sohn Peter I.; er begann 1383 die unecht burgundische Linie; er ist auch VIII, 71, 2 gemeint (IV, 60, 66) Johann II (1481—1495), unter dem das Vorgebirge der guten Hoffnung entdeckt wurde (1486) — João III. (1521—1557) ist I, 17, 2 gemeint.
João (IV, 3; VI, 43) Johann I. (s. oben).
Jopas (X, 8) ein alter griechischer Sänger.
Jordão (III, 27) der Jordan in Palaestina.
Jove X, 4) Jupiter.
Juba (III, 77) ‚nobre' König von Mauretanien, liess sich von Caesar bei Thapsus, wo er für Pompejus stritt, besiegt, von einem Sclaven tödten.
Judaico (VII, 39, 80) adj. jüdisch; der rei (VII, 80) ist *Ezechias*.
Judea (III, 27, 72, 86; IX, 34). Judaea.
Juditha (X, 49) s. Balduino.

Juliano (IV, 49) adj. Graf Julian war der Vater der Cava, welche Rodrich missbraucht hatte; als er statt Ehrenrettung verbannt wurde, rief er aus Rache die Mauren nach Spanien.
Julio (IV, 32) Julius Caesar.
Juno (V, 15; IX, 91; X, 82) Hera, Gemahlin des
Jupiter (I, 23, 30, 37; III, 100, VII, 48, 54; VIII, 8; IX, 91; X, 7, 82, 83, 89) Zeus, der Vater der Götter und Menschen.

Lacedemonios (X, 21) subst. die Lacedaemonier.
Lacio (V, 97) adj. von Latium.
Lageio (V, 2) adj. a L. Cleopatra aus dem Hause der Lagi.
Lamo (X, 39) Stadt an der Küste von Melinde.
Lampecia (V, 91) Lampetia, Nymphe, Tochter des Helios, Schwester des Phaeton (Ov. Met. II, 349).
Lampetusa (I, 46) Schwester des Phaeton.
Landroal (VIII, 33), Pero Rodrigues do L. portug Held.
Laos (X, 126) Völkerschaft in Siam.
Lappia (III, 10) ‚fria' Lappland.
Lara (VIII, 22; X, 104) Stadt in Persien.
Larisseo (X, 1) adj. a L. die Nymphe Koronis aus der thessalischen Stadt Larissa, Geliebte des Apollo und durch ihn Mutter des Asklepios.
Latino (I, 33) adj. lateinisch.
Latona (II, 89; IX, 53, 62) Leto, Mutter des Apollo (Ovid. Met. VI, 332).
Leão (III, 19, 70; VI, 56) das Königreich Leon.
Lebre (VIII, 71; X, 88) ein Sternbild.
Leiria (III, 55; VIII, 19) Stadt in Portugal.
Leoa (V, 12) ‚serra asperrima' Gebirge in Afrika.
Leonardo (VI, 40; IX, 75) ‚soldado bem disposto, manhoso, cavalleiro e namorado' Soldat des Vasco da Gama.
Leonez (IV, 8; VIII, 9) adj. von Leon. — (III, 70) subst. os Leonezes, die Leoneser.
Leonor (III, 139; IV, 4) Leonor Telles de Menezes, welche der König Ferdinand ihrem Gatten João Lourenço da Cunha nahm und sich mit ihr verheirathete.
Lepido (III, 136) um 43 v. Ch. Triumvir mit Oktavian und Antonius.
Letheo (VIII, 27) adj. zur Lethe gehörig; — lei, das Gesetz der Vergessenheit.
Leucate (II, 53) Vorgebirge.
Leucothoe (III, 1) Nymphe.
Levante (II, 4; V, 61) der Osten ‚aurifero'.
Libitina (III, 83) ‚a triste' Venus Libitina, die Todesgöttin.
Libya (III, 128; VII, 48) ‚ardente' Afrika.
Linha (III, 71; X, 141) = Zone.
Lisboa (III, 57, 61, 88; VI, 7; VIII, 5, 18, 24; IX, 16) ‚nobre', ‚ingente' Lissabon. Die Einnahme L.'s durch Alfonso fällt 1147.
Livonios (III, 11) subst. die Liefländer.
Londres (VI, 57) London.
Lopes (VIII, 23) Martim, port. Held
Lotharingia (VIII, 9) Lothringen.
Lourenço (X, 27) ‚mancebo' aus dem Hause Almeida, Held vor Cananor.
Luiz (VII, 7) Ludwig IX., der heilige (1215—1270) König von Frankreich.
Lusitania (III, 21, 82, 95; IV, 6; VI, 43; VIII, 2) Portugal.
Lusitanico (IX, 38) adj lusitanisch.
Lusitano subst. der Portugiese (I, 83; II, 55, 58, 61, 69, 97; III, 34, 53, 101; VII, 26; X, 138) *plur. os L.* (I, 50, 94; II, 44; IV, 24, 50; VI, 48; VIII, 35, 59, 84; IX, 18, 40; X, 118) — adj. portugiesisch (I, 3, 6, 30, 48, 60, 73, 75; II, 50, 74, 102, 104; III, 2, 20, 26, 42, 99, 118; IV, 41; V, 71, 95, 100; VI, 2, 6; VII, 14, 24, 25; VIII, 30, 69, 77; IX, 12; X, 12, 51, 71, 107).
Luso, Lusus, ein Sohn oder Begleiter des Bakchos, Stammvater der Portugiesen (I, 24, 39, 62; II, 17, 103; III, 21, 51, 95; VI, 26; VII, 2; VIII, 2) darum auch **o Luso** subst. der Lusitanier (II, 48; III, 114; VII, 45; X, 18, 44), **os Lusos** (X, 27) für das ganze Volk.
Lycio, adj. (II, 27) lykisch: *l. gente*, die in Frösche verwandelten lykischen Bauern (Ovid. Met. VI, 320 ff.).
Lydia (VII, 11) Lydien.
Lyeo (I, 49; VI, 14, 20) Lyaios, Beiname des Bakchos.
Lyra (X, 88) ein Sternbild.
Lysa (III, 21) s. **Luso**.

Macedonia (III, 13) Macedonien.
Macedonio (I, 75) der Macedonier; o grão M. Alexander.
Maçuá (X, 97) Stadt und Insel im chinesischen Meere.
Madagascar (X, 137) die grösste afrikanische Insel.

Madeira (V, 5) Insel, westlich von Marokko.
Mafamede (I, 99, 102; II, 50; III, 113; IV, 48. VIII, 19, 47) *‚torpe‘ ‚falso‘* Mahomet; dafür auch:
Mafoma (II, 108; VII, 17) *‚vicioso‘*.
Mafra (III, 56) Lustschloss nahe bei Lissabon.
Magalhães (X, 140) Seefahrer († 1520 ; er ist auch II, 55, 7 und X, 138, 6 gemeint.
Magno (IV, 62) oder aus Reimrücksichten **Manho** (IV, 32), Beiname des Pompejus.
Magriço (I, 12; VI, 53, 59, 62. 68, 69) ‚grão‘, Alvaro Gonçalvez Coutinho, ein port. Held.
Mahometa subst. (III, 89; IV, 49; VII, 24) Muhamedaner. — adj. (III, 19; X, 108) ‚gente‘, ‚reino‘ muhamedanisch.
Mahometico (VII, 33; VIII, 64) adj. muhamedanisch.
Maia (II, 56) eine arkadische Nymphe, Tochter des Atlas, Mutter des Hermes.
Malabar (VII, 16, 21, 32) das Land Malabar in Vorderindien.
Malabar subst. (VII, 45; VIII, 10, 90; X, 15, 59) Bewohner von Malabar. — plur. os M. (VII, 41; IX, 3, 14; X, 11, 55) die Malabaren; der X, 11, 1 genannte ist der König *Trimumpara*.
Malaca (X, 44, 57, 123) Stadt auf der gleichnamigen Halbinsel.
Malaios (X, 44) Bewohner von Malaca.
Maldiva (X, 136) ilhas de M. Inselgruppe in Vorderindien.
Maluco (IX, 14) Insel, wo Gewürze wachsen.
Mamelucos, os (X, 32) die Mameluken.
Mandinga (V, 10 ‘mui grande‘ Staat in Sudan, vom Niger durchflossen.
Manho (IV, 32) s. Magno.
Manoel (IV, 66, 75, 83; VIII, 57) Emanuel der Grosse (1469—1521) seit 1495 König von Portugal.
Mantuano (V, 94) adj. von Mantua, lyra m. des Vergil.
Marathonio (X, 21) adj. campos, die Gefilde von Marathon.
Marcello (VII, 71), Marcus Claudius Marcellus, 223 Consul, Gegner Hannibals.
Marcio (X, 19, 65) adj. ‚jogo‘ das Kriegsspiel.
Marco (III, 141) s. Antonio.
Marcomanos (III, 11) die Markomanen.
Maria (III, 45) die Jungfrau Maria — (III, 102, 106) Tochter Alfonso IV. von Portugal, Gemahlin Alfonso II. von Castilien.
Mario (III, 116; IV, 6) ‚forte‘, ‚feroz‘ Cajus Marius, der Besieger der Cimbern und Teutonen († 86).
Marrocos (III, 103, 112; X, 156) Kaiserthum und Stadt Marokko in der Berberei.
Marte. Mars; a) der Kriegsgott (Ares), Sohn des Zeus und der Hera (I, 3, 5, 36, 75; II, 37, 69; III, 12, 15. 30, 95; IV, 15, 25, 84; VI, 56, 68; VIII, 38, 89; IX, 91; X, 42, 67, 89). b. synekd. plur. Martes (X, 73). c. metonym. = Krieg (II, 53; X, 22)
Martim (VIII, 23) s. Lopes
Martinho (X, 67) Martim Affonso de Souza, Gouverneur in Indien.
Martins (V, 77) Fernão, Portugiese, der arabisch verdollmetschte.
Mascarenhas (X, 56, 69) ‚forte‘, Pedro M., Gouverneur von Indien.
Mascate (X, 41) Ort am indischen Meere (Arabien).
Massylia (IV, 36; V, 6) heute Dahra in der Wüste Sahara.
Mattheus (VIII, 24) Bischof von Lissabon; im Kampfe gegen die Mauren berühmt; der hier gemeinte ist indessen nicht Dom Mattheus, sondern *D. Sueiro Viegas*, der bei Alcacer die Mauren schlug.
Maumetano adj. (VIII, 81; IX, 2) muhamedanisch — subst os M. (VIII, 84, 88; IX, 8, 12) die Muhamedaner.
Mauritania (V, 4) Mauretanien.
Mauritano subst. (III, 20, 114; VII, 77; VIII, 1) der Mauritanier — adj. III, 77, 99; VI, 83) mauritanisch.
Mauro (I, 6, 76, 93; II, 25, 68; III, 75, 80, 104, 123, 128; IV, 8; VIII, 17, 37, 77) adj. maurisch.
Mavorcio (VII, 47) adj. ‚perigos‘ kriegerische Gefahren
Mavorte Mars; wie Marte a. der Kriegsgott (I, 41; II, 50; VIII, 16), b. metonymisch: Krieg (III, 89; VI, 58).
Meca (IX, 1, 2. 4, 7; X, 50 Mekka, Muhameds Geburtsstadt (Arabien).
Mecom (X, 127) ‚rio‘ der Mikhaun oder Cambodjafluss, mündet in das chines. Meer.
Medea (III, 32) ‚magica‘ Gemahlin des Iason.
Mediterrano (III, 6, 18) adj. ‚mar‘ das mittelländische Meer.
Medusa (III, 77, 142; X, 15) Gorgo Medusa, Tochter des Phorkys, deren Blick in Stein verwandelte.

Meliapor (X, 109) ‚formosa, grande e rica' Stadt, wo der Apostel Thomas als Martyrer starb.
Melindano subst. (II, 97) Bewohner von Melinde — plur. os M. (II, 111) — adj. (II, 74, 92; VI, 2, 92) melindanisch.
Melinde (II, 57, 58, 73, 94; X, 39, 96) Stadt in Ajan (Mittelafrika) von der Vasko da Gama (1498) einen Steuermann nahm.
Melique Yaz (X, 35, 61) ein gefangener Mohrensclave, der später Herr von Diu wurde.
Mem s. Moniz und Vasconcellos.
Memnon (II, 92) Sohn der Eos und des Tithonos; ebenso
Memnonio (IX, 51).
Memphis (IV, 62) altaegyptische Stadt (Gizeh).
Memphitico (VII, 48) adj. aegyptisch (Anubis).
Menão (X, 125) Fluss, der in den Meerbusen von Siam mündet.
Menezes (X, 53, 54, 104) Name des Duarte, Henrique und Philippe de M., portug. Helden.
Meotis (III, 7) ‚alagoa' See in Scythien.
Mercurio (I, 40; II, 61, 64; IX, 91; X, 89) Hermes, Sohn des Zeus und der arkadischen Nymphe Maia.
Meroe (X, 95) zwischen dem Nil und Atbar gelegen (Hobá).
Milciades (V, 93) Miltiades der Sieger von Marathon (490).
Mincio (V, 87) Fluss in Italien.
Minerva (III, 97; VI, 13 Pallas Athene, Tochter des Zeus.
Minho (VII, 30) portug. Fluss.
Minyas (IV, 83; VI, 31) os, die Minyer; edles Geschlecht in Orchomenos.
Mir-Almuminin (III, 78, 82) maurischer Befehlshaber.
Mir-Hocem (X, 36) Befehlshaber des Sultans von Aegypten.
Moçambique (I, 54, 77, 99; II, 17; V, 84) kleine Insel an den Ostküstenländern Südafrikas.
Moçandao (X, 102) Cap (Asabóro).
Mogor (X, 64) der Tartar.
Mombaça (I, 54, 103; II, 56, 59; V, 45, 84; X, 27) Stadt auf der Küste Zanguebar Südafrika).
Monçaide (VII, 26, 28, 46, 67, 68; IX, 5, 15) ein den Portugiesen ergebener Maure.
Mondégo (III, 80, 97, 120, 135; VII, 78) portug. Fluss, der ins atlantische Meer mündet.
Moniz, Egas (III, 36; VIII, 13) s. Egas. *Mem. M.* (VIII, 20) Sohn des Egas M.
Morpheo (IV, 68) „der Gestalter", Gott des Schlafes.
Moscos (III, 11) = die Russen, Bewohner von
Moscovia (VI, 95).
Moura (III, 62) Stadt in Alemtejo.
Mouro subst (I, 16, 25, 56, 61, 62, 69, 70, 72, 73, 77, 82, 83, 90, 91, 96, 97, 99, 101, 102, 104; II, 49, 50, 54, 101, 106, 107, 108; III, 42, 50, 53, 62, 66, 67, 76, 78, 79, 95, 112, 115; VII, 26, 28, 29, 42, 73; VIII, 11, 23, 26, 48; IX, 6) der Maure; pl. *os Mouros* (I, 86, 87, 89, 101; II, 7, 9, 14, 16, 28, 29, 51, 66, 70, 71, 74, 100, 106; III, 43, 44, 81, 87, 90; IV, 8, 55; VIII, 9, 11, 16, 17, 20, 22, 56, 58, 80, 81; IX, 4, 6; X, 14, 28, 43, 147) die Mauren.
Moyses (X, 98) ‚o grão' der Gesetzgeber der Juden.
Mulucha (III, 105) ‚o corrente' Fluss in Fez.

Nabatheo (I, 84; IV, 63) adj. ‚monte, serras'. Die nabathaeischen Berge, nach Nabath, Ismaels Sohn, genannt.
Naiádes (III, 56) Nymphen der (süssen) Gewässer.
Naire (X, 14) plur. *Naires* (VII, 37, 38, 39, 44; VIII, 44; X, 13) Vornehme bei den Malabaren. Dazu
Nairo (VII, 73) adj. ‚A Naira geração'.
Nao (X, 88) Sternbild.
Narsinga (VII, 21; X, 14, 108, 120) ‚reino poderoso' reich an Gold.
Navarra (VI, 56) Navarra in Spanien.
Navarro subst. (III, 19), von Navarra stammend.
Nemeo (V, 2) adj. animal; der von Herakles getödtete nemaeische Löwe.
Nemesis (III, 71) ‚justa' die rächende Göttin.
Neptunino adj. (I, 58; III, 15; IX, 42, 49) dem Neptun (oder zum Meere) gehörig.
Neptuno a. Poseidon, Sohn des Kronos und der Rhea, Meeresgott (I, 3, 72; II, 2, 47; III, 51; IV, 21; V, 15, 51; VI, 8, 13, 14, 15, 16, 21, 35, 36; VIII, 32). b. metonym. das Meer selbst (IV, 84; VI, 76).
Nereidas (II, 20; VI, 8; IX, 50), die Töchter des Nereus bei Hesiod fünfzig.
Nereo (I, 96; II, 19, 112; V, 52; VI, 20; IX, 40) Nereus, der Meergreis, Sohn des Pontos und der Gaia
Nerine (II, 20) eine Nereide.

Nero (III, 92) von 54—68 römischer Kaiser, Sohn der Agrippina.
Nhaia (X, 94) Pedro de N. vertheidigte sich mit 40 Mann gegen die Kaffern in Sofala.
Nicolao (V, 74) der heilige Nicolaus.
Nicolao Coelho (IV. 82) s. Coelho.
Nilo (II, 53; VII, 7, 41, 61; X, 33, 93, 95, 127) der Nilfluss in Aegypten.
Nilotico (IV, 62) adj. vom Nil.
Nino (III, 126) Sohn der Semiramis.
Nise (II, 20) eine Nereide.
Nobá (X, 95) s. Meroe.
Noé (V, 77) der Patriarch Noah, Pflanzer des Weines (Genes. IX, 20).
Noronha (X, 62) Garcia de N. 1539 Vicekönig in Indien.
Noruega (III, 10) ‚inculta' Norwegen.
Noto (I, 27; V, 67, 73; VI, 90) der feuchte Süd (auster) bei Homer
Nuno (I, 12; IV, 14, 21, 24, 31, 34, 45; VIII, 32 s. Alvares.
Nysa (I, 31; VII, 52) neben manchen anderen des Bakchos Geburtsort; ursprünglich ein „feuchtes" Thal, dann nach Arabien, Indien, Aegypten verlegt.

Obidos (III, 61) in Portugal.
Oby (X, 96) Stadt.
Occidente (I, 7, 50; II, 48; III, 6) das Abendland.
Oceano (VI, 20, 27) der Gott Okeanos, Gatte der Tethys, Sohn des Uranos und der Gaia. — Dann der Ocean, das Weltmeer überhaupt (I, 19; II, 54, 61; III, 6, 18, 20; IV, 48, 64; V, 9, 18, 51, 54, 57; IX, 89, 94; X, 12) oder ein bestimmtes Meer z. B. Indico (IX, 3; X, 10).
Octaviano (IV, 59) der Sieger von Actium, Triumvir, dann Kaiser (Augustus)
Octavio (V, 95) statt Octaviano.
Ogygia (II, 45) die Insel der Kalypso. (Odyss. I, 85).
Oja (X, 39) Stadt in Melinde.
Olympico (I, 17) adj. olympisch.
Olympo (I, 20, 35, 42; II, 79, 112; IV, 85; VI, 7; IX, 90) ursprünglich der Berg Olympos, dann überhaupt die Wohnung der Götter.
Omphale (III, 141) lydische Königin, der Herakles diente.
Ophir (X, 124) gebirgige Gegend auf Sumatra.
Oriás (VII, 20) Völker am Ganges.
Oriente (I, 15, 20, 30, 42, 50, 76; II, 44, 51, 54, 79; V, 10, 24, 68; VI, 6, 32; X, 13, 132, 138) das Morgenland.
Oriente (VI, 85) ‚ensifero' ein von der Eos geraubter Jäger; X, 88 als Sternbild.
Orithyia (VI, 88) Oreithyia, attische Königstochter, von Boreas nach Thrakien entführt.
Orixa (X, 120) Landschaft.
Orlando (I, 11) der Held Roland aus dem Kreise König Karls.
Orpheo (III, 1, 2) Orpheus, der thrakische Sänger, Gatte Euridikes.
Othomano (III, 12; VII, 4) der Türke.
Ouriquo (III, 42) Ort in Algarve.

Pacheco (I, 14; X, 12, 15, 16, 17) ‚fortissimo' ‚grão', Duarte Pacheco Pereira hatte den Samorim siebenmal besiegt.
Pactolo (VII, 11) Pactolus, Fluss in Lydien, in dem der Phrygierkönig Midas sich wusch. (Ovid. Met. XI, 139 ff.)
Pado (I, 46) der Po.
Paio (VIII, 26) Correa, Herr von Calatrava, im Kampfe mit den Mauren ausgezeichnet.
Pallas (II, 78; VIII, 4; IX, 91) s. Minerva.
Palmas (V, 12) Cap.
Palmela (III, 65) portug. Stadt.
Pam (X, 125) ‚reino' (in Hinterindien).
Panane (X, 55) Landschaft in Calecut.
Panchaia (II, 12) ‚odorifera' in Arabien durch Weihrauch bekannt.
Pannonios (III, 11) Bewohner Pannoniens.
Panopea (VI, 23) ‚bella' Meernymphe
Panthea (X, 48) Gemahlin des Königs Abradatas (s. Araspas).
Paphio adj. (IX, 60) von Paphos; deosa P. Venus, von
Paphos (V, 5) Stadt auf der Insel Cypern, schon Odyss. VIII, 363 wegen ihres Venuskultes gerühmt.
Parcas (I, 34; IX, 38) die Parzen (Moiren) nach Hesiod: Klotho, Lachesis, Atropos.
Pares, os doze (I, 12) die 12 Peare von England.
Parnaso (I, 32) Berg in Phokis, den Musen geweiht.
Parseos (X, 40, 104) die Perser.
Parthenope (IV, 61) eine Sirene, in Neapel begraben, das darum selbst (III, 19) so heisst.
Patane (X, 125) Staat auf Malaca
Patanes (VII, 20) os, indisches Volk.
Paulo (VI, 81) der Apostel Paulus.
Paulo (da Gama) (IV, 81; VI, 75; VII, 75; VIII, 1) s. Gama.

Pedro der Apostel Petrus (IV, 13; VII, 4). — Der Infant, Sohn König Johanns (VIII, 37) — der Gatte der Inez de Castro, Sohn Alphons IV. von Portugal (III, 133, 136, 138; IV, 2; VI, 43). — **Dom Pedro de Menezes** (VIII, 38) der erste Gouverneur von Ceuta. — **Dom Pedro de Sousa** (X, 104).
Pegú (, 1:2) an der Irawaddymündung (Hinterindien).
Peleo (V, 52) Peleus, Gatte der Thetis
Peno (III, 116, 141) der Punier (Hanibal).
Pereira (IV, 30; VIII, 34), os Pereiras (IV, 40 port. Geschlecht.
Perillo (III, 39) Perillus hatte für den Tyrannen Phalaris einen Stier von Erz gemacht, in welchem die Verbrecher getödtet wurden.
Perimal (VII, 32, 33; VIII, 82) Herrscher von Calecut.
Peristera (IX, 24) Nymphe, die in eine Taube verwandelt wurde.
Pero (VIII, 33) s. Landroal.
Persa (III, 41) der Perser Zopyrus; (X, 49) Cyrus. — os Persas (I, 24; X, 68) die Perser.
Persia (IV, 101; X, 100, 103) Persien
Persico adj. (IV, 64) persisch.
Persio adj. (IX, 58: X, 102) persisch.
Phaeton (I, 46, 49) Sohn des Helios und der Klymene (Ovid. Met. II, 1); er ist auch IV, 104, 1 gemeint.
Phaetonteo (IX, 43) adj. ‚morte' der Tod des Phaeton.
Phalaris (III, 93) ein grausamer Tyrann von Sicilien.
Pharaó (III, 140) der Herrscher Aegyptens.
Phasis (III, 71) ‚frio' Fluss Phasis in Kolchis oder Pontos.
Pheaces (X, 8) die Phaeaken
Phebe (VI, 18) Phoibe; Artemis als Mondgöttin.
Phebeo adj. (II, 72) von Phoibos.
Phebo (I, 4, 56; III, 20; IV, 75; IX, 53, 74, 91; X, 86, 87) Phoibos Apollo s. Apollo.
Philaucia (IX, 27) Allegorie der Eigenliebe.
Philippe (X, 104) de Menezes, Befehlshaber von Ormuz.
Philippico (IV, 59) adj. ‚campos' — die Gefilde von Philippi, wo Brutus und Cassius fielen.
Philippo (I, 75; VII, 54) König von Macedonien, Vater Alexanders.
Phlegon (V, 61) eines der Sonnenrosse.
Phormião (X, 153) Philosophe des Alterthums.
Phrygios (I, 98) d. Phrygier, Trojaner.
Pimenta (VII, 35) a ilha da P. die Pfefferküste.
Pindo (III, 2) Berg in Thessalien.
Pirithoo (II, 112) Peirithoos, des Theseus Freund, Held im Kampfe der Kentauren gegen die Lapithen.
Plutão (II, 112) Pluton, der Herrscher der Unterwelt.
Poleás (VII, 37) Sklaven der Naires.
Polonios (III, 11) Polen.
Polydoro (VIII, 97) Sohn des Priamos und der Hekabe
Polyphemo (V, 28) ‚bruto' — plur. Polyphemos (V, 88) der Kyklope (Odyss. IX, 105 ff.).
Polyxena (III, 131) Tochter des Priamos und der Hekabe.
Pomona (IX, 58, 62 die Göttin des Obstes, Gattin des Vertumnus (Ovid. Met. XIV, 623).
Pompejo (II, 71) ‚famoso' der Triumvir Cn. Pompejus.
Pompilio (VIII, 31) Numa Pompilius. Roms zweiter König.
Pomponio (V, 50) Pomponius Attikus.
Pondá (X, 72) fester Platz des Hydalkan.
Ponto (IX, 40) der Pontus, das Meer.
Poro (VII, 21) Porus, der von Alexander dem Grossen besiegte König Indiens. (Curt. VIII).
Portugal (III, 46, 78; IV, 3, 50; VI, 51, 52; VIII, 11, 22, 82) Portugal.
Portuguez subst. (I, 82, 92; II, 14; III, 50, 112; IV, 15; VII, 23, 28; VIII, 22, 56; X, 140) der Portugiese. — plur. os P. (I, 32, 74, 87; II, 66, 75, 85; III, 70; IV, 33, 38; VI, 47, 58, 60; VII, 3, 43, 45, 55, 66; X, 104, 142, 152) die Portugiesen. — adj. (I, 90; VII, 72; X, 60, 68, 132) portugiesisch.
Prasso (I, 43, 77) Vorgebirge, jetzt cabo das correntes (Moçambique).
Progne (III, 32) ‚crua' Tochter des attischen Königs Pandion, in eine Schwalbe verwandelt.
Prometheo (IV, 103; VI, 11) Sohn des Iapetos, ein Titane, der Repraesentant des denkenden Menschengeistes.
Proteo (I, 19; VI, 20, 36; VII, 85) der ‚Uralte', ein weissagender Meergreis.
Ptolomeo (V, 50) Claudius Ptolomaeus (70 n. Chr.) Gelehrter in Alexandrien. — (IX, 2) der Gründer von Arsinoe (s. dies).
Pyrene (III, 16; VII, 71) Tochter des Königs Bebryx, von der die Pyrenäen ihren Namen erhielten.
Pyreneo (VI, 57; VI, 56) die Pyrenäen.

Pyrois (V, 61) eines der Sonnenrosse.
Pyrrho (III, 131) Neoptolemos, der Sohn des Achilleus. - (VIII, 6) der Epirotenkönig Pyrrhus.
Pythagoras ist VII, 40 gemeint.

Quadalquibir (IV, 9) der Quadalquivir.
Quedá (X, 123) Stadt in Siam.
Quilmance (X, 96) Fluss auf der Küste Zanguebar.
Quiloa (I, 54, 99; V, 45; X, 26) Stadt auf der Küste von Melinde.
Quinas (VIII, 19), as, das portug. Wappen.
Quinto (X, 21) Quintus Fabius Cunctator (s. Fabio).
Quirino (IX, 91) der unter die Götter versetzte Romulus.

Rapto (X, 96) Fluss.
Regulo (IV, 53) Marcus Atilius, 256 römischer Consul.
Repelim (X, 65) Stadt in Malabar.
Rhamnusia (V, 80) Nemesis, zu Rhamnus in Attika verehrt.
Rheno (III, 11, 16, 58) ‚frio', ‚fundo' der Rheinstrom.
Rhodamonte (I, 11) einer der Paladine.
Rhodano (III, 16) die Rhone.
Rhodes (IV, 62; V, 40, 87) die Insel Rhodus.
Rhódope (III, 12; VII, 29) thrakisches Gebirge.
Ribeiro (VIII, 27) s. Gonçalo.
Ripheio (III, 7) adj. ‚montes R.' Gebirge in Scythien.
Roçalgate (X, 101) Cap in Arabia felix.
Rodrigo (IV, 8, der Cid (Rui Dias).
Rodrigues (IV, 24) Mem s. Vasconcellos — (VIII, 33) s. Landroal.
Roma (III, 22, 116, 126; IV, 6; VI, 7, 30; VIII, 6, 11; X, 19, 68) Rom.
Romano, subst. (I, 75; X, 26) der Römer — plur. os R. (I, 24; II, 44; VIII, 36; IX, 38) die Römer. — adj. (I, 26, 33; II, 50; III, 116; IV, 20; V, 94) römisch.
Rómulo (I, 26) der Gründer Roms.
Roupinho (VIII, 17) s Fuas.
Roxo Mar (IX, 3; X, 62, 97) das rothe Meer. — **Roxo estreito** (X, 137).
Rugeiro (I, 11) einer der Paladine.
Rui (VIII, 34) Pereira portug Ritter. — Rui Dias ist X, 46, 7 gemeint.
Rumes (X, 62, 68) ‚feros' Türken.
Ruthenos (III, 11) Russen.

Sabá (X, 52) Name des Yemen in Arabien — hier ‚die Königin von Saba'.
Sabeo (IV, 63) adj. as costas odoriferas S. die Küsten von Saba.
Salacia (VI, 16) die „Göttin der Salzfluth", Gattin Neptuns.
Saladino (III, 87) ‚grande' von 1137 bis 1193 Sultan im Kampfe gegen die Kreuzfahrer.
Salamina (V, 87) Salamis, griech. Insel, berühmt durch des Themistokles Seesieg (480).
Samaria (VII, 39) Stadt in Syrien.
Samátra (X, 124) ‚nobre ilha' die grösste der vier Sundainseln.
Samnitico (VIII, 15) adj. samnitisch.
Samorim (VII, 22, 36, 59; VIII, 81; IX, 11, 14; X, 11, 14, 17, 28, 65) Titel des Herrschers von Calekut.
Sampaio (X, 59, 61) ‚feroz', Lopo Vaz de S. Statthalter von Indien (1527).
Samsão (IV, 12) Samson (Lib. judic. XIII).
Sanagá (V, 7) ‚negro' Fluss in Afrika.
Sancho (III, 75, 78, 88, 89; VIII, 20) Sancho I., Sohn des Alfonso Henriques — (III, 91, 92, 94) Sancho II., Sohn Alfonso II.
Sancta-Cruz (X, 140) Landstrich.
Sanct-Jago (III, 113; IV, 40; V, 9) Apostel, Patron der Spanier; der IV, 40 genannte mestre ist Pedro Munez.
Santarem (III, 74, 78, 80; VIII, 19) Stadt in Portugal am Tejo.
São Lourenço (I, 42; X, 39, 137) ‚ilha affamada'.
Sara (III, 140) Frau Abrahams (s. die hier berührte Geschichte Genes. 12).
Saramá (VII, 32) s. Perimal
Sardanapalo (III, 92) der weichliche letzte assyrische König (888).
Sarmatas (III, 11) Sarmaten, altes Volk im heutigen Russland.
Sarmatico (III, 10) adj. Oceano, sarmatisch.
Sarraceno subst. (III, 42, 100; IV, 52) der Sarracene; plur. os S. (III, 23, 74; IX, 94) die Sarracenen — adj. (III, 58, 110; IX, 6) sarracenisch.
Saturno (X, 82, 89 cf. auch III, 22) Saturnus, alter Gott, der in Latium regierte zur Zeit des goldenen Alters (Kronos).
Saul (III, 111) der erste König der Juden.
Saxones (III, 11) die Sachsen.
Scalabicastro (III, 55) alter Name für Santarem.

Sceva (X, 30) römischer Centurio im Heere Caesars, dessen Heldenthaten vor Dyrrhachium Lucanus (Phars. VI) besingt.
Scipião (V, 96; VIII, 32) plur. Scipiões P. Corn. 234—183 römischer Feldherr gegen Hannibal.
Scylla (II, 45; III, 32; VI, 24, 82) s. Charybdis.
Scythas (III, 9) die Scythen.
Scythia (III, 128; VII, 12) ‚fria' Scythien
Scythico (II, 53; III, 60, 73) adj. scythisch
Semele (VII, 52) Tochter des Kadmos, Mutter des Bakchos.
Semicapro (V, 27) Wendekreis des Steinbockes.
Semiramis (III, 100) Königin von Assyrien; sie ist auch VII, 52 gemeint.
Sequana (III, 16) die Seine.
Sequeira (X, 52) Diogo Lopes de S. eröffnete Verbindungen zwischen Portugal und Preste (1518).
Serpa (III, 62) Stadt in Portugal.
Sertorio (III, 63; IV, 33; VIII, 8) Anhänger der marianischen Partei, 71 v. Chr. von Perperna ermordet. (Cf. I, 26, 7 ist er gleichfalls gemeint. Valer. Max. I, 3).
Sete-Irmãos (IV, 37) ‚montes' Berge in Mauretanien.
Sevilha (III, 75; IV, 46; VIII, 24) spanische Stadt am Quadalquivir.
Siao (X, 123, 125) das Reich Siam.
Sichem (III, 140) s. Dina.
Sicilia (III, 93) Sicilien.
Siculo (IV, 62) adj. sicilisch.
Sinai (X, 91) Berg mit dem Grabe der hl. Katharina.
Sinis (III, 39) oder Pityokamptes auf dem Isthmos von Korinth von Theseus erschlagen.
Sinon (I, 98) ein Grieche, der sich selbst verstümmelte und so bei den Troern Einlass fand und sie beredete das hölzerne Pferd einzuführen.
Sirena (X, 6) die Sirene; plur. (V, 88) die Sirenen (Odyss. XII, 39 f., 137 f.).
Sirtes (VI, 81, 82) die Sirten.
Smyrna (V, 87) Stadt am Archipel.
Soares (X, 50) Lopo Soares d'Albergaria, folgte 1515 dem Alfonso d'Albuquerque als Statthalter.
Socotora (X, 137) ostafrikanische Insel östlich vom Cap Guardafui, reich an Aloe.
Sofala (I, 54; V, 73; X, 94) ‚rica' Ostküstenland Südafrikas, bis zur Lagoa-Bai
Soldão (IX, 3) der Sultan.
Sophenes (III, 72) ‚molles' die Sophenen.
Sousa (X, 104) s. Pedro.
Suanquem (X, 97) (Porto Aspi) Stadt in Aethiopien.
Suecio (III, 10) der Schwede.
Suez (IX, 2; X, 98) die Landenge von Suez.
Sumano (IV, 33) Pluton.
Sunda (X, 134) die Sundainseln.
Syene (III, 71) aegyptische Stadt.
Sylla (IV, 6) Lucius Cornelius Sulla (146—78 v. Chr.) Diktator.
Sylveira Antonio da (X, 62) s Antonio. — **Heitor da** (X, 60) s. Heitor.
Sylves (III, 86, 88; VIII, 26) Stadt in Algarve.
Syracusa (IV, 72) Syrakus.

Tágides (I, 4; V, 100) ‚gentis' die Tejonymphen.
Tanais (III, 11) der Fluss Don.
Tanor (X, 14) Ort an der Küste von Melinde.
Taprobana (I, 1; X, 51, 107) alter Name der Insel Ceylon.
Tarifa (III, 109) Stadt in Andalusien (Tartessus).
Tarpeia (VIII, 97) Tochter des Tarpejus, wollte um goldene Armspangen Rom an die Samniter verrathen.
Tarquino (III, 140) Sextus Tarquinius, der Sohn des Superbus.
Tarragonez (III, 19) Bewohner von Tarragona (in Catalonien).
Tartessio (III, 100) adj. von Tarifa.
Tartesso (VIII, 29) der Quadalquivir.
Tauro (III, 73) ‚monte erguido' der Taurus
Tavai (X, 123) Stadt in Siam.
Tavila (VIII, 25) Ort in Algarve.
Tejo (I, 14, 25; III, 2, 42, 55, 58, 60; IV, 10, 23, 28, 84; V, 3, 99; VI, 54, 60; VII, 30, 61, 70, 78, 79, 82; VIII, 4; X, 10, 37, 144) ‚ameno, claro, deleitoso, doce, charo, longinquo, rico, patrio' der Tajo.
Temistitão (X, 1) alter Name von Mejico.
Tenassari (X, 123) Stadt in Siam.
Teresa (III, 25, 32, 34) Gemahlin des Grafen Henrique, Mutter des Alfonso Henriques I., Tochter Alfonso VI. von Spanien.
Ternáte (X, 132) die wichtigste der Molukeninsel.
Tethys (I, 16; VI, 36; IX, 48) (Τηθύς) Gattin des Okeanos, Mutter der Stromgötter u. Okeaniden (Hesiod. Theog. 136; 337); ist auch IX, 85, 1 gemeint.
Tetuão (IV, 34) Tetuan.

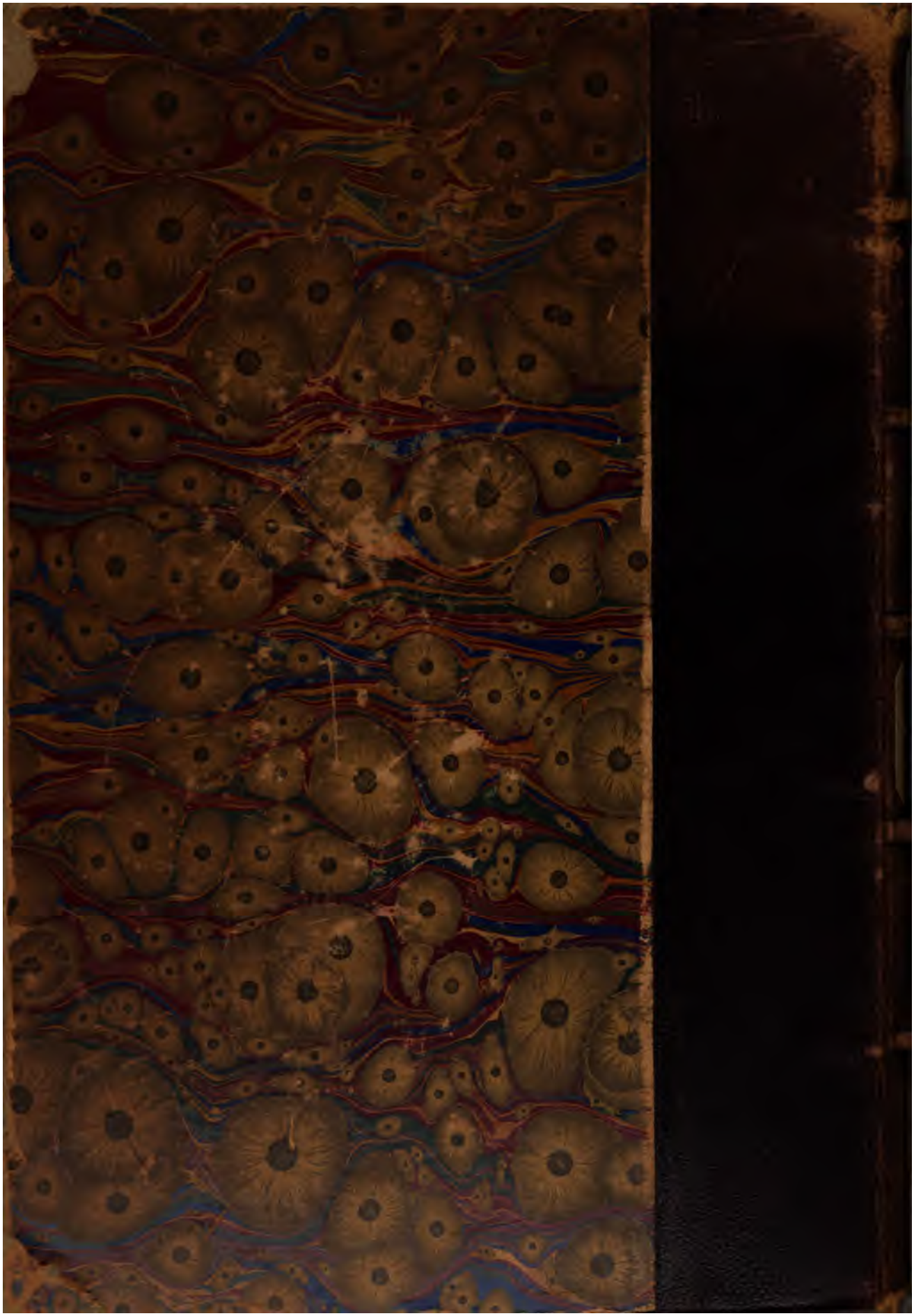
Thaumante (II, 99) Thaumas der Repraesentant der „grossen Wunder", Gatte der Okeanide Elektra, mit der er die Iris zeugte.
Thebas (IX, 19) Theben.
Thebano subst. (I, 73; III, 18; VI, 25; VIII, 3) der Thebaner (Bakchos) — os dous Th. (IX, 91).
Themistocles (V, 93) der Sieger von Salamis (480).
Theotonio (VIII, 19) der Prior von Sancta Cruz in Coimbra.
Thermodonte (III, 44) Fluss in Kleinasien, an welchem die Amazonen wohnten. (Verg. Aen. XI, 659.)
Thermopylas (X, 21) der Engpass der Thermopylen an der Grenze von Hellas.
Theseo (II, 112; III, 137) Theseus, der Hauptheld des jonischen Stammes, Sohn des Aigeus u. der Aithra.
Thetio (V, 91) adj. zu
Thetis (III, 115; IV, 49; V, 55, 59; VIII, 74) (*Θέτις*) eine Nereide von Hera erzogen, Gattin des Peleus, von dem sie den Achilleus gebar (s. auch V, 52, 1).
Thomé (X, 108, 109, 113, 114, 115, 116, 118, 119) der heilige Thomas.
Thraces (III, 12; VII, 13) die Thrakier.
Threicio (VIII, 97) adj. thrakisch; o rei Th. ist *Polymestor*.
Thyestes (III, 133) Sohn des Pelops, dem sein Bruder (Atreus) das Fleisch seiner geschlachteten Söhne (Pleisthenes und Tantalos) vorsetzte.
Thyoneo (II. 12; VI, 6, 26) der von Thyone (Semele) Stammende (Bakchos).
Tibre (V, 87) der Tiber.
Tidoré (X, 132) eine der Moluken.
Tigre (IV, 64) oder
Tigris (X, 102) der Tigris, siehe Euphrates.
Timavo (II, 45) Flüsschen im Venezianischen.
Timor (X, 134) die grösste der kleinen Sundainseln (Hinterindien)
Tinge (III, 77) Stadt in Mauritanien.
Tingitania (III, 18) Mauritanien.
Tingitano (I, 33) adj. mauritanisch.
Titão (II, 13) Titan, Helios, Sohn des Titanen Hyperion u. der Theia.
Tito (III, 117) ‚nobre', Flavius Vespasianus (79—81 n. Ch.) Kaiser von Rom, der Zerstörer Jerusalems
Tityro (V, 63) Tityros, dorisch statt Satyros, Gefährte des Bakchos.
Tobias (V, 78) Tobias s. Gabelo.
Toledo (IV, 10) spanische Stadt am Tajo.
Tonante (I, 20; II, 41; VI, 78) ‚o grão' der Donnerer (Zeus).
Tormentorio (V, 50, 65; X, 37) das Cap der guten Hoffnung.
Toro (X, 99) das alte Ellana (siehe João de Castro. Roteiro pag. 196).
Torquato (VI, 68) römischer Feldherr.
Torres Vedras (III, 61) Flecken in der port. Provinz Estremadura.
Trajano (I, 3; IV, 64) von 98—117 römischer Kaiser.
Trancoso (III, 64) Stadt in Portugal.
Transtagano (III, 62; IV, 28, 45) adj. jenseit des Tajo gelegen.
Tritão (VI, 16) Triton, Sohn des Poseidon und der Amphitrite; dann (II, 21) überhaupt eine Seegottheit niederen Ranges, ein Tritone.
Troia (III, 7; VIII, 5) Ilion.
Trojano subst. der Trojaner (I, 3) Aeneas (II, 35) Paris (X, 60) Hektor. — pl. os T. (III, 44) die Troer.
Tropico (VIII, 72; X, 129) tropisch; die beiden vom Aequator je $23^1/_2{}^0$ entfernten Parallelkreise sind die Tropen (nördlich der Krebs, südlich der Steinbock).
Trudante (X, 156 Stadt in der Berberei.
Tuí (III, 89) ‚soberba' Stadt.
Turco, subst. (I, 8; X, 101) der Türke, plur. os T. (II, 46; X, 96) die Türken. — adj. (V, 45; VII, 12) türkisch.
Turquia (I, 62, 64; VII, 12) Türkei.
Tusco (X, 21) tuskisch.
Typheo (I, 42; VI, 13) überraschte Venus und Cupido im Bade, worauf sie sich in Fische verwandelten. — (IX, 37) adj. — armas die Blitze.
Tyrinthio (IV, 55) der Tyrinthier (Herakles).
Tyrio, adj. (II, 95) tyrisch — subst. os T. (IV, 9) die Tyrier.

Ulcinde (X, 106) Landstrich zwischen Persien und Cambaia.
Ulyssea (IV, 84) Lissabon.
Ulysseo (III, 58, 74) adj. zu
Ulysses II, 45; V, 86; X, 24) Odysseus, von dem Lissabon seinen Namen hat.
Ursas (V, 15) Sternbild im Norden.

Vandalia (III, 60; VIII, 20) Andalusien.
Vandalos (IV, 9, 46) die Vandalen.
Vasco (I, 44; V, 94; VI, 80) s. Gama.
Vasconcellos (IV, 24) Mem Rodriques de V. ‚famoso cavalleiro' portugiesischer Ritter.
Vasques (IV, 25) s. Almada.

Velloso (V, 30, 31, 34, 35; VI, 41, 42, 69; IX, 69) Fernão, Soldat auf der Flotte des Vasco da Gama.
Veneza (II, 97; III, 14) ‚adriatica', ‚soberba' Venedig.
Venus (I, 33; III, 106; V, 5; VI, 91; VII, 15; VIII, 64; IX, 43, 49, 50, 52, 83; X, 89) ‚bella, linda, branda' Venus, Aphrodite, Göttin der Liebe und Schönheit, bei Homer Tochter des Zeus und der Diana.
Ves a (VI, 21; IX, 85) Hestia, bei Hesiod des Kronos und der Rhea älteste Tochter.
Via Lactea (I, 20) oder **caminho lacteo** (I 41) die Milchstrasse.
Vicente (III, 74) ‚martyre' von Dacian des christlichen Glaubens halber ermordet.
Victoria (X, 42) Nike, die Siegesgöttin.
Virgilio, synekd. Vergilius (V, 98) der Sänger der Aeneide.
Viriáto (I, 26; VIII, 6, 36) Heerführer der Lusitaner, der 14 Jahre den Römern widerstand, bis er (140 v. Chr.) durch Verrath fiel; er ist auch III, 22, 1 gemeint.
Vulcaneo (IX, 35) adj. zu
Vulcano (I, 22, 68; II, 37, 69, 106; V, 51; IX, 7; X, 35) Hephaistos, Sohn des Zeus und der Hera, Gott des Feuers.

Xerez (VIII, 34) Stadt in Spanien unweit der Mündung des Quadalquivir.
Xerxes (IV, 23) von 486—479 König von Persien, Sohn des Darius Hystaspis.

Yaz (X, 35) s. Melique.

Zaire (V, 13) (V, 12 o grande rio) Fluss Zaire oder Kongo, der in's aethiopische Meer mündet.
Zeila (X, 50) Stadt und Landstrich in Adel, südlich von Abyssinien.
Zelanda (VII. 61) Seeland.
Zephyro (IX, 40, 61) der „dunkle", regenbringende West, favonius.
Zopyro (III, 41) ein Perser, der sich verstümmelte und zum Scheine zu den Babyloniern überging, auf welche Weise er die Stadt für Darius gewann.